

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

MATEUS DA SILVA REIS

LEITURA DOCUMENTÁRIA NA MUSEOLOGIA:

PROPOSTA PARA UM MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A
INDEXAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS

Marília
2025

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

MATEUS DA SILVA REIS

LEITURA DOCUMENTÁRIA NA MUSEOLOGIA:

**PROPOSTA PARA UM MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A
INDEXAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – *Campus* de Marília, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação

Marília
2025

R375l	<p>Reis, Mateus</p> <p>LEITURA DOCUMENTÁRIA NA MUSEOLOGIA : PROPOSTA PARA UM MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A INDEXAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS / Mateus Reis. -- Marília, 2025</p> <p>194 p. : fotos</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília</p> <p>Orientadora: Mariângela Spotti Lopes Fujita</p> <p>1. Leitura Documentária. 2. Modelo de Leitura Documentária. 3. Objeto Museológico. 4. Documentação Museológica. 5. Indexação. I. Título.</p>
-------	---

MATEUS DA SILVA REIS

LEITURA DOCUMENTÁRIA NA MUSEOLOGIA:

**PROPOSTA PARA UM MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A INDEXAÇÃO
DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – *Campus* de Marília, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação / Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília

Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo (Titular)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação / Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília

Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove (Titular)

Departamento de Ciência da Informação / Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas / Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília

Profa. Dra. Vânia Mara Alves Lima (Titular)

Departamento de Biblioteconomia e Documentação / Universidade de São Paulo – USP, Escola de Comunicações e Artes

Profa. Dra. Vânia Lisboa da Silveira Guedes (Titular)

Departamento de Biblioteconomia, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Membros suplentes:

Prof. Dr. Carlos Candido de Almeida (Suplente)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação / Universidade Estadual Paulista - UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília

Profa. Dra. Maria Del Carmen Agustin Lacruz (Suplente)

Departamento de Ciencias de La Documentación e Historia de la Ciencia / Universidad Lacruz

Profa. Dra. Gercina Ângela de Lima (Suplente)

Departamento de Organização e Tratamento da Informação, Escola de Ciência da Informação / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Marília, 28 de março de 2025.

RESUMO

A Leitura Documentária é a ação que busca identificar os conceitos de um recurso informacional tratado, por intermédio de um indexador. A leitura profissional constrói a interação entre o leitor/indexador e o conteúdo em questão, utilizando estratégias cognitivas e metacognitivas, e é influenciada por fatores socioculturais. Esses elementos resultam na construção de representações consistentes de documentos de diferentes tipologias, como o objeto museológico, direcionadas a partir das etapas de identificação e seleção de conceitos. Baseada na necessidade em aprimorar o processo de descrição física e temática de acervos museológicos, o problema desta investigação se relaciona à ausência de modelo de leitura documentária para capacitação de profissionais na indexação padronizada de documentos museológicos em diferentes instituições, visto que o objeto museológico se trata de um documento não verbal. Como objetivo, a presente pesquisa busca realizar um estudo teórico e metodológico sobre a Leitura Documentária e suas variáveis, com o intuito de identificar esses componentes na prática museológica e nos instrumentos de pesquisa, a fim de colaborar para recuperação da informação por parte dos usuários. Para isso, buscou-se utilizar como proposição metodológica a abordagem bibliográfica, por meio do Mapeamento Sistemático de Literatura, a fim de identificar discussões relacionadas da leitura e observação de itens museológicos. Fez-se também uso da abordagem descritiva, a qual foi aplicada a técnica introspectiva do Protocolo Verbal Individual (PVI) junto a museólogos, com intuito de identificar estratégias de leitura e interpretação. Os resultados indicaram que a aplicação do PVI revelou aspectos importantes sobre a indexação de objetos museológicos. Inicialmente, os profissionais abordam a leitura dos artefatos focando em suas características físicas gerais e estrutura, observando também detalhes como marcas, formas e inscrições na superfície para começar a interpretar a função e significado do artefato. No mapeamento sistemático, denotou-se o avanço de pesquisas que abordam os fundamentos da leitura no contexto museológicos, bem como os desafios e estratégias para a observação e interpretação de artefatos. Por conseguinte, foi elaborado um modelo de leitura de itens museológicos que objetiva orientar os indexadores para a identificação e seleção de conceitos, sendo dividido em eixos de exploração estrutural, análise contextual/funcional e interpretação simbólicas. Em conclusão, a pesquisa estabeleceu um panorama de discussão sobre a leitura profissional e os direcionamentos para a observação dos itens no campo museal, alinhando-se aos objetivos propostos.

Palavras-chave: Leitura Documentária; Modelo de Leitura Documentária; Objeto Museológico; Documentação Museológica; Indexação.

ABSTRACT

Documentary Reading is the action that seeks to identify the concepts of an information resource treated, through an indexer. Professional reading builds the interaction between the reader/indexer and the content in question, using cognitive and metacognitive strategies, and is influenced by sociocultural factors. These elements result in the construction of consistent representations of documents of different typologies, such as the museum object, directed from the stages of identification and selection of concepts. Based on the need to improve the process of physical and thematic description of museum collections, the problem of this investigation is related to the lack of a documentary reading model for training professionals in the standardized indexing of museum documents in different institutions, since the museum object is a non-verbal document. As an objective, the present research seeks to carry out a theoretical and methodological study on Documentary Reading and its variables, with the aim of identifying these components in museum practice and research instruments, in order to collaborate in the retrieval of information by users. To this end, the bibliographic approach was used as a methodological proposition, through Systematic Literature Mapping, in order to identify discussions related to the reading and observation of museum items. The descriptive approach was also used, in which the introspective technique of the Individual Verbal Protocol (IVP) was applied to museologists, in order to identify reading and interpretation strategies. The results indicated that the application of the IVP revealed important aspects about the indexing of museum objects. Initially, professionals approach the reading of artifacts focusing on their general physical characteristics and structure, also observing details such as marks, shapes and inscriptions on the surface to begin to interpret the function and meaning of the artifact. In the systematic mapping, the advancement of research that addresses the foundations of reading in the museum context was noted, as well as the challenges and strategies for the observation and interpretation of artifacts. Therefore, a model for reading museum items was developed that aims to guide indexers in identifying and selecting concepts, divided into axes of structural exploration, contextual/functional analysis and symbolic interpretation. In conclusion, the research established an overview of discussion on professional reading and the guidelines for observing items in the museum field, in line with the proposed objectives.

Keywords: Documentary Reading; Documentary Reading Model; Museum Object; Museum Documentation; Indexing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Questionamentos e conceitos levantados na análise de assunto	41
Figura 2 - Abordagem sistemática da Norma 12.676	44
Figura 3 - Modelo de leitura documentária para textos científicos	48
Figura 4 - Sistematização da abordagem metodológica	90
Figura 5 - Objeto escolhido pelo Participante A - Imagem de Nossa Senhora de Nazaré.	115
Figura 6 - Objeto escolhido pelo Participante B - Objeto comemorativo alusivo ao Castelo de Shuri.	115
Figura 7 - Objeto escolhido pelo Participante C - Telefone preto.	116
Figura 8 - Objeto escolhido pelo Participante D - Miniatura da Aeronave PBY – Catalina.	116
Figura 9 - Percurso de observação e leitura do item museológico	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistematização da Tese.....	20
Quadro 2 - Estrutura do Objeto Museológico.....	57
Quadro 3 - Sistematização do Mapeamento Sistemático de Literatura.....	68
Quadro 4 - String utilizado: Documentary Reading in museums.....	71
Quadro 5 - String utilizado: Museologist reader.....	71
Quadro 6 - Strings utilizados: Indexing AND Documentary Reading.....	71
Quadro 7 - String utilizado: Indexing in Museums.....	72
Quadro 8 - String utilizado: Museological Documentation.....	73
Quadro 9 - String utilizado: Indexing.....	74
Quadro 10 - String utilizado: Documentary Reading.....	74
Quadro 11 - Estrutura do questionário para a formulação de perfis profissionais.....	79
Quadro 12 - Percurso da aplicação do Protocolo Verbal Individual.....	82
Quadro 13 - Modelo de leitura documentária para objetos museológicos.....	147
Quadro 14 - Modelo de leitura documentária para objetos museológicos aplicado.....	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LD	Leitura Documentária
MASP	Museu de Arte de São Paulo
MSL	Mapeamento Sistemático de Literatura
POC	Processo de Organização do Conhecimento
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PVI	Protocolo Verbal Individual
SCIELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Delimitação do problema e Tese.....	16
1.1.1 Objetivos.....	19
1.1.2 Justificativa.....	20
1.2 Organização da tese articulada com os objetivos	21
2 LEITURA DOCUMENTÁRIA NO PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS	25
2.1 Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos	26
2.1.1 Leitor	31
2.1.2 Texto.....	34
2.1.3 Contexto	34
2.1.4 Modelos de Leitura Documentária	37
2.2 Apontamentos semióticos na leitura documentária em acervos museológicos.....	49
2.3 Síntese do capítulo	53
3 OBJETO E DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA LEITURA PROFISSIONAL NA ESFERA MUSEAL.....	56
3.1 Objeto Museológico: Estruturas físicas e conceituais	56
3.2 Documentação Museológica.....	61
3.3 Síntese do capítulo	66
4 METODOLOGIA.....	68
4.1 Caracterização da pesquisa	68
4.1.1 Universo e amostra da pesquisa	69
4.1.2 Pesquisa Bibliográfica	70
4.1.3 Pesquisa Descritiva.....	78
4.1.4 Aplicação de Protocolo Verbal Individual	86
4.1.5 Sistematização	90
5 DISCUSSÃO TEÓRICA DA LITERATURA SOBRE A COMPREENSÃO DA LEITURA PROFISSIONAL NA ESFERA MUSEAL	91
5.1 Fundamentos para a realização da leitura documentária em museus	92
5.2 Estratégias e métodos da leitura documentária de objetos museológicos	95
5.3 Participação e conhecimentos comunitários na realização da leitura documentária em museus	104

5.4 Desafios na realização da observação e leitura dos objetos museológicos	107
5.5 Síntese dos resultados.....	111
6 ESTRATÉGIAS DE LEITURA DOCUMENTÁRIA NA DESCRIÇÃO DE ITENS MUSEOLÓGICOS: RESULTADOS DA OBSERVAÇÃO COM PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL.....	114
6.1 Análise das falas dos participantes	114
6.2 Discussão dos resultados	130
7 PROPOSTA DO MODELO DE LEITURA DOCUMENTÁRIA PARA INDEXAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS.....	136
7.1 Exploração estrutural do objeto.....	139
7.2 Análise Contextual e Funcional.....	141
7.3 Interpretação Simbólica e Cultural	144
7.4 Sistematização do modelo de leitura para itens museológicos	146
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE A – Protocolo Verbal Individual – Participante A	164
APÊNDICE B – Protocolo Verbal Individual – Participante B.....	174
APÊNDICE C – Protocolo Verbal Individual – Participante C	178
APÊNDICE D – Protocolo Verbal Individual – Participante D	184
ANEXO A – Instruções aos participantes sobre a técnica do “pensar alto” ou Protocolo Verbal – adaptado de Nardi (1993) e Carvalho <i>et al</i> (2021)	190
ANEXO B – Entrevista Retrospectiva – adaptada de Reis (2019).....	192
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	193

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre o tema da Leitura Documentária (LD) no âmbito da Organização do Conhecimento e a possibilidade de identificação e aplicação na esfera dos acervos museológicos, a fim de propor um modelo teórico-metodológico para compreensão das estratégias de leitura e potencialização do fluxo informacional em museus. Com o intuito de explanar as propriedades da LD na representação de itens, o estudo recorta como experimento a prática de Documentação Museológica realizada por museólogos de espaços culturais na Região Metropolitana de Belém, bem como manuais e padrões de Tratamento Informacional direcionados a realidade de instituições museológicas.

A Leitura Documentária é a ação que busca identificar os conceitos de um recurso informacional tratado, por intermédio de um indexador. Para Fujita, Nardi e Santos (1998), a leitura técnica constrói a interação entre o leitor/indexador e o conteúdo em questão, partindo de estratégias cognitivas e metacognitivas, e com a influência de fatores socioculturais que irão resultar na construção de representações informacionais. Fujita (2004) aponta que a análise de conteúdo realizada pela leitura soluciona a problemática acerca da tradução de termos que serão utilizados no processo de indexação, possibilitando uma relação estável entre usuários e centros de documentação.

A Leitura Documentária surge como a etapa primária que se responsabiliza pela identificação de conceitos, a partir de estratégias e elementos sociocognitivos, possibilitando o processo de Análise Documentária e a construção de produtos resultantes da indexação. Segundo Fujita (2004), a leitura é um ato social existente sob um processo comunicacional entre autor e leitor, partindo de objetivos estabelecidos de ambos em um determinado contexto. Entretanto, é apontado que diferente da leitura convencional, ou leitura para formação, o modelo de leitura documentária se caracteriza como uma prática profissional que busca “atingir objetivos profissionais dentro de um contexto de trabalho” (Fujita, 2004, n.p). Assim, Fujita (2006) afirma que a leitura documentária surge na dificuldade do indexador diante do processo da análise de assunto dos documentos.

Partindo de elementos e estratégias metacognitivas, a leitura técnica de documentos é iniciada quando o indexador explora a estrutura textual, buscando encontrar o conteúdo temático que compõe o documento (Guimarães; Moraes; Guarido, 2007). Para Fujita, Nardi e Santos (1998), a busca na estrutura do texto é definida como uma etapa não linear, realizada

por um indexador com conhecimento prévio e é consciente dos pontos necessários para a leitura e identificação dos conceitos do documento. Neste contexto, o indexador, ou documentalista, é caracterizado como o leitor proficiente que capta as ideias principais, atribui significados e compreende o tema (Fujita; Nardi; Santos, 1998). À vista disso, “o indexador torna-se um leitor no ato de análise de um documento com a finalidade de realizar a indexação para representação do conteúdo por meio de termos que serão, posteriormente, recuperados por um usuário do sistema de informação” (Fujita, 2004, n.p).

Conforme Giasson (1993 apud Fujita; Nardi; Santos, 1998), a compreensão da estrutura textual envolve três variáveis: o leitor, o texto e o contexto. O leitor carrega elementos que analisam o sujeito, com base em conhecimentos prévios e habilidades aplicadas no processo de leitura. Para Fujita (1999), durante a leitura são ativados elementos como o conhecimento de vocabulário, assunto e de mundo. Todavia, também interagem neste processo “restrições do contexto do leitor (seu conhecimento prévio, valores, crenças), restrições do texto (intenções do autor refletidas no contexto lingüístico) e restrições do contexto da realização da tarefa de leitura (interesse e objetivo do leitor, estado psicológico...)” (Cavalcanti, 1989 apud Fujita, 1999, p. 109).

No que se refere ao texto, Giasson aponta que este é compreendido como o material a ser lido, ressaltando a estrutura, forma e conteúdo. O contexto é definido pelo autor como elementos externos que envolvem o texto, classificados como “contexto psicológico (intenção de leitura, interesse pelo texto...), o contexto social (por exemplo, as intervenções de professores e dos colegas...) e o contexto físico (o tempo disponível, o barulho...)” (Giasson, 1993 apud Fujita; Nardi; Santos, 1998, p. 16).

No contexto sociocultural, Fujita (2006) aponta a necessidade da inclusão de profissionais que trabalham com estratégias de leitura e indexação no cenário cultural de determinado grupo. Esta necessidade corresponde à importância da reflexão sobre a produção e disseminação de conhecimento resultante de fontes informacionais e documentos registrados em diversos suportes e ligados a grupos e espaços culturais, como os documentos museológicos investigados no campo da Museologia.

Dessa forma, destaca-se que esses profissionais desempenham um papel crucial na compreensão, organização e acesso ao conhecimento presente em documentos e fontes informacionais de diversas naturezas. É relevante que estes não apenas lidem com a catalogação e organização dos materiais, mas também contribuam para uma compreensão do

contexto cultural em que esses materiais estão inseridos. Com isso, a presença de especialistas em leitura e indexação pode enriquecer a compreensão dos objetos e artefatos, bem como sua relação com a história e a identidade cultural de determinado grupo, além de participarem ativamente na análise crítica do conteúdo e no desenvolvimento de estratégias para tornar o conhecimento mais acessível e relevante para a comunidade em questão.

A Museologia é um campo científico que busca investigar a relação entre indivíduo e realidade (Mensch, 1994), por intermédio da materialidade e imaterialidade. Assim como diversas disciplinas, o campo surgiu de uma base prática definida nas atividades de conservar, registrar e organizar os objetos de museus. Com a evolução da esfera teórica, as discussões referentes às práticas museológicas se relacionavam a outros campos científicos, como a Documentação e a Ciência da Informação. Neste cenário, os processos de documentação em museu tornaram-se alvo de reflexões, assim como a compreensão de documento, apresentada por Otlet, que também se estendeu ao objeto museológico.

Na Museologia, a definição de documento é referida às noções da esfera da Documentação, na qual é apontado por Otlet (1934) que o documento ultrapassa a ideia de livros, apresentando este como qualquer unidade documental, como o objeto de museu (Tanus; Renault; Araújo, 2012). O objeto/documento de museu só possui valor, ou só chega ao status edocumento, se for musealizado¹, no qual é transformado em musealia e passa a conter musealidade, o valor museal. Stránský (1995) aponta que o processo de musealização ocorre para além dos espaços museológicos. O documento museológico pode conter formas convencionais ou não convencionais, entretanto, o foco é o conteúdo, que corresponde à relação do indivíduo x objeto. Mensch (1989) aponta que as matrizes que definem o objeto/documento são divididas da seguinte forma: as propriedades físicas, ligadas à materialidade, técnica e morfologia; a função e significado; e a história do objeto.

O tratamento informacional de documentos no âmbito museológico aborda o reconhecimento do significado, contexto e função do documento. Segundo Albuquerque (2015), os espaços museológicos desenvolvem normas e padrões que podem mediar as informações do objeto, levando em consideração a interlocução de seu contexto cultural. Conforme a autora, a catalogação envolve o tratamento documental, a partir da investigação dos dados extrínsecos e intrínsecos do objeto. Estes dados são definidos nas obras de Mensch

¹ Musealização é um processo de transformação do objeto comum em objeto/documento de museu. Entre muitos conceitos, destaca-se a formulação teórica de Cury (2005), no qual aponta que o processo é formado por etapas como a aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação, ou difusão do objeto.

(1989), Ferrez (1994) e Chagas (1994), no qual é afirmado que o documento de museu é composto por propriedades físicas, intrínsecas – a forma – e propriedades de significado e contexto, extrínsecas – o conteúdo.

A documentação em museus, ou Documentação Museológica, é uma das vertentes na gestão de acervos museológicos, responsável pela organização, registro e mediação da informação (Rocha, 2014). Para Yassuda (2009, p. 22) “a documentação museológica representa um dos aspectos da gestão dos museus destinada ao tratamento da informação em todos os âmbitos, desde a entrada do objeto no museu até a exposição”. Ferrez (1994) complementa que a documentação em museus pode ser interpretada como um processo de transformação, catalisando as informações das coleções em dados para pesquisas científicas e resultando em instrumentos e sistemas de organização do conhecimento.

Neste processo, o tratamento informacional se inicia na investigação das propriedades físicas do objeto e é direcionado para a investigação do conteúdo, através da pesquisa do histórico e estilo do objeto analisado (Albuquerque, 2015). O processo de catalogação busca o tratamento da relação física x relação temática, por intermédio de instrumentos de pesquisa, bibliografias especializadas e recomendações.

Entretanto, no que se refere à leitura profissional de documentos de museu, o panorama de possibilidades para os Processos de Organização do Conhecimento se encurta. Mesmo que operações como a Indexação e Análise Documentária sejam existentes no campo, a leitura técnica é identificada em breves seções de bibliografias recomendadas para a documentação de acervos, não contendo discussões mais amplas e reflexões acerca das variáveis que podem envolver o leitor e objeto museológico. Entre as bibliografias, destaca-se a de Cândido (2006), no qual é apontado que a leitura formal do objeto museológico resulta em uma melhor representação descritiva e temática.

A leitura do documento de museu parte de um geral para o particular, indicando na descrição “direções e sentidos de olhar, tendo o observador como ponto de partida” (Cândido, 2006, p. 58). No roteiro de descrição de pinturas, a autora recomenda que a leitura seja realizada a partir de uma observação em sentido horizontal, atentando ao nível de profundidade e seguindo o direcionamento de baixo para cima e esquerda para a direita. Este roteiro justifica-se pela padronização que Cândido (2006) infere nas diversas tipologias de objetos. A iniciativa realça uma tentativa de direcionar o documentalista a perceber as principais características do objeto, todavia, afasta a leitura de itens que se encontram

distantes da realidade tridimensional. Como resultado desta leitura, produz-se um resumo de informações acerca das características físicas e temáticas do objeto, descritas de forma que realce os detalhes do item.

Na pesquisa de Manini (2002) acerca da leitura e análise documentária em acervos fotográficos, são apontadas problemáticas específicas que envolvem a relação entre leitor x texto x contexto, problemáticas estas não resolvidas somente pelas respostas do profissional e do banco de imagens, exigindo uma reflexão do contexto anterior àquela foto.

Nesse sentido, a LD possibilita a execução dos Processos de Organização do Conhecimento, a partir de modelos de leitura profissional para diferentes interfaces documentais, tais como o documento de museu. Para Hjørland (2016), estes processos referem-se a catalogação, indexação e classificação, como a Análise de Assunto. A indicação de possibilidades para a leitura de documentos de museu em diversos suportes pode potencializar o tratamento informacional destes, atentando a questão do contexto como principal variável para a representação temática do conteúdo.

Frente às possibilidades de leitura em objetos museológicos – principalmente voltada para o eixo contextual do item – assim como a pouca elucidação de modelos de LD padronizados em ambientes museológicos, surgem questões referentes a relação das interfaces do tema, significado, uso e histórico do documento museológico junto as variáveis presentes no referencial teórico da leitura documentária e quais os desafios e possibilidades para a construção de políticas de leitura e indexação em acervos de museu, estando intimamente ligadas à problemática central e às inquietações desta Tese.

1.1 Delimitação do problema e Tese

A problemática desta Tese tem origem em um percurso acadêmico e profissional que se iniciou no projeto de extensão “Projeto de Documentação Museológica Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará”, do qual participei como voluntário e bolsista entre os anos de 2015 e 2017. Esse envolvimento inicial proporcionou um contato direto com as práticas de registro e organização do acervo da instituição, despertando o interesse pela área de Documentação Museológica. Esse trajeto teve continuidade no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Museu e Informação: Uma proposta de avaliação da ficha de catalogação do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará”, orientado pela Professora Doutora Marcela Guedes Cabral e defendido em fevereiro de 2018, cujo objetivo foi investigar a

Documentação Museológica a partir da análise do processo de registro informacional dos acervos do referido espaço, buscando compreender seu papel no fortalecimento das funções museológicas de preservação, pesquisa, comunicação e educação, além de evidenciar a importância da documentação como elo entre o museu e a sociedade.

Essa linha de investigação foi aprofundada na dissertação de mestrado intitulada “Análise do Tratamento da Informação no Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará”, defendida em março de 2020, sob orientação do Professor Doutor Roberto Lopes dos Santos Junior. A referida pesquisa teve como foco a análise do tratamento informacional do acervo da instituição nas dimensões descritiva e temática, revelando importantes lacunas no que se refere ao tratamento temático. Entre os principais apontamentos, destacou-se que os instrumentos de pesquisa utilizados para a representação da informação não atingiam um tratamento temático dinâmico, uma vez que os metadados fornecidos eram limitados quanto à explanação do conteúdo e do contexto dos artefatos. Apesar dessas limitações, observou-se que os profissionais responsáveis empregavam estratégias próprias para a elaboração de resumos e descritores que visavam, ainda que de forma embrionária, representar a temática dos objetos. Esses achados configuraram o ponto de partida para a presente Tese, que busca contribuir com a construção de abordagens mais sistematizadas, coerentes e eficazes para a leitura e a representação da informação museológica.

Nesse ponto, a inquietação referente à forma que estas estratégias eram realizadas e como os profissionais realizavam a leitura dos acervos foi evidenciada. Na Museologia, destaca-se a prevalência da leitura documentária na abordagem técnica focada no preenchimento de fichas catalográficas, embora essa prática não forneça uma base suficiente para compreender plenamente a dinâmica entre o leitor (museólogo), o texto (objeto) e o contexto. Entretanto, o universo epistêmico da Documentação Museológica oferta diretrizes para a leitura, interpretação e estruturação dos objetos, além das exigências da documentação administrativa, presentes em obras de Camargo-Moro (1986), Ferrez (1994) e Botallo (2010). Mesmo assim, as instruções tornam-se minimamente esclarecedoras, as quais ressaltam uma lacuna na literatura em relação ao desenvolvimento de métodos interpretativos e estratégias de indexação no campo museológico.

Além disso, há uma ausência de abordagem sistemática das variáveis leitor x texto x contexto, conforme proposto por Giasson (1993), no universo museal. No entanto, a Museologia oferece um terreno fértil para investigar como a interação entre indivíduo, objeto e realidade pode influenciar diferentes práticas de leitura em acervos diversos. A necessidade

de uma abordagem mais integrada entre Museologia, Organização e Representação do Conhecimento e Ciência da Informação é destacada como essencial para a formulação de estratégias teórico-práticas robustas que possam enriquecer a representação informacional nos museus.

Dessa forma, compreende-se que a implementação de modelos de leitura documentária extensivos e adaptáveis a diversos suportes documentais pode significativamente aprimorar a gestão informacional dos acervos museológicos. Isso poderia mitigar desafios relacionados à interpretação contextualizada do conteúdo dos documentos, levantando questões sobre a relação entre tema, significado, uso histórico e as variáveis dinâmicas de leitor x texto x contexto. Embora as presentes obras e manuais técnicos sejam relevantes para a prática da gestão de acervos, as orientações fornecidas são restritas. É crucial desenvolver de forma mais abrangente fatores como a Leitura Documentária e Indexação no âmbito museológico, integrando teorias de interpretação e simbolismo dos objetos às dinâmicas da tríade da LD.

Explorar as potencialidades da leitura técnica de documentos museológicos em diferentes formatos pode otimizar seu tratamento informacional, reduzindo a dependência do contexto como fator primordial na representação temática do conteúdo. A abordagem levanta questões sobre como as facetas de tema, significado, uso e histórico do documento museológico se conectam com as variáveis leitor x texto x contexto, além de explorar os desafios e as oportunidades para desenvolver políticas de leitura e indexação de acervos museológicos em bancos de dados.

Esta pesquisa surge pela necessidade em discutir, elaborar e aplicar modelos de leitura documentária voltados aos objetos museológicos, tomando como base a ausência de padronização entre instituições museológicas e o impacto na capacitação de profissionais no que se refere ao processo de indexação o qual demanda estratégias de leituras diferenciadas para compreensão de interfaces simbólicas e de significado para uma representação informacional de qualidade. Diferente de documentos textuais, que podem ser mais explícitos em seu conteúdo, os documentos museológicos geralmente não carregam escritas que indicam sua temática, exigindo estratégias específicas para serem compreendidos.

Nesse sentido, o problema desta investigação é a falta de modelo de leitura documentária para capacitação de profissionais na indexação padronizada de documentos museológicos em diferentes instituições, visto que o objeto museológico se trata de um documento não verbal. Por isso, é necessário questionar: Como a Leitura Documentária é

realizada no documento museológico a partir de suas variáveis e características específicas da área da Museologia?

A hipótese desta investigação é de que ao elaborar um modelo de Leitura Documentária para acervos museológicos, será possível representar, contextualizar e relacionar diferentes estruturas do conteúdo e conceitos dos itens

Dessa maneira, a tese desta investigação se delineia na premissa de que a identificação e contextualização das variáveis da Leitura Documentária nos processos museológicos podem viabilizar a execução de etapas de indexação para capacitação dos profissionais de museus. Com isso, ao desenvolver estratégias para a leitura técnica de objetos museológicos, é possível compreender a estrutura simbólica do item e relacioná-la junto a outros acervos e instrumentos de pesquisa.

Tendo em vista o problema, hipótese e tese, o estudo explora os aspectos da Organização do Conhecimento e da Leitura Documentária no campo da Museologia, e reflete sobre como esses elementos se entrelaçam na teoria e na prática do universo museológico.

1.1.1 Objetivos

Objetivo Geral: Realizar um estudo teórico e metodológico sobre a Leitura Documentária e suas variáveis, com o intuito de identificar esses componentes na prática museológica e nos instrumentos de pesquisa, a fim de colaborar para recuperação da informação por parte dos usuários.

Como objetivos específicos, a Tese busca:

1. Discutir os conceitos e variáveis da leitura documentária e do processo de indexação na realidade do tratamento informacional de objetos museológicos e refletir de que modo os profissionais de museu realizam a leitura dos objetos museológicos;

2. Investigar a aplicação prática da Leitura Documentária na Documentação Museológica, analisando as estratégias de leitura por parte dos profissionais de museu durante a descrição de itens museológicos; e

3. Discutir um modelo teórico-metodológico de leitura documentária para documentos de museu, partindo da identificação das variáveis que compõem a leitura profissional no processo de tratamento informacional destes documentos.

1.1.2 Justificativa

A leitura documentária é a etapa constituinte dos Processos de Organização do Conhecimento (POC)², como a Indexação e Análise Documentária, executando estratégias que permitem identificar conceitos e temáticas que compõem o documento (Fujita, 2003). Nesse sentido, é fundamental compreender e discutir as variáveis e fenômenos que envolvem esta ação, complementando o escopo teórico e investigando contextos para além dos centros de informação convencionais. Esta tese encontra sua justificativa na necessidade em promover reflexões acerca da leitura técnica dentro dos espaços museológicos, objetivando provocar discussões sobre as estratégias de leitura e indexação que os profissionais de museu utilizam durante o tratamento informacional dos objetos museológicos.

O campo da prática museológica realiza processos que objetivam a organização e disseminação da informação, a partir de pesquisas que investigam o contexto e conteúdo do documento de museu, indicando diferentes padrões e etapas para o tratamento informacional. Entretanto, mesmo com a presença destes padrões, o campo procura aprofundar o debate referente à possibilidade de modelos de leitura técnica e, principalmente, à indexação. Com isso, a proposta deste estudo busca contribuir para o universo teórico e prático da Ciência da Informação, Organização do Conhecimento e da Museologia, fortalecendo a perspectiva da Leitura Documentária a partir da inclusão das interfaces do documento de museu.

A pesquisa busca contribuir para o grupo de pesquisa "Representação Temática da Informação", do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", que até o momento desenvolveu estudos aprofundados nas áreas de Arquivologia e Biblioteconomia. Estes estudos fornecem uma base robusta para a compreensão de como a informação é representada e organizada nesses campos. No entanto, a dimensão da Museologia ainda não foi abordada de forma sistemática. Assim, a investigação busca explorar e integrar a perspectiva da museologia à representação temática da informação, integrando o conhecimento interdisciplinar ao conectar práticas museológicas com teorias e metodologias de áreas correlacionadas.

Por oportuno, a indexação e a leitura documentária de objetos museológicos também possuem um significativo potencial social e cultural, especialmente quando voltadas para

² Proposta por Hjørland, a expressão "Knowledge Organization Processes" (KOP), que em português se traduz como "Processos de Organização do Conhecimento", podendo ser representada pela sigla "POC", uma tradução livre ainda não utilizada no Brasil (Moreira, 2019, p. 16).

comunidades participativas. Ao permitir a descrição contextualizada e acessível dos acervos, esses processos contribuem para a valorização das narrativas locais, o reconhecimento da diversidade cultural e o fortalecimento da memória coletiva. Quando as comunidades são envolvidas na construção dos sentidos atribuídos aos objetos, amplia-se o diálogo entre saberes tradicionais e institucionais, promovendo práticas museológicas mais inclusivas e representativas. Dessa forma, a leitura documentária deixa de ser apenas uma atividade técnica e passa a atuar como ferramenta de mediação cultural e fortalecimento identitário, possibilitando que os próprios sujeitos históricos se vejam refletidos, compreendidos e respeitados nos processos de disseminação da informação e da divulgação científica.

A discussão proposta nesta pesquisa colabora para aproximação das esferas epistêmicas da Organização do Conhecimento e da Museologia, propondo reflexões acerca da atuação dos dois campos científicos nos espaços culturais e integrando uma base empírica para futuras investigações sobre o tema. Por fim, este trabalho também pode contribuir para a construção de estratégias de leitura documentária e políticas de indexação direcionadas para o contexto dos museus, otimizando a recuperação da informação nestes espaços.

1.2 Organização da tese articulada com os objetivos

Para explicitar a sistematização da pesquisa apresenta-se o Quadro 1:

Quadro 1 - Sistematização da Tese

<u>ESTRUTURA DA TESE</u>	<u>DELIMITAÇÃO</u>
<u>Questão da pesquisa</u>	O problema desta investigação é a falta de modelo de leitura documentária para capacitação de profissionais na indexação padronizada de documentos museológicos em diferentes instituições, visto que o objeto museológico se trata de um documento não verbal. Por isso, é necessário questionar: Como a Leitura Documentária é realizada no documento museológico a partir de suas variáveis e características específicas da área da Museologia?
<u>Tese</u>	A tese desta investigação se delineia na premissa de que a identificação e contextualização das variáveis da Leitura Documentária nos processos museológicos podem viabilizar a execução de etapas de indexação para capacitação dos profissionais de museus. Com isso, ao desenvolver estratégias para a leitura técnica de objetos museológicos, é possível compreender a estrutura simbólica do item e relacioná-la junto a outros acervos e instrumentos de pesquisa.

<u>Hipótese</u>	A hipótese desta investigação é de que ao elaborar um modelo de Leitura Documentária para acervos museológicos, será possível representar, contextualizar e relacionar diferentes estruturas do conteúdo e conceitos dos itens
<u>Proposta</u>	Propõe-se implementar um modelo de leitura documentária em objetos museológicos, a fim de otimizar a descrição e a acessibilidade dos objetos museológicos, melhorando o desempenho profissional do museólogo, bem como a interação e a compreensão dos usuários
<u>Objetivo Geral</u>	Realizar um estudo teórico e metodológico sobre a Leitura Documentária e suas variáveis, com o intuito de identificar esses componentes na prática museológica e nos instrumentos de pesquisa, a fim de colaborar para recuperação da informação por parte dos usuários.
<u>Objetivos Específicos articulados às seções</u>	<p><u>Objetivo Específico 1:</u> Discutir os conceitos e variáveis da leitura documentária e do processo de indexação na realidade do tratamento informacional de objetos museológicos e refletir de que modo os profissionais de museu realizam a leitura dos objetos museológicos;</p> <p><u>Seção 1: Introdução</u></p> <p><u>Seção 2: Leitura documentária no processo de representação de objetos museológicos</u></p> <p><u>Seção 3: Objeto e documentação museológica: subsídios para a compreensão da leitura profissional na esfera museal</u></p> <p><u>Objetivo específico 2:</u> Investigar a aplicação prática da Leitura Documentária na Documentação Museológica, analisando as estratégias de leitura por parte dos profissionais de museu durante a descrição de itens museológicos</p> <p><u>Seção 4: Metodologia</u></p> <p><u>Seção 5: Discussão teórica da literatura sobre a compreensão da leitura profissional na esfera museal</u></p> <p><u>Seção 6: Estratégias de leitura documentária na descrição de itens museológicos: Resultados da observação com Protocolo Verbal Individual</u></p> <p><u>Objetivo específico 3:</u> Discutir um modelo teórico-metodológico de leitura documentária para documentos de museu, partindo da identificação das variáveis que compõem a leitura profissional no processo de tratamento informacional destes documentos</p> <p><u>Seção 7: Proposta do Modelo de leitura documentária para indexação de objetos museológicos</u></p> <p><u>Seção 8: Considerações finais</u></p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Seção 2, denominada “Leitura documentária no processo de representação de objetos museológicos”, buscou-se propor um arcabouço teórico voltado para conceitos inerentes à Organização do Conhecimento. Nesse sentido, o capítulo desenha um percurso teórico de pesquisas voltadas à análise de etapas da indexação, definindo a leitura documentária e suas variáveis e exemplificando a abordagem através de exemplos de modelos de leitura documentária. No intuito de compreender as variáveis da leitura documentária, o tópico também propôs relacionar a ideia de significado como agente indutor na leitura técnica, por meio da discussão do modelo semiótico de indexação.

A Seção 3, “Objeto e documentação museológica: subsídios para a compreensão da leitura profissional na esfera museal”, apresenta a estruturação do objeto museológica, perpassando por características físicas, funcionais e conceituais. Discute também as possibilidades da leitura documentária no arcabouço teórico-prático da Documentação Museológica, onde são apresentados instrumentos de pesquisa e reflexões referentes a criação e aplicação de modelos de leitura para itens museológicos.

A Seção 4, “Metodologia”, detalha a abordagem utilizada na pesquisa, começando pela caracterização da mesma. A pesquisa é delineada como uma investigação que emprega métodos de pesquisa bibliográfica para o mapeamento e análise da literatura existente sobre o tema da leitura documentária no contexto museológico. A Seção indica o uso de métodos da pesquisa descritiva para descrever e interpretar aspectos específicos relacionados à identificação da leitura técnica realizada por indexadores de museu. Diante desse cenário, foi proposta o Mapeamento Sistemático de Literatura, o qual evidenciou estratégias de leitura, interpretação e descrição de itens no âmbito museológico. Na abordagem descritiva, foi utilizada a técnica introspectiva do Protocolo Verbal Individual, a qual objetivou coletar associações, interpretações, análises e questionamentos de museólogos por meio da instrução do “Pensar Alto”.

A Seção 5, denominada “Discussão teórica da literatura sobre a compreensão da leitura profissional na esfera museal”, se configura como resultado do Mapeamento Sistemático de Literatura. O capítulo amplia a discussão acerca da leitura documentária no contexto museológico, ao revisar bibliografias que tratam a indexação e as interfaces de LD no ambiente da Documentação Museológica, com intuito de balizar a construção do modelo de leitura documentária proposto. Trata-se de um estado da arte relativo ao fazer museológico da descrição de itens e as estratégias para a representação de conceitos.

A Seção 6, denominada “Estratégias de leitura documentária na descrição de itens museológicos: Resultados da observação com Protocolo Verbal Individual”, se debruça nos resultados e análise das falas e estratégias de quatro participantes do Protocolo Verbal Individual. Os depoimentos obtidos durante o processo foram integralmente transcritos, às quais produziram comentários e discussões categorizadas em cinco grupos de investigação. Na sequência, os resultados foram discutidos à luz das conceituações da leitura documentária e da Indexação.

A Seção 7, intitulada “Proposta do modelo de leitura documentária para indexação de objetos museológicos”, formula e discute o modelo de leitura documentária voltado à indexação de objetos museológicos, fundamentado nos resultados do Mapeamento Sistemático de Literatura e na aplicação do Protocolo Verbal Individual. Na construção desse modelo, foram consideradas as estratégias adotadas pelos participantes, incluindo suas interpretações iniciais e o roteiro de descrição física e temática dos itens. Também foram analisados os critérios de relevância utilizados na identificação e categorização dos objetos, bem como a maneira como os participantes articulam os elementos descritivos para representar tanto a materialidade quanto os significados atribuídos aos acervos. O modelo proposto visa integrar esses aspectos, estabelecendo um referencial metodológico que favoreça a indexação precisa e a recuperação eficiente da informação.

2 LEITURA DOCUMENTÁRIA NO PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS

Esta seção busca pontuar a compreensão da Leitura Documentária na esfera da representação de objetos museológicos. Inicialmente delineou-se conceitos ligados a LD, explorando as interfaces de leitor, texto e contexto, bem como os modelos de leitura documentária utilizados para a identificação e seleção de conceitos. Buscou-se também definir a Documentação Museológica enquanto procedimento de organização e representação informacional, abordando os vocabulários controlados como produtos documentários e as possibilidades da Leitura Documentária no ambiente museológico. Como apoio para a fundamentação teórica, foram elaboradas afirmativas complementares referentes à Indexação e ao Modelo Semiótico Indexação.

Para alcançar os objetivos propostos para esta Tese, os tópicos formulados para a fundamentação teórica buscaram se alinhar as discussões acerca da relação da LD e suas variáveis junto a Documentação Museológica, a fim de subsidiar na construção de um modelo teórico-metodológico de leitura documentária no contexto da Museologia. A subseção “Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos” trata os conceitos gerais voltados a LD, levando em consideração três elementos fundamentais: o leitor (quem interpreta), o texto (o próprio documento ou peça) e o contexto (histórico, cultural, social). Ao entender como esses três fatores se inter-relacionam, é possível desenvolver modelos de leitura documentária que auxiliem na interpretação mais rica e precisa das informações dos acervos museológicos, orientados por literaturas que envolvem os modelos mentais de leitura em diferentes tipologias apresentadas neste texto. Na sequência, a subseção “Documentação Museológica” busca compreender teoricamente a organização informacional na esfera museal e a necessidade de estruturar os dados de forma organizada e acessível. Para mais, o tópico justifica-se pela elucidação das possibilidades de identificação da leitura por parte dos museólogos, as quais direcionam para a elaboração dos resultados deste estudo. Por fim, a subseção “Apontamentos semióticos na leitura documentária em acervos museológicos” utiliza de abordagens semióticas para interpretar os objetos museológicos como signos que carregam múltiplos significados. Ao aplicar essas teorias ao processo de leitura documentária, é possível ampliar a compreensão das peças e seus contextos, indo além de uma descrição meramente física. Isso auxilia na interpretação de símbolos, códigos e narrativas culturais presentes nos acervos, o que enriquece o conteúdo dos bancos de dados com camadas

aprimoradas de interpretação. Com isso, determina-se a importância do modelo semiótico de indexação para a identificação e proposta de um modelo de leitura de itens de museu.

2.1 Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos

Ler é uma ação primária que denota a necessidade de interação entre indivíduos, a fim de estabelecer remissivas, conhecimentos e panoramas situacionais em diversos domínios. O Autor – em sua concepção de mundo retratada em obras – origina uma perspectiva original, oriunda de produção mental que, mesmo que se aproxime fielmente da realidade retratada, fornece representações ficcionais a serem apreciadas (Iser, 1996). Essa produção de materiais representativos, sendo esses livros, obras, ou qualquer objeto construído, insere a significação de um estado real existente, todavia, o mesclando com elementos ficcionais e de significados subjetivos, os quais serão assimilados pelo receptor.

O Receptor/Leitor, posicionado em seu contexto, interpreta a mensagem ofertada pelo Autor, primeiramente objetivando identificar a função que o material desempenha em sua realidade, e, por seguinte, a comunicação estabelecida por esses materiais não-familiares, mas compreensíveis. Para Iser (1996), a persona do Receptor/Leitor alcança a etapa pontual da leitura na assimilação, a qual evidencia a antecipação do texto e a competência do indivíduo quando estimulada.

A sequência da leitura evoca imagens e símbolos já instituídos no imaginário do leitor. Compreende-se que a remissiva particular do leitor considera a não unicidade do sentido, sendo “as imagens constituídas durante a leitura variam de leitor para leitor, visto que cada qual, no seu ato de leitura, tem seus respectivos atos imaginativos, os quais dependem das experiências individuais” (Perdigão, 2020, p. 153).

Para a construção de produtos representacionais voltados ao conteúdo de uma obra, o leitor documentalista, mesmo que não seja um especialista no assunto abordado em um texto, interage com o conteúdo usando seu conhecimento de uma linguagem documental específica, compreendendo várias estruturas textuais e a dinâmica do sistema de informação em que atua (Fujita, Nardi e Fagundes, 2003), esse fenômeno é nomeado como Leitura Documentária.

A Leitura Documentária é realizada pelo indexador durante a fase de análise do documento e tem como objetivo identificar conceitos que serão utilizados na criação de produtos documentários, como números de classificação, resumos e índices, de forma a atender às necessidades dos usuários. Para Rubi (2017), essa etapa é considerada crucial para

a indexação, pois representa o primeiro contato do indexador com o texto e dá início ao processo de análise do assunto, permitindo a identificação e seleção dos conceitos relevantes que envolvem o documento.

No cenário de operações análise de conteúdo e dos Processos de Organização do Conhecimento, a Leitura Documentária é determinada como a etapa primária que se responsabiliza pela identificação de conceitos, a partir de estratégias e elementos sociocognitivos, possibilitando o processo de análise documental e a construção de produtos resultantes da indexação.

Por este lado, a indexação se configura como um dos procedimentos a qual a leitura documentária se insere, sendo definida a partir das funções de controle, registro e representação das informações de um determinado assunto, com intuito de otimizar as estratégias de busca em bibliotecas especializadas e centros de documentação (Guimarães, 2009). Gil Leiva (2012, p. 31) afirma que a indexação proporciona a construção de palavras-chave, índices e cabeçalhos de assunto, originados de uma sucessão interativa de processos mentais, “que têm a ver com a percepção da informação, da memória e da compreensão”. Para o autor, os processos mentais executados por seres racionais para a recepção seletiva da informação, sua codificação simbólica, seu armazenamento e recuperação, equivalem ao conceito de processo cognitivo.

Mai (2005) aponta que a indexação busca determinar o assunto temático do recurso informacional e expressá-lo em instrumentos para a representação, tal como os códigos de classificação, os cabeçalhos de assunto e os descritores. Nesse propósito, o indexador indexa o assunto a partir de estratégias bem estruturadas e lógicas oriundas de um processo de leitura eficiente.

No documento “Princípios de Indexação”, criado pela World Information System For Science And Technology, sistema ligado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a operacionalização do processo de indexação é dividida em dois momentos: o estabelecimento dos conceitos tratados em um documento; e a tradução dos conceitos nos termos de linguagem de indexação. Especificamente, o primeiro momento (estabelecimento de conceitos do documento) se subdivide em três etapas: a) compreensão do conteúdo como um todo, equivalente à observação de dados obrigatórios para a formação do documento. Como exemplo, destaca-se a estrutura formal de um texto científico, no qual contém título, introdução, seções, subseções, tabelas, gráficos, etc.; b) a identificação dos

conceitos que representam este conteúdo, onde o indexador deve seguir uma lógica de seleção de termos ligados ao conteúdo do objeto, priorizando fenômenos, processos e operações; c) seleção de conceitos válidos, determinada pelo objetivo ao qual o documento está sendo indexado, a fim de delinear quais assuntos serão utilizados para recuperar a informação representada. (World Information..., 1981; Sousa; Fujita, 2014).

Denota-se a presença da leitura documentária nas etapas de representação informacional, a qual é utilizada como um elemento estratégico para a identificação e seleção de conceitos, baseada na definição do que é válido para a construção de descritores temáticos.

Fujita (2004) afirma que por se tratar de uma ambientação profissional, a indexação e demais processos documentários configuram a leitura documentária em divergência quando comparada à leitura comum. Nesse ambiente, o documentalista assume o papel de leitor ao analisar um documento para indexar seu conteúdo. Todavia, devido à própria natureza da leitura, é possível que o indexador não tenha plena consciência do processo que envolve seu conhecimento do texto e do contexto em que trabalha. Esse conhecimento estabelece os objetivos e influencia seu desempenho na indexação. Assim, pode-se supor que o indexador não perceba a importância da fase inicial da indexação, a análise do assunto realizada pela leitura, nem o impacto das condições específicas, como o conhecimento prévio e as estratégias desenvolvidas ao longo de sua vida, durante o percurso do processo (Fujita, 2004).

Diante desse cenário, o documentalista utiliza de esquematizações para a investigação e interpretação do texto. Fujita (2017) indica que o ato da leitura durante a representação informacional solicita a obtenção de conhecimentos linguísticos e textuais, com intuito de garantir a codificação e decodificação das mensagens propostas pelo autor. Com isso, a autora aponta a inserção dos elementos de previsão e de compreensão, a qual envolve a formulação de perguntas sobre os tópicos que o leitor deseja encontrar no texto, sendo possível graças ao conhecimento da estrutura textual. Por sua vez, a compreensão refere-se à capacidade de responder a essas perguntas formuladas durante a previsão. Nesse sentido, considera-se que se “a previsão leva à compreensão, isso significa que a leitura é uma atividade que envolve o pensar simultâneo, pois o leitor utiliza seu conhecimento prévio sobre o assunto para melhor compreender o texto” (Fujita, 2017, p. 17).

Por sua vez, a utilização do conhecimento prévio evidencia fenômenos mentais referentes a visão de mundo e a influência de diferentes fatores contextuais. Para compreensão no processo de leitura, o conhecimento prévio depende de obtenções e vivências

armazenadas na memória de longo prazo, que serve como um repositório vasto e duradouro de informações. Essa memória organiza os conhecimentos em uma rede semântica, produzindo nós que se conectam por associações significativas entre conceitos, fatos e ações. Para isso, é essencial que a memória de longo prazo contenha "esquemas" ou representações generalizadas de ambientes, situações e informações familiares, que colaboram no relacionamento do que se está vendo, ouvindo e lendo com o conhecimento pré-existente (Fujita, 2017).

Outrossim, as esquematizações acionadas na leitura são definidas como representações de padrões ou regularidades gerais que se manifestam em nossa experiência (Smith, 1989, p. 30). Dessa forma, com base nos esquemas, podemos antecipar e interpretar a sequência estrutural do objeto analisado, estabelecendo probabilidades e ações estratégicas na leitura. Como exemplo, a catalogação de itens museológicos evidencia o conhecimento do documentalista sobre a estrutura geral e a funcionalidade do objeto, o qual o profissional identifica as características gerais com base na esquematização oriunda de uma vivência anterior, ou seja, ao descrever um conjunto de mobiliário, o indexador já possui conhecimento dos itens que o compõe ao observá-los. Para Fujita (2017, p. 19), essa capacidade de predição “aumentará à medida que o leitor aumentar a sua compreensão, sobrepondo informações umas às outras e aumentando sua estrutura de conhecimento”.

Em complemento, a inserção do conhecimento prévio no processo de leitura documentária ativa movimentos inversos de compreensão, sendo estes o ascendente, ou indutivo, e o descendente, ou dedutivo. Cintra (1987) expõe que o processo ascendente, o *bottom-up*, é um movimento no qual o leitor interpreta o texto com base no contexto fornecido, ou seja, extrai o significado dos símbolos impressos de maneira linear, avançando das partes para a compreensão geral. Já o descendente, o *top-down*, se trata de uma dependência do conhecimento prévio do leitor, que utiliza os esquemas armazenados em sua memória para fazer generalizações e previsões.

Fujita (2017) comenta que a distinção entre as duas abordagens de leitura está na interação do leitor com o texto. Na abordagem ascendente, o leitor decifra o texto de forma linear, extraíndo o significado conforme a estrutura linguística apresentada, sem interagir ativamente com o conteúdo. Por outro lado, na abordagem descendente, a compreensão do texto é alcançada através das hipóteses e previsões do leitor, que contribui com seu próprio conhecimento para interpretar o significado.

Com base nas afirmativas, considera-se que a leitura documentária é composta pelos dois movimentos de interpretação, os quais se conectam na observação direta da estrutura textual, ou do objeto, e na compreensão com base em elementos cognitivos e metacognitivos, como a interação do leitor junto ao contexto em que está inserido.

Ademais, a leitura para a indexação é considerada como um ato profissional, a qual está sujeita a condições específicas para sua execução, tais como o “limite de tempo, propósito definido, geração de produtos e serviços e grande volume de documentos de uma mesma área de assunto” (Rubi, 2017, p. 74). Nesse sentido, o documentalista proficiente aciona as diversas facetas para elaborar ações que aceleram o processo de indexação, com base em componentes de vivência de mundo e de abordagens profissionais.

No que se refere às estratégias cognitivas e metacognitivas, Kato (1987) descreve estas como técnicas que definem a faceta comportamental do leitor, definidas como automáticas e de forma subliminar, utilizadas durante a leitura (estratégias cognitivas), e consciente perante a algum óbice (estratégias metacognitivas). Em resumo, Cavalcanti (1978) elabora as técnicas cognitivas como automáticas, e as metacognitivas como controladas. Questões como a explicitação consciente dos objetivos de leitura, supervisão do comportamento de compreensão e a tomada de ações corretivas em falhas no entendimento podem ser consideradas como estratégias de natureza metacognitiva (Brown, 1980).

Para Fujita, Nardi e Santos (1998), a busca na estrutura do texto é definida como uma etapa não linear, realizada por um indexador com conhecimento prévio e é consciente dos pontos necessários para a leitura e identificação dos conceitos do documento. Neste contexto, o indexador, ou documentalista, é caracterizado como o leitor proficiente que capta as ideias principais, atribui significados e compreende o tema (Fujita; Nardi; Santos, 1998). À vista disso, a figura do indexador se transporta para um “leitor no ato de análise de um documento com a finalidade de realizar a Indexação para representação do conteúdo por meio de termos que serão, posteriormente, recuperados por um usuário do sistema de informação” (Fujita, 2004).

Como já abordado anteriormente, Giasson (1993), indica que essa compreensão da estrutura textual envolve três elementos essenciais: o leitor, o texto e o contexto. O autor enfatiza que o leitor contribui com elementos individuais que moldam sua análise, baseados em conhecimentos prévios e habilidades aplicadas no ato da leitura; o texto, como o material

a ser lido, destacando sua estrutura, forma e conteúdo; e o contexto, como os elementos externos que circundam o texto (Giasson, 1993).

Nesse sentido, Fujita (2004) aponta que é essencial analisar as variáveis texto, leitor e contexto, pois elas estão interligadas. O leitor, com seu próprio contexto e objetivos de leitura, e o texto, com seu contexto e os objetivos do autor, interagem de forma complexa. Essa interação se manifesta em diferentes situações, como pesquisas formais e informais, busca de informações práticas, formação profissional e desenvolvimento cultural. Assim, qualquer pessoa que se disponha a ler textos sobre um determinado tema deve ajustar sua abordagem de leitura conforme os objetivos específicos de cada situação.

Além disso, denota-se também a instrumentalização da leitura documentária, proposta pelos modelos de leitura documentária, que reconhecem e orientam as variáveis objetivando a representação informacional. Com isso, Fujita (2020) visualiza que os modelos são oriundos de estudos voltados às variáveis da LD, as quais se complementam e atuam em consonância aos objetivos profissionais do indexador.

Dessa maneira, determina-se aqui a necessidade em detalhar conceitualmente as variáveis leitor-texto-contexto, a qual possibilitará compreender a leitura profissional de forma específica, bem como os modelos de leitura documentária, balizadores relevantes para a discussão teórica desta Tese.

2.1.1 Leitor

Na atividade profissional da leitura documentária, o leitor é identificado na persona do indexador, ou documentalista, o qual propõe a construção de representações ligadas ao domínio do documento. Para mais, Fujita (2004) aponta que o leitor especializado também pode se referir ao profissional possui formação superior no domínio em questão, dispondo de tarefas voltadas à identificação e seleção de conceitos que refletem o conteúdo do texto e atendem às necessidades informacionais da comunidade usuária do sistema de informação.

À vista disso, o objetivo do leitor é de garantir que os termos escolhidos estejam alinhados com o vocabulário técnico e terminológico da área ou contexto (Fujita, 2004). Denota-se a necessidade de especialização nas áreas temáticas que circundam o documento, dessa maneira, questões como o tratamento de assunto de um suporte de informação voltado ao Patrimônio Cultural Brasileiro necessita de um conhecimento estratégico de terminologias

e conceitos voltados às áreas da Museologia, Turismo, Artes e de demais campos epistêmicos ligados ao eixo da cultura.

Kato (1987) indica que o leitor visa a coerência na indexação, este avalia a consistência do texto e examina a coerência temática e a continuidade do discurso, buscando alinhar o que está lendo com sua própria visão de mundo.

Ainda assim, ao iniciar a busca pela compreensão do suporte, o leitor foca em reconhecer tópicos já familiares, enquanto o leitor comum, ao ler, procura descobrir novas informações para ampliar seu entendimento sobre o assunto. Hutchins (1977) observa que o indexador foca inicialmente em identificar, até de maneira automática, tópicos familiares com base no seu conhecimento prévio sobre a área. Todavia, a autora afirma que é crucial também prestar atenção aos novos temas que possam interessar aos usuários do documento e que ofereçam oportunidades para o documentalista alcançar perspectivas em outras áreas.

Entretanto, mesmo compreendendo os conceitos do documento, o leitor pode enfrentar ruídos no procedimento de representação informacional, realçados por dificuldades envolvidas na própria indexação. Segundo Santos (2009), essas dificuldades afetam diretamente no processo de trabalho e se referem a problemas linguísticos, à falta de familiaridade com a área temática, a qual impede a identificação dos pontos principais do texto, e erros na interpretação ou compreensão geral do texto e do contexto.

Fujita (2020) elabora que a seleção de conceitos deve ser associada de forma imprescindível à leitura documentária, a qual justifica que é nessa ação que o leitor profissional compreende qual termo é apropriado e mais significativo. Nesse sentido, o leitor deduz as significações do texto com base nas preferências de uma comunidade de interesse, com isso “ao mesmo tempo em que identifica conceitos com base na compreensão do texto (garantia literária), seleciona os conceitos identificados com base no uso que terão para a comunidade usuária (garantia de uso)” (Fujita, 2020, p. 28).

Na construção profissional do leitor durante a indexação, a recuperação informacional é observada como fator essencial ao longo da percepção do documento. Em conformidade com Ramires (2022), o indexador é responsável por extrair conceitos significativos do conteúdo textual, utilizando termos que, quando retirados do contexto, ainda permitem que um usuário recupere o documento durante uma pesquisa sobre o assunto específico.

Para Boccato e Fujita (2006), quando o recurso informacional se caracteriza como um texto convencional, o leitor não necessita interpretar o escrito, somente compreender o assunto e executar a representação. Além disso, o leitor profissional utiliza de atributos como o conhecimento linguístico e a compreensão do contexto em que está inserido, além de recorrer à linguagem documental do sistema de informação e aos seus conhecimentos prévios para categorizar os conceitos selecionados.

Salvante à tipologia de documento textual, os documentos bidimensionais e tridimensionais, como fotografias e itens museológicos, podem ser encarados pelo leitor a partir da interpretação do assunto. Manini (2004) aponta que documentos como fotografias podem ser polissêmicos, as quais geram uma infinidade de interpretações e imagens na mente de quem as lê, “fazendo com que a polissemia da imagem real dê vazão a uma polissemia de imagens só existentes no imaginário do leitor” (Manini, 2004, p. 12).

Em complemento, Manini (2004) também atenta a dois níveis que o leitor atinge durante a indexação de suportes não textuais. Primeiro, o leitor recorre a uma análise e observação geral do item, diferente de textos, através de uma visualização prolongada. Aqui, o leitor nota a superfície do documento e as características singulares. Por conseguinte, no segundo nível, o indexador executa uma leitura em profundidade, “nomeando elementos constitutivos da imagem ou conceitos abstratos que podem ser deduzidos a partir da mesma” (Manini, 2004, p. 12).

A respeito dos objetos museológicos, o leitor configura o item como o texto a ser representado. Carvalho, Redigolo e Fujita (2023) explicam que o museólogo, o leitor profissional, propõe uma sequência analítica que se inicia com a compreensão do objeto museológico, através da avaliação de suas características físicas. Por conseguinte, o documentalista recorre a uma abordagem lógica, objetivando expressar os termos que melhor representam o objeto e identificar o contexto em que ele está inserido.

Observa-se que, para determinar o assunto nesta tipologia de documento, a leitura documentária feita pelo profissional envolve estratégias para explorar a estrutura do objeto e seus elementos contextuais, na tentativa de localizar os conceitos pertinentes (Carvalho, Redigolo e Fujita, 2023). Dessa forma, conclui-se que o leitor se depara com uma exaustiva tarefa, independente da estrutura do documento.

2.1.2 Texto

Foco da leitura profissional, a interface do texto se define como o suporte munido de informações voltadas a diferentes domínios. Koch (2002) orienta que o texto é considerado um produto lógico do pensamento do autor, refletindo sua representação mental. Defronte a este, o leitor tem a tarefa de captar essa representação, de acordo com as intenções do produtor.

Fujita (2004) propõe a diversidade na estrutura do texto, a qual subsidiará o leitor quanto a necessidade de identificação da ideia geral do documento. Ressalta-se que a pluralidade da interface textual é explicada pela variação de temáticas, tipologias documentais e funcionalidades.

No que se refere ao conceito do texto, a estrutura textual corrida, este é composto por percursos que auxiliam a compreensão da intenção do autor por parte do leitor. Além disso, Fujita (2020, p. 32) indica que “é possível notar que os textos apresentam uma estrutura com as partes informacionais que os compõem organizadas numa sequência lógica diferenciada de uma tipologia textual para outra”. Desse modo, constata-se que textos científicos possuem marcos estruturais comuns, como a introdução e considerações finais, em todos os domínios.

Na esfera museológica, a interface do texto é visualizada no objeto museológico, o qual é constituído por características intrínsecas e extrínsecas. Para Maroevic (2000) o objeto de museu se trata de um documento referente a uma realidade específica, um marco da identidade, um testemunho de eventos, uma manifestação da habilidade humana, uma criação natural ou uma evidência para reivindicações e teses científicas. Com isso, o artefato se designa como um elemento crucial da informação básica que fundamenta o conhecimento humano.

2.1.3 Contexto

Por sua vez, a variável de contexto influencia o leitor em suas percepções acerca do assunto do documento. Compreende-se que o contexto em que o documentalista está inserido, seja este científico, político e/ou sociocultural, contribui de forma considerável para a construção de visões de mundo, de remissivas e do conhecimento prévio, qualificados como principais balizadores para a execução da leitura documentária em um recurso informacional. Nesse sentido, também é fundamental evidenciar que para a realização da leitura profissional,

o leitor deverá ter ciência da interface contextual do próprio documento, por meio de investigações referentes às narrativas que o compõe.

Conforme Fujita (2020), na temática da leitura documentária, o contexto se refere a elementos para além da interface textual, que podem influenciar diretamente na leitura profissional. A autora elabora que a variável de contexto é dividida em três categorias, sendo estas “o contexto psicológico (intenção de leitura, interesse pelo texto...), o contexto social (por exemplo, as intervenções dos professores e dos colegas...) e o contexto físico (o tempo disponível, o barulho...)” (Fujita, 2020, p. 30).

No viés do contexto psicológico, o indexador é determinado pelos objetivos de leitura documental, que influenciam como a leitura é realizada e afetam as intenções e procedimentos de análise. Esses objetivos estão relacionados ao trabalho do documentalista e são importantes para alinhar com as metas do sistema de informação. Isto é, a determinação de objetivos claros para a realização da indexação de interesse para uma instituição, ou grupo, se sobrepõem aos interesses particulares do documentalista, configurando-o em um leitor profissional (Fujita, 2020).

Fujita (2020) também afirma que um fator crucial que afeta o desempenho do documentalista é o ambiente físico em que ele atua, incluindo a organização dos sistemas e serviços de análise documental. Dessa maneira, o contexto físico se refere principalmente às condições estruturais do local de trabalho e a qualidade de sistemas e fontes informacionais. Para mais, o contexto sociocognitivo, que não é visível fisicamente, refere-se à representação mental do leitor. Trata-se de um modelo mental do leitor documentalista, o qual abarca a análise do assunto, a linguagem documental do sistema, as políticas de organização e representação da informação, e o manual correspondente.

No extenso leque de possibilidades acerca do conceito do documento, o indexador está à mercê da pluralidade de subjetividades temáticas. Nesse sentido, o contexto sociocognitivo se apresenta como direcionador para a resolução das necessidades de indexação. O indexador e seu contexto sociocognitivo desempenham um papel crucial na redução destas subjetividades. Com isso, quanto melhor o documentalista compreende o processo e as nuances subjetivas envolvidas durante o procedimento da leitura documentária, maiores serão suas condições de abordar metodologicamente os problemas e encontrar soluções eficazes (Fujita, 2013).

Para isso, estratégias são propostas para uma centralização temática que se alinhe junto aos interesses da instituição ou grupo, tais como “o conhecimento de vocabulários

especializados de áreas de domínios utilizadas por usuários do sistema de recuperação da informação, durante representação de suas necessidades de busca e recuperação” (Fujita, 2013, p. 47). À vista disso, o entendimento de vocabulários controlados referentes a áreas específicas, como o ambiente artístico, por exemplo, fornece subsídios para o direcionamento de uma leitura documentária eficaz voltada a acervos e coleções de belas artes.

Ao olharmos para o domínio museológico, questões ligadas ao contexto dos itens se entrelaçam a estruturas para além das instituições, voltadas para esferas sociais, políticas, históricas e culturais. Artefatos produzidos em um período específico, gerados para executarem tarefas determinadas, estão à guisa de significações que os desconstroem e reconstroem em diversos cenários. Em vista disso, a leitura documentária dentro do ambiente de museu deve seguir o querer do espaço cultural, focalizando nas abordagens ligadas aos objetivos e políticas do espaço, conforme indicado nos apontamentos acima.

Agustín Lacruz (2015) indica que os artefatos, a variável texto, na perspectiva da cultura material, são fontes valiosas para “relembrar informações sobre os contextos sócio-econômicos e históricos, a cultura material, as formas de vida e os sistemas de crenças nos que foram criados” (Agustín Lacruz, 2015, p. 60, tradução nossa). Posto isso, os itens museológicos carregam contextos diversos a serem representados em bases de dados para recuperação informacional.

Em complemento, nos defrontamos ainda na dimensão cultural que envolve o leitor, o qual soluciona e identifica conceitos com base em suas vivências e inserções culturais. Para Guimarães *et al* (2019), o contexto vinculado à dimensão cultural recorre a uma abordagem de não neutralidade, a qual múltiplas narrativas e experiências devem ser consideradas a fim de que o leitor, autor e texto sejam direcionados a uma conclusão comum e não reducionista. Reconhecer que processos, produtos e instrumentos não são neutros, assim como a diversidade cultural que permeia os contextos do autor, do indexador e dos usuários, introduz uma dimensão ética para a discussão. Isso pressupõe que as atitudes éticas se baseiam nos valores morais de um grupo social específico, os quais orientam as ações do leitor.

As afirmativas podem ser adequadas às discussões museológicas ligadas aos contextos plurais do objeto. Nesse ambiente, as estratégias acionadas para a descrição dos itens recorrem principalmente a um conhecimento cultural comum. Como exemplo, imagens sacras de diferentes regiões são reconhecidas como artefatos religiosos por conta de características

popularmente conhecidas. Entretanto, em outro espaço cultural, as imagens talvez não sejam reconhecidas como itens sacros, mas sim como outro valor simbólico.

Para isso, García Gutiérrez (2011) aponta estratégias que visam uma abordagem mais complexa e flexível na análise da dimensão cultural enquanto contexto formativo do documento. Primeiro, ao tratar as instâncias como poli-hierárquicas, reconhece-se a existência de múltiplas camadas e interações, em vez de uma única estrutura. Por conseguinte, aceitar a possibilidade do "não ser" ajuda a evitar reducionismos, permitindo uma análise que considera a complexidade e a nuance dos fenômenos. Por fim, ao ver as instâncias além das dicotomias básicas, promove-se uma visão mais fluida e integradora, que aprecia as interações e sobreposições em vez de categorizações simplistas.

As variáveis texto-leitor-contexto são consideradas aspectos formativos para a observação da leitura documentária em diversos domínios. Portanto, ao delinear os conceitos destas, torna-se necessário evidenciar as possibilidades de subsídios para a leitura profissional do documento a fim de representá-lo, por meio dos Modelos de Leitura Documentária.

2.1.4 Modelos de Leitura Documentária

Os modelos de leitura documentária são identificados por seu caráter metodológico em direcionar o indexador nas etapas de identificação e seleção de conceitos. Estes modelos integram e aperfeiçoam o processo de indexação, ao apresentarem estratégias para o reconhecimento da estrutura do recurso informacional, bem como fortalecem a experiência cognitiva e metacognitiva do leitor indexador.

Em conformidade com Fujita (2017), os modelos de leitura documentária pretendem aprimorar e evoluir a metodologia de indexação ao incorporar a metacognição do indexador, sendo relevante para a sua formação em leitura documentária. A proposta também padroniza a tarefa do indexador, a fim de alcançar os mesmos objetivos de representação de documentos de diversas metodologias.

Outrossim, esses modelos integram técnicas para a exploração das estruturas textuais e adotam uma abordagem sistemática na identificação de conceitos, partindo da premissa de que a análise, identificação e seleção de assuntos em documentos podem ser tarefas complexas para o leitor (Fujita; Rubi, 2020). Dessa maneira, trata-se de uma ferramenta que soma a investigação da estrutura do documento junto aos questionamentos realizados na etapa

de identificação da interface conceitual, a qual se configura como um modelo mental apoiado na cognição do pensar do indexador (Fujita; Rubi, 2006).

As esquematizações do modelo permitem levantar questionamentos e resoluções voltadas à temática do documento, alinhadas às políticas e padrões de indexação relativos aos interesses de determinada instituição. Logo, compreende-se que

[...] o objetivo do Modelo de leitura é instrumentalizar, de maneira didática, profissionais e estudantes para que possam aplicá-lo no seu fazer diário quando precisam atribuir palavras-chave a um artigo, por exemplo. O Modelo se propõe como uma metodologia para compreensão do conteúdo e análise de assunto, e consequente identificação e seleção de conceitos em documentos que será relevante para a recuperação da informação (Fujita; Rubi, 2020, p. 245).

Elucida-se então que ao adotarem modelos de leitura documentária, os indexadores enfrentaram com mais competência a complexidade envolvida na identificação e seleção de conceitos. Além disso, com base na afirmativa das autoras, a aplicação prática dos modelos ajuda a garantir que as palavras-chave atribuídas reflitam com precisão o conteúdo do documento, aprimorando a recuperação informacional. Dessa forma, o Modelo não só apoia a eficiência na organização e busca de dados, mas também melhora a qualidade da indexação, impactando positivamente a relevância dos resultados encontrados em sistemas de busca e bases de dados de diferentes tipologias e temáticas documentais.

No âmbito textual, os modelos orientam o documentalista para um percurso estratégico de leitura para identificação das principais ideias do documento. O texto é classificado em tipologias que expressam a forma que o autor busca atingir os leitores, essas categorizações são observadas como científicas, jornalísticas, narrativas de ficção, de aspecto judicial, etc., e são compostas por ordenações específicas conforme seu domínio.

Para Fujita e Rubi (2020), essa proposta metodológica facilita a identificação de conceitos por parte de leitores profissionais, sejam eles estudantes ou especialistas, uma vez que o modelo é fundamentado em observações realizadas durante a leitura documental por indexadores experientes. O modelo se ajusta bem ao leitor profissional devido à sua compatibilidade com as estratégias metacognitivas já utilizadas na análise de textos diversos e em diferentes áreas.

Da mesma forma, documentos fotográficos e itens museológicos devem ser avaliados por modelos que consigam capturar e interpretar seu caráter polissêmico. Mattos (2008) observa que no caso das imagens fotográficas, a leitura torna-se ainda mais complexa, pois, além de considerar suas características específicas, é fundamental avaliar o contexto em que

foram produzidas. É importante notar que, tanto na interpretação de textos escritos quanto na análise de imagens, o leitor ou observador contribui com seu conhecimento prévio, crenças e valores formados pelas suas interações sociais. Devido à ambiguidade e polissemia que caracterizam as imagens, cada pessoa tem uma perspectiva única e pessoal.

À vista disso, Gatto e Almeida (2020) recorrem aos apontamentos semióticos para a formulação de modelos de análise de fotografias, as quais oferecem vantagens significativas ao propor as etapas de identificação dos elementos, a análise de sua presença e a interpretação do seu significado em relação aos temas abordados. No entanto, para a indexação eficaz de fotografias, o modelo sozinho não é suficiente. É necessário incluir informações adicionais, como dados sobre os fotógrafos e o contexto de publicação, especialmente no caso de fotografias jornalísticas, publicitárias ou artísticas. Ou seja, informações contextuais que circundam a fotografia e que as representam enquanto documentos significativos. Essas descrições técnicas aprimoram a análise e tornam a recuperação da imagem mais eficiente, proporcionando múltiplos pontos de acesso.

Quando nos referimos aos suportes paratextos, ou seja, documentos audiovisuais, objetos museológicos e demais suportes que não aqueles com textos aparentes, a primeira etapa de análise se refere à investigação do suporte e formato. Segundo Lima (2016), a variedade de suportes e formatos de documentos cresceu com a evolução dos materiais ao longo do tempo. Nesse sentido, as normas e padrões de registro desses documentos oferecem soluções conforme a área de origem, mas todas destacam os elementos externos essenciais, como título, autor, edição, lugar e data de publicação, e características físicas. Para a autora, questões temáticas, como a investigação da gênese do documento, possibilitam a descrição e representação informacional mais eficaz.

Partindo desse princípio e alongando as discussões relativas a fotografias e documentos paratextos, Smit (1995) elabora que os catalogadores devem se orientar por perguntas que delineiam o conteúdo dos itens, tais como: Quem? Como? Onde? Quando? Para quê?. Outrossim, ao identificar os protagonistas e objetos, analisar a situação em que se encontram, as ações que realizam ou a forma como são representados, assim como o local e a época, são obtidas informações que precisam ser representadas e podem nos levar a inferir outros aspectos que nem sempre estão claramente expressos no documento (Smit, 1995). Denota-se nessa passagem orientações para possíveis modelos de leitura profissional que visualizam a representação dos itens.

Ao tratarmos de outras formatações de documentos, os modelos de leitura documentária devem caminhar pela análise de três níveis distintos. O primeiro nível, morfológico, ou estrutural, refere-se à forma da imagem, analisando os aspectos técnicos e os recursos utilizados na criação do documento, no caso de fotografias, a composição, iluminação e cores. O segundo nível, temático, envolve a abstração dos elementos presentes no documento paratexto, transformando-os em ideias ou categorias, por meio de uma interpretação intelectual. Já o terceiro nível, icônico, consiste na descrição literal do que está presente na fotografia, por exemplo, identificando os elementos visíveis sem recorrer a interpretações mais profundas (Silva, Fujita e Bizello, 2009).

Aprofundando a questão da seleção de conceitos em recursos informacionais distintos, Madio e Fujita (2008) reforçam que a chave para a análise de fotografias e outros documentos é a investigação da gênese documental, ou seja, os modelos de leitura devem recorrer às premissas dos itens documentais, as quais as autoras reiteram que “como um primeiro recurso, torna-se fundamental resgatarmos a historicidade da fotografia, ou seja, situá-la historicamente no tempo e no espaço e sua produção institucional e/ou particular” (Madio; Fujita, 2008, p. 253).

As investigações e metodologias propostas para a elaboração de modelos de leitura documentária em fotografias representam avanços significativos para a compreensão de itens em diferentes suportes, as quais propõem roteiros de questionamentos para um entendimento completo do conteúdo. Entretanto, em consonância ao que afirma Silva, Fujita e Dal'Evedove (2010), apesar das qualidades da abordagem focada na análise de conteúdo, as práticas realçadas não podem ser consideradas como modelo unânime. Isso ocorre porque, no caso das fotografias, a Arquivística possui um método próprio, baseado em princípios teóricos que devem ser observados e seguidos ao tratar os documentos de um fundo. Da mesma forma, em paralelo, a Museologia contém itens museológicos subjetivos em seu significado, diferindo de instituição para instituição, bem como de acervo para acervo. Com isso, o caminho possível que seja traçado para a elaboração de um modelo de leitura de objetos museológicos recorra para as interfaces já estabelecidas, como morfologia, significação e função.

Em relação a composição dos modelos de leitura, Fujita (2013) aponta que se trata de uma abordagem sistemática, relacionada a uma série de questionamentos levantados para a identificação de conceitos. Conforme a autora,

O que podemos inferir sobre a existência de um procedimento é que as questões são relacionadas à busca de conceitos. A primeira questão, por exemplo, deverá

identificar no texto a presença do conceito "objeto"; a segunda, a "ação"; a terceira, se o "objeto" identificado sofre influência da "ação"; a quarta, o "agente" que praticou a "ação" e assim por diante... (Fujita, 2013, p. 49).

Assim, indica-se que com base nas questões, o indexador procura verificar conceitos que se referem de forma universal ao documento analisado. Para Fujita (2013), o Sistema PRECIS, proposto por Austin (1974) como orientação para a indexação, recomenda uma análise conceitual do texto embasada em interrogações, para a identificação dos conceitos universais, como o observado na Figura 1.

Figura 1 - Questionamentos e conceitos levantados na análise de assunto

Questionamento	Conceitos do sistema PRECIS
O QUE ACONTECEU?	(AÇÃO)
A QUE OU A QUEM ISTO ACONTECEU?	(OBJETO DA AÇÃO - SISTEMA CHAVE)
O QUE OU QUEM FEZ ISTO?	(AGENTE DA AÇÃO)

Fonte: Fujita, 2013, p. 49.

Conforme apresentado, constata-se que a abordagem sistemática recorre a questionamentos que podem evidenciar os conceitos presentes nos documentos. Estas questões direcionam a identificação da temática principal e possuem serventia para a elaboração de metodologias de análise para a representação informacional, como os modelos de leitura documentária (Fujita, 2013).

Além disso, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (1992), por meio da Norma 12.676, indica que o indexador deve seguir uma abordagem sistemática e questionadora para reconhecer os conceitos essenciais à descrição do assunto. Isso envolve examinar se o documento descreve um objeto que está sujeito a alguma atividade e se o assunto aborda um conceito ativo, como uma ação, operação ou processo. É importante verificar se o objeto é afetado pela atividade identificada e se há um agente que realiza a ação descrita no documento. Além disso, deve-se considerar se o agente utiliza métodos específicos, instrumentos ou técnicas para realizar a ação, e se todos esses fatores são analisados no contexto de um local ou ambiente específico. Outras questões a serem avaliadas incluem a identificação de variáveis dependentes ou independentes relacionadas ao assunto e se o assunto é abordado sob uma perspectiva não convencional ao campo de estudo, como uma análise sociológica ou religiosa. Essas considerações ajudam a garantir que todos os elementos essenciais do assunto sejam adequadamente identificados e descritos.

Assim sendo, os estudos de Fujita (2013) e Fujita e Rubi (2006) objetivaram desenvolver modelos de leitura que evidenciam as principais estratégias para a identificação e seleção de conceitos em textos científicos e livros. As propostas marcam o avanço da análise conceitual, as quais recomendam percursos para a leitura do texto e indicam os setores que possivelmente possuem os conceitos para a representação.

Baseados na busca pelos conceitos universais sendo estes alinhados junto aos questionamentos presentes na Norma 12.676 e localizados em setores padrões da estrutura textual, os modelos de leitura documentária de textos científicos e livros propõem aprimorar a metodologia de indexação ao incorporar a metacognição na formação de indexadores, a qual essa abordagem permitirá que os indexadores reflitam sobre seus próprios processos mentais, melhorando a precisão e a eficácia da indexação (Fujita, 2013).

No modelo de leitura documentária para texto científico, Fujita e Rubi (2006) indicam que ao ser aplicado, deve ser primeiramente iniciado por um manual de instruções breves, que explicam a proposição do instrumento. Com isso, o modelo é composto por uma contextualização inicial, seguida por um tópico relacionado à exploração da estrutura textual, o qual indica instruções para a observação da estrutura textual, localização do conteúdo de cada parte do texto (introdução, materiais e métodos, resultados, discussão, conclusão e referências). Na segunda parte, o indexador é direcionado para compreensão dos conceitos, onde os conceitos essenciais do documento, conforme Fujita e Rubi (2006, p. 67, tradução nossa), são:

- **Objeto:** algo ou alguém que está sob estudo do pesquisador;
- **Ação:** processo experimentado por algo ou alguém;
- **Agente:** alguém ou algo que realizou a ação;
- **Métodos:** métodos utilizados para a realização da pesquisa;
- **Local físico ou ambiente:** local físico onde a pesquisa foi realizada; e
- **Causa e efeito:**
 - **Causa:** razão ou motivo; algo ou alguém que faz com que algo exista ou aconteça (antecedente); está relacionado à identificação da ação.
 - **Efeito:** resultado de uma causa; produto de um ato qualquer (consequência); está vinculado ao resultado da ação realizada.

Por conseguinte, o modelo orienta a identificação de conceitos mediante a exploração textual e a utilização do questionário para o raciocínio dos agentes envolvidos. Em conclusão, o documentalista seleciona os conceitos identificados na aplicação do modelo de leitura.

Considerando as diferentes tipologias de documentos, os modelos de leitura documentária se expandem para abarcar as diferentes nuances e estruturas, os quais buscam identificar e selecionar conceitos presentes na composição do documento. Fujita (2013) elabora que a metodologia do modelo de leitura documentária se configura como uma etapa de representação informacional de conceitos, sendo primeiramente utilizado em investigações que abordam a indexação de textos científicos.

Nesse cenário, a leitura para indexação de textos científicos foca na identificação de conceitos, a qual é feita na etapa de Análise de Assunto, utilizando uma abordagem centrada no conteúdo. Na leitura, fatores lógicos, linguísticos e cognitivos que afetam a indexação podem interferir no processo, dessa forma, é fundamental que o indexador tenha as habilidades necessárias para realizar uma análise conceitual eficiente do documento (Fujita, 2013).

Ao que se refere à estrutura do modelo de leitura voltado aos textos científicos, Fujita (2003) indica no passo a passo de aplicação do modelo que a análise de um texto, como um artigo científico requer uma abordagem cuidadosa, começando pela observação da estrutura textual. Na ferramenta, o indexador é orientado a identificar as seções principais, como a introdução, que apresenta o tema e os objetivos do estudo; a metodologia, que descreve os métodos utilizados; os resultados, que mostram os dados obtidos; a discussão dos resultados, que analisa as implicações dos achados; e a conclusão, que resume as principais contribuições.

Denota-se que a tipologia estrutural do documento é padronizada, visto a demanda de normatizações vigentes no ambiente científico, como a necessidade elementos pré textuais, textuais e pós textuais. Por conseguinte, o modelo de Fujita (2003) procura a identificação correta dos conceitos. Para isso, é importante considerar a interdependência de três conceitos principais: objeto, o qual deve ser o primeiro a ser identificado, representando o foco do estudo; ação, que pode ser um verbo ou um termo que indica um fenômeno; e agente, que é quem realiza a ação, seguindo a ordem estabelecida.

Conforme Fujita (2007) estes três conceitos principais devem ser representados por um único termo claro e específico. Com isso, é essencial evitar termos que não representam adequadamente os conceitos centrais. A interconexão entre objeto, ação e agente deve ser sempre considerada, pois a identificação de um conceito impacta a compreensão dos outros. Por fim, ao utilizar termos precisos, é possível aprofundar a análise do artigo científico e suas contribuições (Fujita, 2013).

Buscando indicar os caminhos para identificação e seleção dos conceitos, a tarefa de indexação de artigos científicos é baseada em um modelo de leitura fundamentado em ensaios teóricos. O modelo em questão está apoiado em princípios derivados de estudos sobre estrutura textual e em propostas de modelos de leitura, além dos fundamentos da análise conceitual do PRECIS e da abordagem sistemática da Norma 12.676 (Fujita, 2007, p. 89), conforme visualizado na Figura 2.

Figura 2 - Abordagem sistemática da Norma 12.676

CONCEITOS	QUESTIONAMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS	PARTES DA ESTRUTURA TEXTUAL
OBJETO e PARTE(S) DO OBJETO (algo ou alguém que está sob estudo do pesquisador)	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito desta ação?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
AÇÃO (processo sofrido por algo ou alguém)	O assunto contém uma ação (podendo significar uma operação, um processo etc.)?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
AGENTE (aquele ou algo que realizou a ação)	O documento possui um agente que praticou esta ação?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
MÉTODOS (métodos utilizados para realização da pesquisa)	Para estudo do objeto ou implementação da ação, o documento cita e/ou descreve modos específicos, por exemplo: instrumentos especiais, técnicas, métodos, materiais e equipamentos?	METODOLOGIA
LOCAL OU AMBIÊNCIA (local físico onde foi realizada a pesquisa)	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	METODOLOGIA
CAUSA E EFEITO Causa (ação+objeto)/Efeito	Considerando que a ação e o objeto identificam uma causa, qual é o efeito desta causa?	RESULTADOS; DISCUSSÃO DE RESULTADOS; CONCLUSÕES

Fonte: Fujita, 2007, p. 89.

Conforme a referida autora, o modelo de leitura documentária proposto para textos científicos combina as ordenações de identificação de conceitos por meio da análise

conceitual (primeira coluna) e a abordagem sistemática através do questionamento da Norma 12.676 (segunda coluna), juntamente com a localização dos conceitos em partes da estrutura textual (terceira coluna) (Fujita, 2007, tradução nossa). À vista disso, observa-se a sistemática da leitura e identificação dos conceitos por meio do objeto, ação e agente, localizados em seções pontuais do de artigos científicos.

Apesar de se tratarem de tipologias diferentes, o modelo de leitura documentária voltado aos livros científicos abrange características similares àquelas vistas no modelo de textos científicos. Para propor a representação documentária de livros, o modelo utilizado para a indexação de textos científicos foi ajustado para a catalogação de assuntos de livros. Segundo Fujita (2013, p. 62), a modificação principal reside na “terceira coluna que se refere a partes da estrutura textual do livro conforme se constata no Modelo de Leitura Documentária para a indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas”.

Fujita (2013, p. 61) complementa que a análise inicial do livro abrange a avaliação da contracapa, orelha e elementos pré-textuais, como título, resumo e ficha catalográfica, visando uma primeira identificação de termos. O modelo propõe examinar o sumário, a introdução e os títulos e subtítulos dos capítulos, além da conclusão e do índice, para confirmar os termos identificados e descobrir novos. Além disso, os conceitos de ação, objeto, agente, método e local podem ser encontrados nos elementos pré-textuais, mas precisam ser validados pelo sumário e pela introdução. A autora ressalta que é relevante considerar o conceito de tempo, questionando se o estudo ocorreu em um local e período específicos, e indica que é necessário identificar os conceitos de causa e efeitos quando o livro apresenta conclusões.

Especificamente, as obras literárias são compostas por estruturas diferentes àquelas vistas no contexto científico. Para isso, Alves (2017) propôs um modelo para a indexação de livros voltados à literatura infantil, as fábulas, o qual foi fundamentado em esquemas textuais que apoiam estratégias metacognitivas de leitura, facilitando a identificação de conceitos no domínio da literatura infantil. Para a construção da estrutura do modelo, foi de necessidade utilizar como base o modelo de leitura de textos científicos, o qual considerou os parâmetros de utilização da estrutura textual como uma estratégia metacognitiva para a identificação de conceitos e uma abordagem sistemática de questionamento do texto.

As fábulas, bem como os textos ficcionais de narrativas em prosa, são constituídas por elementos voltados às interfaces textuais em escalas micro e macro, contendo personagens,

antagonistas, perspectivas, espaços, enredos, narrados e tempos, cronológicos ou psicológicos. Nesse sentido, os conceitos que circundam o documento extrapolam a noção de objeto, ação e agente, com o modelo debruçando-se nas temáticas referentes ao gênero discursivo, personagens, tempo, enredo, clímax, etc. (Alves, 2017).

Os modelos de leitura documentária direcionados para documentos de tipologias bibliográficas, sendo estas científicas e literárias, evidenciam roteiros para a identificação e leitura das estruturas que comportam os conceitos do item catalogado. Observa-se que mesmo se tratando de tipologias diferentes do eixo arquivístico e museológico, ressalta-se nos modelos tratados a provocação de questionamentos acerca da temática, os quais propõem o reconhecimento conceitual do documento e utilizam como estratégia a associação de componentes chave (objeto, ação e agente) junto a questões e seções estruturais que formam o documento a ser indexado.

O Manual Explicativo do Modelo de Leitura para Indexação, proposto por Fujita e Rubi (2006), ressalta etapas para a leitura profissional que podem ser adaptadas, aplicadas e complementadas em diferentes tipologias de documentos. O estudo aponta que a primeira tarefa para a realização da leitura é a análise e exploração da estrutura textual. Mesmo voltado para textos científicos, as orientações que reforçam o reconhecimento dos componentes do documento direcionam o indexador para uma observação direta do item. O conjunto destes componentes é denominado pelas autoras como superestrutura, a qual colabora para uma análise e compreensão mais objetiva.

A segunda tarefa refere-se à identificação de conceitos, realizada pela combinação da exploração textual junto a questionamentos fundamentais. De início, as autoras reiteram a compreensão dos elementos conceituais presentes no documento, sendo estes: o objeto, que é algo ou alguém que está sob estudo do pesquisador; a ação, que é o processo sofrido por algo ou alguém; e o agente, que é quem realizou a ação. Na esfera de textos científicos, os métodos referem-se às técnicas utilizadas para a realização da pesquisa, enquanto o local físico ou ambiente é onde a pesquisa foi conduzida. Além disso, a relação de causa e efeito configuram-se como elementos conceituais, onde a causa é a razão ou motivo que faz algo existir ou ocorrer, e o efeito é o resultado dessa causa, vinculado ao resultado da ação realizada (Fujita; Rubi, 2006, p. 67).

Ainda na identificação de conceitos, o modelo de leitura documentária explora o documento e suas estruturas, agora relacionando-as aos agentes conceituais apresentados. A etapa funciona como um localizador de conceitos pré definidos, realçando tópicos e subtópicos previstos na formação textual. Em continuidade, o modelo preconiza a elaboração de um questionário para o reconhecimento dos conceitos. A obtenção do resultado oriundo da identificação de conceitos “será mais facilmente obtido se utilizar o questionário, uma vez que as respostas a estas perguntas orientam a análise do documento e resultam na seleção de termos” (Fujita; Rubi, 2006, p. 68). Questões como “O sujeito tem uma ação (ou seja, uma operação, um processo, etc.)?” esclarecem ao indexador o assunto do documento e os termos condizentes ao conteúdo do documento.

Por fim, o modelo conclui a leitura profissional ao alcançar a tarefa de seleção dos conceitos, com base na identificação de conceitos que o indexador realizou através das respostas ao questionário, os conceitos considerados importantes são selecionados para uma representação mais relevante do documento (Fujita; Rubi, 2006). Nesse último momento, o profissional utiliza de vocabulários controlados para a tradução em termos a serem indexados no sistema de informação.

Como exemplo, evidencia-se a aplicabilidade do modelo de leitura documentária em artigos científicos proposta por Fujita e Rubi (2006), o qual ressalta a obtenção dos conceitos por meio da exploração da estrutura textual de um texto voltado ao domínio da saúde (Figura 3).

Figura 3 - Modelo de leitura documentária para textos científicos

Tipo de conceito	Perguntas	Partes de la estructura textual	Términos identificados	DECS
Objeto	¿Posee el documento en su contexto un objeto bajo el efecto de una actividad?	Introducción (objetivos)	Recién nacido	Recién nacido
Acción	¿Contiene el tema un concepto activo como, por ejemplo, una acción, una operación o un proceso?	Introducción (objetivos)	Colonización intestinal	Colonización
Función	¿Está influenciado el objeto por la actividad identificada?	Introducción (objetivos)		Sí
Agente	¿Posee el documento un agente que practicó esta acción?	Introducción (objetivos)	Gérmenes multirresistentes a antimicrobianos	Enterobacterias USE <i>Enterobacteriaceae</i>
Métodos del agente	¿Utiliza este agente procedimientos específicos para realizar la acción como, por ejemplo, instrumentos especiales, técnicas o métodos?	Metodología	Identificación bacteriana: tests de sensibilidad a los antimicrobianos; muestras fecales; extracción de DNA plasmidial bacteriano; electroforesis en gel de agarosa	No tiene prueba de sensibilidad bacteriana USE prueba de sensibilidad microbiana Heces DNA bacteriano, USE eletroforesis en gel agar
Local o calidad de ambiente	¿Están situados estos factores en un lugar o ambiente específico?	Metodología	Cunas del HUPE-UERJ Hospital público	Cunas hospitalarias; hospitales públicos
Causa y efecto	¿Se pueden identificar variables dependientes?	Resultados: discusión de resultados	<i>Klebsiella pneumoniae</i> . Bajo peso. Alimentación con leche artificial. Hospitalización. Uso de antimicrobianos	<i>Klebsiella pneumoniae</i>
Punto de vista del autor; perspectiva	¿Se considera el tema desde un punto de vista normalmente no asociado con el campo de estudio, como, por ejemplo, un estudio sociológico o religioso?	Conclusiones		
Fuente: Viera, L. A., <i>et al.</i> Colonización intestinal de recién-natos por enterobacterias multirresistentes a antimicrobianos en unidad neonatal. // Periódico de Pediatría. 75:2 (mar.-abr. 1999) 83-90. Enunciado de tema: Colonización intestinal de recién-nacidos por gérmenes multirresistentes a antimicrobianos mediante identificación bacteriana, pruebas de sensibilidad a los antimicrobianos, muestras fecales, extracción de DNA plasmidial bacteriano y electroforesis en gel de agarosa en cunas del HUPE-UERJ, cuyas causas fueron la infección por <i>Klebsiella pneumoniae</i> y bajo peso, que resultó en la alimentación con leche artificial, hospitalización y uso de antimicrobianos.				

Fonte: Fujita; Rubi, 2006, p. 61.

A estratégia ilustrada acima aponta a obtenção dos resultados durante a leitura profissional, a qual foca na estrutura do documento. Compreende-se que o principal mecanismo para a indexação é o entendimento da superestrutura, abordado em todos os modelos de leitura documentária. Nesse sentido, Fujita (2003, p. 38) aponta que a exploração da estrutura textual é uma estratégia notada na leitura documentária dos indexadores, a qual indica que “a elaboração de modelo de leitura documentária em indexação de textos

científicos com a possibilidade de uso combinado da exploração da estrutura textual com questionamento para identificação de conceitos”.

Faz-se importante afirmar que os modelos propostos balizam significativamente a construção de outros instrumentos em diferentes domínios. Mesmo direcionados para a compreensão textual, os modelos de leitura documentária apresentados oferecem subsídios para o entendimento de conceitos gerais, os quais utilizam como base abordagens que envolvem questionamentos e ações de interpretação propostas ao indexador no processo de identificação e seleção dos conceitos de documentos, sejam arquivísticos, biblioteconômicos e museológicos.

No que se refere à esfera museológica, os modelos de leitura documentária podem ser visíveis nas padronizações constantes na Documentação Museológica. Assim, Carvalho, Fonseca e Redigolo (2021) que o processo de documentação museológica envolve a representação das informações contextuais na ficha de catalogação, com base na leitura documentária, identificação e seleção de conceitos, e a conversão de uma linguagem natural para uma linguagem controlada. O procedimento é crucial para integrar a documentação nos museus, semelhante à prática na Biblioteconomia. Assim como na Biblioteconomia, a Museologia utiliza a representação temática através da tradução de termos para uma linguagem controlada, gerando produtos documentários como catálogos. Contudo, ainda é necessário desenvolver práticas e diretrizes específicas para orientar a indexação em museus, estabelecendo uma política adequada para essa atividade.

2.2 Apontamentos semióticos na leitura documentária em acervos museológicos

A compreensão da semiótica é dependente de conceitos como o pragmatismo e a fenomenologia, a “teoria dos signos aos demais contributos teóricos para a explicação semiótica, entre os quais a fenomenologia, as ciências normativas e a metafísica; todas compreendidas em sua divisão das ciências como ramos da filosofia” (Almeida, 2015, p. 43).

Em conformidade ao pensamento de Peirce, a semiótica é composta por três ramos: a gramática especulativa, a lógica pura e a retórica especulativa. A primeira dedicada ao estudo da relação entre os signos, a segunda voltada à compreensão dos tipos de inferências, como a abdução, indução e dedução, e a terceira que estuda a semiose e a relação dos signos com os interpretantes.

Para além, a semiótica é visualizada como uma teoria sígnica voltada a todo modo de representação. Considera-se como objeto de pesquisa da semiótica a semiose, elemento processual que promove o significado ao signo, através da “ação entre três elementos que envolvem processos de interpretação, representação e comunicação” (Redigolo; Almeida, 2012, p. 2). O signo de Peirce é composto por uma relação triádica genuína, sendo

Um signo, ou *Representamen* é um Primeiro que se põe numa relação triádica genuína tal para com um Segundo, chamado seu *Objeto*, de modo a ser capaz de determinar um Terceiro, chamado seu *Interpretante*, que se coloque em relação ao Objeto na mesma relação triádica em que ele próprio está, com relação a este mesmo Objeto (Peirce, 1933 – 1978, p. 2.274).

Ao observar a relação entre os três elementos formadores do signo, notamos a presença das categorias fenomenológicas, onde o *Representamen*, refere-se àquilo que se percebe em um instante imediato; o *Objeto*, no qual delinea-se como aquilo que se é referido pelo signo; e o *Interpretante*, voltado ao “efeito do signo naquele ou naquilo que o interpreta” (Meira *et al*, 2017, p. 159).

Romanini (2016, p. 28) considera que na semiótica peirceana o signo não elabora o fator de significação, mas é a significação que incorpora os signos particulares, que “cumpram a função de meios de transmissão da informação, aumentando a razoabilidade [...] na mentalidade que permeia e une todos os que participam do processo de comunicação”. Em outras palavras, signo e significação residem nos processos informacionais, nos quais são detectados por agentes sensíveis à interpretação de objetos/documentos em um determinado contexto.

A representação, em geral, e a representação dos documentos, em particular, deve ser compreendida a partir da noção de signo de Peirce, bem como através dos conceitos de *representamen*, objeto e interpretante.

Baseado no pensamento de Peirce, o modelo semiótico de indexação colabora na leitura e compreensão do documento, bem como na construção de representações do deste. Elaborado por Jens-Erik Mai, o modelo compreende que as primeiras percepções de um documento e seu assunto, até a transformação em um cabeçalho de assunto, “é um processo semiótico que leva em conta a transformação de operações mentais, tais como as classes de signos propostas pela Semiótica de Peirce” (Almeida, 2011, p. 108).

Para Almeida (2009), o ideal do modelo semiótico de indexação remonta ao pensamento peirceano sobre a papel do signo em gerar, no processo evolutivo, sucessivas interpretações. Entretanto, a natureza do modelo não só enfatiza a questão da interpretação,

mas também “descreve as classes as quais pertencem os signos produzidos no processo integral de indexação” (Almeida, 2009, p. 281 - 282).

O modelo teórico de Mai (2005) contribui para o entendimento das estratégias mentais utilizadas na leitura do documento, procurando identificar os fenômenos decorrentes do processo de construção de representações. Compreender as formas apresentadas à mente do indexador implica compreender de que maneira o contexto sociocultural influencia os construtos mentais e as estratégias cognitivas do indivíduo.

A discussão de Mai (2005) procura aproximar a chamada gramática especulativa, primeiro ramo da semiótica, com a indexação. Não obstante, a compreensão semiótica do processo de indexação deve voltar-se também à lógica pura, segundo ramo da semiótica.

A lógica pura, ou lógica crítica, é considerada a ciência da verdade das representações, pretendendo “estudar a possibilidade de um signo representar seu objeto verdadeiramente” (Romanini, 2016, p. 19). A lógica pura aborda a relação dos signos com os objetos a fim de compreender de que maneira o conhecimento pode ser criado pelos tipos de inferência.

Nesse sentido, entende-se por inferência um raciocínio que objetiva gerar novas informações a partir de premissas anteriores (Almeida; Fujita; Reis, 2013, p. 237). Para Cunha (1989, p. 53) a inferência refere-se a “operações intelectuais discursivas e ordenadas para a passagem do que é conhecido para o conhecimento do desconhecido”. Nela, a interpretação e conclusão dos signos corresponde à uma chave para integrar a indexação e o indexador ao campo semiótico. Com base na lógica pura, a indexação não é apenas um processo qualquer de interpretação, mas fundamentalmente um processo inferencial (Almeida; Fujita; Reis, 2013).

Como processo inferencial, a leitura documentária leva o documentalista a determinadas conclusões. No tocante à construção de representações de documentos, quando um indexador está diante de um registro cujo assunto não lhe é conhecido, este busca formular hipóteses ou inferências hipotéticas para chegar a propostas de representação (Almeida; Fujita; Reis, 2013).

Almeida, Fujita e Reis (2013) indicam que o modelo inferencial de indexação fundamentado na semiótica está composto pela sequência de três etapas: a abdução, quando se produz um julgamento perceptual a partir de sugestões de explicação ou representação para um fato dado. A abdução é a instância onde se adquire uma ideia nova, é o processo de

percepção primária e de premissas irrecusáveis, “são como as premissas iniciais de nosso raciocínio, e o primeiro julgamento de uma pessoa quanto ao que está diante de seus sentidos” (Peirce, 1980, p. 34).

A dedução, considerada como segunda inferência é tratada pelos autores como etapa da indexação, objetiva a extração de consequências através de leis pré-estabelecidas. A dedução permite entender que o indexador pode identificar o assunto do documento não somente pela análise de sua estrutura, mas também pela competência semiótica do sujeito em aplicar uma regra a um caso determinado. Ou seja, se um objeto contém detalhes como uma tela pintada e uma moldura, deduz-se a partir de uma regra, considerando que: todos os materiais dedicados a pinturas e a molduras pertencem ao assunto artes visuais, se o documento analisado contém exemplos de pinturas e molduras, logo, terá como assunto artes visuais. Para Peirce (2000), a dedução considera a análise da coisa com base na adição entre uma premissa e referências anteriormente adquiridas.

A indução, terceira e última inferência, desempenha um papel central na indexação. Partindo da particularidade em utilizar modelos de conhecimento, a etapa de indução verifica e compara a realidade da estrutura do documento junto a um sistema de informação, testando as hipóteses do indexador por meio do uso de instrumentos de apoio, como as linguagens documentárias e tesauros (Almeida; Fujita; Reis, 2013, p. 238).

Denota-se que a indução no processo de indexação confronta e compara a estrutura formada no processo de identificação e leitura, e associa essa mesma estrutura a vocabulários controlados para melhor representar o documento em um ato de generalização. Em outras palavras, é um processo de contínua comparação e ajustes de termos representados nos documentos confrontando-os com os vocabulários controlados de forma a produzir uma generalização, embora provisória, sobre o assunto.

Voltando-se especificamente às etapas inferenciais de adução e dedução no contexto museológico, Reis, Almeida e Fujita (2023) abordam a primeira inferência (abdução) introduz o objeto ao museólogo para seu entendimento, destacando sua presença na consciência do sujeito por meio da experiência colateral e histórica. Neste estágio inicial, o item é recebido para análise, e sua forma desperta curiosidade, levando à formulação de hipóteses sobre seu funcionamento. A curiosidade orienta o profissional para a interpretação e prepara o caminho para a próxima etapa.

Os autores também observam que a abdução envolve a criação de hipóteses sobre o objeto, que são então detalhadas e traduzidas em termos específicos. Na fase, o item é examinado à luz das hipóteses formuladas inicialmente, e conclusões são tiradas com base nessas primeiras percepções e questionamentos do museólogo. Um aspecto crucial percebido e interpretado inicialmente é o funcionamento do item, levando o indexador a se perguntar: “Como funciona?” e “Para que serve?” durante a análise (Reis, Almeida e Fujita, 2023).

A segunda inferência é fundamental para o processo de leitura dos itens museológicos. Nesta etapa, o elemento da consequência permite distinguir detalhes dos objetos a partir de uma generalização. Ao examinar o objeto, o indexador recorre a categorias temáticas mais amplas, focando na função do item. Os elementos semióticos são baseados em experiências prévias armazenadas na mente, que orientam a análise do item (Reis, Almeida e Fujita, 2023).

Por exemplo, ao iniciar a leitura profissional de uma caneta, as hipóteses geradas indicam que sua função é escrever, o que a classifica sob o tema de comunicação. A sequência pode ser ilustrada da seguinte forma: caneta (termo geral) = escrever (função) = comunicação (temática do objeto). Assim, a generalização decorre de deduções iniciais sobre o objeto, e sua estrutura contribui para a seleção dos conceitos apropriados.

2.3 Síntese do capítulo

Em síntese, a necessidade dos tópicos abordados se justifica pela proposta de discussão e construção de um modelo de leitura documentária no contexto museológico. A análise das variáveis leitor-texto-contexto e o uso de modelos de leitura documentária são fundamentais para interpretar os objetos museológicos de forma contextualizada e precisa, garantindo uma catalogação adequada nos bancos de dados. Além disso, as abordagens semióticas contribuem com uma leitura mais profunda dos significados culturais e simbólicos dos objetos, possibilitando uma interpretação rica e multifacetada, por meio do entendimento das etapas inferenciais do modelo semiótico de indexação. Dessa forma, esses elementos fornecem as bases necessárias para o desenvolvimento de um modelo de leitura documentária que instrumentalize a descrição de itens museológicos, potencializando sua utilidade e preservação.

Em consonância com o objetivo desta pesquisa, elaborou-se os marcos teóricos propostos com intuito de embasar os principais subsídios relacionados ao entendimento da leitura documentária na Museologia. Face ao exposto, o capítulo primeiramente debruçou-se

na temática geral da pesquisa, a leitura documentária, suas variáveis e os modelos de leitura em diferentes domínios. Foi de necessidade abordar marcos conceituais da LD a fim de fortalecer a discussão relativas às propriedades e possibilidades da leitura de documentos (textos), seja em sua estrutura usual, seja na perspectiva do objeto museológico, bem como discorrer sobre os modelos de leitura profissional, e suas composições, como instrumentos que garantem subsídios viáveis para a identificação e seleção de conceitos do recurso informacional.

Considerou-se também apresentar as abordagens semióticas junto ao processo de leitura documentária e documentação museológica, por meio do Modelo Semiótico de Indexação. O objeto museológico é dotado de características físicas, relacionadas ao atributo morfológico, e características extrínsecas, voltadas às questões conceituais e simbólicas junto ao contexto sociocultural. Dessa maneira, recorreu-se aos apontamentos semióticos para interpretar o item museológico em sua faceta sógnica, a qual pode ser analisada com base nas etapas inferências de abdução, dedução e indução. As etapas do Modelo Semiótico de Indexação prospectam a leitura do objeto museológico, o qual prevê a produção da imagem mental inicial do objeto, ou a leitura da estrutura física do objeto (abdução), a dedução do significado, função e simbolismo, o qual o leitor identifica as interfaces conceituais do objeto possuindo como base seu conhecimento prévio sobre o histórico e contexto do item (dedução), e, por fim, a seleção e tradução dos conceitos junto aos vocabulários controlados (indução), onde o museólogo possui como referências diversos instrumentos de pesquisa. Nesse sentido, recorreu-se às abordagens semióticas para colaborar no entendimento da interpretação e leitura do objeto, por parte do indexador, durante a Documentação Museológica, a ser explanada na próxima seção.

Em conclusão, almejando propor um modelo de leitura documentária para objetos museológicos para esta Tese, esta seção considerou indispensável abordar marcos como o funcionamento do processo de LD na abordagem museológica, estabelecendo como base para a construção de componentes do modelo o enfoque semiótico relacionado à indexação. Assim, os tópicos apresentados também irão compor o desenvolvimento das categorias de análise do Protocolo Verbal Individual apresentadas detalhadamente na seção metodológica, as quais apoiarão na interpretação e análise dos dados coletados nas seções subsequentes.

Portanto, foram extraídas desta seção as seguintes categorias de análise: **Estrutura Física do Objeto**, que examina como o profissional identifica o objeto e sua função, com base em experiências e conhecimentos prévios, relacionada à "Leitura Documentária" e ao

subtópico "Texto"; **Significado**, que avalia como o documentalista define o significado do objeto por meio de referências e conhecimento contextual, destacando o papel do museólogo e vinculada ao tópico de "Contexto", bem como a subseção relacionada ao modelo semiótico de indexação; **Descrição do Item**, que analisa a compreensão e o processo de descrição, identificando dúvidas e equívocos na catalogação, conectando-se a subseção "Modelos de Leitura Documentária"; e **Grau de Maturidade do Sujeito como Leitor**, que analisa como a leitura é guiada pelos participantes do PVI, observando o tempo dedicado e as dúvidas na indexação do objeto, relacionando-se com os tópicos "Leitura Documentária" e "Leitor", além dos tópicos metodológicos subsequentes.

3 OBJETO E DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA LEITURA PROFISSIONAL NA ESFERA MUSEAL

Visando compreender a composição do objeto museológico e seus elementos simbólicos e de significado, a presente seção buscou delinear os apontamentos voltados para a estrutura morfológica do item de museu, a fim de destrinchar as principais características formativas. Além disso, para fornecer subsídios acerca do entendimento de descrição e interpretação do objeto, os quais visam a indexação, foi de necessidade se desdobrar a etapa teórica-prática da Documentação Museológica, seus instrumentos e possibilidades de leitura da “estrutura textual” do objeto de museu.

3.1 Objeto Museológico: Estruturas físicas e conceituais

O objeto museológico, a museália, é configurado como qualquer item que carrega a musealidade, o valor museal. Este valor é empregado pelo processo de musealização, a qual é encarada como um processo transformador. A musealização objetiva transformar o objeto dito como “comum” em um objeto de museu, na qual Stránský (1974) afirma que em termos gerais, o processo é composto por etapas bem definidas que abarcam a seleção, tesauroização e comunicação do item. É o recorte de uma realidade e a inserção em novas narrativas. A atribuição do valor pode ser executada de forma consciente ou inconsciente, partindo da funcionalidade e o elevando à classe de símbolos. Chagas (1994) aponta que o item só se transforma em um bem cultural quando alguém, ou algum grupo, o diz de modo diferenciado. Ressaltar o valor do objeto reflete a necessidade de uma funcionalidade, sendo ele imprescindível e que move a narrativa de representação, ou opcional, podendo ser substituído ou rebaixado, pois “se compreende o trânsito do bem cultural pelo sertão do arbítrio” (Chagas, 1994, p. 37).

Em complemento, Mensch (1989) argumenta que o objeto de museu é composto por três interfaces: a física, que abarca o material, a morfologia do item que é visualizada no espaço do fenômeno museu e do lugar de memória; a função e significado, referente a premissa de que todo objeto construído contém uma função, onde o significado pode ser categorizado em níveis diferentes. O objeto abraça sua função primária, suas ressignificações, perpassa pelo simbólico e pelo emotivo, e reside no metafísico. Uma caneta é usada para escrever, esta mesma caneta representa uma realidade social, um símbolo sagrado, abrigando afetos ou desafetos. Todos os significados são válidos, todas são museália.

Na vivência museológica, os objetos são importantes constituintes para a execução de rituais sociais, “no entanto agora, ao invés de buscarem uma singularidade no real, eles aderem à promoção de uma pluralidade multivalente” (Soares, 2012, p. 69). A mudança de papéis não é revolucionária, todavia, altera-se a percepção do objeto, antes focada no material, para o entendimento de que este integra uma série de eventos realizados entre o subjetivo e o palpável (Soares, 2012).

Diante desse cenário, o conceito de semióforo pode colaborar na demarcação da relação entre a realidade, a atribuição de significados e o objeto. Para Pomian (1984), o entendimento do semióforo refere-se à representação e materialização do invisível, ou do subjetivo, em objetos, sendo estes implícitos e de escala corriqueira.

A autora indica que o semióforo contém carga de significado considerável, à medida que sua utilidade se enfraquece diante de seu sentido primário. Ao notar e se relacionar junto ao objeto, o indivíduo lança um olhar que preenche as estruturas de simbologia do item, todavia, necessita de uma mediação para ser representado e visualizado no recorte da realidade (Pomian, 1984).

Ainda assim, entende-se por mediação o processo de compreensão e sacralização do item, ou do semióforo. Dessa forma, o ideal de colecionismo talvez possa iluminar parte desse significado oculto. Conforme Sundström e Bizello (2017, p. 4) “coleccionismo é um ato de idealizar, elencar, buscar, guardar e admirar objetos que satisfaçam essa necessidade visceral que, por vez, é inominável. À vista disso, evidencia-se aqui que o ato de colecionar ilustra as teias relacionais que representam, em parte, o processo visível da atribuição de valores e simbolismos aos diferentes objetos colecionáveis e aos itens cotidianos.

Considerando a pluralidade de significados do objeto de museu, Canto (2016) afirma que o objeto museológico carrega inerentemente um mito, pois sua estrutura física é dotada de um significado intangível essencial. Ele atua como um símbolo duradouro, aberto a diversas interpretações. É um corpo que contém essências em constante mudança. Dessa forma, quando abordamos a dimensão física do item, nos desdobramos em diferentes contextos e interpretações que evocam a natureza primária ou social deste.

Para Moutinho (1994), Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses sintetizou as facetas do objeto museológico em quatro possibilidades: a primeira ligada à fetichização, o objeto fetiche, o qual desempenha o papel direto no contexto expográfico. A fetichização ou reificação envolve a transferência de atributos das relações humanas para os objetos,

apresentando-os como se fossem inerentes a estes. Na realidade, os objetos materiais possuem apenas características físicas, como peso e forma. Os valores e sentidos atribuídos a eles — cognitivos, afetivos, estéticos e pragmáticos — são, na verdade, construções sociais que variam ao longo do tempo e que dependem das interações e contextos da sociedade (Moutinho, 1994).

A segunda possibilidade de objeto, o objeto metonímico, o qual o valor dos objetos museológicos é predominantemente simbólico. Este item é reforçado pela expressão do "sentido" de uma cultura por meio dessas peças é uma visão simplista que os museus devem evitar. Exibir culturas por meio de estereótipos e generalizações é uma abordagem redutora, que ignora a complexidade e as mudanças culturais, além de perpetuar mecanismos de diferenciação e exclusão (Moutinho, 1994).

A terceira, o objeto metafórico, versa sobre uso metafórico, embora menos prejudicial que a redução a estereótipos, ainda limita as exposições a meras ilustrações de problemas externos. Isso resulta na perda da vantagem única dos museus, que é o trabalho direto com os objetos. Essa abordagem revela uma dificuldade em explorar os objetos em seus próprios termos, levando a uma dependência excessiva de suportes verbais (Moutinho, 1994).

Ambas as tipologias, metonímica e metafórica, dividem a possibilidade de pluralidade da estrutura de significado do objeto de museu. Nesse sentido, Moutinho (1994) indica à luz da quarta possibilidade, o objeto contextualizado, que a ideia comum de que um objeto descontextualizado é um objeto desfigurado levanta a importância de incluir o contexto nas exposições. No entanto, não se observa um esforço significativo para conceituar os objetos. A solução tem sido reproduzir o contexto de forma superficial, como um recorte empírico que necessita de explicação, já que não se explica por si só. Essa confusão entre dados empíricos e informações elaboradas gera vícios que, apesar de bem-intencionados, carecem de um investimento intelectual, e é crucial identificar suas insuficiências e distorções.

Em crítica a isso, Moutinho (1994) reforça que a estrutura conceitual do objeto deve permanecer fluída, à medida que se encontra com a missão do espaço cultural, o qual explorará o caminho contextual apropriado, desse modo,

os objectos têm histórias, trajetórias e não há por que congelá-los arbitrariamente num de seus vários contextos [...] a postura dominante ignora que o processo de transformação do objeto em documento que é, afinal, o eixo da musealização, introduz referências de outros espaços, tempos e significados numa contemporaneidade que é a do museu, da exposição e de seu usuário.... Esta complexa rede não é gratuita. Deve servir, fundamentalmente, para prevenir o

museólogo contra as ilusões e burlas da contextualização e cenarização que ele pode indulgentemente construir (Moutinho, 1994, p. 10-11).

Conforme os apontamentos de Moutinho (1994), denota-se que objeto museológico obtém carga de significado e de simbolismo referente à trajetória no decorrer de sua produção e funcionalidade. Com isso, pensar o elemento conceitual do objeto museológico requer pensar as diferentes percepções e interpretações que ainda o circundam, a memória vívida na criação da função, o momento memória na atribuição de significado, e a construção da história de contextos.

Retornando ao debate estrutural do item de museu, Maroevic (1994) determina que o objeto contém uma identidade estrutural, a qual abarca três princípios formativos: intenção, percepção e desenvolvimento. A intenção se refere aos efeitos conscientes e inconscientes durante emergentes durante a produção do objeto. Já a percepção visualiza o material produzido como portador das mensagens e informações propostas pelo autor do objeto. Por fim, o desenvolvimento refere-se às intervenções, mudanças e adições ao objeto durante o percurso de sua vida. Maroevic (1994) também explana que a identidade estrutural se classifica como uma possibilidade viável para a interpretação do objeto como sinal, especialmente na inter-relação do material, forma e significado.

Nesse cenário, evidencia-se a complexidade do item museológico em vertentes físicas e conceituais. Compreende-se que as camadas apresentadas carregam recortes e contextos específicos, mesmo na trajetória física, os quais se transformam em valores temáticos.

Em resumo, podemos visualizar diferentes escalas estruturais em consonância aos apontamentos apresentados. Mensch (1989) sintetiza a pluralidade do objeto museológico através de três matrizes, a de propriedades físicas, função e significado e história, as quais podem ser explicitadas no Quadro 2:

Quadro 2 - Estrutura do Objeto Museológico

Matriz	Nível	Subnível
PROPRIEDADES FÍSICAS	Composição material	-
	Construção técnica	-
	Morfologia	Forma espacial e dimensões
		Estrutura de superfície
		Cor

		Padrões de cor e imagem
		Texto
FUNÇÃO E SIGNIFICADO	Significado primário	Significado funcional
		Significado expressivo (valor emocional)
	Significado secundário	Significado simbólico
		Significado metafísico
HISTÓRIA	Genesis	-
	Tratamento	Primeiro uso
		Reutilização
	Deterioração	Fatores endógenos
		Fatores exógenos
	Conservação e restauração	-

Fonte: Adaptado de Mensch (1989).

Com base no Quadro 2, podemos estruturar as camadas componentes do objeto museológico. Nota-se que as matrizes reforçam a subdivisão de forma e conteúdo, delimitando propriedades intrínsecas aos detalhes do objeto e as propriedades extrínsecas à vertente temática do item. Subníveis como os significados funcionais, expressivos, simbólicos e metafísicos elucidam e categorizam a versatilidade conceitual do objeto, resultando em termos objetivos para indexação do item.

Na realização da leitura documentária, bem como na aplicabilidade de modelos voltados para a realidade museológica, é de propriedade percorrer as três matrizes formativas do objeto, dando ênfase nas duas primeiras, elementos físicos e de função e significado, as quais poderão fornecer representações informacionais eficazes para a recuperação por parte do usuário. Justifica-se que a terceira matriz, a de história, se orienta no histórico de tratamento do item, utilizado em relatórios e diagnósticos de conservação e restauro.

Em suma, o objeto museológico é diverso em seu significado, dessa maneira, cabe ressaltar que para a extração de informações oriundas do item, foram formulados instrumentos e metodologias que pudessem auxiliar no entendimento e inserção do mesmo em seu contexto. Face o exposto, necessita-se abordar a Documentação Museológica de forma específica, a fim de compreendê-la enquanto possibilidade para elucidação da leitura

profissional no contexto museal e para a construção do modelo teórico-metodológico proposto para este estudo.

3.2 Documentação Museológica

O processo de documentação em museus, ou Documentação Museológica, envolve um conjunto de técnicas e procedimentos destinados a registrar, organizar, representar e divulgar as informações relacionadas aos objetos em museus. Essa prática é essencial na esfera teórica da Museologia e integra o processo de musealização. Conforme Cury (2005), a documentação é responsável por organizar as informações sobre as peças museológicas, buscando formas eficazes de transmitir suas características.

Nos últimos anos, o avanço teórico na Museologia gerou debates sobre os termos "documentação de museus", "documentação em museus" e "documentação museológica". Ceravolo (1998) explica que "documentação de museus" se refere à prática de registrar informações dentro dos museus. Ela também critica o uso do termo "documentação museológica", que pode ser visto como uma abordagem "simplória" da Museologia, limitando-se às atividades museológicas. Carvalho e Scheiner (2014, p. 4588) destacam que a confusão entre "documentação em museus" e "documentação museológica" resulta da fusão entre Museologia e museus, levando a uma visão errônea da Museologia como um campo restrito apenas aos museus. Neste trabalho, adotamos ambos os termos — "documentação em museus" e "documentação museológica" — de acordo com os debates e o uso estabelecido por autores como Padilha (2014), Yassuda (2009) e Cândido (2006).

O processo de documentação em museus manifesta-se em diferentes contextos. Na curadoria de objetos artísticos, como exemplo, é utilizado para realizar diagnósticos detalhados desses itens e é debatido como uma necessidade de investigação e descrição dentro da esfera teórica (Ceravolo, 1998). Na Ciência da Informação e Organização do Conhecimento, surgem propostas tecnológicas e inovadoras relacionadas ao tratamento de documentos em museus. Para autores como Padilha (2014), Ferrez (1994) e Cândido (2006), a Documentação Museológica tem como objetivo registrar, analisar, tratar, organizar e divulgar as informações sobre os acervos museológicos, transformando o conteúdo dos objetos em conhecimento.

Considera-se que a documentação museológica resulta de um processo contínuo de desenvolvimento que envolve não apenas a coleta de todas as categorias de informação

disponíveis, mas também a comunicação do conhecimento. O objetivo desta é recuperar informações completas sobre o objeto, utilizando técnicas e procedimentos da biblioteconomia, como aquisição, registro, identificação, numeração, indexação e coleta de dados relevantes. Sua principal função é ilustrar como a relação entre os seres humanos e o mundo ao seu redor se manifestou. Dessa forma, o processo permite uma compreensão mais clara dos sistemas de valores, símbolos e significados expressos nos documentos-objetos criados ao longo da história (Hernández, 2016, tradução nossa).

Camargo-Moro (1986), uma das pioneiras na discussão sobre Documentação Museológica no Brasil, destaca que a criação de um sistema de documentação adequado para objetos museológicos deve levar em conta as estruturas técnicas, gerais e especializadas, além das convenções pertinentes. Assim, uma das primeiras etapas desse processo é a análise detalhada das peças do acervo.

Ferrez (1994) descreve a Documentação Museológica como um conjunto de informações sobre itens museológicos representados por palavras e fotografias. Este processo é visto como um meio de recuperação de informações, considerando os objetos de museu como fontes de pesquisa científica. Padilha (2014, p. 35) complementa afirmando que a documentação de acervos museológicos visa a compilação e o tratamento dos dados de cada objeto adquirido pelo museu. Ela também destaca a diferença entre "documentação" nas instituições museológicas, referindo-se tanto ao registro das peças quanto à "documentação gerada pela instituição para validar suas práticas", como documentos administrativos.

Chagas (1994) aponta que a fundamentação teórica da documentação em museus se baseia em três conceitos principais: preservação, comunicação e investigação. Esses conceitos estão presentes em recomendações e políticas que incentivam os museus a promover a divulgação. Portanto, o processo de Documentação Museológica envolve a criação de ferramentas, etapas e procedimentos que melhoram as estratégias de pesquisa, disseminação e preservação dos acervos, fortalecendo a conexão entre o público e o museu.

Conforme Cândido (2006), a Documentação Museológica compromete-se com a produção de conhecimento dentro de um museu, a qual demanda uma rotina de pesquisa interdisciplinar, associada a discussões teóricas, além de uma constante interlocução com outras áreas que operam, de algum modo, com a questão do bem cultural. Esses configuram-se como fundamentos básicos para a aplicação de um sistema de documentação museológica

que atenda às demandas contemporâneas de socialização de informações e de construção contínua de memórias e identidades.

Padilha (2014) afirma que o processo cobre todas as etapas, desde a aquisição dos objetos até sua comunicação e representação, que pode ocorrer por meio de exposições, índices, inventários ou catálogos. Para a autora, os museus realizam ações de aquisição para selecionar os objetos que farão parte de seus acervos. Em seguida, é fundamental realizar uma análise detalhada das propriedades físicas, iconográficas, históricas e estilísticas dos objetos para entender suas características e contextos. Após a pesquisa, é necessário interpretar o objeto dentro de um contexto histórico ou social específico, o que contribui para uma compreensão mais profunda de seu significado e importância. A etapa seguinte envolve a organização das informações, incluindo a descrição e a classificação dos objetos, bem como a criação de termos relevantes para sua identificação e catalogação. A preservação dos objetos é garantida por meio da definição de métodos adequados de acondicionamento, que asseguram que a peça seja adequadamente conservada e documentada. A disseminação das informações é realizada por meio da utilização de termos ou palavras-chave em sistemas de recuperação de informações, facilitando o acesso e a busca por dados relacionados aos objetos. Finalmente, a comunicação das informações obtidas é feita através de exposições, programas de educação patrimonial e outras atividades culturais, que ajudam a compartilhar o conhecimento com o público e a promover a valorização dos acervos museológicos (Padilha, 2014).

Ademais, a representação informacional dos objetos museológicos em instituições culturais é elaborada com o apoio de instrumentos de pesquisa, os quais identificam conceitos presentes no documento, considerando a interface física como agente principal da estrutura do objeto de museu. Instrumentos como o *Brasiliiana Museus*, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), reforçam a possibilidade de consolidação do processo semiótico de indexação e a etapa de indução dentro do contexto museológico. Para Siqueira, Martins e Lemos (2022), a partir da complexidade e interdisciplinaridade do serviço, sustentado pela conexão de diversos museus e acervos, a ferramenta pode ser aplicada em diferentes realidades. Infere-se que a indução no processo de indexação implica confrontar e comparar a estrutura apresentada na identificação e interpretação dos objetos museológicos, associando essa estrutura aos vocabulários controlados pertinentes, a fim de representar de forma mais precisa o conteúdo das obras em uma generalização significativa.

Considerando o eixo da Documentação Museológica, bem como a existência de instrumentos que permitem compreender o processo de descrição do item e construir resumos

descritivos e descritores temáticos, indaga-se que a leitura documentária no âmbito museal se aplica nos processos de documentação de acervos museológicos. Nesse sentido, a LD é iniciada no primeiro contato com o objeto, com o objetivo de entender suas características físicas, independentemente do tipo de suporte. Considera-se que estabelecer um procedimento padrão para a leitura documentária de objetos museológicos pode ser desafiador devido à diversidade dos itens. No entanto, é possível adotar um procedimento padrão para determinados tipos de suportes, como pinturas, gravuras e desenhos, que são registrados em superfícies bidimensionais.

Podemos indicar que o desafio para a leitura documentária de itens museológicos se delineia pela própria composição do objeto. Mensch (1989) argumenta que a complexidade do objeto de museu é categorizada por três interfaces: a física, que abarca o material, a morfologia do item que é visualizada no museu; a função e significado, referente a premissa de que todo objeto construído contém uma função, onde o significado pode ser categorizado em níveis diferentes; e a história, que investiga a gênese do objeto, necessária para a pesquisa e para construção de narrativas informativas. Nesse sentido, o processo de leitura deverá perpassar pelas interfaces, hipoteticamente considerando os valores físicos e de significado para o desenvolvimento das representações informacionais.

Conforme Carvalho, Redigolo e Fujita (2023), a leitura documentária, realizada pelos profissionais de museus na Documentação Museológica, tem como objetivo identificar e selecionar conceitos para a representação das informações museológicas nos catálogos da instituição, atendendo às necessidades dos usuários. Para os autores, o processo de determinação do assunto é baseado em procedimentos que levam em conta as características físicas dos objetos, estratégias metacognitivas e uma abordagem sistemática, incluindo questionamentos para situar o objeto dentro de um contexto específico. Embora o trabalho dos profissionais de museus não siga uma sistemática rígida ou um manual específico para a leitura documentária e a determinação do assunto, os autores denotam que existem práticas comuns entre os profissionais do campo museológico.

Para Reis, Fujita e Tartarotti (2023) a fundamentação teórica da leitura documentária na Documentação Museológica ainda está em sucinto desenvolvimento. O corpo teórico elaborado para descrição de acervo torna-se importante para a prática de gestão de acervos, mas as orientações disponíveis são superficiais. Para os autores, aspectos como a Leitura Documentária e a Indexação precisam ser mais bem desenvolvidos no campo museológico,

integrando teorias de interpretação e simbolismo do objeto com as variáveis de leitor, texto e contexto.

Na Documentação Museológica, a clareza de modelos fixos para a leitura e interpretação de objetos pode, em certos contextos, limitar a disseminação da informação nos museus, ao desconsiderar a natureza dinâmica e subjetiva da interpretação dos itens. Uma alternativa para enfrentar esse desafio está na aplicação dos princípios da semiótica, não com o intuito de estabelecer significados definitivos, mas de estruturar representações mais consistentes e eficazes dos itens museológicos. Ao utilizar a semiótica como base, é possível orientar a construção de sentidos por meio de signos mais bem elaborados, reduzindo a dispersão interpretativa e promovendo uma comunicação mais clara entre o objeto e o visitante, sem anular a pluralidade de leituras que caracteriza a experiência museal.

Para além, Carvalho, Redigolo e Fujita (2023) também propõem um modelo sistemático para a leitura documentária de objetos zoológicos, organizado em três etapas interligadas. A primeira etapa consiste na compreensão do objeto, com base na análise de suas características físicas e sua classificação taxonômica. Em seguida, ocorre a identificação dos conceitos relevantes, considerando aspectos históricos, geográficos e funcionais que possam contribuir para sua descrição mais detalhada. Por fim, a seleção dos conceitos mais pertinentes possibilita que as informações essenciais sejam devidamente indexadas e recuperadas nos sistemas documentais. Esse modelo busca padronizar e otimizar o processo de catalogação, tornando-o mais eficiente e adequado à especificidade dos objetos museológicos. O estudo conclui a necessidade de uma sistematização mais rigorosa nos processos de leitura documentária para acervos museológicos, especialmente no contexto das coleções zoológicas. Os autores destacam a carência de diretrizes bem estabelecidas que auxiliem os profissionais na identificação e representação do assunto dos objetos. Dessa forma, a adoção de metodologias padronizadas e a criação de manuais técnicos podem contribuir para uma maior eficiência na catalogação e recuperação da informação, garantindo que os acervos museológicos cumpram plenamente seu papel na disseminação do conhecimento científico e cultural.

Por fim, propor revisões sistemáticas de literatura que objetivem investigar as formas de descrição em acervos museológicos colabora para elucidação de estratégias e possíveis modelos de leitura.

3.3 Síntese do capítulo

Em síntese, a presente seção aborda a complexidade do objeto museológico, destacando sua natureza multifacetada e a importância do processo de musealização para transformar itens comuns em objetos de museu, dotados de valor museal. A musealização é compreendida como um processo que envolve seleção, pesquisa e comunicação, e que atribui significado ao objeto, seja de forma consciente ou inconsciente, elevando-o à categoria de símbolo cultural. O valor do objeto é construído socialmente, dependendo de quem o interpreta e como ele é inserido em novas narrativas.

O objeto museológico é analisado a partir de diferentes perspectivas. Três interfaces são propostas para sua compreensão: física (materialidade e morfologia), função e significado (que abrange desde o uso prático até significados simbólicos e metafísicos), e história (gênese e trajetória do objeto). Essa pluralidade de significados é reforçada pela mudança de percepção do objeto, antes focado em sua materialidade, para uma visão que integra aspectos subjetivos e simbólicos. À vista disso, a identidade estrutural do objeto é composta por intenção, percepção e desenvolvimento. Essa identidade permite interpretar o objeto como um sinal, integrando materialidade, forma e significado. A complexidade do objeto museológico é ainda mais evidenciada por uma matriz que categoriza suas propriedades físicas, função e significado, e história, oferecendo uma estrutura para a análise e documentação do item.

Com isso, a Documentação Museológica é apresentada como um processo essencial para registrar, organizar e comunicar as informações plurais sobre os objetos museológicos. A importância da documentação para a preservação, comunicação e investigação dos acervos é destacada. O processo envolve desde a aquisição e análise detalhada dos objetos até sua representação informacional e comunicação ao público, por meio de exposições, catálogos e outras atividades culturais. Nesse cenário, a leitura documentária configura-se como um ponto central na Documentação Museológica, dada a diversidade e complexidade dos objetos, visto a possibilidade de interpretar informações socioculturais diversas, utilizando como base contextos em que o objeto se insere.

Dessa forma, modelos sistemáticos para a leitura documentária devem ser propostos, com a intenção de objetivarem a compreensão do objeto, a identificação de conceitos relevantes e a seleção de informações essenciais para a indexação. Além disso, a falta de diretrizes claras e a necessidade de uma abordagem mais rigorosa são destacadas, com

sugestões para a aplicação de princípios semióticos e a criação de manuais técnicos que orientem os profissionais na catalogação e representação dos itens.

Assim sendo, enfatiza-se por fim a complexidade do objeto museológico, sua pluralidade de significados e a importância da Documentação Museológica para a preservação e comunicação desses significados. A leitura documentária e a indexação são desafios centrais, que requerem abordagens sistemáticas e interdisciplinares para garantir a eficácia na gestão e disseminação dos acervos museológicos.

Em conclusão, com intuito de colaborar para a construção das categorias de análise propostas para a discussão dos dados oriundos do Protocolo Verbal Individual deste estudo, a seção contribuiu para as seguintes classes: **Estrutura Física do Objeto**, colabora para compreensão estrutural do objeto, relaciona-se ao tópico "Objeto Museológico"; e **Descrição do Item**, analisa as estratégias de descrição e indexação por partes dos museólogos participantes, identificando dúvidas e equívocos, conectando-se a subseção "Documentação Museológica".

4 METODOLOGIA

Com o intuito de propor um modelo teórico-metodológico de Leitura Documentária em museus, partindo da identificação das variáveis da LD no campo epistêmico da Museologia, especificamente na Documentação Museológica, a abordagem metodológica desta pesquisa propõe localizar as estratégias de leitura profissional utilizadas em objetos museológicos, focando: a) nas orientações para a leitura técnica de objetos museológicos presentes padrões e manuais da esfera epistêmica; b) e na observação e análise da prática de profissionais/documentalistas/museólogos ao analisar o item cultural para indexação em sistemas documentários. Desse modo, a presente seção busca explicitar a caracterização desta Tese e os procedimentos metodológicos a serem utilizados.

4.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa se configura como bibliográfica e descritiva, e utiliza como abordagem metodológica a aplicação de entrevistas com questionários semi estruturados, visando a observação direta para a obtenção dos resultados. Na primeira etapa, utilizou-se para a pesquisa bibliográfica a revisão das principais obras no eixo de Documentação Museológica e Indexação em museus. Nesse sentido, foi utilizado como estratégia de busca o Mapeamento Sistemático de Literatura, com intuito de aprofundar a investigação no bojo de pesquisas acadêmicas que versam sobre a temática da leitura documentária. Na pesquisa descritiva, buscou-se analisar o *Modus operandi* na realização da leitura técnica em itens de museus, partindo do delineamento do universo profissional de indexadores, e do recorte de espaços museológicos que colaboraram para aplicação deste estudo e que utilizam sistemas de informação, sendo estes: dois espaços museológicos da Região Metropolitana de Belém, um do município do Rio de Janeiro (RJ) e uma instituição de ensino e pesquisa em Shinjuku, em Tóquio, Japão. Para isso, utilizou-se, inicialmente, a aplicação de um questionário semi estruturado, detalhado no subtópico da abordagem descritiva, que buscou delinear as práticas e a proficiência dos profissionais convidados para a pesquisa, e, posteriormente, a aplicação do Protocolo Verbal Individual (PVI) para a obtenção de dados referentes à interpretação e leitura dos museólogos/documentalistas proficientes na Documentação Museológica e na formulação de resumos voltados aos itens museológicos.

Dessa forma, para a realização desta pesquisa, foram selecionados como sujeitos profissionais atuantes nas áreas de Museologia e Documentação Museológica, considerados

proficientes a partir de dois critérios principais: possuir mais de quatro anos de formação na área e demonstrarem experiência consolidada no tratamento documental de acervos museológicos. A escolha dos participantes foi motivada tanto por sua expertise técnica quanto pela disponibilidade e interesse manifestado em participar da pesquisa, o que ocorreu por meio de tratativas extra-acadêmicas, respeitando os princípios éticos de voluntariedade e consentimento informado. Ao todo, participaram do Protocolo Verbal Individual (PVI) quatro profissionais, os quais também responderam ao questionário estruturado, compondo assim um mesmo grupo de análise. A escolha dos museus, por sua vez, decorreu da seleção prévia dos sujeitos, estando vinculada aos locais de atuação dos profissionais convidados, o que garantiu maior viabilidade logística e pertinência institucional à investigação.

À vista desse percurso, apresenta-se duas subseções para o detalhamento metodológico e o alinhamento junto aos objetivos específicos propostos.

4.1.1 Universo e amostra da pesquisa

O universo da presente pesquisa compreende profissionais da Museologia com atuação em instituições museológicas e domínio das práticas de Documentação Museológica, em especial na formulação de resumos descritivos para itens museológicos. A investigação realiza um recorte que visa profissionais de museus de dois espaços museológicos da Região Metropolitana de Belém (PA), um museu da cidade do Rio de Janeiro (RJ), e uma instituição de ensino de Shinjuku, em Tóquio, Japão, sendo estes: o Centro Cultural SESC Ver-o-Peso, o Memorial da Força Aérea Brasileira na Amazônia, o Museu Casa de Rui Barbosa e a Waseda University, respectivamente.

A escolha dos espaços museológicos contemplados se justifica pela intenção de reunir uma amostra diversificada que permita observar práticas documentais museológicas sob diferentes perspectivas culturais, institucionais e geográfica. Essa diversidade possibilita uma análise comparativa que enriquece a compreensão dos processos de leitura, interpretação e elaboração de resumos por parte de profissionais em distintos contextos.

O Centro Cultural SESC Ver-o-Peso é uma instituição cultural que propõe em seu acervo a temática das artes visuais. O espaço conta com esculturas e itens voltados à contemporaneidade, além de uma programação extensa de manifestações culturais. O espaço está associado a rede de instituições pertencentes ao Serviço Social do Comércio (SESC) e está localizado no centro histórico de Belém (PA).

O Memorial da Força Aérea Brasileira na Amazônia é um espaço vinculado ao Comando da Aeronáutica, o qual detém um rico acervo voltado à história da aviação militar no território amazônico brasileiro. Situado em Belém (PA), o espaço contém diversas tipologias de objetos museológicos, entre miniaturas, pinturas, painéis temáticos e itens que marcaram a narrativa histórica de integração da região norte do país.

O Museu Casa de Rui Barbosa, situado no Rio de Janeiro (RJ), compõe o grupo de museus-casa brasileiros, o qual detém coleções históricas voltadas ao jurista, político e intelectual brasileiro Rui Barbosa. O museu-casa preserva tanto a memória de seu importante residente quanto um acervo documental, bibliográfico e museológico. Entre os itens presentes no local, destacam-se cômodos e demais tipologias que retratam o contexto histórico nacional.

A Waseda University é uma instituição de ensino privada que contém programas de pós-graduação voltados à temática informacional e cultural, à nível de mestrado e doutorado, bem como acervos utilizados para a análise histórica e icônica.

4.1.2 Pesquisa Bibliográfica

Conforme exposto por Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica se caracteriza pelo levantamento de obras publicadas no panorama teórico que irão balizar as considerações e discussões presentes em trabalhos científicos. Essa tem por propósito tecer os eixos utilizados para a fundamentação do escopo conceitual e o desenho sistemático do número de citações, relevância e temáticas específicas.

Para Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é essencial para fomentar o estudo científico, a qual sua influência nas etapas metodológicas de levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações, torna a abordagem crítica para a validação de obras e artigos identificados.

Para alcançar o primeiro objetivo específico proposto para a pesquisa – realizar um estudo teórico e metodológico sobre a Leitura Documentária e suas variáveis, a fim de identificar estes componentes na prática museológica e nos instrumentos de pesquisa –, foi inicialmente necessário levantar bibliografias voltadas para a o bojo da Organização do Conhecimento e da Leitura Documentária, sendo estes relacionados aos aspectos teóricos da Museologia e da Documentação Museológica.

Dessa maneira, objetivou-se utilizar o Mapeamento Sistemático de Literatura para o aprofundamento em trabalhos acadêmicos que tratam da leitura documentária no âmbito dos espaços museológicos.

4.1.2.1 Mapeamento Sistemático de Literatura

Conforme Ramires (2022), o Mapeamento Sistemático de Literatura segue uma abordagem semelhante à revisão sistemática de literatura, adotando etapas precisas que asseguram a confiabilidade do trabalho. Embora menos detalhado que uma revisão, o mapeamento se destaca pela sua amplitude. Nesse sentido, é essencial que o estudo inclua protocolos definidos para garantir clareza e consistência na pesquisa, conforme já destacado anteriormente, prevenindo vieses que poderiam comprometer sua credibilidade.

Kitchenham e Charters (2007) descrevem o mapeamento sistemático como uma revisão ampla dos estudos primários disponíveis sobre um tema específico de pesquisa, com o objetivo de identificar a evidência existente nesse campo. Este método constitui uma análise secundária destinada a localizar e classificar a pesquisa relevante dentro de um amplo domínio de estudo.

Em complemento, os autores indicam que para realizar um mapeamento sistemático, são recomendados passos claros: desenvolver um protocolo detalhado, definir a questão de pesquisa de forma precisa, aplicar critérios rigorosos de inclusão/exclusão e conduzir a extração de dados de maneira sistemática. Além disso, é essencial estabelecer uma estratégia de busca eficaz, determinar os tipos de dados a serem extraídos de cada estudo, manter registros precisos dos estudos incluídos e excluídos, seguir diretrizes para a síntese e análise dos dados, e utilizar padrões de relato para garantir a transparência e a replicabilidade do estudo.

O percurso do mapeamento elaborado para a investigação foi baseado no de Ramires (2022), sendo detalhado conforme o Quadro 3, abaixo.

Quadro 3–Sistematização do Mapeamento Sistemático de Literatura

PASSO 1: MAPEAMENTO	
Objetivo	Identificar pesquisas referentes à Leitura Documentária no âmbito da Documentação Museológica, a fim de delinear uma base teórica para a formulação de um modelo teórico-metodológico.

Pergunta Norteadora	Como tem sido abordado a temática da LD no âmbito da Museologia no campo científico da Ciência da Informação?
População selecionada	Resultados de pesquisas e manuais técnicos que contemplem a leitura documentária em ambientes museológicos.
Intervenção	Estudos teórico-metodológicos e aplicados às estratégias de leitura documentária em acervos museológicos.
Controle	Análise descritiva do tema, considerando artigos e livros sobre a temática.
Resultados	Objetiva-se a construção de um modelo teórico-metodológico que oriente a leitura de acervos museológicos, a fim de delinear as estruturas físicas e conceituais e representá-las em ambientes informacionais.
String de busca e termos de busca	<i>“Documentary reading in museums AND Museologist reader”; “Indexing AND Documentary reading”; “Indexing in Museums”; “Museological Documentation”</i>
PASSO 2: DEFINIÇÃO DE FONTES	
Base de dados: SciELO, Portal de Periódicos CAPES, BRAPCI, SCOPUS e <i>Art Documentation</i>	
PASSO 3: DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE FONTES	
Critério de busca	Publicações científicas, disponíveis em texto completo, na área da Ciência da Informação e Museologia relacionados à temática, com o limite temporal de cinco anos (2019 – 2024)
Idioma	Português, espanhol e inglês.
Métodos de seleção	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do título excluindo aqueles que não contribuíram de forma efetiva para essa pesquisa; - Leitura dos resumos dos documentos selecionados; - Aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão; - Leitura do documento completo.
PASSO 4: CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE DOCUMENTOS	

Crítérios de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Publicações científicas disponíveis que contemplem a temática “Estratégias de leitura” e “leitura profissional” e que sistematizam estratégias de leituras direcionadas à prática da Documentação Museológica. - Trabalhos que discutem os termos estabelecidos. - Identificação de pesquisas sobre a leitura documentária no âmbito de espaços museológicos.
Crítérios de exclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Publicações que não contemplem a sistematização das estratégias de leituras direcionadas à prática da Documentação Museológica. - Não estar nos idiomas estabelecidos. - Não abordar ou apenas mencionar a temática de interesse. - O documento completo não está disponível via portal de periódicos, vinculação institucional com a UNESP ou não poder ser localizado com acesso gratuito no ambiente <i>Web</i>.
Tipos de documentos	Artigos de periódicos e livros.
Campos de extração	Modelos de leitura; Leitura Documentária em acervos museológicos; Indexação em acervos museológicos; Descrição de acervos museológicos.
Sumarização dos resultados	Após extrair os dados, as informações foram organizadas de acordo com suas categorias de análise. Agruparam-se resultados similares para facilitar uma análise quantitativa e possibilitar a elaboração de inferências que responderão à questão de pesquisa proposta.

Fonte: Adaptado de Ramires (2022).

Após recuperação dos dados, foram investigadas no corpus das obras possíveis estratégias para a leitura técnica de objetos museológicos. Dessa vez, a escolha pelas plataformas SciELO, Portal de Periódicos CAPES, Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), SCOPUS e o periódico *Art Documentation*, justifica-se pela inclusão abrangente de trabalhos científicos voltados a diferentes domínios. A SciELO, CAPES e SCOPUS fornecem acesso a fontes acadêmicas atualizadas para a construção de um mapeamento sistemático, bem como o acesso de qualidade aos artigos indexados. Ainda assim, as plataformas oferecem pesquisas brasileiras ligadas à Museologia e à Organização do Conhecimento. Dessa maneira, a BRAPCI reforça a realização da pesquisa por se tratar de uma base de dados especificamente voltado à Ciência da Informação, contendo diversos estudos acerca da Leitura Documentária e de investigações museológicas. A escolha pelo periódico americano *Art Documentation: Journal of the Art Libraries Society of North*

America, ligado à Universidade de Chicago, convém ao arcabouço científico do periódico referente às temáticas de documentação, arte e processos museológicos.

Um ponto relevante na realização de investigação foi a necessidade de tradução de *strings* como *Museological Documentation* (Documentação Museológica), visto que os resultados de um único termo, em inglês, recuperavam um número de bibliografias considerável, mas deixava passar outros estudos ligados ao termo em português. Dessa forma, utilizou-se a estratégia em somente uma base de dados, a BRAPCI, por se tratar de um repositório de, majoritariamente, produções brasileiras. Além disso, optou-se por utilizar os termos como *Documentary Reading* e *Documentary Reading In Museums* com o intuito de demarcar a presente pesquisa dentro do corpus teórico internacional da indexação e da leitura documentária, recuperado por palavras-chave predominantes na área. Dessa forma, mesmo que o último *string* citado não obtivesse resultado, este evidenciava a incipiência de projetos abundantes acerca da temática proposta.

Após a aplicação do Mapeamento Sistemático de Literatura, foram tabulados os resultados de pesquisas realizadas nas bases de dados propostas (CAPES, SciELO, BRAPCI, SCOPUS e *Art Documentation*), focando em temas como leitura documentária, indexação e documentação museológica. O Mapeamento sintetizou informações sobre os estudos encontrados, destacando o número total de resultados, aqueles selecionados para análise, o ano das publicações e os resumos dos artigos mais relevantes. As bases de dados representam o universo das publicações consultadas. Por exemplo, enquanto CAPES e BRAPCI fornecem uma grande quantidade de resultados relacionados à documentação museológica, SciELO apresenta contribuições mais específicas, mas menos numerosas. Foram também observados que os resultados esperados pela SCOPUS e *Art Documentation* não atingiram resultados significativos para esta pesquisa.

O Mapeamento também destacou a diferença entre os resultados encontrados e os selecionados. Nem todos os artigos encontrados atendiam aos critérios de relevância para o estudo, o que explica por que algumas bases têm muitos resultados gerais, mas poucos selecionados para análise detalhada. O filtro foi essencial para garantir a qualidade das informações analisadas.

Em resumo, a abordagem metodológica forneceu uma visão estruturada das tendências e desafios na Museologia e na Ciência da Informação, evidenciando a relevância de práticas interdisciplinares e a adoção de novas tecnologias para aprimorar a documentação e

preservação de acervos culturais e científicos, bem como a identificação das interfaces da leitura documentária no ambiente museológico.

Dessa maneira, os resultados do Mapeamento foram organizados em metadados referentes à Base de Dados utilizada, o quantitativo de resultados das estratégias de busca e as bibliografias selecionadas, bem como o ano e autoria, sendo percorridos na próxima seção. Os campos que contêm a informação “NIL” se referem ao termo *nothing in line*, “nada na linha”. Os dados obtidos podem ser conferidos nos seguintes Quadros abaixo:

Quadro 4 - String utilizado: Documentary reading in museums

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (es)
CAPEB	21	0	NIL	NIL
SciELO	1	0	NIL	NIL
BRAPCI	0	0	NIL	NIL
BRAPCI (Leitura documentária em museus)	0	0	NIL	NIL
SCOPUS	0	0	NIL	NIL
Art Documentation	0	0	NIL	NIL

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 - String utilizado: Museologist reader

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (es)
CAPEB	1	0	NIL	NIL
SciELO	0	0	NIL	NIL
BRAPCI	0	0	NIL	NIL
BRAPCI (Leitor Museólogo)	0	0	NIL	NIL
SCOPUS	0	0	NIL	NIL
Art Documentation	0	0	NIL	NIL

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 6 - Strings utilizados: Indexing AND Documentary reading

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (es)
CAPEB	2	0	NIL	NIL
SciELO	3	1. Semiótica e indexação de filmes no Brasil: uma revisão de literatura Brasil	2023	Gatto; Almeida (2023)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 7 - String utilizado: Indexing in Museums

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (es)
CAPES	49	1. Organizing subject access to cultural heritage in Swedish online museums	2021	Golub; Ziolkowski; Zlodi (2021)
		2. Hope in the Archive: Indexing the Natural History Museum's Ecologies of Display	2020	Syperek (2020)
		3. Nomenclature for Museum Cataloging	2020	Dunn; Bourcier (2020)
		4. Provenance as a Knowledge Organization Principle	2019	Tognoli; Guimarães (2019)
SciELO	0	0	NIL	NIL
BRAPCI	2	1. Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia	2021	Carvalho; Fonseca; Redigolo (2021)
BRAPCI (Indexação em museus)	5	1. Proposta teórico-metodológica do tratamento da informação em museus a partir da ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará	2021	Reis; Júnior (2021)
SCOPUS	1	0	NIL	NIL
Art Documentation	0	0	NIL	NIL

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 8 – String utilizado: Museological Documentation

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (res)
CAPES	21	1. Documentação museológica em coleções de Geociências: o caso do Museu Geológico da Bahia	2023	Reis; Mascarenhas; Ballardo (2023)
		2. Documentation of science and technology heritage: a collaboration case between the Federal University of Pará and the Evandro Chagas Institute Museum	2023	Lima; Silva (2023)
		3. Challenges in preservation of functional objects in museological context: the role of documentation in safeguarding of musical instruments collections	2023	Furtado (2023)
		4. A documentação museológica das coleções de ciência e tecnologia em ambiente digital: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins	2021	Santos; Loureiro (2021)
		5. Lacunas informacionais na documentação museológica: uma análise sobre a coleção de Bumba Meu Boi do Maranhão sob a guarda do Museu de Folclore Edison Carneiro	2023	Gomes (2023)
		6. A Experiência da difusão dos acervos dos museus Ibram: a implantação do projeto Tainacan	2021	Oliveira (2021)

SciELO	6	1. El uso del estándar Object ID y del software Tainacan en la documentación museológica: experiencias desde Brasil y México	2021	Reyes et al (2021)
		2. Tipologia textual de Roquette-Pinto no Museu Nacional	2021	Carvalho (2021)
		3. A biografia do objeto: Aporte para o estudo de cultura material no contexto museal	2020	Jesus (2020)
		4. A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa	2019	Almeida; Rangel (2019)
BRAPCI	23	1. Documentação museológica em coleções de Geociências: o caso do Museu Geológico da Bahia	2023	Reis; Mascarenhas; Ballardo (2023)
		2. Escoliose e Cifose de Scheuermann: o trajeto da documentação museológica de coleções arqueológicas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia	2021	Ballardo; Mendonça (2021)
		3. Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia	2021	Carvalho; Fonseca; Redigolo (2021)
		4. O repositório digital do Museu do Instituto Evandro Chagas: resultados da implementação com o Tainacan	2024	Lima <i>et al</i> (2024)
BRAPCI (Documentação Museológica)	24	1. Análise documental na Museologia: um breve exercício de identificação de conceitos	2019	Reis <i>et al</i> (2019)
		2. A interoperabilidade semântica das fichas de catalogação dos museus modernistas Brasileiros	2023	Silva; Padilha (2023)
SCOPUS	0	0	NIL	NIL
Art Documentation	0	0	NIL	NIL

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 9 – String utilizado: *Indexing*

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (es)
BRAPCI	271	1. A indexação do acervo digital de imagens da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin	2022	Maiome; Dias (2022)
		2. Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia	2021	Carvalho; Fonseca; Redigolo (2021)
		3. Metadados descritivos em acervos digitais: um estudo de caso no Acervo de Línguas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi	2024	Vasconcelos; Galúcio (2024)
		4. Descripción de contenido en el procesamiento de las cartas náuticas	2019	Stubbs <i>et al</i> (2019)
		5. Representação de fotografias de arte sacra: aspectos simbólicos	2024	Torres; Maculan (2024)

BRAPCI (Indexação)	264	1. Representação e indexação em acervos museológicos como processos semióticos	2023	Reis; Almeida; Fujita (2023)
		2. Representação temática de imagens: reflexões acerca dos subsídios da indexação manual e do reconhecimento de imagens	2020	Dias (2020)
		3. Indexação de xilogravuras de cordel: uma abordagem sob a perspectiva cognitiva	2019	Santos; Albuquerque; Neves (2019)
		4. Curadoria digital: novos modelos de participação pública na descrição de conteúdos em instituições culturais	2019	Brayner (2019)
SCOPUS	1	0	NIL	NIL
Art Documentation	0	0	NIL	NIL

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10 – String utilizado: Documentary reading

Base	Resultados	Selecionados	Ano	Autor (es)
BRAPCI	73	0	NIL	NIL
BRAPCI (Leitura Documentária)	10	0		
SCOPUS	0	0	NIL	NIL
Art Documentation	0	0	NIL	NIL

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos quadros apresentados, denota-se que mesmo resgatando um número considerável de resultados, estes não eram úteis para pesquisa pois se tratavam de estudos específicos acerca de discussões e modelos de leituras de documentos especificamente textuais, não abrindo espaço para a expansão de debates em documentos paratextuais. Nesse sentido, seguindo os critérios do Mapeamento Sistemático de Literatura, foi elaborada uma discussão dos resultados obtidos, sendo explanados na próxima seção desta Tese.

4.1.3 Pesquisa Descritiva

Para a realização da segunda etapa de investigação da Leitura Documentária no universo museológico, buscou-se compreender de que forma a leitura profissional e a metacognição atuam durante o tratamento informacional dos objetos de museu. Para isso, evidenciou-se a pesquisa descritiva com intuito de retratar as etapas a serem utilizadas.

Segundo Braga (2007), a pesquisa descritiva objetiva identificar um determinado problema ou questão e descrever o comportamento dos fatos e fenômenos. Tognetti (2006)

complementa que o nível descritivo propõe o levantamento de características já estabelecidas, sendo essas componentes de processos, fatos e fenômenos.

Para alcançar os objetivos específicos 2 e 3, foi necessário realizar a construção de um questionário que possibilitasse a captação de informações relacionadas à LD na prática museológica. Nesse sentido, buscou-se delinear etapas para o direcionamento das entrevistas, dividindo o questionário proposto em macro temas para o entendimento das etapas de tratamento informacional a ser conduzido pelo documentalista e sua percepção da leitura técnica. A justificativa para a aplicação do questionário semiestruturado reside na possibilidade de formulação de perfis, o qual uma abordagem que favorece a coleta de informações detalhadas sobre os processos de tratamento informacional realizados nas instituições, bem como as preferências, experiências e interpretações dos profissionais, os quais representam um panorama de ações documentárias no contexto museal. Além disso, as respostas obtidas serão cruzadas junto às demais percepções dos PVI, colaborando na compreensão das estratégias de leitura.

São estes macros temas:

IDENTIFICAÇÃO: coleta os dados de nome, formação e instituição a qual o documentalista está vinculado;

INDEXAÇÃO: identifica o meio de tratamento temático da informação, compreendendo de que forma a indexação é realizada e se são produzidos descritores;

INSTRUMENTO DE PESQUISA: indica qual instrumento de pesquisa é utilizado para o tratamento da informação (ficha catalográfica, ficha de arrolamento etc.); e

VOCABULÁRIO CONTROLADO: identifica se o documentalista utiliza vocabulários controlados no processo de indexação.

Diante desse cenário, o questionário se configura conforme o apresentado no Quadro 11:

Quadro 11 - Estrutura do questionário para a formulação de perfis profissionais

IDENTIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Nome • Formação • Instituição/setor
----------------------	---

INDEXAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • As obras são catalogadas? • Se sim, quais são os padrões utilizados para a realização do tratamento informacional? • O procedimento trata as etapas de identificação, seleção e tradução de conceitos? • São produzidos resumos informacionais (descrição do objeto físico)? • São produzidos descritores temáticos?
INSTRUMENTO DE PESQUISA	<ul style="list-style-type: none"> • São utilizados instrumentos de pesquisa para a realização do tratamento informacional? • Se sim, quais seriam? • Os metadados presentes no instrumento direcionam para a descrição física do objeto? • Os metadados presentes no instrumento direcionam para a descrição temática do objeto?
VOCABULÁRIO CONTROLADO	<ul style="list-style-type: none"> • O museu possui algum vocabulário controlado interno? • Se sim, qual? • Se não, este utiliza algum vocabulário presente no universo museal (Thesaurus para Acervos Museológicos, etc.)?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos macrotemas apresentados no questionário — Identificação, Indexação, Instrumento de Pesquisa e Vocabulário Controlado — foi possível delimitar o perfil e o nível de proficiência dos indexadores participantes da pesquisa. O bloco de Identificação permitiu mapear a formação acadêmica, o tempo de atuação e o vínculo institucional, aspectos essenciais para caracterizar a trajetória profissional e o grau de familiaridade com a Documentação Museológica. Os demais blocos forneceram dados sobre as práticas técnicas adotadas no tratamento temático da informação, como a produção de descritores, o uso de instrumentos normativos e a aplicação de vocabulários controlados, permitindo avaliar o domínio metodológico do indexador. Essas informações foram utilizadas na análise dos dados, especialmente no cruzamento com os resultados do Protocolo Verbal Individual, a fim de compreender como o perfil e a experiência influenciam as estratégias de leitura e descrição adotadas pelos profissionais. É de necessidade ressaltar que a aplicação do vocabulário precedeu o PVI, sendo gravado para a transcrição, discussão e adequação dos dados à luz nas categorias de análise. Com isso, ressalta-se que não houve interação com os participantes durante a realização do protocolo, conforme o percurso detalhado posteriormente.

Por conseguinte, utilizou-se também a observação direta mediante a aplicação do Protocolo Verbal (*Think Aloud*) para a realização da segunda etapa da pesquisa descritiva. Conforme Fujita (1999), o protocolo verbal, ou pensar alto, corresponde ao relato verbal dos processos mentais do indexador. Ao realizar a leitura do documento, o profissional acessa diferentes referências para a construção da de características a fim de representá-las. No que se refere à criação, Fujita (1999) também complementa que a abordagem surgiu na Psicologia, a qual perpassou por invalidações e, posteriormente, evidenciou-se como resposta para o processamento informacional durante a etapa cognitiva.

Tartarotti, Dal'Evedove e Fujita (2017) indicam que o protocolo verbal é uma etapa operacional que visa o registro do relato verbal do documentalista enquanto realiza determinada tarefa. Assim, o modelo de protocolo identifica as limitações profissionais do indexador ao solicitar que esse construa descritores ou relacione as representações informacionais junto a vocabulários controlados. Para mais, considera-se que o pensar alto é uma técnica introspectiva, onde “os leitores verbalizam o conhecimento processual individual para juntos desvendarem a atividade de leitura, ação que viabiliza trocas de informações e reflexões entre os sujeitos participantes” (Tartarotti, Dal'Evedove e Fujita, 2017, p. 43-44).

Bocato e Fujita (2006) afirmam que na área de Ciência da Informação, essa abordagem foi adotada para conduzir estudos experimentais em diferentes campos, como terminologia, recuperação da informação e elaboração de resumos. A técnica introspectiva do protocolo verbal é utilizada em avaliações qualitativas e cognitivas, onde os participantes expressam seus pensamentos em voz alta, fornecendo opiniões e comentários sobre o objeto avaliado.

Para esse estudo, buscou-se especificamente utilizar o Protocolo Verbal Individual (PVI), que viabiliza o entendimento particular do profissional na leitura técnica. Segundo Fujita (2013), o uso do Protocolo Verbal Individual analisa como os bibliotecários catalogadores realizam a tarefa de catalogação de assuntos de livros durante a leitura documentária. O objetivo é identificar em quais partes da estrutura textual os conceitos são identificados.

Por se tratar do universo museológico, a metodologia adequou a inferência do protocolo verbal aos itens de museu, utilizando etapas para a leitura de itens bibliográficos para a percepção de objetos de museu. Nesse sentido, utilizou-se dos procedimentos de Fujita (2013), Bocato e Fujita (2006) e Fujita (1999). Além disso, destaca-se o uso da

operacionalização de Carvalho *et al* (2021), a qual abarca a aplicação do PVI no universo dos museus e acervos universitários.

Dessa forma, o percurso para a realização do PVI teoricamente se organiza da seguinte forma:

Quadro 12 -Percurso da aplicação do Protocolo Verbal Individual

Procedimentos	Etapas	Referências
Pré Procedimentos	Seleção do objeto (texto-base)	Fujita (2013), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Definição do universo de aplicação	Fujita (2013) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Escolha de museólogos/profissionais de museu	Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
Procedimentos que antecedem o PVI (Presencial)	Conversa informal com os sujeitos	Fujita (2013), Boccato e Fujita (2006), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Aplicação do questionário semi estruturado	Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Familiarização com o Protocolo Verbal	Fujita (2013), Boccato e Fujita (2006), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Explicação da tarefa (Descreva o objeto e o significado)	Fujita (2013), Boccato e Fujita (2006), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
Procedimentos durante o PVI (Presencial)	Gravação do pensar alto	Fujita (2013), Boccato e Fujita (2006), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
Procedimentos pós PVI (Presencial + Laboratório)	Entrevista retrospectiva	Boccato e Fujita (2006), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Transcrição e leitura dos dados	Fujita (2013), Boccato e Fujita (2006), Fujita (1999) e Carvalho <i>et al</i> (2021)
	Construção de categorias de análise	Fujita (2013) e Carvalho <i>et al</i> (2021)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Isto posto, ressalta-se a etapa da **explicação da tarefa**, onde originalmente seja solicitado aos catalogadores que realizassem a catalogação original de um livro, tese ou dissertação, utilizando os registros bibliográficos em suas diversas formas (Fujita, 2013). No procedimento a ser utilizado, a explicação objetivou também induzir o processo leitura com

balizas que direcionassem os documentalistas para o esclarecimento de padrões e perspectivas a serem discutidos na **entrevista retrospectiva** e na **construção de categorias de análise**.

Essa proposta justifica-se pelo esclarecimento de um roteiro para a leitura do objeto, visto que a compreensão de textos indexados segue a estrutura bibliográfica, ou seja, o caminho cognitivo identifica introduções, desenvolvimentos, objetivos propostos e considerações. Direcionar os museólogos na percepção do físico e do significado colabora para o entendimento das estratégias de metacognição, relativizando as esferas do objeto museológico e realçando o parecer mental de profissionais acerca destes mesmos objetos enquadrados no cenário comum e na realidade expositiva de espaços museológicos, ou seja, como são vistos quando residem nos museus.

Carvalho *et al* (2021) delimitam o processo de análise dos dados coletados durante o PVI para discussão. As categorias indicadas procuram mapear o *modus operandi* do profissional no ambiente museológico, com base em obras da área, traçando caminhos para a construção do modelo teórico-metodológico de leitura documentária na prática da documentação museológica.

4.1.3.1 Aplicação do PVI para coleta de dados e formulação de categorias de análise

Conforme indicado anteriormente, a aplicação do Protocolo Individual refere-se a uma técnica introspectiva, a qual registra o processo de leitura de objetos, sejam bibliográficos ou museológicos, buscando compreender as estratégias utilizadas para a interpretação através de indexadores proficientes.

Nesta pesquisa, buscou-se basear a aplicação do PVI no estudo de Reis (2019) e Redigolo (2014), as quais definem etapas objetivas presentes no ambiente da representação informacional. Nesse sentido, o percurso de coleta de dados foi delineado da seguinte forma:

1. Procedimentos anteriores à coleta de dados:

- **Seleção do texto-base:** Por se tratar do domínio museológico, a seleção do texto-base se configurou pela escolha de um objeto presente no acervo do espaço museológico, sendo definido pela temática que a instituição possui, contendo informações contextuais atreladas à história, estilo e significado para o local.
- **Seleção dos sujeitos:** A etapa foi iniciada pela identificação de museólogos, ou documentalistas, que realizam a Documentação Museológica dos itens. Nesse

sentido, buscou-se induzir os participantes ao questionário semiestruturado, a fim de delinear o perfil profissional, a expertise dos sujeitos e suas aproximações com os acervos. Nesta pesquisa, os participantes sujeitaram-se à assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Anexo C).

- **Conversa informal com o sujeito:** Na etapa, foi solicitado aos participantes que compartilhassem dúvidas e esclarecimentos referentes ao procedimento. Com isso, foi realizada a explicação do PVI, direcionando os sujeitos à ciência da gravação, da necessidade do pensar alto durante a indexação dos objetos e outras etapas realizadas no processo. Para a realização, foi utilizado somente um item para a catalogação.
- **Familiarização com a tarefa do Pensar Alto:** Foi solicitado que os participantes realizassem a análise de um objeto inicial proposto pelo pesquisador deste estudo. A tarefa buscou aproximar os sujeitos à necessidade de exteriorizar o procedimento. Houve interação moderada por parte do aplicador, além da instrução da etapa por meio de bibliografias retiradas de Nardi (1993) e Carvalho *et al* (2021) (Anexo A).

2. Procedimentos durante a coleta de dados:

- **Gravação do Pensar Alto, durante a leitura:** Foram gravados apontamentos dos documentalistas durante o processo de indexação dos itens museológicos, sem interação por parte do aplicador. No processo, foram anotadas observações acerca de dúvidas e expressões faciais.

3. Procedimentos posteriores à coleta de dados:

- **Entrevista retrospectiva:** A etapa objetivou reiterar algumas observações durante a aplicação do PVI. Para isso, foi elaborado um roteiro (Anexo B) que pudesse esclarecer quais foram as dúvidas e complexidades identificadas durante o processo de leitura do objeto. A etapa de entrevista retrospectiva é optativa, todavia, destaca-se a necessidade desta para compreender a forma que o museólogo observa e constrói suas estratégias durante a catalogação.
- **Transcrições literais das gravações:** Na última etapa do PVI utilizada a este estudo, foi realizada a transcrição do Pensar Alto dos participantes, a qual descreveu na íntegra os comentários durante a indexação.

Após a coleta de dados por meio do PVI, realizou-se uma abordagem qualitativa para o tratamento das informações transcritas. Nesse sentido, foram formuladas categorias de análise que pudessem setorizar o entendimento da leitura documentária dos sujeitos. As categorias de análise seguiram os pressupostos apontados na Fundamentação Teórica desta investigação.

Nesse sentido, com base nos tópicos presentes na Fundamentação Teórica deste estudo, foram formuladas as seguintes categorias de análise:

1. Categoria de Análise 1 – Estrutura física do objeto: analisa como o profissional identifica o objeto e sua função primária, etapa criativa oriunda da experiência de mundo e conhecimentos anteriores. Categoria baseada na seção “Leitura no processo de representação de objetos museológicos” e nos subtópicos “Texto” e “Objeto museológico”.

2. Categoria de Análise 2 – Significado: analisa como o documentalista indica o significado do objeto, com base em premissas e conhecimento de mundo. A categoria observa a importância de inclusão do museólogo em seu domínio específico, o qual, com base nisso, irá indicar o que significa e como se enquadra a temática da instituição museológica. Categoria baseada no subtópicos nos “Contexto”, no tópico “Documentação Museológica”, “Objeto museológico” e “Apontamentos semióticos na leitura documentária em acervos museológicos”. A categoria também abarca a entrevista retrospectiva, a qual colabora para a delimitação do significado do item.

3. Categoria de Análise 3 – Descrição do item: analisa a compreensão do item e processo de descrição, a qual identifica relutâncias e dúvidas na documentação. A categoria pode indicar, caso exista, equívocos na catalogação do objeto. Analisa a noção geral e proficiência do documentalista ao produzir o resumo e o entendimento geral da peça. Categoria nos subtópicos “Modelos de Leitura Documentária” e “Documentação Museológica”.

4. Categoria de Análise 4 – Tradução do item: analisa os processos finais da indexação de acervos museológicos, verificando o uso de linguagens naturais e a tradução destas em linguagens documentárias. Este cenário identifica a busca por Thesaurus e outros instrumentos para a indexação de termos presentes no âmbito museológico. Categoria baseada no tópico “Documentação Museológica”.

5. Categoria de Análise 5 – Grau de maturidade do sujeito como leitor: baseada em Kato (1995), a categoria analisa como a prática de leitura é direcionada pelos participantes do

PVI. Nesse sentido, busca-se observar as estratégias de leitura utilizadas pelo leitor, conforme os subtópicos “Leitor”, “Modelos de leitura documentária”, “Documentação Museológica” e “Pesquisa Descritiva”, presente na abordagem metodológica da pesquisa. Essa última colaborou para refletir os dados obtidos no questionário aplicado, bem como expor possíveis padrões na atuação profissional.

Na análise das transcrições, foram utilizadas as categorias para realçar o fenômeno de leitura documentária em objetos museológicos. A abordagem metodológica buscou observar as estratégias metacognitivas utilizadas na análise de acervos, sendo aplicada em um recorte específico visto no próximo subitem.

4.1.4 Aplicação de Protocolo Verbal Individual

Para a realização do PVI, foi necessário primeiramente realizar a aplicação de forma experimental, buscando familiarizar as etapas necessárias do protocolo junto ao pesquisador deste estudo. O objetivo do experimento foi identificar possíveis falhas e lacunas na obtenção dos dados e na transcrição do processo. Além disso, o momento visou otimizar a aplicação do protocolo e as primeiras impressões relativas ao questionário formulado.

A aplicação foi acompanhada pela Professora Doutora Mariângela Spotti Lopes Fujita, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), a qual possui ampla experiência nos assuntos de indexação, leitura documentária e Protocolo Verbal. A escolha justifica-se pela orientação deste estudo e pela expertise da pesquisadora no âmbito da Organização do Conhecimento, especificamente na identificação das variáveis da LD por meio da abordagem do protocolo verbal, além de orientar as etapas de aplicadores iniciantes, principalmente no âmbito museológico.

A orientação ocorreu de forma remota, através da plataforma *Google Meets*, e contou com a presença de quatro museólogos proficientes e experientes na descrição de acervos museológicos e elaboração de fichas catalográficas, denominados nesta pesquisa como **Participante A, B, C e D**. O perfil dos participantes denota a aproximação junto às orientações de catalogação de objetos museológicos, possuindo participações em projetos de pesquisa voltados à esfera da Documentação Museológica. À vista disso, a escolha dos participantes é corroborada pela experiência na gestão de acervos iconográficos e históricos, os quais obtiveram êxito na construção de panoramas informacionais voltados não somente à forma física dos objetos, mas também ao amplo conceito que os mesmos possuíam.

A aplicação foi gravada pelo recurso da plataforma, sendo iniciada pelas orientações gerais referentes à pesquisa, a necessidade da obtenção dos dados e os passos futuros do estudo. O roteiro seguiu o que preconiza os subitens anteriores, dando sequência a utilização do questionário semiestruturado para a constituição do perfil dos participantes, identificando seu percurso para a descrição museológica.

À vista disso, foi indicado aos participantes que escolhessem um objeto cultural de preferência e realizassem a descrição e a indicação do significado do objeto em voz alta, sendo direcionados a afirmarem dúvidas e lacunas no processo de interpretação e leitura do item. Os resultados foram obtidos conforme o apresentado nas seções subsequentes desta pesquisa.

Para um melhor entendimento do processo de observação e interpretação dos objetos museológicos durante a descrição dos itens, buscou-se selecionar para os experimentos profissionais proficientes, que utilizassem estratégias bem definidas para a extração de conceitos e da forma do objeto catalogado. Nesse sentido, foram identificados dois participantes, ambos experientes na prática de Documentação Museológica, e entendedores do processo de indexação e de representação informacional de assuntos.

Após o envio de um convite formal, via *e-mail*, aos participantes, bem como o aceite destes, as sessões foram marcadas em dias distintos, por meio da ferramenta virtual *Google Meets*. O critério utilizado para marcação das datas foi o de consentimento para a assinatura de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e a disponibilidade para realização da entrevista seguindo as instruções enviadas anteriormente. O processo foi gravado na plataforma e transcrito posteriormente.

Antes da aplicação do PVI, foi realizada uma conversa informal que buscou esclarecer os objetivos da pesquisa e a expectativa durante a coleta de dados. Para além, a etapa também elucidou sobre as práticas realizadas no universo museológico e a troca de experiências na Documentação Museológica. A conversa informal foi de importância para a familiarização do participante acerca do Protocolo Verbal, da Leitura Documentária e da própria Ciência da Informação, visto que alguns assuntos abordados não eram de conhecimento dos entrevistados.

Durante o PVI, foi realizada a aplicação do questionário semiestruturado com intuito de formar perfis de conhecimento e identificar estratégias utilizadas durante o processo de descrição do item museológico. As perguntas direcionaram os entrevistados a buscarem

delinear etapas da catalogação de acervo e os passos para a tradução das informações em descritores temáticos. À vista disso, os perfis foram estruturados da seguinte forma:

- **Participante A:** Efetivo do Centro Cultural SESC Ver-o-Peso, na Região Metropolitana de Belém (PA); o acervo em que atua contém obras catalogadas; utiliza de diversos padrões técnicos para a identificação e seleção de conceitos dos itens museológicos; produz resumos informacionais (descrição física e temática do objeto); utilizada da ficha catalográfica para o direcionamento da descrição; e utiliza o Tesauros de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros, para a tradução de conceitos.
- **Participante B:** Estudante de Doutorado na Waseda University, em Tóquio, Japão; o acervo em que atua não contém um número considerável de obras catalogadas; atualmente utiliza de diversos padrões técnicos para a identificação e seleção de conceitos dos itens museológicos; produz resumos informacionais (descrição física e temática do objeto); utilizada da ficha catalográfica para o direcionamento da descrição; e utiliza o Thesaurus para Acervos Museológicos, de 1987, para a tradução de conceitos, e o Modelo Conceitual CIDOC CRM³ para a associação de assuntos.
- **Participante C:** Efetivo do Museu Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (RJ); os acervos em que atua encontram-se catalogados; atualmente utiliza de padrões técnicos e metodologias próprias para a identificação e seleção de conceitos dos itens museológicos, com o apoio das normas propostas pelo CIDOC/ICOM; produz resumos informacionais (descrição física e temática do objeto); utilizada da ficha catalográfica para o direcionamento da descrição; e utiliza o Thesaurus para Acervos Museológicos, para a tradução de conceitos.
- **Participante D:** Efetivo do Memorial da Força Aérea Brasileira na Amazônia, em Belém (PA); o acervo em que atua contém obras devidamente catalogadas; utiliza padrões técnicos de descrição, identificação e seleção de conceitos previstos em regulamentação interna do Comando da Aeronáutica; produz resumos informacionais (descrição física e temática do objeto); utiliza da ficha

³ O CIDOC CRM é um modelo conceitual de referência voltado para instituições e acervos museológicos, no qual objetiva integrar, representar e relacionar objetos de museu à variadas fontes culturais por meio de entidades e de propriedades presentes na arquitetura de metadados.

catalográfica para o direcionamento da descrição; e utiliza um tesouro interno para a tradução de conceitos relacionados aos itens.

Denota-se a proximidade de estratégias para a realização da descrição dos itens museológicos, no que tange principalmente a utilização de instrumentos de pesquisa, como a ficha catalográfica, para o direcionamento de leitura do objeto.

Após a aplicação do Protocolo Verbal Individual, buscou-se evidenciar possíveis dúvidas durante a leitura do objeto. Para isso, a entrevista retrospectiva foi utilizada no PVI para ressaltar os procedimentos utilizados e a sequência de pensamento durante a interpretação do item, podendo ser visualizada nas transcrições e sinalizada nos dados discutidos nas categorias de análise. Ou seja, após o processo de leitura sem a interação do pesquisador, foram apresentados aos participantes questionamentos sobre possíveis dúvidas no procedimento de descrição. No processo, apresentaram-se questionamentos quanto ao significado e uso atual do objeto no processo de tradução do conceito, sendo estes rapidamente resolvidos pelos participantes ao ativarem a interface de contexto durante a descrição. Entretanto, as considerações acerca do entendimento dos itens foram diretas e expressivas.

Como afirmado anteriormente, o processo de aplicação do PVI foi gravado e transcrito, por conseguinte. O intuito foi de utilizar os depoimentos de descrição para serem analisados e categorizá-los conforme o proposto pelas classificações elaboradas no percurso metodológico da pesquisa.

Em suma, a análise dos resultados da pesquisa foi estruturada em três etapas principais, distribuídas nos capítulos subsequentes deste trabalho. Primeiramente, apresenta-se a análise dos dados obtidos por meio do Mapeamento Sistemático de Literatura, cujo objetivo foi identificar e sistematizar o estado da arte sobre leitura documentária, indexação de imagens e documentação museológica, oferecendo uma base teórica consolidada para o desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, é apresentada a análise das falas coletadas por meio do Protocolo Verbal Individual, cuja abordagem qualitativa permitiu compreender as estratégias cognitivas, percepções e práticas adotadas por documentalistas e museólogos durante a leitura e descrição de objetos museológicos.

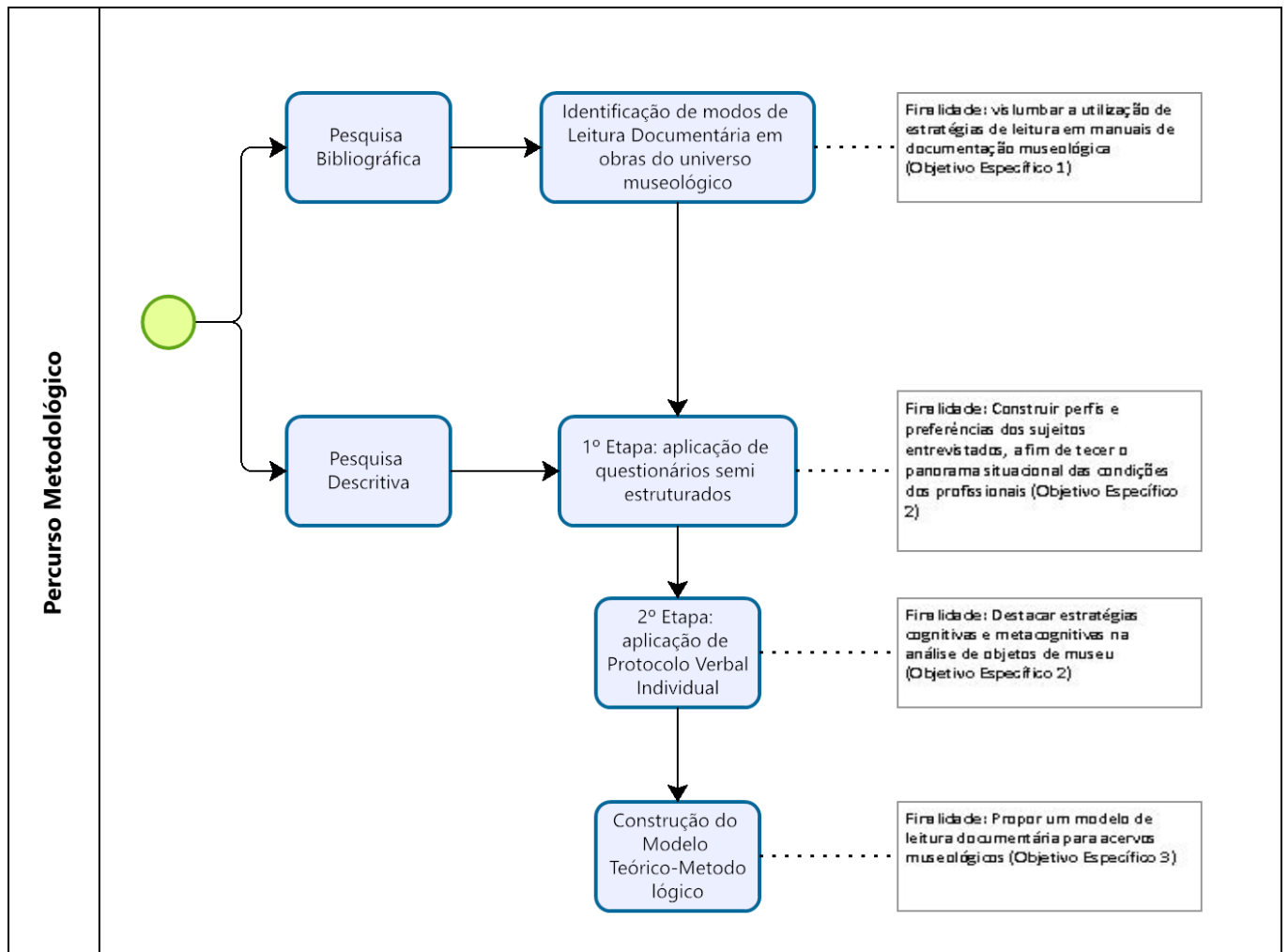
A partir da triangulação dos resultados obtidos nessas duas etapas — teórica e empírica —, foram extraídos subsídios para a formulação de um modelo de leitura documentária voltado especificamente para objetos museológicos. Esse modelo foi desenvolvido à luz dos

desafios identificados nas práticas de leitura e indexação, bem como das lacunas e potencialidades apontadas pelos sujeitos da pesquisa. Assim, o modelo proposto busca articular os fundamentos conceituais da leitura documentária com a prática profissional no contexto museológico, contribuindo para o aprimoramento dos processos de descrição e representação da informação de itens museológicos.

4.1.5 Sistematização

Considerando os apontamentos propostos, sistematizou-se o percurso metodológico da seguinte forma (Figura 4):

Figura 4 - Sistematização da abordagem metodológica



Fonte: Elaborada pelo autor.

5 DISCUSSÃO TEÓRICA DA LITERATURA SOBRE A COMPREENSÃO DA LEITURA PROFISSIONAL NA ESFERA MUSEAL

A presente seção versa sobre o estado da arte das estratégias de leitura documentária em espaços museológicos, oriundas de pesquisas acadêmicas voltadas aos assuntos de leitura documentária, indexação e documentação museológica. Para a realização desta seção, foi proposto um Mapeamento Sistemático de Literatura, detalhado na seção metodológica deste trabalho, o qual identificou estudos de caso e reflexões de modos de descrição e análise de assunto, processos que abarcam a leitura técnica de objetos de museu.

As estratégias de buscas propuseram *strings* referentes ao universo documentário em museus e à leitura documentária, utilizando um recorte temporal de 2019 a 2024. Foram recuperados 778 resultados e selecionados 29 artigos que se adequassem aos critérios de inclusão, os quais foram detalhados e discutidos na presente seção.

Considerando o objeto museológico enquanto recurso informacional composto de interfaces munidas de informações paratextuais, a leitura documentária de itens de museu deve propor um caminho claro e conciso para a identificação e seleção de conceitos, através de padrões e regras que facilitem a observação do objeto e a máxima extração do conteúdo. Para isso, precisamos refletir de que modo são realizadas as tarefas de documentação e indexação de itens museológicos, perpassando por indicações presentes nos estudos escolhidos.

Nesse sentido, foi de necessidade organizar os estudos explicitados em categorias, a fim de serem analisados elementos que auxiliarão na proposta teórico-metodológica desta pesquisa. Essa análise de categorias foi estruturada considerando aspectos conceituais, metodológicos e práticos relacionados à leitura documentária em museus, localizados no Mapeamento Sistemático de Literatura. Para a definição das categorias, adotaram-se os seguintes critérios: presença dos tópicos mais relatados no mapeamento bibliográfico; relações conceituais entre o pensamento museológico e a leitura documentária; e a contribuição para a compreensão dos processos de leitura e interpretação de objetos museológicos.

A formação das categorias partiu da revisão bibliográfica, que permitiu identificar e agrupar os principais eixos temáticos discutidos na literatura especializada. Além disso, a análise foi realizada com base em uma abordagem qualitativa, de modo a compreender as

diferentes dimensões envolvidas no processo de leitura documentária em museus. Dessa forma, as categorias estruturadas são: 1. Fundamentos para a realização da leitura documentária em museus; 2. Estratégias e métodos de leitura documentária de objetos museológicos; 3. Participação e conhecimentos comunitários na realização da leitura documentária em museus; e 4. Desafios na realização da observação e leitura dos objetos museológicos.

As subseções a seguir destacam a relevância das obras abordadas e implicações para esta pesquisa, em alinhamento com as categorias propostas.

5.1 Fundamentos para a realização da leitura documentária em museus

Essa subseção compreende os princípios teóricos e metodológicos que embasam a leitura documentária de objetos museológicos, delimitando fundamentos voltados à pesquisa prévia, proveniência e análise crítica dos itens de museu. Foi possível identificar quatro artigos centrados na fundamentação do contexto museológico para a realização da leitura profissional, sendo estes: Syperek (2020), Jesus (2020), Reis, Almeida e Fujita (2023) e Reis, Mascarenhas e Ballardo (2023).

No artigo *Hope in the Archive: Indexing the Natural History Museum's Ecologies of Display*, de Syperek (2020), a autora realça o papel da pesquisa prévia e de correção nas narrativas museológicas, dando ênfase nos museus de ciências, como o Museu de História Natural de Londres. Syperek (2020) aponta que as exposições de história natural precisam proporcionar um espaço para a diversidade de formas de ser e de saber, que reconheçam tanto o mundo multiespécie quanto os contextos históricos das exposições, levando em consideração, assim, a instabilidade da representação. Dessa forma, delineia-se o cuidado no processo de indexação do assunto, respeitando o contexto sócio histórico dos itens.

Direcionando a discussão da leitura documentária, o artigo apresenta o fundamento da pesquisa e do conhecimento prévio dos indexadores, principalmente no contexto dos debates eurocêntricos junto à perspectiva decolonial. Syperek (2020) também indica a importância da estrutura e a missão da instituição, elementos que refletem em todo o processo de representação informacional. Em suma, a leitura técnica proposta pelo indexador deve respeitar a proposta institucional, a qual esta deverá refletir seu papel social e propor correções e reinvenções em seu discurso oriundo de pesquisas participativas. Nesse sentido, uma norma para o leitor de museu, o museólogo, é que este precisa possuir conhecimento

atualizado sobre o contexto social do item, suas interfaces históricas e representativas, obedecendo sua gênese e regras de produção. Dessa forma, denota-se uma leitura introspectiva crítica, contextualizada e informada, que reconheça as dimensões históricas, sociais e culturais das coleções e que seja capaz de propor e implementar mudanças no discurso museológico, em consonância com as demandas de grupos sociais.

No universo museológico, a leitura documentária encontra no fundamento da proveniência uma base essencial para sua interpretação contextualizada. O princípio permite compreender não apenas a origem do objeto, mas também sua trajetória histórica, os agentes envolvidos em sua produção, uso e preservação, e as relações que ele estabelece com outros itens da coleção. Assim, o objeto museológico é analisado em seu contexto cultural, social e funcional, valorizando seu papel como testemunho material de práticas e narrativas específicas. Além de assegurar a autenticidade e confiabilidade das informações associadas ao objeto, a proveniência enriquece a leitura documentária ao situá-la em redes de significado que dialogam com diferentes perspectivas disciplinares, ampliando sua relevância para a memória e representação cultural. Dessa maneira, o fundamento da proveniência insere-se como balizador de questionamentos quanto à gênese, para a formação de modelos de leitura documentária de itens museológicos.

Corroborando esse fundamento, o estudo “A biografia do objeto: Aporte para o estudo de cultura material no contexto museal”, de Jesus (2020, p. 145), amplia a discussão ao apontar a importância da investigação da biografia do objeto, a proveniência, que “investiga e mostra os rastros deixados por determinado objeto ao longo da história, seja por meio daqueles que o utilizaram, como o utilizaram, como chegaram ao museu e sua trajetória dentro do museu”. Diante disso, a autora considera que o leitor no ato da indexação compreende a gênese do item analisado, mediante questionamentos realizados à luz da existência do artefato.

Para mais, a questão da análise crítica durante a leitura fundamenta a realização da observação dos objetos museológicos. No texto “Representação e indexação em acervos museológicos como processos semióticos”, de Reis, Almeida e Fujita (2023), reflete que o processo de leitura se relaciona à Semiótica, o qual é interpretado como um processo interpretativo essencial, especialmente no contexto de itens de museu. Diferentemente da leitura tradicional, centrada na decodificação textual, a leitura no âmbito semiótico envolve a interpretação dos signos presentes nos objetos, considerando suas características físicas,

contextos históricos e significados culturais. Para mais, a leitura museológica é ampliada pela fenomenologia, que analisa os fenômenos apresentados à mente, tanto de origem natural quanto mental, permitindo compreender a experiência de interação com os objetos. O museólogo, ao "ler" um item, utiliza vocabulários controlados para categorizar e organizar a informação, mas enfrenta o desafio de lidar com a pluralidade de significados e a subjetividade envolvida na interpretação. Assim, a leitura é vista como um ato dinâmico, inferencial e crítico, que integra percepções individuais e referenciais normativos, sendo indispensável para a representação e indexação dos acervos.

Questões como a atuação multidisciplinar reflete diretamente na visualização de fundamentos relacionados à leitura profissional na Museologia. Em “Documentação museológica em coleções de Geociências: o caso do Museu Geológico da Bahia”, de Reis, Mascarenhas e Ballardo (2023), denota-se a importância do museólogo na participação de elaborações de procedimentos, principalmente àqueles que o profissional não possui formação acadêmica, como acervos geocientíficos. Conforme os autores, para a realização de uma documentação museológica, e da própria leitura dos itens, é de necessidade recorrer a uma participação multidisciplinar entre diferentes profissionais, visto que conhecer apenas a tipologia do acervo não é o suficiente, “pois as informações inseridas em cada documento de um objeto podem tornar-se permanentemente contínuas, e cada peça de um acervo pode ser, a qualquer momento, pesquisada, causando a inserção de novas descobertas” (Reis; Mascarenhas; Ballardo, 2023, p. 267). Em suma, o estudo indica possibilidades voltadas ao aprendizado e colaboração para balizar uma leitura proficiente de diferentes itens, como de rochas e objetos variados. Cabe ao indexador possuir conhecimento da temática da instituição e de suas coleções, a fim de corroborar a leitura proficiente dos itens. Caso não seja possível, o indexador deverá propor uma catalogação conjunta, junto a especialistas que possam colaborar com a análise de assunto.

Em síntese, a presente categoria realça que a pesquisa prévia e a correção das narrativas são essenciais para a representação museológica, garantindo que exposições de diferentes narrativas reconheçam a diversidade de formas de ser e de saber. Nesse sentido, a indexação deve considerar o contexto sociocultural dos itens, promovendo uma abordagem crítica e atualizada. O princípio da proveniência é fundamental na leitura documentária, pois permite compreender a origem, trajetória e significados dos objetos museológicos. A investigação da biografia dos itens complementa esse processo ao rastrear seus usos e percursos históricos, proporcionando uma indexação mais aprofundada. A interpretação dos objetos no contexto

museológico envolve a semiótica, que vai além da simples leitura textual, analisando signos e significados culturais. A fenomenologia amplia essa perspectiva ao considerar a experiência de interação com os itens, destacando a subjetividade e a pluralidade de sentidos na organização das informações.

Por fim, destaca-se também a atuação multidisciplinar como indispensável na documentação museológica, especialmente em acervos especializados, como os de geociências. A colaboração entre especialistas possibilita um processo contínuo de atualização e refinamento da catalogação, assegurando uma leitura mais precisa e informada dos itens museológicos.

5.2 Estratégias e métodos da leitura documentária de objetos museológicos

A subseção analisa os procedimentos técnicos e metodológicos aplicados na leitura documentária, como análises tipológicas, materiais, funcionais e simbólicas dos objetos. Foi possível identificar dezesseis artigos centrados nas estratégias localizadas para a leitura e observação dos itens de museu, sendo estes: Almeida e Rangel (2019), Maimone e Dias (2022), Torres e Maculan (2024), Reis *et al* (2019), Gatto e Almeida (2023), Dunn e Bourcier (2020), Santos e Loureiro (2021), Oliveira (2021), Lima *et al* (2024), Lima e Silva (2023), Reyes *et al* (2021), Tognoli e Guimarães (2019), Dias (2020), Stubbs *et al* (2019), Reis e Júnior (2021) e Santos, Albuquerque e Neves (2019).

No que se refere à existência da prática da leitura documentária de itens museológicos propriamente executadas, o estudo “A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa”, de Almeida e Rangel (2019), nos apresenta uma das primeiras recomendações para a leitura técnica de itens museológicos, sendo estes caracterizados como móveis, além de se referenciar a atividade introspectiva como “leitura e observação”. No texto, as autoras realçam que

A primeira etapa é auxiliada por um questionário de leitura do cômodo-objeto, que contém perguntas que estimulam o pesquisador a observar com atenção o espaço, direcionando sua atenção para aspectos relacionados aos materiais constitutivos, objetos dispostos no cômodo, técnicas de construção, estilos decorativos, trajetória de usos e funções dos compartimentos. Este questionário deve ser preenchido a partir das percepções do pesquisador, sem a obrigatoriedade do estudo anterior de referências, e por este motivo não precisa ser respondido por completo. O objetivo é exercitar a observação atenta do cômodo-objeto, compreendendo-o como documento do qual é possível extrair informações. Estes dados orientarão as outras fases da metodologia (Almeida; Rangel, 2019, p. 35-36, grifo nosso).

A passagem se refere à etapa de uma metodologia de documentação de itens mobiliários, que pauta a importância da leitura e observação dos objetos, através de um roteiro definido por questionamentos acerca dos materiais, símbolos grafados e função. A reflexão apresentada pode ser ampliada ao relacionar a análise dos materiais e técnicas de construção com o conceito de leitura documentária. A observação detalhada dos materiais constitutivos de cada cômodo e das técnicas empregadas na construção permite não apenas elaborar uma descrição física, mas também interpretar o contexto histórico e cultural em que essas estruturas foram criadas. Assim, os materiais e as técnicas de construção podem ser vistos como portadores de informações que revelam questões culturais, disponibilidade de recursos, conhecimentos técnicos e condições geográficas de uma determinada época. O estudo das técnicas de fabricação, por exemplo, torna-se uma leitura das práticas e saberes humanos em interação com o ambiente, algo que precisa ser contextualizado para ser compreendido (Almeida; Rangel, 2019). Dessa forma, o leitor observa em seu roteiro as condições físicas do objeto, delineando um diagnóstico durante a observação. Por fim, o estudo discute uma possibilidade de aplicação da leitura documentária em itens museológicos, especificamente ao acervo mobiliário, e evoca o princípio da roteirização.

Reforçando a roteirização durante a indexação, e correlacionando ao fundamento da proveniência, o artigo *Some Issues in the Indexing of Images*, de Layne (1994), constitui uma reflexão teórica abrangente sobre os desafios intelectuais envolvidos na indexação de imagens, propondo que tal atividade deve proporcionar acesso não apenas a imagens individuais, mas também a agrupamentos úteis baseados em atributos compartilhados. A autora argumenta que a indexação eficaz de imagens depende do reconhecimento de quatro categorias principais de atributos: biográficos, de conteúdo (*subject*), exemplificativos e relacionais. Ela destaca que, diferentemente do texto, a imagem comunica por meio de representação visual, sendo, portanto, passível de múltiplas interpretações e exigindo abordagens específicas para a descrição de seu conteúdo. As distinções entre o que uma imagem é “de” (*of*), “sobre” (*about*) e aquilo que ela exemplifica são centrais na construção de representações. Layne também aborda o problema da subjetividade na atribuição de significados às imagens e a consequente baixa consistência entre indexadores, apontando para a necessidade de um equilíbrio entre o tratamento descritivo padronizado e a interpretação sociocultural do contexto. Outro ponto relevante discutido é a importância de fornecer acesso a agrupamentos visuais, o que permite ao usuário explorar coleções de forma mais intuitiva e

eficiente, especialmente em casos em que os critérios de busca não são facilmente verbalizáveis.

Em complemento, Maimone e Dias (2022) evidenciam a proposta de um modelo metodológico integrado para a análise e indexação de imagens fotográficas, elaborado por Manini (2002), combinando diferentes perspectivas teóricas em uma abordagem estruturada. Essa metodologia de observação visa aprofundar a compreensão da forma como a imagem comunica suas informações, explorando aspectos técnicos e estilísticos. Na obra “A indexação do acervo digital de imagens da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin”, das referidas autoras, é indicado que a análise de uma fotografia pode ser organizada em três níveis. O primeiro nível, a descrição, está relacionado ao “DE Genérico”, que busca responder às perguntas “Quem?”, “O Que?”, “Onde?”, “Quando?” e “Como?”, de maneira geral, com base nos elementos visíveis da imagem. O segundo nível, a análise, concentra-se no “DE Específico”, abordando as mesmas questões, mas com um foco interpretativo, explorando os detalhes e o contexto daquilo que a fotografia representa. O terceiro nível, por sua vez, refere-se ao “Sobre”, que trata do significado da imagem, investigando suas dimensões culturais, simbólicas e subjetivas. Essa prática de roteirização é essencial para garantir a consistência informacional e deve seguir uma relação de perguntas e respostas no decorrer da leitura e observação (Maimone; Dias, 2022).

Outro enfoque relevante para a roteirização da leitura é a elaboração de metodologias e instrumentos que contemplem a observação direta do item. No texto “Representação de fotografias de arte sacra: aspectos simbólicos”, de Torres e Maculan (2024), é considerado que o apoio de um instrumento de pesquisa viabiliza a orientação de leitura e observação do item, podendo captar emoções e simbologias através de interrogações relativas à “Quem/Como?”, “Onde?” e “Quando?”. Para as autoras, essas informações são localizadas em itens como fotografias e pinturas, e os questionamentos captam “todos os aspectos relevantes desse tipo documental: aspectos intrínsecos, extrínsecos, técnicos e visuais, e interpretativos e simbólicos” (Torres, Maculan, 2024, p. 13).

Nessa discussão referente à roteirização que influencia a forma de observação e leitura dos itens museológicos, Reis *et al* (2019) refletem sobre a presença da leitura técnica no ambiente museológico, por meio da visualização de “setores” do documento de museu, abordando também possibilidades no processo de documentação museológica. No texto “Análise Documental na Museologia: um breve exercício de identificação de conceitos” é

abordado que com base em experiências adquiridas pelo museólogo durante o procedimento de descrição, a leitura profissional dos objetos é realizada pela observação de detalhes da obra, “começando pela parte superior, até a inferior, seguindo pela esquerda até a direita” (Reis *et al*, 2019, p. 98). Essa recomendação infere ao leitor/indexador um roteiro de observação e pode padronizar a estrutura de representações documentárias em instrumentos de pesquisas e repositórios.

Inserindo a questão do conhecimento prévio para a compreensão do conteúdo, estratégia cabível para a leitura de itens de museu, o artigo “Semiótica e indexação de filmes no Brasil: uma revisão de literatura”, de Gatto e Almeida (2023), caracteriza passos para a leitura de documentos paratextos, como fotogramas, e a análise de assunto das narrativas fílmicas. Conforme Gatto e Almeida (2023), a leitura técnica reside na descrição semântica de conteúdo dos itens, a qual recorre às categorias facetadas factual, posicional, espacial e temporal. Para a observação do recurso informacional, são propostas descrições ligadas ao gênero, local e data, bem como características individuais, como notas sobre diretor e produção técnica. É possível afirmar que parte da leitura introspectiva requer, novamente, pesquisa, ou vivências, acerca da temática para a elaboração de representações informacionais consolidadas.

Por conseguinte, foi observada a presença de uma estratégia para leitura e interpretação direcionada à representação da informação baseada na funcionalidade. No estudo *Nomenclature for Museum Cataloging*, de Dunn e Bourcier (2020), a funcionalidade é utilizada como balizadora para a investigação do objeto. No texto, o contexto funcional é o principal elemento de investigação na análise de assunto do item, visto a facilidade em representar o conceito de forma ágil. Como exemplo, a descrição de um quadro alusivo ao estilo renascentista, dentro de um museu que considera a funcionalidade como a primeira interface a ser observada, direciona o leitor museólogo a representar o item na grande classe de belas artes, seguindo a funcionalidade do objeto.

Na etapa da leitura técnica, os objetos são organizados principalmente com base em seus contextos funcionais, ou seja, conforme o uso ou propósito para os quais foram concebidos. Esse modelo de organização permite agrupar itens em categorias como "Equipamentos de Colheita" ou "Instrumentos Médicos", facilitando tanto a identificação dos objetos quanto o acesso intelectual às coleções. Esse enfoque é especialmente útil em coleções heterogêneas, pois oferece uma estrutura lógica que conecta os objetos por suas

funções, promovendo maior consistência e eficiência no processo de catalogação e recuperação de informações (Dunn; Bourcier, 2020).

O estudo também delinea que o foco principal é determinar a descrição mais adequada com base na função primária do item, garantindo que sua representação reflita seu propósito principal. Caso o objeto apresente múltiplas funções ou esteja associado a diferentes contextos de uso, são utilizadas estratégias adicionais para complementá-lo, ampliando a precisão e a abrangência da descrição, caracterizando-se como uma estratégia secundária. Essa abordagem assegura que o objeto seja catalogado de forma clara e detalhada, possibilitando uma recuperação eficiente das informações e alinhando-se às necessidades tanto dos catalogadores quanto dos pesquisadores. Em síntese, delinea-se o princípio da generalidade, com foco na funcionalidade, para a leitura documentária de itens museológicos.

Ainda na questão da funcionalidade, Santos e Loureiro (2021) reforçam a perspectiva estético-funcional como elemento de análise de itens museológicos, principalmente aqueles ligados aos acervos de Ciência e Tecnologia. O trabalho “A Documentação museológica das coleções de ciência e tecnologia em ambiente digital: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins” delinea que a leitura técnica de objetos científicos direciona o indexador/museólogo para uma descrição concisa, abordando a sua função principal, a forma como é manuseado e as condições nas quais o item é utilizado. O resumo descritivo ajuda a compreender a relevância prática do objeto no contexto de sua coleção, seja em exposições ou estudos. Somando a interface funcional, é importante destacar os artefatos científicos como inovações que influenciaram o desenvolvimento de novos campos do conhecimento e suas implicações na sociedade, além de analisar o impacto direto do uso do objeto em diversas áreas, como a ciência, a indústria e a cultura, refletindo a transformação que ele promoveu nos comportamentos e nos avanços tecnológicos (Santos; Loureiro, 2021).

Notou-se no decorrer desta revisão a presença da contribuição digital enquanto estratégia para leitura. Oliveira (2021) discorre em seu estudo, denominado “A experiência da difusão dos acervos dos museus Ibram: a implantação do projeto Tainacan”, sobre a importância de iniciativas como o Tainacan, um software livre e gratuito desenvolvido para a gestão de acervos digitais em museus, bibliotecas e arquivos, para ampliar o acesso ao patrimônio cultural e modernizar a gestão dos acervos museológicos no Brasil, visando uma análise crítica que apoia a interpretação inicial dos itens de museu, como os questionamentos acerca dos aspectos formativos destes. Em complemento, o estudo “O repositório digital do

Museu do Instituto Evandro Chagas: resultados da implementação com o Tainacan”, de Lima *et al* (2024), também ressalta que com o aprimoramento e atualização dos dados e instrumentos, por meio de ferramentas digitais, é possível organizar de forma mais eficiente campos de análise específicos que oferecem detalhes mais precisos sobre cada item, contribuindo para uma gestão e preservação mais eficaz dos acervos.

No artigo *Documentation of science and technology heritage: a collaboration case between the Federal University of Pará and the Evandro Chagas Institute Museum*, de Lima e Silva (2023), apontam o apoio de ferramentas digitais para a catalogação de assunto, focalizando na implementação do Tainacan. Na pesquisa, a implementação do Tainacan no Museu do Instituto Evandro Chagas, em Belém (PA), representou um avanço significativo na catalogação do acervo, ao criar um repositório digital capaz de otimizar a gestão museológica. Para isso, os metadados foram ajustados e organizados em três etapas fundamentais: a identificação do objeto, envolvendo o nome, classificação e função; o exame morfológico, que abrange as condições físicas e materiais; e a pesquisa museológica avançada, destinada ao contexto histórico e cultural das peças. Além disso, a adoção de padrões estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e outras instituições que utilizam o Tainacan garantiu a consistência e a interoperabilidade entre sistemas, ampliando a acessibilidade e promovendo a preservação do patrimônio científico e cultural de forma alinhada às exigências contemporâneas (Lima; Silva, 2023).

Em retrospectiva, os três últimos artigos abordados expõem a atuação de ferramentas e softwares no processo de descrição de objetos museológicos, instrumentos estes que colaboram para o entendimento da própria prática introspectiva da leitura proficiente de itens de museu. A leitura documentária, enquanto processo de interpretação e análise crítica dos objetos museológicos, encontra no Tainacan um suporte essencial para organizar, descrever e contextualizar acervos museológicos, como a coleção do Museu do Instituto Evandro Chagas. O software permite estruturar metadados de forma padronizada, articulando elementos como a identificação, as condições físicas e o contexto histórico-cultural dos itens. Essa sistematização não apenas facilita a recuperação e interpretação das informações, como também amplia as possibilidades de conexão entre os dados catalogados e suas múltiplas dimensões documentais. Assim, as ferramentas digitais potencializam a leitura documentária ao oferecer uma base tecnológica que integra a gestão museológica com práticas avançadas de análise e disponibilização do patrimônio.

Além disso, o Tainacan possibilita o gerenciamento detalhado da documentação dos acervos museológicos ao disponibilizar campos específicos para informações essenciais, como número de registro, estado de conservação e histórico de aquisição. Essa funcionalidade oferece aos museus uma visão global e integrada de seus acervos, tornando mais simples tanto a administração interna quanto a comunicação externa. Dessa forma, a ferramenta não só melhora a organização e preservação das informações, mas também fortalece a confiabilidade e acessibilidade dos dados, aspectos fundamentais para pesquisas, curadorias e iniciativas de difusão cultural (Oliveira, 2021).

Uma estratégia identificada, tanto na fundamentação da leitura profissional em museus, quanto em metodologias aplicadas, é a análise crítica no processo da leitura documentária. Visto a possibilidade de apoio de instrumentos digitais, a análise de assunto orienta uma observação detalhada do item, a qual recorre a estratégias metacognitivas que abordem as interfaces específicas dos objetos. Essa análise crítica relaciona-se diretamente às narrativas da instituição museológica e a intenção de descrição do leitor durante a indexação, o qual definirá o objeto, sua função, contexto e temática do item a ser representado. Essa análise crítica no processo de leitura técnica é reforçada na pesquisa *El uso del estándar Object ID y del software Tainacan en la documentación museológica: experiencias desde Brasil y México*, de Reyes *et al* (2021), os quais analisam e concluem a existência de uma cultura da documentação museológica, principalmente no território brasileiro, e a tarefa de refletir o objeto em contextos adequados em uma nova realidade museológica, evitando assim prejuízos oriundos da ausência de uma catalogação de assunto eficiente.

Outra estratégia concebível identificada para a leitura técnica de itens museológicos é a utilização do fundamento da proveniência, o qual Tognoli e Guimarães (2019), na pesquisa *Provenance as a Knowledge Organization Principle*, delimita como a ação de estabelecer que os documentos devam ser organizados e preservados com base em sua origem e no contexto de criação, fornecendo fundamentos essenciais para a leitura documentária. A abordagem permite que o documento seja analisado não apenas como um registro isolado, mas como parte de um sistema que reflete as funções e atividades e intenções de seu criador.

Para a elaboração de estratégias de leitura, questões como “Quem o criou?”, “Por que foi criado?” e “Como se relaciona com outros documentos?”, são fundamentais para identificação dos conceitos, embasadas do princípio da proveniência. Segundo Tognoli e Guimarães (2019), o conceito ultrapassou os limites da arquivística e hoje é aplicado em

diversas áreas, como ciência da computação, biblioteconomia, e até mesmo no domínio museológico. Isso mostra sua relevância como base para a confiabilidade e autenticidade de informações, bem como possibilidades para o desenvolvimento de etapas da leitura técnica em itens paratextuais.

Em complemento, Dias (2020) apresenta estratégias oriundas de um modelo de leitura de documentos imagéticos, considerados como objetos culturais e informacionais. O modelo de leitura apresentado no artigo “Representação temática de imagens: reflexões acerca dos subsídios da indexação manual e do reconhecimento de imagens”, é uma metodologia destinada à indexação de fotografias, integrando teorias da Comunicação Visual, as Funções Primárias da Imagem e o Método Complexo. O modelo organiza o processo de observação e análise em dois níveis de leitura, com o objetivo de identificar e extrair conceitos que melhor representem o conteúdo das imagens. Assim, promove uma abordagem sistemática que conecta aspectos visíveis e contextuais, enriquecendo a descrição das fotografias. Conforme Dias (2021), o primeiro nível de leitura, baseado no Método Complexo, contempla três componentes: descrição, ecologia da imagem e interpretação. A descrição aborda os elementos visíveis, como objetos e personagens. A ecologia da imagem examina conexões contextuais, como associações com textos e outras imagens. Por fim, a interpretação analisa os significados e possibilidades semânticas dos elementos visuais. Este nível permite compilar informações detalhadas que podem ser utilizadas para criar legendas e descrições informativas. O segundo nível de leitura utiliza as Funções Primárias da Imagem, que incluem dimensões informativa, comunicativa, reflexiva e emocional. Essa etapa introduz questões indexadoras específicas que guiam a análise, ajudando na seleção de palavras-chave que refletem tanto a essência visual quanto os significados emocionais e culturais da fotografia. Adequada à realidade museológica e ao acervo de pinturas e objetos bidimensionais, a combinação desses níveis pode possibilitar uma representação temática baseada no princípio da proveniência.

Além disso, estratégias como a identificação de informações padronizadas, como autoria, ano e dedicatórias podem fortalecer a leitura profissional dos indexadores proficientes. Stubbs *et al* (2019), no estudo *Descripción de contenido en el procesamiento de las cartas náuticas*, aponta que a leitura e análise de itens que fogem da expertise do indexador deve recorrer a “pontos de acesso” padrões, sendo estes definidos como características presentes em cartas náuticas e pinturas, por exemplo, que são compostas por datas e localizações escritas nos artefatos. Essas afirmativas são corroboradas pelo estudo

“Proposta teórico-metodológica do tratamento da informação em museus a partir da ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará”, de Reis e Júnior (2021), o qual denota que essas características específicas que compõem a tematicidade do item museológico são notadas durante a observação do leitor, dessa forma, recomenda-se ao indexador atentar-se aos “dados históricos, características iconográficas e características estilísticas que permitem a investigação e análise do conteúdo na esfera metafísica e de significado, a partir das propriedades extrínsecas que compõem o documento museológico” (Reis, Júnior, 2021, p. 99).

Em adição a este pensamento, a pesquisa “Indexação de xilogravuras de cordel: uma abordagem sob a perspectiva cognitiva”, de Santos, Albuquerque e Neves (2019), discorre sobre as técnicas cognitivas para a leitura de xilogravuras de cordel enquanto objetos culturais. Para as autoras, a leitura no contexto da indexação de xilogravuras é descrita como uma atividade intelectual e subjetiva que vai além da aplicação de técnicas ou procedimentos mecânicos. Ela exige que o indexador interprete as imagens levando em consideração tanto os elementos visuais (figuras, formas e símbolos) quanto os aspectos textuais presentes nos títulos e versos dos folhetos. Essa interação entre o visual e o verbal revela a polissemia das xilogravuras, isto é, a capacidade dessas imagens de apresentar múltiplos significados, cuja compreensão depende da memória, da cognição e do repertório cultural do leitor. Nesse sentido, a leitura não é um ato neutro, mas um processo interpretativo marcado pela visão de mundo de quem analisa. Além disso, os indexadores utilizam estratégias específicas para interpretar as xilogravuras, como a observação detalhada dos elementos imagéticos e sua correlação com os textos dos folhetos, ajustando suas interpretações por meio de reflexões metacognitivas ao longo do processo. O estudo também destaca a observação detalhada da imagem, a correlação de elementos como o título e o texto do cordel e a construção de interpretações baseadas no contexto da obra, como principais abordagens de leitura do documento.

Em suma, essa categoria evidencia a importância da observação detalhada durante a descrição dos objetos museológicos enquanto estratégia para a realização da leitura documentária. Durante a realização dessa etapa, o documentalista formula um roteiro mental de questionário que o orienta a analisar materiais, técnicas de construção, estilos decorativos e funções dos itens, recorrendo ao conhecimento prévio. Esse método permite que o objeto seja compreendido como um documento que contém informações sobre seu contexto histórico e cultural.

A categoria também denota que a leitura documentária se aplica à análise e indexação de objetos bidimensionais, como fotografias e pinturas, organizando a observação em três níveis: descrição objetiva, análise detalhada e interpretação do significado simbólico da imagem. Esse roteiro estruturado garante consistência na representação da informação. Além disso, a leitura profissional pode ser enriquecida pelo uso de metodologias que estimulam a observação direta dos itens, permitindo a identificação de aspectos técnicos, simbólicos e interpretativos. Com isso, no ambiente museológico, a leitura técnica segue um padrão sistemático, analisando os objetos de cima para baixo e da esquerda para a direita, como forma de mapeamento do item descrito. Além disso, a interpretação da funcionalidade dos objetos também é uma estratégia essencial para a leitura documentária. Ao descrever os itens com base em sua principal utilidade, torna-se mais plausível representá-los e garantir uma recuperação eficiente da informação. Essa metodologia é especialmente útil para coleções diversas, pois cria uma estrutura lógica que agrupa os objetos de maneira coerente.

Outro aspecto relevante é a análise crítica dos itens, que envolve a interpretação de suas funções, contextos e significados. Esse processo está diretamente ligado às narrativas institucionais e à forma como os objetos são descritos e indexados. A proveniência, que se refere à origem e ao contexto de criação do item, também desempenha um papel fundamental na leitura documentária, garantindo autenticidade e coerência na representação dos acervos. Além disso, a leitura de imagens e objetos culturais pode seguir metodologias que combinam descrição visual, contexto histórico e análise interpretativa, permitindo uma representação mais aprofundada. Esse modelo organiza a observação em diferentes níveis, abordando desde os aspectos físicos até os significados simbólicos do item.

Por fim, estratégias como a identificação de informações padronizadas, incluindo autoria, data e localização, são fundamentais para garantir a precisão da documentação. A análise de características iconográficas e estilísticas também auxilia na compreensão do significado dos objetos, promovendo uma leitura mais completa e contextualizada.

5.3 Participação e conhecimentos comunitários na realização da leitura documentária em museus

Esta categoria aborda a incorporação de saberes tradicionais, experiências e perspectivas comunitárias na leitura dos objetos, ressaltando a importância da inserção e participação social na construção do conhecimento museológico. Foi possível identificar três artigos centrados na discussão dos elementos de inclusão sociocultural como influenciadores

na leitura documentária de itens de museu, sendo estes: Brayner (2019), Vasconcelos e Galucio (2024) e Gomes (2023).

O texto “Curadoria digital: novos modelos de participação pública na descrição de conteúdos em instituições culturais”, de Brayner (2019), realça a necessidade de inclusão do leitor nos processos participativos de itens culturais, a qual delinea que um indexador pertencente do meio cultural que o objeto reside consegue construir representações de conteúdo relevantes para algum grupo social. A leitura documentária, no contexto do referido trabalho, pode ser vista como um processo que transita entre abordagens tradicionais e participativas. Enquanto a leitura profissional oferece uma estrutura hierárquica e normativa para a descrição de documentos, ela frequentemente limita a complexidade interpretativa de certos objetos culturais, como exemplificado na obra “Grande Sertão: Veredas”, que é reduzida a categorias amplas sem abarcar dimensões antropológicas, homoafetivas e teológica. Em contrapartida, uma leitura técnica reforçada por práticas participativas, valoriza a contribuição de usuários por meio de etiquetagem colaborativa, permitindo que diferentes comunidades agreguem novas camadas de significado aos objetos. Essa relação leitor x comunidade amplia o alcance e a relevância cultural dos acervos, tornando-os mais acessíveis e representativos das diversas perspectivas contemporâneas. Para Brayner (2019), a leitura documentária, assim como outros processos de descrição, nesse contexto, torna-se um processo dinâmico que integra tanto a expertise profissional quanto às contribuições de grupos sociais que o leitor integra, refletindo múltiplos pontos de vista e potencializando o acesso e a relevância cultural dos acervos museológicos.

Para além, o trabalho “Metadados descritivos em acervos digitais: um estudo de caso no Acervo de Línguas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi”, de Vasconcelos e Galucio (2024), apontam que a leitura técnica é uma etapa essencial no processo de análise de assunto para a criação de metadados e indexação. No estudo aplicado às coleções do Acervo de Línguas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi, a leitura técnica foi fundamental para identificar termos específicos e construir metadados descritivos que atendessem tanto às necessidades dos usuários quanto às exigências de preservação e organização do acervo. Na realidade museológica, denota-se que a leitura documentária de itens pode apoiar na construção de instrumentos de pesquisa e investigação, ao propor conclusões sobre o artefato e demais manifestações culturais.

Tendo em mente que a leitura documentária deve visar a representação informacional de documentos textuais e paratextuais, é significativo reforçar que a motivação pela recuperação da informação não se limita apenas ao acesso ao conteúdo explícito, mas também à compreensão do contexto e das relações entre as diversas partes do documento. A leitura documentária, portanto, envolve um processo que não se restringe à decodificação do texto, mas busca identificar, organizar e interpretar dados que possibilitem uma visão mais ampla e precisa sobre o objeto de estudo, considerando as especificidades de cada tipo de documento e seu papel no contexto informacional. A pesquisa “Lacunas informacionais na documentação museológica: uma análise sobre a coleção de Bumba Meu Boi do Maranhão sob a guarda do Museu de Folclore Edison Carneiro”, de Gomes (2023), reflete que a leitura documentária de objetos de museu reside na documentação museológica, entretanto, ao abarcar as variáveis leitor-texto-contexto, a etapa se enfraquece na investigação contextual, comprometendo a busca e recuperação das informações. Gomes (2013, p. 212) reforça novamente a inserção do leitor no contexto sociocultural do item, onde o mesmo saberá orientar a leitura da tematicidade do item de museu, além de reforçar a “a importância de se estabelecer um diálogo com os detentores dos saberes tradicionais, trazendo-os como colaboradores para uma documentação museológica que busque o protagonismo desses artistas”.

Em síntese, a incorporação de saberes tradicionais, experiências e perspectivas comunitárias na leitura de objetos ressalta a importância da participação social na construção do conhecimento museológico. A inclusão sociocultural influencia a leitura documentária ao permitir que diferentes grupos contribuam para a interpretação dos itens de museu, ampliando seu significado e alcance. Dessa forma, a participação do leitor nos processos de descrição enriquece a representação dos objetos culturais. Um indexador pertencente ao meio cultural do objeto pode construir descrições mais relevantes para determinados grupos sociais. Enquanto o processo de descrição institucionalizado, ou seja, aquele que não compreende seu contexto sociocultural, pode limitar interpretações mais amplas, abordagens participativas permitem que múltiplos pontos de vista sejam considerados. A etiquetagem colaborativa, por exemplo, possibilita que comunidades agreguem novas camadas de significado aos acervos, tornando-os mais acessíveis e representativos das diversas perspectivas contemporâneas.

À vista disso, considerando a inclusão de práticas participativas, o diálogo com detentores de saberes tradicionais contribui para uma indexação mais completa, fortalecendo o protagonismo dos agentes culturais e assegurando que as narrativas preservadas representem de forma autêntica a diversidade sociocultural.

5.4 Desafios na realização da observação e leitura dos objetos museológicos

Esta categoria revisa os obstáculos enfrentados no processo de leitura documentária, como lacunas informacionais, dificuldades na identificação e atribuição de significados aos objetos e limitações nos registros museológicos. Foi possível identificar seis artigos centrados nas principais barreiras para execução efetiva da leitura profissional no ambiente museal, sendo estes: Golub, Ziolkowski e Zlodi (2021), Furtado (2023), Silva e Padilha (2023), Carvalho, Fonseca e Redigolo (2021), Carvalho (2021) e Ballard e Mendonça (2021).

No que se refere à investigação do conteúdo dos itens de museu, a pesquisa *Organizing subject access to cultural heritage in Swedish online museums*, de Golub, Ziolkowski e Zlodi (2021), aponta como principais desafios da análise de assunto, bem como da leitura técnica, a ambiguidade de interpretações, bem como a polissemia, sinonímia, homonímia de termos dificultam a representação e recuperação precisa. Além disso, os objetos museológicos frequentemente carecem de elementos textuais, como manuais e anotações do produtor dos itens, que facilitariam a análise de assunto, sendo necessário traduzir representações visuais ou auditivas em terminologias para indexação. Essa tradução é elaborada como um desafio no processo de leitura, o qual necessita de materiais e instrumentos de apoio para a realização da LD.

Por outro lado, Golub, Ziolkowski e Zlodi (2021) indicam que mesmo com as barreiras cognitivas para a compreensão da pluralidade do item museológico, a saída para interpretação e representação dos conceitos se relaciona a padronização de etapas. Atentando à perspectiva de que o leitor proficiente possui o conhecimento específico e estratégico para a indexação, por meio da busca de conceitos em interfaces já reconhecidas, como, no caso de documentos bibliográficos, os elementos pré e pós textuais, considera-se a inevitabilidade do leitor ter conhecimento de normas que viabilizem o roteiro de identificação dos conceitos, a própria leitura técnica.

Para esse fim, Golub, Ziolkowski e Zlodi (2021) reiteram a questão da generalidade para a leitura do objeto, os quais apontam que explorar conceituações mais amplas e restritas pode compreender as relações entre os diferentes elementos de um item. Todavia, cabe novamente a instituição promover quais são os valores definidos para a construção de representações, sendo estas inteiramente ligadas à alguma interface conceitual do objeto de museu.

Em *Challenges in preservation of functional objects in museological context: the role of documentation in safeguarding of musical instruments collections*, de Furtado (2023), é levantada uma discussão acerca de instrumentos musicais enquanto itens museológicos. O estudo propõe uma análise sobre a importância do uso das coleções voltadas para concertos, ou acervos performativos, o qual conclui que

O recurso a eventos performativos como forma de exposição dos instrumentos musicais é uma das abordagens adotadas pelas instituições museológicas a favor da recuperação da função original destes bens culturais. A informação que advém destes eventos é essencial para o historial do instrumento tocado e deve ser preservada como parte da sua documentação associada (Furtado, 2023, p. 87).

A pesquisa proposta por Furtado (2023) traz reflexões acerca da preservação durante a catalogação de assunto, a qual indaga a etapa da leitura e interpretação como ponto crucial da aquisição e conservação dos itens. À vista disso, a autora reporta a oportunidade de atribuição de significado e importância durante a leitura profissional, ou seja, “a razão pela qual um objeto é mantido numa coleção, é de extrema importância na definição de um plano de conservação preventiva. Sem esta reflexão, questões como o potencial uso do(s) instrumento(s) não podem ser respondidas” (Furtado, 2023, p. 86). Nesse sentido, a leitura documentária de itens museológicos também define no momento primário o grau de importância do item para a composição temática da coleção e do espaço cultural, definindo assim um princípio da usabilidade, desafio proposto para a avaliação dos catalogadores da instituição museológica.

Um obstáculo visível para a efetivação de modelos de leitura documentária em ambientes museológicos é a ausência de formas de preenchimento de instrumentos de pesquisa e de vocabulários adequados que direcionem a observação do profissional de museu sob o objeto. O estudo “A interoperabilidade semântica das fichas de catalogação dos museus modernistas brasileiros”, de Silva e Padilha (2023), destaca que a padronização e o uso de vocabulários controlados são essenciais para garantir a comunicação entre sistemas de catalogação e a recuperação informacional. No entanto, a pesquisa também evidencia que, mesmo em instituições com fichas catalográficas mais detalhadas, a falta de uniformidade nas terminologias empregadas pode limitar o potencial de interoperabilidade. Ademais, o estudo reforça a necessidade de considerar não apenas a quantidade de metadados, mas também seu direcionamento para a tipologia do acervo, de forma que as fichas documentem de maneira precisa e contextualizada os objetos museológicos, apoiando assim a etapa da leitura técnica.

Mesmo com a existência de estratégias adaptadas de outros campos de investigação, como a Arquivologia e a Biblioteconomia, a esfera museológica carece de elementos claros para a elaboração de aplicação de modelos de leitura em itens de museu. Conforme Carvalho, Fonseca e Redigolo (2021), embora haja debates sobre a necessidade da indexação museológica, bem como da leitura documentária de objetos museológicos, ainda são poucos os estudos publicados sobre esse tema, que é fundamental para a representação e recuperação em espaços museológicos, com isso, “destacam-se a ausência e a importância de diretrizes específicas para a indexação de objetos museológicos, como estudos teóricos e procedimentos metodológicos para otimização da representação e a racionalização da recuperação da informação” (Carvalho; Fonseca; Redigolo, 2021, p. 20).

O referente estudo, denominado “Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia”, abre para discussão a incipiência de instrumentos para a representação informacional de acervos museológicos na esfera científica, o qual indica que as áreas irmãs contêm debates semelhantes, principalmente na temática da indexação. No corpus específico da Museologia, a documentação museológica retrata a análise de assunto por meio da aplicação de instrumentos de pesquisa, como a ficha catalográfica, que orienta os passos para a representação do conteúdo. Nesta tese, entende-se que os instrumentos de descrição apresentam orientações para a leitura técnica, visto que são matérias de apoio que guiam a observação e pesquisa do objeto, objetivando a inserção das informações em repositórios de acervos museológicos.

Outro ponto levantado nesta revisão é a ausência de padronização de resumos descritivos oriundos da leitura técnica de itens de museu. O artigo “Tipologia textual de Roquette-Pinto no Museu Nacional”, de Carvalho (2021), realça a discussão ligada às tipologias textuais retratadas em fichas de inventário e fichas catalográficas, abordando a dissonância nas representações informacionais dos acervos. As conclusões apresentadas na pesquisa de Carvalho (2021) ligam-se a não normatização das etapas de leitura profissional, a qual o autor aponta que a livre descrição das características intrínsecas e extrínsecas se refere à um recorte temporal, onde era necessário aproximar o leitor das informações contextuais do objeto de uma forma onírica. Entretanto, mesmo que os resumos descritivos abordassem uma tipologia textual rebuscada, as informações não contemplavam o conteúdo histórico-científico dos itens museológicos. A reflexão do presente artigo também revela a compartimentação das informações, evidenciando o prejuízo de cada objeto tratado como um único recorte diferente, dividindo assim o panorama temático. Desse modo, denota-se o princípio da consonância

durante a leitura documentária, objetivando a unicidade temática entre itens e preocupação com o acervo museológico como um todo.

Por fim, com a existência de possibilidades para o reconhecimento da leitura documentária de itens museológicos, denotam-se desafios encontrados por pesquisadores durante a leitura de profissionais proficientes. A pesquisa “Ecoliose e Cifose de Scheuermann: o trajeto da documentação museológica de coleções arqueológicas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia”, de Ballardo e Mendonça (2021), versa sobre as barreiras da análise de assunto de itens em linguagens estrangeiras ou que requeiram um maior grau de conhecimento técnico-científico. Uma dessas barreiras é o panorama informacional proposto pelo produtor do item museológico de frente com a descrição elaborada pelo indexador/museólogo, que se contrapõem durante a leitura e observação do item devido às diferenças linguísticas e científicas. Para Ballardo e Mendonça (2021, p. 165),

[...] o museólogo tão acumulado de atribuições ou talvez seguro do conhecimento técnico que realiza, pode não buscar a compreensão ou mesmo estreitar a comunicação com os processos de construção de conhecimento no campo arqueológico, deixando de cumprir uma das principais funções da documentação museológica: servir como fonte de pesquisa (Ballardo; Mendonça, 2021, p. 165).

Nesse sentido, o profissional encontra no ato da leitura dificuldades que impedem a representação de objetos que demandam informações adicionais, como traduções, e conhecimentos que fogem de sua formação acadêmica. Essas limitações podem acarretar em descrições inadequadas ou incompletas, comprometendo a qualidade da documentação museológica e, conseqüentemente, a execução da leitura técnica que objetiva a indexação.

Em resumo, a categoria aponta os desafios da análise de assunto e da leitura técnica, como a ambiguidade e polissemia dos termos, que dificultam a recuperação precisa. Além disso, os objetos frequentemente carecem de elementos textuais, o que exige a tradução de representações visuais ou auditivas em conceitos linguísticos para indexação. No entanto, a padronização de etapas e o conhecimento das normas de indexação são fundamentais para superar essas barreiras.

Um dos desafios abordados na leitura documentária de itens museológicos refere-se à análise de objetos em linguagens estrangeiras ou que exigem um conhecimento técnico específico, as quais podem resultar em representações inadequadas ou incompletas, comprometendo a qualidade da documentação. Tais dificuldades evidenciam a necessidade de

uma colaboração mais estreita entre profissionais de diferentes áreas, como arqueólogos e museólogos, para garantir uma representação fiel e precisa dos itens. Para superar esses obstáculos, é fundamental investir em treinamentos especializados, promover o trabalho interdisciplinar e utilizar ferramentas que facilitem a tradução de informações complexas, garantindo que os objetos sejam devidamente contextualizados e integrados aos acervos de forma acessível e relevante para futuras pesquisas. Outrossim, a falta de padronização nas fichas de catalogação e nas tipologias textuais também limita a representatividade dos acervos, dificultando a compreensão do contexto histórico e científico dos itens. A implementação de diretrizes específicas para a indexação e documentação museológica é crucial para melhorar a recuperação da informação e a comunicação entre sistemas.

5.5 Síntese dos resultados

As pertinentes pesquisas, obtidas pelo Mapeamento Sistemático de Literatura, realçam as diversas possibilidades de discutir a leitura documentária no ambiente museológico. Constatase que a leitura profissional reside no processo de documentação museológica, que visa a representação informacional de itens de museu. Por meio de instrumentos de pesquisa, como a ficha catalográfica, o indexador de museu investiga o documento de forma minuciosa, recorrendo a conhecimentos prévios para propor um resumo descritivo robusto. Além disso, fatores positivos que influenciam as estratégias de leitura, bem como problemáticas, colaboram para a compreensão das interfaces leitor x texto x contexto no universo museal.

O mapeamento proposto contribuiu para reconhecer os avanços e aplicação da LD em ambientes museológicos, todavia, a maioria de pesquisas recuperadas não se referia diretamente à leitura em si, sendo necessário investigar nos textos as práticas de descrição de itens museológicos, a fim de localizar recomendações e debates para a observação e leitura dos objetos. Ademais, a estratégia metodológica apresentada para a investigação bibliográfica buscou especificamente subsídios que pudessem embasar a construção de um modelo de leitura documentária em itens museológicos, levando em consideração fundamentos e estratégias apresentadas nos resultados.

Para formular um modelo de leitura documentária em objetos museológicos, é necessário adotar uma abordagem que vá além da descrição física, considerando aspectos históricos, culturais e contextuais dos itens do acervo. O primeiro passo é realizar uma pesquisa aprofundada sobre o objeto, investigando sua origem, trajetória e os significados que

adquiriu ao longo do tempo. Essa pesquisa inicial é fundamental para compreender o contexto do objeto e suas várias dimensões.

A leitura dos objetos deve ser feita de forma crítica, levando em conta o contexto sociocultural e os múltiplos significados que o objeto pode ter. Não se trata apenas de descrever suas características físicas, mas de entender o valor simbólico e cultural que ele carrega. A semiótica e a fenomenologia são fundamentais nesse processo. A semiótica permite a análise dos signos presentes no objeto, enquanto a fenomenologia foca na experiência subjetiva de quem interage com ele, reconhecendo que a percepção pode variar de acordo com o público.

A descrição dos objetos deve ser estruturada de forma a contemplar três níveis: a descrição objetiva (características físicas e materiais), a análise detalhada (aspectos técnicos e estilísticos) e a interpretação simbólica (significados culturais e históricos). Esses três níveis garantem uma leitura mais completa e enriquecida dos itens. Além disso, a colaboração multidisciplinar é essencial para enriquecer a leitura documentária, pois especialistas de diferentes áreas, como arqueologia, história, antropologia e outras, trazem diferentes perspectivas sobre o objeto. Isso ajuda a construir uma descrição mais precisa e detalhada. Além disso, a participação social e a inclusão de saberes locais ou tradicionais são aspectos importantes. O diálogo com as comunidades que têm uma relação direta com os objetos garante uma representação mais fiel e autêntica, ampliando os significados atribuídos ao item.

A análise crítica também deve ser parte integrante do processo. Isso envolve refletir sobre as narrativas que estamos criando e considerar como os objetos podem ser vistos sob diferentes pontos de vista, especialmente em relação a questões de identidade, poder e cultura. A proveniência é importante nesse sentido, pois permite garantir a autenticidade do objeto e compreender seu contexto original.

A padronização é outro ponto-chave. A utilização de normas e diretrizes internacionais, assegura que os objetos sejam catalogados de forma consistente e que as informações sejam acessíveis e recuperáveis de maneira eficiente. Isso é importante tanto para a organização interna dos acervos quanto para garantir a interoperabilidade entre diferentes sistemas de documentação.

Finalmente, a descrição de objetos bidimensionais, como fotografias e pinturas, deve seguir uma metodologia que combine a análise técnica com a leitura simbólica. A iconografia,

por exemplo, pode ajudar a identificar símbolos e padrões culturais na imagem, enquanto o contexto histórico da obra pode fornecer informações cruciais para a compreensão do seu significado.

Esse modelo de leitura documentária, ao integrar pesquisa, descrição detalhada, análise crítica e colaboração multidisciplinar, permite uma representação mais precisa e acessível dos objetos museológicos, promovendo uma compreensão rica e plural dos acervos. Para mais, resultados oriundos da aplicação do Protocolo Verbal Individual com profissionais proficientes colaboram também para a robustez do modelo proposto, sendo discutidos na seção a seguir.

6 ESTRATÉGIAS DE LEITURA DOCUMENTÁRIA NA DESCRIÇÃO DE ITENS MUSEOLÓGICOS: RESULTADOS DA OBSERVAÇÃO COM PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL

A presente seção busca evidenciar os resultados obtidos durante a aplicação do Protocolo Verbal Individual, o qual foi realizado com quatro participantes, sendo estes os **participantes A, B, C e D**, explanados anteriormente. A seção subdivide-se em dois tópicos: o primeiro voltado à apresentação e comentários das principais passagens transcritas do Pensar Alto realizado pelos participantes, a fim de serem analisadas de forma categórica, conforme o apresentado na seção anterior; e o segundo relativo a discussão destes resultados no universo das possibilidades da Leitura Documentária em ambientes museológicos.

Utilizando como base as seções teóricas deste estudo, as categorias de análise do Pensar Alto dos participantes selecionados buscaram enquadrar as formas de interpretação e leitura do objeto durante o processo de descrição. Com isso, as categorias citadas foram elaboradas da seguinte forma: **Categoria de Análise 1** – Estrutura física do objeto; **Categoria de Análise 2** – Significado; **Categoria de Análise 3** – Descrição do item; **Categoria de Análise 4** – Tradução do item; e **Categoria de Análise 5** – Grau de maturidade do sujeito como leitor. As principais passagens dos participantes durante a análise do conteúdo dos objetos foram selecionadas e comentadas no tópico a seguir.

6.1 Análise das falas dos participantes

Neste tópico, serão apresentadas as principais falas transcritas dos participantes, sendo estas organizadas e comentadas a partir das categorias de análise, em forma crescente. Na ocasião, os participantes utilizaram objetos de seu domínio, todavia, esses ainda não haviam passado pelo tratamento informacional. Para mais, os itens podem ser visualizados nas seguintes figuras:

Figura 5 - Objeto escolhido pelo Participante A - Imagem de Nossa Senhora de Nazaré.



Fonte: Elaborada pelo Participante A / SESC/PA.

Figura 6 - Objeto escolhido pelo Participante B - Objeto comemorativo alusivo ao Castelo de Shuri.



Fonte: Elaborada pelo Participante B.

Figura 7 - Objeto escolhido pelo Participante C - Telefone preto.



Fonte: Elaborada pelo Participante C / Museu Casa de Rui Barbosa/RJ.

Figura 8 - Objeto escolhido pelo Participante D - Miniatura da Aeronave PBY – Catalina.



Fonte: Elaborada pelo Participante D / Memorial da Força Aérea Brasileira na Amazônia/PA.

Categoria de Análise 1 – Estrutura física do objeto
--

Examina como o profissional identifica o objeto e sua função primária, um processo criativo derivado da experiência e conhecimentos prévios. Esta categoria se fundamenta no tópico “Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos” e no subtópico “Texto”. Além disso, a categoria denota a perspectiva do documentalista quanto aos desdobramentos de um item, como embalagens, encaixes e demais características.

Síntese: Notou-se que no primeiro olhar sobre o objeto museológico, um participante rapidamente sugere que o item é uma escultura sacra, com base em suas características primárias, e indica a necessidade de buscar informações adicionais. Outros participantes focam na descrição da embalagem e no acondicionamento do item, iniciando sua interpretação pelos dados intrínsecos e organizando seu pensamento de forma categórica. Os participantes também destacam a estratégia de verificar detalhes adicionais para uma catalogação completa.

Segue as principais passagens identificadas no percorrer do PVI:

Fala – Participante A: *Eu tô com uma escultura de gesso, uma escultura sacra, posso chamar ela de objeto sacro. É uma escultura relacionada a religião cristã católica. Como dentro da religião o termo que eles utilizam a imagem seria desse tipo de escultura. Ela tem um desdobramento, ela tem duas partes ela foi adquirida com desdobramento, ela foi adquirida com desdobramento que é um manto em tecido uma espécie de tecido esponjoso, é um tecido com uma espécie esponjoso um revestimento parece ser juta, a verificar.*

Comentário do pesquisador: Observa-se nesse momento o primeiro olhar no objeto museológico. Neste passo, o Participante A indicou possibilidades para a função primária do item, sendo este pertencente ao universo sacro. Ainda assim, o documentalista antecipa que o objeto é uma escultura, baseado em uma leitura rápida do objeto e à interpretação de suas características primárias. Nessa passagem, identifica-se a necessidade de verificar informações posteriores relacionadas ao objeto, na qual o Participante indica “a verificar”.

Fala – Participante B: *O objeto tá na embalagem do que parece ser plástico, não, é uma, é uma embalagem comum. O objeto tem acompanhado duas coisas, é uma caixa de madeira, um pedaço de papel e o objeto em si. Começando com os dados intrínsecos. Então, vamos ver as informações do objeto. Então, o formato é um retângulo. Então, eu tenho um retângulo com as bordas arredondadas. O material inicialmente parece ser uma madeira. Então, essa madeira é leve.*

Comentário do pesquisador: Novamente identificamos a necessidade do museólogo em descrever a embalagem, ou o desdobramento, do item a ser catalogado. Compreende-se neste

momento possíveis preocupações no acondicionamento do item, ao tentar investigar a tipologia de material da embalagem. Na fala do Participante B, denota-se uma possível descrição categórica, o qual organiza seu pensamento ao dar início à uma interpretação física, verbalizada pelo Participante como “começar pelos dados intrínsecos”.

Fala– Participante C: *Eu vou catalogar o telefone, que é o objeto retangular da cor preta. Ele é tridimensional. Ele é formado por um corpo inteiriço do seu lado do lado esquerdo do leitor. A gente tem um plugin em que conecta o fone ao aparelho. O fone também é um objeto retangular que tem uma protuberância na sua parte superior. Ele tem um fio de emborrachado espiralado que se conecta no telefone. O telefone propriamente dito é formado por 12 teclas maiores na parte inferior. A gente tem três telas menores e mais uma do lado direito. Há inscrições nele a marca eg escrita em branco abaixo da marca eujin, nós temos uma sigla tcf acima de cada tecla. A gente tem um número começa pelo número um em uma sequência e vai até o número nove abaixo dessa sequência, a gente tem três teclas, sendo a do lado esquerdo o asterisco, a central com o número zero e à direita, um símbolo semelhante ao jogo da velha abaixo de cada tecla.*

Comentário do pesquisador: Nessa passagem, denota-se a preocupação inicial do profissional em providenciar o primeiro entendimento acerca da estrutura do objeto. Iniciando pelas características mais evidentes, a leitura proposta pelo Participante C destaca um olhar técnico, destacando materiais e texturas que colaboram para a visualização do item e detalhamento no banco de dados. Além disso, o profissional descreve os objetos a partir de sua estrutura física e funcionalidade primária, evidenciando a preocupação pela identificação enquanto estratégia primária. Nota-se também, no decorrer da verbalização uma necessidade em compreender os elementos constituintes dos itens para garantir um panorama informacional preciso desde o primeiro momento.

Fala– Participante D: *[...] eu vou descrever aqui uma aeronave que faz parte do nosso acervo. Em caráter geral, esse aqui é um Catalina. [...] ele tem dois flutuantes nas pontas das asas. Esse flutuante, ele está uma cor laranja e ele tem dois motores na asa dele cada motor tem a sua hélice com três pás na cor preta e amarela ele possui também o trem de pouso dele na parte da frente e nas laterais também nós temos o trem de pouso é uma roda uma roda pequena na cor preta e cinza. Temos também duas rodas nas laterais, uma em cada lateral. Na cor preta e cinza também. Nós temos na parte da asa uma listra laranja e outra preta. Na fuselagem, que é o corpo da aeronave, nós temos algumas cores. Ele, o corpo dele no total é branco e cinza com algumas listras vermelhas Algumas e tá escrito, numa parte tá escrito hélice E na parte de cima também nós temos Uma parte, tipo duas linhas pretas Na lateral nós temos como se fossem duas janelas Esse Catalina aqui que eu tô descrevendo, ele tá num suporte, numa base, onde nós temos dois interruptores.*

Comentário do pesquisador: A passagem exemplifica o primeiro olhar do Participante D e seus desdobramentos quanto às cores do objeto. A estratégia utilizada pelo participante indica o reconhecimento inicial do item, por já possuir conhecimento prévio, evidenciando a diversidade de cores. Isso é realçado quando o profissional aponta os elementos estruturais durante a descrição, mencionando asas com flutuadores, hélices tricolores e pintura característica.

Categoria de Análise 2 – Significado

A categoria em questão analisa como o documentalista determina o significado do objeto, com base em referências e conhecimento geral. Esta análise destaca a importância do papel do museólogo no contexto específico, ajudando a definir o significado e a relevância do objeto para a temática da instituição museológica. Inclui também a entrevista retrospectiva para ajudar na definição do significado do item. Esta categoria é baseada no tópico “Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos”, no subtópico “Contexto”, no tópico “Documentação Museológica” e no tópico “Apontamentos semióticos na leitura documentária em acervos museológicos”.

Síntese: Nesta categoria, observou-se que os participantes analisam detalhadamente o objeto museológico e os identificam como uma peça de linguagem oriental e religiosa, além disso consideram as interfaces decorativas, funcionais, simbólicas e religiosas. Eles aplicam a dedução semiótica, baseando-se em seu conhecimento prévio. Além disso, os profissionais identificam o objeto de acordo com sua funcionalidade simbólica, usando informações da embalagem e o contexto histórico para ajustar a indexação. Ambos os participantes utilizam suas observações e conhecimentos específicos para determinar o uso e o significado do objeto.

A categoria também busca compreender as possíveis variações de entendimento do significado do item durante a descrição, realçando questionamentos e conclusões catalogação do item.

Fala – Participante A: *Com relação ao objeto em si, que no caso seria o objeto principal, ele é de gesso, é uma escultura em gesso, na verdade isso é uma das coisas que preciso verificar por que eu acredito que em alguns lugares eu vou encontrar sempre dizendo que isso é uma escultura mas por exemplo por ser isso aqui não foi esculpido ele foi colocado. O processo do gesso ele é colocado dentro de um molde, coloco a fórmula do gesso dissolvido em água dentro de um molde e esse molde fica ali fechado até ele perder um pouco da umidade, ele fica totalmente consistente quando molde é aberto e eu tenho a estrutura toda. E o que me diz isso é uma linha que tem*

aqui na lateral que é justamente a parte onde vaza um pouco do gesso entre o molde entre as duas partes do molde.

Comentário do pesquisador: O depoimento do Participante indica o processo de dedução visto no Modelo Semiótico de Indexação, ao qual interpreta o item de forma extenuante, ao analisar pequenos detalhes no objeto museológico. Nesse sentido, com base em suas premissas e no conhecimento prévio acerca da produção dos itens em larga escala, o Participante contribui para a construção de uma descrição robusta. Além disso, destaca-se a adição prevista na inferência semiótica de dedução, ao qual, com base na ação de observar do documentalista, este insere premissas no decorrer da leitura do item.

Fala – Participante B: *O escrito, os dois últimos, os dois grupos antes, são escritos em, como é o nome disso? Não é alfabeto alfanumérico. São imagens conhecidas como kanji. Então, kanji são o tipo de alfabetos usados pela China ou pelo Japão.*

Comentário do pesquisador: O destaque da fala do Participante reforça as etapas inferenciais de abdução e dedução no processo de catalogação do item. Ao observar inicialmente os símbolos cunhados no objeto museológico, o Participante conclui em mínimo tempo que se trata de uma linguagem oriental. Na sequência, munido de experiências prévias e inserido em um contexto cultural, sob uma escala regional, o museólogo destaca a tipologia da escrita no item. Realça-se na passagem a abdução, ou a etapa primária, a qual estabelece uma interpretação irrecusável do objeto, onde o participante B comenta “Não é alfabeto alfanumérico”.

Fala – Participante A: *Com relação à informação de que dentro do contexto de uso, isso aqui seria um objeto de rito religioso Ele é utilizado para preces, para demonstrações de religiosidade, né? Normalmente associados à festividade que é considerada patrimônio cultural imaterial no Brasil, né? É tombado pelo IPHAN, que é referente à festividade de Nossa Senhora de Nazaré, que é uma festa celebrada desde 1793, no estado do Pará, que atualmente é considerada a maior manifestação religiosa da América Latina, é considerada padroeira do estado do Pará, da cidade de Belém, especificamente.*

Comentário do pesquisador: Nesta etapa da catalogação, o Participante A direciona o significado para as informações extrínsecas do objeto. Nesse sentido, ao observar o item, o museólogo o insere na esfera religiosa e o desdobra no domínio sociocultural paraense. Ainda mais, o processo de leitura e interpretação do objeto produzem informações adicionais, provavelmente oriundas da inserção do indivíduo no mesmo contexto que o item. Essas informações adicionais, como o tombamento das festividades de Nossa Senhora de Nazaré, e que compõem a maior manifestação religiosa da América Latina, provavelmente ligam-se ao

conhecimento de mundo proveniente da cultura local, ainda assim, questões como a formação acadêmica do Participante podem influenciar na construção de dados extrínsecos abrangentes.

Fala – Participante B: *Existem esses objetos, tanto dentro do contexto religioso, dentro das igrejas, e também dentro das casas, porque existem várias casas que têm objetos como esses, para ritos, para suas preces, para demonstrações religiosas, como também em espaços públicos. No caso desta imagem aqui, ela está dentro desse contexto de objeto decorativo, né? Então, em cada uma das salas, a gente tem uma representação em tamanho maior ou menor desta imagem, que seria a representação da padroeira do município de Belém, né? Então, ela pode ser encontrada tanto nesse contexto especificamente religioso, dentro de uma instituição religiosa, como a igreja católica, ela pode ser encontrada também nas casas das pessoas, e, normalmente, esse tipo de estrutura aqui, dela em gesso, ela é encontrada nas casas, de forma mais, porque ela é uma imagem mais popular.*

Comentário do pesquisador: Em continuidade às primeiras impressões de significado, o Participante direciona o processo de descrição para duas esferas de análise, a de cunho religioso e a de decorativo. Observa-se na fala o significado amplo, como item de prece, ao indicar o costume de oração junto às tipologias de peças. Entretanto, o Participante também reflete quanto ao uso específico do objeto no contexto em que ele está inserido, sendo nesse caso utilizado de forma decorativa. Aqui foram localizadas tentativas de seleção de conceitos para a indexação, ao refletir durante a leitura qual seria a forma mais apropriada de descrição do objeto, a de item decorativo ou item religioso.

Fala – Participante A: *Vamos ver as informações agora extrínsecas. O que a gente consegue de informação disso o local do objeto é o castelo de Shuri em Okinawa. O castelo sofreu um incêndio quando foi o incêndio 2019. O castelo está em reconstrução até 2026, mas ainda está aberto. É um pedaço de, do castelo, do processo de reconstrução então, aqui tá dizendo que este bastão é feito com a ponta de cipreste doméstico, que foi recuperado durante os trabalhos de restauração do Seiden, do castelo de Shuri. O objeto foi parte do processo de restauração do castelo de Shuri aparentemente, não é um objeto que foi tirado de alguma parte do castelo em si, mas parece ser sobras então, provavelmente, quando eles usam a madeira para reconstruir o castelo, eles estão usando essas sobras para brinde, talvez ou isso pode ser um tipo de presente.*

Comentário do pesquisador: Nesta passagem, o Participante B estava munido de informativos que se encontravam presentes na embalagem do objeto. Entretanto, no processo de leitura, o museólogo se indagou quanto ao significado e uso do objeto, concluindo que possivelmente se tratava de um item comemorativo. Além disso, denota-se sobre a investigação de informações do contexto histórico do item, sendo estas balizadoras para a tradução do conceito do objeto catalogado e a representação no banco de dados da instituição.

Fala – Participante B: *Hum, eu não tenho informação de uso específico desse objeto, hum, mas não parece ser um objeto cerimonial pode ser um objeto comemorativo então eu posso considerar, por enquanto, esse objeto ele é o quê? Primeiro, ele é um fragmento, obviamente, de acordo com o papel, né? Então, se isso é um fragmento um fragmento do quê que eu posso colocar? Não é uma construção artística não é acessório de armaria não é objeto pecuniário, construção. Ok, então isso pode ser um fragmento de construção o primeiro uso desse objeto da madeira foi num castelo que está sendo reconstruído então, se eu for colocar um objeto de armaria então, isso pode ser uma construção. É um abrigo? Abrigo eu acredito que seja quando o todo é catalogado nesse caso, eu não sei esse não é o todo do objeto eu não sei quantos desses foram produzidos eu só tenho uma unidade eu não sei qual forma, não sei quantos foram produzidos, o que mais que eu não sei? Porém, esse é o uso da madeira principalmente se eu considero o uso agora, mais atual após essa transformação do objeto se no caso, era uma madeira que sobrou e eles resolveram dar um segundo uso para essa madeira então esse objeto esse objeto vira um objeto comemorativo um objeto comemorativo que aparentemente ele é uma lembrança ou uma homenagem ou uma homenagem a restauração do Shuri, do castelo então.*

Comentário do pesquisador: Nesta etapa, o Participante procura selecionar conceitos que podem estar associados ao objeto. O processo de leitura é identificado na sequência de perguntas e respostas propostas pelo próprio museólogo ao indicar um conceito apropriado para a indexação do item. Com base nas informações obtidas anteriormente, o Participante encaixa a informação junto às possibilidades de representação, refletindo as funções primárias e o novo uso do objeto museólogo. Diferente do Participante A, o Participante B abre um leque de possíveis significações do objeto, entretanto, os participantes se assemelham ao indicarem o uso e o contexto atual para delinear o assunto do item, focalizando neste caso como peça comemorativa.

Fala – Participante C: *Pensando um pouco na funcionalidade desse objeto, ele é o objeto do âmbito da comunicação. Mas ele é do âmbito da comunicação nesse campo sobre o histórico do objeto, eu vou pesquisar quando que esse objeto o objeto telefone foi criado por quem ele foi criado desde quando ele foi introduzido aqui na instituição, porque nem todas as instituições tiveram telefone no momento em que ele foi criado e apontarei também para o desenvolvimento desse objeto que hoje nós estamos em 2025 esse objeto é muito pouco utilizado.*

Comentário do pesquisador: Fortalecendo a presença de conhecimento de mundo, o Participante C aponta a funcionalidade comum do objeto, que é a comunicação. A partir desse momento, o profissional desdobra o significado do objeto, narrando um breve percurso histórico de inclusão dos telefones no contexto administrativo, bem como a ausência deste no cenário atual. É notável destacar a experiência de vida do profissional ao abordar a reflexão acerca do uso do item, tanto no espaço museológico, como no contexto comum. Há também a

presença da indução semiótica, visto a associação pela funcionalidade objeto à temática da comunicação.

Fala – Participante C: *Poucas residências, você encontra um telefone fixo em residência de pessoas jovens. Você já não encontra esse objeto. É também interessante ressaltar no histórico desse objeto que o design dele também mudou ao longo do tempo. Então, quando ele foi criado, ele era formado por um disco em que a pessoa colocava o dedo e rodava esse disco até um dispositivo que parava esse movimento [...] as crianças hoje já não conhecem telefones com esse movimento de discar até o vocabulário mudou a gente. Já não fala vou discar [...] o número a gente fala, assim, mas eu vou telefonar. Então há uma série de outros termos associados a função desse objeto telefônico.*

Comentário do pesquisador: Novamente, a experiência de mundo influencia na interpretação e leitura do objeto. Dessa vez, o Pesquisador C reflete sobre a alteração da morfologia do objeto, bem como o uso deste no contexto atual. Ainda assim, a passagem denota que o significado do objeto não se restringe à sua função original, mas inclui sua relevância histórica e social. O profissional demonstra uma visão ampliada acerca da temática do artefato, contextualizando os itens além da sua materialidade, incluindo discussões críticas necessárias para o entendimento do conteúdo e iconográfico do telefone descrito. Na discussão, o indexador também se insere na dimensão cultural ao reforçar que em seu cotidiano alguns termos não se associam mais ao objeto catalogado, como “discar” e “telefonar”.

Fala – Participante D: *Essa aeronave, o contexto histórico dela é uma aeronave que foi muito importante aqui para a Amazônia. Ela serviu para fazer a integração da nossa Amazônia e em 2023 saiu o tombamento definitivo dela, ela virou patrimônio histórico justamente por todo esse contexto histórico de integração, de ajuda humanitária para a população aqui da Amazônia.*

Comentário do pesquisador: No que se refere à categoria de significado, o profissional associa o item museológico à aeronave Catalina, utilizada pela Força Aérea Brasileira em missões de integração durante o século XIX. Observa-se que o profissional interliga o significado do item diretamente à narrativa da própria aeronave tombada como patrimônio histórico. Essa interpretação reflete a dedução do indexador em formar o resumo informacional ligado à temática acoplando informações do item original ao objeto de museu. Todavia, essa estratégia torna-se apropriada pois ambas materialidades se entrelaçam na interface contextual.

Fala – Participante D: *Na parte de trás do avião, nós temos o símbolo do primeiro ETA, que é o primeiro esquadrão de transporte aéreo, onde esse Catalina faz parte. Nós temos uma descrição Primeiro ETA, mas chego lá.*

Esse é o emblema desse esquadrão de transporte aéreo, que é o primeiro. É um tracajzinho com asas, sendo que o tracajá, o casco dele é laranja e a asazinha dele é amarela.

Comentário do pesquisador: Novamente, observamos a inclusão do leitor no contexto sociocultural do item museológico descrito, visto o uso do conhecimento de terminologias e das próprias aeronaves como estratégia para indexar o objeto.

Categoria de Análise 3 – Descrição do item

Examina a compreensão e o processo de descrição do item, identificando possíveis hesitações e dúvidas na documentação. Esta categoria pode revelar erros na catalogação e avalia a habilidade do documentalista em produzir um resumo e entendimento geral da peça. Categoria baseada no tópico “Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos”, no subtópico “Modelos de Leitura Documentária” e no tópico “Documentação Museológica”.

Síntese: As falas dos participantes destacam a importância do conhecimento prévio para uma descrição detalhada do item. Os profissionais seguem um roteiro de descrição, começando pelo topo do objeto e utilizando uma linguagem técnica, conforme padrões e bibliografias museológicas, como os termos “antropomórfico” e “figura angelical”. Foi demonstrado uma capacidade de autocorreção para utilizar termos mais precisos. Os participantes também realizam observações adicionais que podem levar a intervenções futuras no objeto, como manutenção e restauração.

Segue as principais passagens identificadas no percorrer do PVI:

Fala – Participante A: *Eu tenho um objeto no formato de corpo humano com um brindo, a cabeça possui uma coroa né nessa escultura. Eu tenho duas pessoas na verdade e a representação de uma mulher, uma representação antropomórfica feminina, e de Jesus e abaixo dela tem a estrutura de um rosto que é a representação de um anjo, uma figura angelical. Essa imagem, essa escultura, ou essa moldagem, esse objeto ele possui uma cabeça, só que eu iria pesquisar com certeza porque eu não lembro, a verificar.*

Comentário do pesquisador: A fala do Participante A evidencia a necessidade do conhecimento prévio para uma descrição aprofundada do item. Observou-se no processo de leitura um roteiro para a descrição, o qual o participante inicia o processo pelo topo do objeto, delineando características específicas e traduzindo estas em uma linguagem técnica, muito proveniente de padrões e bibliografias estabelecidas na área museológica. Termos como “antropomórfico” e “figura angelical” compõem a expertise do indexador ao construir um

resumo informacional na ficha catalográfica de museus. Dessa maneira, observa-se uma auto correção para palavras apropriadas relacionadas ao objeto.

Fala – Participante A: *O acabamento é feito nas cores dourado, bronze, azul e vermelho metálico, e também nas cores bege, branco e marrom na base. Além do objeto tem uma base com a descrição escrito Nossa Senhora de Nazaré e essa descrição está revestida em acrílico.*

Comentário do pesquisador: Denota-se observações complementares que contribuirão para possíveis intervenções no objeto, como manutenções e/ou procedimentos de restauração.

Fala – Participante B: *Pelo que se parece, isso foi queimado na madeira. Então, não foi um objeto. Então, eles usaram algum tipo de objeto. Para marcar a madeira. Então, tem um, dois, três. Essa marcação foi dividida em três grupos, pelo que parece. Tem o primeiro grupo, um espaço, o segundo grupo e a imagem do castelo. A imagem do castelo parece ter sido feita também em mais de uma etapa. Não parece ter sido única, porque as dimensões da queimadura são diferentes. Então, tem um, dois, três tipos diferentes. Então, só a imagem do castelo tem um processo, provavelmente de queimadura, de três etapas diferentes.*

Comentário do pesquisador: Na ocasião, a passagem realça a habilidade do participante em reconhecer técnicas utilizadas na caracterização do objeto. No processo de leitura, o documentalista explana que quanto mais aprofundada a descrição, sendo esta especificada por técnicas e marcas na superfície do item, mais amplo será o panorama informacional deste.

Fala – Participante C: *A gente tem inscrições também em letra branca abaixo da letra do número dois. A gente tem a letra a b c abaixo do número três a letra d e f abaixo do número quatro as letras g h i abaixo do número cinco as letras j k l abaixo do número seis. As letras m n o abaixo do número sete. As letras p q r s abaixo do número oito as letras t v abaixo do número nove as letras w x y z abaixo do asterisco. Não há nenhuma inscrição abaixo do número zero a as letras, o p abaixo do asterisco. Não há nenhuma inscrição na parte inferior deste objeto nós temos duas etiquetas.*

Comentário do pesquisador: Reforça-se nessa passagem a presença de um roteiro de descrição, o qual é executado por meio das sequências mentais do profissional. Podemos afirmar que a estratégia segue uma forma de leitura ocidental do item, visto novamente o percurso da esquerda para direita, de cima para baixo. Enquanto estratégia, a descrição dos objetos e suas características padrão detalhado do geral ao específico.

Fala – Participante D: *No mais ela tem basicamente a envergadura dela, que é a ponta de uma ponta a outra da asa, ela tem basicamente eu acho que aqui uns 30 centímetros e o corpo dela com a fuselagem deve ter uns 20 centímetros. [...] E sabe que eu vejo assim também quando a gente utiliza muito o termo técnico também, eu acho que limita muito o público também, porque eu sei o que é flutuante, o que é isso aqui, mas a pessoa que está fora vê isso aqui como um barquinho, o formato de um barquinho.*

Comentário do pesquisador: A transcrição indica uma estratégia de leitura e indexação que se refere a identificação de conceitos e a simplificação dos mesmos. Nesse sentido, o processo de descrição proposto pelo Participante D prioriza a construção de representações compreensíveis e acessíveis para os usuários ao “traduzir” informações técnicas em resumos informacionais amplos. No mais, o indexador também realça suas habilidades ao deduzir o tamanho do objeto, resultado de descrições contínuas que reforçam a expertise de medição dos itens.

<p>Categoria de Análise 4 – Tradução do item</p>

Analisa os processos finais de indexação dos acervos museológicos, incluindo o uso de linguagens naturais e sua conversão em linguagens documentárias. Investiga a busca por Thesaurus e outros instrumentos para a indexação de termos no contexto museológico, com base na seção relacionada ao objeto museológico a Documentação Museológica.

É importante ressaltar que durante a coleta dos PVI, notou-se que o Participante A não realizou a tradução das informações em um termo para a indexação, sendo direcionada para a etapa somente na entrevista retrospectiva, a qual solicita que o indivíduo indique um termo geral ou específico para a representação de assunto. Todavia, os participantes prosseguiram com a indexação durante a coleta, indicando a linguagem documentária a ser utilizada no procedimento.

Síntese: Na categoria, notou-se que os participantes buscam relacionar as informações obtidas com termos do tesauro. Apesar das dúvidas iniciais sobre a categorização, ao final do processo, o participante opta por indexar o item sob termos voltados à funcionalidade e significação para facilitar a recuperação. Após analisar o contexto do objeto e informações complementares na embalagem, os participantes traduzem a linguagem natural em termos documentários para melhorar a recuperação futura.

Segue as principais falas coletadas:

Fala – Participante A: *Dentro do tesauro existe a categoria de objetos relacionados a culto que eu não estou lembrando agora, deixa eu só pesquisar aqui se é o... é, objetos de ritos cultos e crenças, mas pensando de modo geral pensando na recuperação da informação talvez seria interessante mesmo relacionar a esse termo já definido no tesauro, objetos de ritos cultos e crenças, até porque esse termo geral, objetos de ritos cultos e crenças.*

Comentário do pesquisador: O Participante A, após a descrição do item, busca relacionar as informações obtidas junto ao termo do tesauro utilizado. Inicialmente nota-se o conhecimento

anterior do termo, possibilitando uma rápida seleção do descritor a ser utilizado. Podemos indicar as dúvidas inerentes do processo de catalogação, realçadas nos tópicos anteriores, onde o museólogo buscava relacionar o item a um assunto apropriado. Nesse sentido, ao fim do processo, o participante indicou que o item fosse indexado sob o termo “Objetos de Ritos, Cultos e Crenças”, para facilitar a recuperação por parte do usuário.

Fala – Participante B: *Então eu fiz uma revisão básica do que poderia ser considerado para esse objeto então aqui para o uso que eu consegui identificar desse objeto. Ele é um objeto comemorativo. Ele é parte dos objetos cerimoniais. No thesaurus o geral é Objeto Cerimonial né? E o termo específico é o objeto comemorativo.*

Comentário do pesquisador: Observa-se a indução para termos gerais e específicos presentes no vocabulário controlado utilizado pelo Participante B. Após delinear o contexto do objeto, sua trajetória e as informações complementares presentes na embalagem, o participante consegue traduzir a linguagem natural relacionada ao item à uma linguagem documentária para possíveis recuperações.

Fala – Participante C: *E aí eu precisaria acessar o Thesaurus para saber, qual é o código de classe subclasse porque eu não sei de cabeça. [...] foi um termo mais generalista. Não tinha também como acessar o Thesaurus no momento para ter o termo específico.*

Comentário do pesquisador: Nesse trecho, evidencia-se, durante o processo de leitura, a estratégia em associar a temática do item museológico a um termo existente no Thesaurus para Acervos Museológicos. A conversão da descrição para uma linguagem específica demonstra uma tentativa de uniformizar a terminologia, antecipando o resultado da indexação em termos gerais. Nesse sentido, o entendimento do instrumento de pesquisa também direciona o profissional na investigação e seleção dos conceitos do item museológico.

Fala – Participante D: *Então, acho bom a gente colocar os conceitos também populares, não utilizar só esse vocabulário controlado, assim, isso aqui eu sei que é uma fuselagem, mas quem vem de fora não sabe que isso aqui é uma fuselagem. Entende como o corpo, assim, do avião. Envergadura, a pessoa não sabe que é a distância de uma ponta a outra da asa. Entendeu? [...] vou até ver, assim, se tem, pesquisar realmente se tem um termo específico, de cada aeronave, entendeu? Porque tem o geralzão, mas essa aqui vai se encaixar nesse tipo de aeronave, essa aqui vai se encaixar em outro. Por exemplo, pode ser específico, aeronave de transporte.*

Comentário do pesquisador: Em complementação à categoria de análise de descrição, a passagem também apresenta o esforço de tradução de conceitos técnicos em termos gerais. Termos como “fuselagem” e “envergadura” são explicitados na linguagem natural. Com isso, a etapa de leitura proposta pelo Participante D converte as informações específicas em

representações apropriadas para usuários interessados que não possuem o conhecimento técnico. Alguns termos gerais, como “aeronave”, são amplamente utilizados, mas o participante evidencia necessidade de avaliar categorias mais específicas, como “aeronave de transporte”.

Categoria de Análise 5 – Grau de maturidade do sujeito como leitor

Baseada em Kato (1995), esta categoria avalia como a prática de leitura é guiada pelos participantes do PVI. Foca no tempo dedicado à atividade e nas dúvidas surgidas durante a indexação do objeto. É fundamentada no tópico “Leitura Documentária: interfaces e aspectos formativos”, no subtópico “Leitor” e no tópico “Pesquisa Descritiva”, presente na Metodologia desta pesquisa.

Síntese: A categoria destaca a importância do contexto na descrição do item. Os participantes enfrentam dificuldades na catalogação devido à falta de um termo unificado para o resumo descritivo, mas a experiência com acervos conhecidos enriquece a análise. Os participantes também utilizam o conhecimento regional para identificar rapidamente o tema do objeto. O participante B, por exemplo, também menciona a dificuldade com a língua, devido aos escritos orientais no objeto. Com isso, denotam-se barreiras linguísticas e elementos culturais aquém do indexador, as quais estas afetam diretamente na leitura dos itens.

Observa-se a seguir as principais falas que representam a categoria proposta:

Fala – Participante A: *Eu acho que isso pega um pouco o nosso trabalho mesmo que é de museólogo. A dificuldade maior, ao meu ver é tu encontrar o termo correto para definir alguma coisa, porque várias dessas coisas são tratadas por vários nomes. Então eu não sei se é correto ou errado. Eu tenho, por exemplo essa informação, ah, isso aqui é uma passamanaria, eu sei também por uma informação de contexto, que eu já trabalhei com acervo de figurino e eu conheço esse material.*

Comentário do pesquisador: A passagem destaca novamente a importância do contexto na construção de premissas durante a leitura do item. O Participante A indica a dificuldade em alguns processos de catalogação, ao não saber um termo unificado a ser utilizado no resumo descritivo. Além disso, compreende-se que quanto maior a experiência em diferentes acervos, maior será o leque de possibilidades no percurso de descrição do artefato.

Fala – Participante A: *Foram experiências prévias com documentação de acervos sacros e também com a manifestação religiosa em si [...].*

Comentário do pesquisador: O Participante A indica que identificou o assunto do objeto museológico com base em experiências em acervos sacros, isso colaborou para que fosse realizada uma rápida leitura do objeto. No que consiste à temática, o indexador também afirmou expertise na própria manifestação religiosa, voltando-se a conclusões embasadas no regionalismo cultural.

Fala – Participante B: *A grande dificuldade é a língua, certo? E aí, durante esse processo de observação, reparei que puxava muitas coisas, muitas dúvidas. Por exemplo, da ilha ou do próprio castelo, ou da própria madeira também, coisas que vão formando ali o objeto. Eu tinha informação prévia do objeto, porque eu estava no momento de coleta, né? Então, ali a gente já teve que fazer uma pesquisa prévia da realidade do castelo.*

Comentário do pesquisador: Na fala, o participante reflete que a principal dificuldade encontrada durante o processo de descrição foi a língua. Por se tratar de um objeto com escritos oriundo de um contexto oriental, o museólogo realçou barreiras na obtenção de informações relacionadas à temática. Entretanto, por participar da coleta do objeto, o indexador iniciou a leitura com base na experiência local, ao qual selecionou conceitos iconográficos, como a imagem do castelo e demais dados, para a formulação do resumo informacional.

Fala – Participante C: *[...] a gente usa uma metodologia um pouco parecida com essa que você está propondo que ela é formada por quatro etapas e uma das etapas é a leitura do cômodo, então é como se a gente ficasse olhando para esse lugar, avaliando todos os seus detalhes a sua constituição, a sua estrutura para depois iniciar a catalogação propriamente dita. [...] nós só utilizamos essa metodologia para a catalogação dos cômodos, porque todo o acervo museológico já estava catalogado.*

Comentário do pesquisador: Conforme o Profissional C, a utilização de estratégias de leitura já é identificada em suas metodologias de catalogação, visto a presença do termo “leitura” no processo de descrição do objeto. Nesse sentido, destaca-se a maturidade avançada do leitor C, por conta de seu entendimento na observação das características relevantes que coincidirão na representação informacional do item museológico. A maturidade do leitor influencia diretamente a qualidade da catalogação e indexação, visto que a experiência do referido indexador tratou de buscar pontos-chave para um resumo informacional preciso. Entretanto, a metodologia foi aplicada apenas para cômodos, sugerindo possibilidades na adaptação para objetos, como o telefone.

Fala – Participante D: *[...] quando a gente começa a fazer essa descrição, realmente é até pra gente conhecer o objeto que a gente tá identificando e pesquisar mesmo sobre ele, entendeu? Pra tu poder passar pro público uma*

informação também, assim, certa, correta, entendeu? [...] a dificuldade realmente é conhecer o termo técnico de cada peça para poder realmente fazer uma descrição técnica sobre essa aeronave.

Comentário do pesquisador: Um ponto de discussão é a expertise do participante em afirmar a importância da pesquisa para qualquer etapa de catalogação de itens. Mesmo imerso no contexto, identificar e reconhecer possíveis erros nos processos de descrição discriminam um nível considerável de preocupação com a acessibilidade da informação para públicos não especializados. Dessa forma, a proposta de leitura do Participante D evidencia um posicionamento crítico sobre os processos internos, propondo a percepção de que a experiência profissional molda a capacidade de observação e análise dos itens museológicos.

6.2 Discussão dos resultados

Para chegarmos a obtenção de evidências acerca da realização da etapa da leitura documentária no processo de indexação em acervos museológicos, foi de grande necessidade realizarmos a aplicação do Protocolo Verbal Individual, a fim de demarcar passagens e raciocínios produzidos por museólogos no processo de descrição do item museológico, conforme notado no item anterior.

Entretanto, para além do processo em si, o PVI também foi constituído por uma entrevista de cunho qualitativo, categorizada nesta pesquisa como pré PVI. Na obtenção dos resultados neste cenário, foi indicado pelos participantes o conhecimento acerca da catalogação e indexação de acervos museológicos, suas técnicas no procedimento de extração das informações intrínsecas e extrínsecas do objeto, a ciência e utilização de vocabulários controlados, como o Thesaurus para Acervos Museológicos, e de demais habilidades apresentadas pelos participantes (conforme indicadas nas transcrições presentes nos Apêndices A, B, C e D).

Um ponto de discussão neste primeiro momento foi a similaridade dos participantes na utilização da ficha catalográfica para o balizamento da descrição do item. Conforme apontado nos questionários iniciais, ambos os participantes utilizam do instrumento de pesquisa para a construção do resumo informacional, contendo metadados que solicitam a inserção de dados temáticos e físicos do artefato. Ainda assim, a semelhança entre as respostas realça a importância do auxílio de instrumentos de pesquisa para a orientação da leitura dos objetos, sendo estes instrumentos considerados como pontos focais para a organização mental durante a interpretação do item museológico.

Ainda na análise das entrevistas, identificou-se que os participantes estendem a preocupação na atuação interdisciplinar, ao indicar que busca construir descrições voltadas também para a conservação e futuras restaurações do objeto documentado. A intenção demarca a expertise do documentalista em promover boas condições de uso e pesquisa do item. Nesse sentido, durante a leitura do item, questões como as condições físicas e possíveis necessidades de ajustes climáticos e químicos para a estabilidade do material são acionadas, oriundas de um conhecimento profissional de uma área correlacionada com a Museologia, como a Conservação Preventiva.

Focando na aplicação do PVI, diversas passagens foram ressaltadas para a discussão. Na primeira categoria de análise, notou-se que o primeiro olhar do item por parte dos indexadores indica o reconhecimento da tipologia dos artefatos analisados. Enquanto etapa de leitura documentária, a categoria evidenciou que o leitor, ou o museólogo, inicia o pensamento de descrição pela estrutura física, focando em características generalistas. Desdobramentos como embalagens e encaixes também são observados pelo documentalista, o qual inicia interpretações acerca da função item. A análise dos resultados apresentados demonstra a aplicação de estratégias bem definidas para alcançar um nível de precisão informacional adequado. Nesse sentido, os profissionais iniciam sua abordagem a partir da observação das características mais evidentes do objeto, como materiais e texturas. Essa estratégia inicial não apenas auxilia na formação de um entendimento primário sobre o item, mas também colabora diretamente para a criação de um banco de dados mais detalhado e sistemático.

Além disso, evidencia-se a abordagem adotada pelo Participante D, que se inicia pela identificação visual do objeto, destacando suas cores e elementos estruturais. A menção a asas com flutuadores, hélices tricolores e pintura característica sugere que o profissional já possui um conhecimento prévio sobre o item, o que facilita seu reconhecimento e categorização. Esse primeiro olhar direciona a descrição para uma compreensão mais aprofundada da peça e seus desdobramentos.

Na segunda categoria de análise, foi observada a interface de significado que rodeia o objeto museológico analisado. Ressaltaram-se considerações acerca da identificação das etapas inferenciais do modelo semiótico de indexação. Nesse sentido, indica-se o reconhecimento da abdução, caracterizada como primeiro olhar do item, a ideia inicial, ao qual os participantes anteciparam a descrição ao afirmarem detalhes físicos e funcionais do objeto. Como exemplo, a descrição do item religioso pelo Participante A, a qual foi identificado como artefato de culto nos primeiros momentos da aplicação do PVI. A etapa de

dedução, constituinte do modelo semiótico, também foi evidenciada na catalogação por parte dos documentalistas entrevistados. O fenômeno de interpretação do item com base em premissas, como o conhecimento de produção do item, colaborou para uma leitura de características que somente profissionais experientes conseguem identificar. Novamente, cita-se aqui a construção do resumo documentário do Participante A ao adicionar os meios de produção do item para um panorama informacional robusto.

Ainda na segunda categoria, notamos o fator da dimensão cultural enquanto interface que baliza o processo de leitura do item. Conforme apresentado pelo Participante B, a linguagem influencia diretamente as etapas de identificação e seleção de conceitos, visto que objeto analisado estava em japonês. Mesmo com a utilização de ferramentas de tradução, algumas características não podem ser interpretadas pois o indexador não está inserido no contexto sociocultural do item. Em contraponto, a premissa é reforçada pelas estratégias do Participante B, sendo este inserido no contexto cultural do artefato e que consegue deduzir e indicar a temática constituinte do mesmo. Reforça-se aqui a importância da aproximação dos museólogos junto ao domínio de seus acervos museológicos, podendo ser reforçada por investigações, inserções e experiências locais em meio ao contexto regional.

Além da análise física, percebe-se uma preocupação com a funcionalidade primária do objeto, reforçando sua importância histórica e social dentro do acervo. No caso específico do telefone analisado (Participante C), a interpretação do profissional não se limita à descrição de sua função original, mas se expande para uma reflexão sobre sua trajetória e evolução no contexto administrativo e comunicacional. Essa abordagem indica um olhar ampliado para a análise do item, permitindo uma contextualização que vai além de sua materialidade e abarca aspectos culturais, históricos e simbólicos.

Na perspectiva do Participante D, o objeto analisado foi associado a uma aeronave específica, o Catalina, utilizada pela Força Aérea Brasileira. Essa associação direta demonstra a importância da contextualização histórica na catalogação, uma vez que o indexador interliga o objeto museológico à narrativa original da aeronave preservada como patrimônio histórico. Essa estratégia, que pode parecer uma dedução do profissional, revela-se adequada, pois as materialidades do objeto e da aeronave real se complementam, formando uma interface contextual sólida. Um aspecto relacionado à essa observação é a inclusão do indexador no contexto sociocultural do item. O uso de terminologias aeronáuticas e a familiaridade com o universo das aeronaves indicam que o profissional se vale de seu repertório técnico para tornar a descrição mais precisa e informativa. Essa expertise também é evidenciada na

capacidade de dedução do tamanho do objeto, resultado de observações contínuas e medições informais.

A terceira categoria de análise proposta para os dados obtidos na aplicação do PVI evidenciou percursos gerais para a leitura dos objetos museológicos. A estrutura adotada na descrição do objeto também segue uma lógica de leitura sistemática, respeitando o percurso ocidental, que vai do geral ao específico. Esse modelo sequencial facilita a organização das informações, permitindo que a análise se desenvolva de maneira estruturada e compreensível. Essa abordagem também reforça a importância da descrição detalhada, garantindo que todas as características relevantes do objeto sejam devidamente registradas. À vista disso, foram notados padrões entre os quatro participantes, sendo estes a observação inicial de desdobramentos e a identificação de materiais e cores. Denotou-se também um roteiro durante o Pensar Alto dos participantes, ao qual pôde ser sintetizado e visualizado no diagrama abaixo (Figura 9).

Figura 9 - Percurso de observação e leitura do item museológico



Fonte: Elaborada pelo autor.

A visualização cíclica do roteiro se justifica pela observação dos participantes durante a catalogação do item, os quais indicaram que começaram pelo topo e descreveram os objetos de cima a baixo, virando-os de costas para mais obtenções. Nesse sentido, mesmo que ainda não conseguissem selecionar todos os conceitos, os participantes repetiam a sequência. O percurso de observação evidencia a busca dos conceitos universais do item, onde os participantes propuseram perguntas para a identificação e seleção das informações. Além disso, a sequência cíclica também pode colaborar para a setorização da leitura da estrutura do documento.

A quarta categoria de análise realçou a tradução dos conceitos selecionados em termos presentes em vocabulários controlados. O PVI identificou que os participantes não obtiveram uma resposta rápida para a seleção de termos, isso provavelmente se justifica pela polissemia dos objetos analisados, podendo estes serem configurados em diferentes contextos e funcionalidades. Entretanto, após refletirem os documentos, os participantes enveredaram para a política de indexação de interesse ao seu contexto, ou seja, os museólogos direcionaram os conceitos aos descritores temáticos alinhados aos interesses profissionais da instituição ou espaço.

A transcrição dos resultados também destaca a preocupação dos participantes com a acessibilidade das informações. A estratégia adotada para leitura e indexação prioriza a identificação e simplificação de conceitos, tornando a descrição mais compreensível para diferentes públicos. Nesse sentido, a tradução de termos técnicos em linguagem mais acessível se torna um diferencial importante. Expressões como “fuselagem” e “envergadura” são explicitadas de maneira clara, garantindo que usuários sem conhecimento técnico possam compreender o significado do objeto. Além disso, percebe-se uma reflexão sobre a necessidade de categorizar o item de forma mais específica, diferenciando, por exemplo, uma “aeronave” de uma “aeronave de transporte”.

Como desafios, a conversão da descrição do objeto para uma linguagem específica e padronizada demonstra uma preocupação com a uniformização terminológica, garantindo que a indexação do item seja precisa e coerente com os padrões museológicos. Esse tipo de abordagem não apenas facilita a recuperação de informações, como também contribui para a interoperabilidade dos dados em diferentes sistemas e instituições museológicas.

Após serem analisadas pela quinta categoria, referente ao grau de maturidade do leitor, as falas obtidas no PVI apresentaram algumas dificuldades no processo de leitura do item. O Participante B indicou que uma das principais barreiras para a descrição do objeto foi relacionada ao idioma. Nesse sentido, afirma-se que artefatos que contêm linguagens estrangeiras oferecem maior tempo de análise, os quais sugerem a utilização de outros instrumentos de tradução aos documentalistas. No que se refere à necessidade de conhecimento prévio, as falas do Participante A apontaram que o mesmo conseguiu realizar a tarefa mais rápido por conta de um conhecimento já existente acerca de acervos sacros e pela própria inserção no contexto cultural do item.

A maturidade profissional do indexador nesse processo se torna um fator determinante para a qualidade da catalogação e da indexação, pois a experiência adquirida ao longo do tempo permite uma leitura mais refinada do objeto e a identificação de aspectos essenciais para um resumo informacional preciso. Com base nisso, é de necessidade realçar o olhar crítico do Participante D sobre os processos internos de descrição. Apesar de estar imerso no contexto do objeto, o profissional demonstra preocupação em reconhecer possíveis erros e limitações na catalogação. Esse nível de reflexão indica uma maturidade profissional que vai além da simples descrição do item, incorporando um pensamento analítico sobre as etapas envolvidas na organização das informações. Ao propor uma leitura mais atenta e criteriosa dos objetos, o participante sugere que a experiência prática molda a capacidade de observação e análise, influenciando diretamente a qualidade do processo de catalogação.

Em suma, as discussões propostas indicaram estratégias utilizadas pelos indexadores de museus para a leitura documentária dos objetos museológicos. Assim, buscou-se também formular um modelo de leitura documentária para itens museológicos, utilizando como base as indagações presentes nos dados desta pesquisa, bem como nas interpretações acerca da indexação dos acervos museológicos. Portanto, cabe ressaltar que os dados aqui analisados contribuíram de forma significativa para um vislumbre inicial da interoperabilidade e adaptabilidade de modelos de leitura já existentes para o direcionamento da análise e representação dos conceitos universais de artefatos museológicos.

Esse fator abre possibilidades para aprimorar ainda mais a abordagem museológica, permitindo que a mesma estrutura sistemática de descrição seja aplicada a uma ampla variedade de itens do acervo. A formulação de um modelo sistemático para objetos pode contribuir para um processo de catalogação mais coeso, garantindo que os princípios de análise e interpretação se mantenham consistentes independentemente do tipo de item descrito. Dessa forma, reforça-se a necessidade de um olhar técnico aliado à contextualização histórica e cultural na representação informacional dos acervos museológicos, assegurando que a memória preservada nesses espaços possa ser compreendida de forma ampla e acessível.

7 PROPOSTA DO MODELO DE LEITURA DOCUMENTÁRIA PARA INDEXAÇÃO DE OBJETOS MUSEOLÓGICOS

A presente seção versa sobre a elaboração da proposta de um modelo de leitura documentária para itens museológicos, baseada nos resultados obtidos no desenvolvimento desta pesquisa, bem como nas investigações relacionadas ao Mapeamento Sistemático de Literatura na aplicação do Protocolo Verbal Individual.

Em retrospectiva, a leitura documentária é uma etapa constituinte da análise de assunto, a qual abarca a tarefa metacognitiva de identificação e seleção de conceitos, utilizando como arcabouço técnico o conhecimento prévio. Visando a representação informacional por meio da indexação, a leitura profissional torna-se efetiva a partir do reconhecimento e aprimoramento das estratégias de observação do documento, onde o leitor/indexador obtém o entendimento do texto e sua interface contextual, realçando conceitos precisos acerca da temática do documento. Nesse sentido, para otimizar o procedimento de indexação, o modelo de leitura documentária é proposto como balizador na captação de informações, sendo utilizado como instrumento de pesquisa que direciona e reconhece a estrutura e conteúdo de diferentes documentos.

Com base nisso, a leitura documentária torna-se um processo essencial para a compreensão, representação e disseminação de informações sobre objetos museológicos. Dada a complexidade desses itens, a leitura profissional encontra na Documentação Museológica uma abordagem para além da descrição física, incorporando aspectos históricos, culturais e simbólicos. À vista disso, a possibilidade de um modelo que sistematiza a leitura documentária dos objetos museológicos, proporciona uma oportunidade estruturada para análise e indexação dos itens, garantindo uma gestão mais eficaz e acessível de bancos de dados associados aos acervos de espaços culturais.

Entretanto, por se aplicar no universo de documentos paratextuais, ou seja, aqueles que não indicam de forma clara o seu conteúdo por meio de textos, a leitura documentária enfrenta o desafio de conter propostas e estratégias eficientes no processo de descrição e interpretação do item, tanto em sua estrutura, como em sua interface conceitual. Vimos anteriormente que o objeto museológico é dotado de níveis formativos que devem ser considerados durante sua análise, desde sua morfologia, passando pela gênese e pelo significado. Dessa forma, destaca-se que um manual que oriente o museólogo a identificar os

conceitos do item em processo de descrição deve indicar as nuances do artefato, mesmo que seja de forma generalista.

No que se refere à perspectiva generalista da descrição do item, compreende-se que os objetos museológicos contêm narrativas plurais, adaptados em diferentes contextos através dos valores atribuídos a eles. Desse modo, para uma localização e representação idônea de pontos de referência em objetos diversos, a abordagem mediante a investigação de características gerais pode garantir descritores temáticos abrangentes, mas coesos. Ou seja, ter ciência dos níveis formativos do objeto museológico, bem como propor estratégias de leitura acerca de materiais, cores e superfície dos artefatos, colabora para um percurso metodológico apropriado para a indexação de objetos diversos.

Ainda assim, a estrutura do documento paratextual é definida por sua intenção, percepção e evolução. Essa composição possibilita sua interpretação como um sinal, unindo materialidade, forma e significado. A complexidade do objeto museológico se torna ainda mais evidente por meio de uma matriz que classifica suas características físicas, função, significado e trajetória, fornecendo uma base para sua análise. Essa base, esclarecida dentro de um modelo de leitura em termos gerais, orienta a observação do profissional, o qual procederá com execuções padronizadas para obtenção dos conceitos.

Um ponto necessário para discussão de um modelo é a busca do indexador de museu pela funcionalidade e significado do item. Com base nos resultados apresentados anteriormente, afirma-se que a principal estratégia utilizada é o uso do conhecimento prévio para definir a temática do item, obviamente inserido no contexto de origem do profissional. Notou-se que os indexadores iniciaram a dedutiva sobre a funcionalidade, explanando como o objeto, sem seu valo museológico, era utilizado em determinado contexto, e, por seguinte, inserindo a interface histórica e de significado. Além da exploração da estrutura do artefato de museu, o leitor analisa a iconologia desse, ressaltando conceitos-chave baseados em sua vivência no contexto museológico e no próprio contexto social.

Essa discussão se complementa com a presença dos saberes populares em convergência com o conteúdo do objeto. Questões como a tradução de conceitos específicos em termos de fácil entendimento, ou de reconhecimento por um grupo social, firmam a estratégia do uso de atributos socioculturais para a leitura dinâmica do item.

Outro ponto notado nos resultados obtidos foi a existência da roteirização da leitura do item. Acentua-se, tanto nas experiências dos participantes, quanto nos apontamentos das obras analisadas, uma sequência de observação e descrição do objeto, iniciando pelo topo do objeto para baixo, dando prosseguimento da esquerda para direita. A roteirização observada possivelmente se liga à necessidade da busca pelos pontos referenciais presentes no item, vinculada a uma perspectiva ocidental de leitura. Ainda assim, o uso de perguntas verbalizadas também foi identificado como um esquema para a leitura do indexador, o qual propõe perguntas como “O que é?”, “Como funciona?” e “O que significa?”. A presença de questões direcionadoras se fundamenta nas discussões de Maimone e Dias (2022) e Torres e Maculan (2024), ambas explanadas no MSL, as quais apontam o desenvolvimento de interrogativas como melhor estratégia para análise do item de museu.

Considerando essas nuances, bem como os resultados obtidos nas investigações bibliográficas e descritivas, um modelo de leitura documentária para itens museológicos deve propor um processo estruturado que combina análise material, contextual e simbólica. Dessa forma, utilizando padrões presentes na sistematização da Documentação Museológica, como a investigação morfológica e a gênese do item, o modelo pode contribuir para a preservação, comunicação e interpretação de acervos, promovendo uma compreensão mais profunda dos objetos e de seus significados culturais.

Para concretizar a elaboração do modelo, é necessário subdividir sua estrutura, buscando explicitar seus elementos formativos e seus subsídios teóricos e metodológicos. Esses subsídios são fundamentados nos dados oriundos do Mapeamento Sistemático de Literatura (MSL) e na aplicação do Protocolo Verbal Individual (PVI) juntos aos profissionais proficientes.

Portanto, a metodologia do modelo fundamenta-se em três eixos essenciais:

1. **Exploração estrutural**, que identifica as propriedades materiais e morfológicas do objeto – O eixo se fundamenta nos subsídios propostos pelo Protocolo Verbal Individual apresentados neste estudo, mas especificamente nas categorias de análise relacionadas a **estrutura física do objeto** e à **descrição do item**, a quais evidenciaram o primeiro olhar do item por parte dos indexadores e suas estratégias para compreensão estrutural, por meio da roteirização de observação do artefato. Além disso, o eixo também se baseia na análise de estratégias de leitura obtidas no

Mapeamento Sistemático de Literatura, como a busca de pontos de acesso, as marcas e inscrições, para o apoio na construção de representações informacionais;

2. **Análise contextual e funcional**, que investiga sua função e significado tanto no período histórico quanto na contemporaneidade – O eixo apresentado para a construção do modelo se fundamenta diretamente nas discussões enquadradas nas categorias de análise dos PVI acerca do **significado** e da **tradução do item**, desse modo, os componentes realçam as estratégias pela busca da temática através da investigação da funcionalidade do objeto museológico. O eixo também se embasa nas discussões teóricas do MSL, especificamente nas estratégias de leitura pela busca da proveniência do objeto, bem como a inclusão do leitor e do documento paratexto nas dinâmicas socioculturais; e

3. **Interpretação simbólica**, que considera as representações culturais e identitárias associadas ao objeto – O eixo encontra subsídios nos resultados e discussões dos PVI referentes ao **significado** e **grau de maturidade do sujeito como leitor**, os quais balizam questionamentos relacionados à interpretação simbólica, os meios de produção e o conhecimento prévio acerca da temática do objeto. Essa etapa formativa busca sanar os desafios apresentados no MSL referentes as dificuldades em representar a interface simbólica do item museológico.

Reforça-se que todos os eixos propostos seguem a estrutura do item museológico, desde as características intrínsecas e extrínsecas.

7.1 Exploração estrutural do objeto

O presente eixo é fundamentado nas discussões obtidas no MSL, focando no subtópico **“Estratégias e métodos da leitura documentária de objetos museológicos”**, especificamente nos apontamentos propostos por Almeida e Rangel (2019), as quais propõem a observação detalhada do item e a busca pelos materiais e formas como estratégias para aplicação da metodologia de leitura.

Reforçando a análise de marcas e inscrições como pontos de acesso para a identificação de conceitos, Reis *et al* (2019) e Stubbs *et al* (2019) delineiam o captação de informações presentes nas condições físicas do objeto, direcionando o indexador a interpretação do item com base nas marcas legíveis e não legíveis que o item contém. Santos, Albuquerque e Neves

(2019) também discutem a percepção de elementos visuais do objeto, como formas, símbolos e figuras, que colaboram para o entendimento da interface conceitual.

Utilizando como base a estrutura do objeto, sendo essa dividida por Mensch (1989) como composição material, construção técnica e morfologia, o percurso de leitura deve considerar as características visíveis do item, realçando pontos relevantes na superfície deste. É importante reforçar que no primeiro olhar do profissional, a visualização do item deve reconhecer materiais familiares, mesmo que em termos gerais, como metais, plásticos, tecidos e demais materiais orgânicos.

Esta etapa visa identificar a materialidade do item, utilizando um questionamento sistemático para compreender melhor sua composição, forma, possíveis marcas e estado de conservação.

Primeiramente, é essencial determinar qual é o material predominante da peça, pois isso influencia diretamente sua durabilidade, técnicas de fabricação e necessidades de conservação. Um objeto pode ser feito de madeira, metal, cerâmica, tecido, vidro, entre outros materiais, e cada um desses elementos exige abordagens específicas para manuseio e preservação. Por exemplo, uma estátua de bronze pode sofrer oxidação ao longo do tempo, formando uma pátina que tanto pode ser um indício de autenticidade quanto um sinal de degradação. Já um manuscrito em papel pode apresentar amarelamento, fragilidade e ataques de insetos ou fungos. Esse cuidado foi observado durante a aplicação dos PVI, visto que durante o processo de leitura, havia comentários quanto ao estado de conservação da estrutura do item.

Além disso, deve-se analisar a forma e as dimensões do objeto, pois esses aspectos podem revelar sua função original, bem como possíveis modificações ao longo do tempo. Uma espada cerimonial, por exemplo, pode ser distinguida de uma espada de combate não apenas pelo material e acabamento, mas também pelo tamanho e pelo peso. Objetos arqueológicos, como fragmentos de cerâmica, podem ser comparados a peças similares para reconstituir sua forma original e, assim, inferir seu uso cotidiano ou ritualístico. A questão da forma foi evidenciada pela experiência profissional, em que ao se desdobrar em questionamentos, explorava a estrutura e realizava links com a simbologia dos itens.

Outro ponto importante é a verificação de inscrições, marcas ou elementos distintivos, que podem fornecer indícios sobre a origem, autoria ou contexto histórico do item. Estes

elementos são considerados como pontos de acessos durante a descrição, os quais fornecem informações exatas acerca do objeto. O MSL fundamentou essa estratégia com base no reconhecimento das ranhuras e inscrições como traços únicos do artefato, fornecendo uma identidade e inclusão em um contexto específico.

A leitura dessas características físicas permite estabelecer a autenticidade do objeto e compreender os processos de preservação que garantiram sua existência até o presente. A análise estrutural não apenas auxilia na catalogação e estudo dos acervos museológicos, mas também contribui para a definição das melhores estratégias de conservação e exposição dos itens analisados.

Desse modo, denota-se esta etapa a partir dos seguintes questionamentos sintetizados:

- a) **Qual é o material predominante?** – Observa os principais materiais formativos do objeto analisado;
- b) **Qual é a forma e dimensão do objeto?** – Observa a forma do item, deduzindo o uso e funcionalidade como abordagem exploratória; e
- c) **Existem inscrições, marcas ou elementos distintivos?** – Observa as características proeminentes, que revelam a temática do item.

7.2 Análise Contextual e Funcional

O eixo encontra subsídios ao proposto nas reflexões encontradas no MSL, especificamente nos subtópicos **“Fundamentos para a realização da leitura documentária em museus”**, **“Estratégias e métodos da leitura documentária de objetos museológicos”** e **“Participação e conhecimentos comunitários na realização da leitura documentária”**. Nesse viés, a formulação dos questionamentos se baseou em Jesus (2020), no que se refere à investigação da biografia do item, por meio na análise da proveniência. Este se liga aos apontamentos de Dunn e Bourcier (2020) que abordam a viabilidade da leitura se direcionar para a percepção da funcionalidade do artefato, compreendendo seu uso passado e atual. Santos e Loureiro (2021) também evidenciam o contexto funcional como principal ponte para a representação temática da informação, focando na função geral do item.

Como complemento, deve-se também considerar a dimensão cultural do item, a qual Gomes (2023) realça a integração de grupos e dinâmicas sociocultural que rodeiam a

tematicidade do artefato. Nesse sentido, a ação de levantar questões relacionadas à associação do objeto junto a grupos sociais se relaciona as afirmativas de Brayner (2019), que tracejam a inclusão do leitor/indexador nos processos participativos, ou que possua conhecimento prévio oriundo da integração no contexto cultural.

No que se refere à abordagem de investigação da interface conceitual, o modelo deve indicar questionamentos relacionados à funcionalidade e contexto do item. Compreendemos que o item museológico é complexo, dotado de valores e ressignificações. Todavia, sua funcionalidade ainda se mantém firme, independentemente de seu contexto museal. Como exemplo, o telefone é representado como manifestação artística e histórica em um espaço, entretanto, sua função permanece presente no processo de análise, sendo essa a de comunicação.

A interpretação da funcionalidade fornece ao indexador meios viáveis para a representação da informação do item, enquadrando-o em perspectivas gerais, e, após um aprofundamento em pesquisas, o desdobrando em sua devida pluralidade. Do mesmo modo, a análise do contexto em que o objeto está inserido, por meio da averiguação da dimensão cultural, corresponde a uma leitura profissional eficiente.

Nesse sentido, busca-se compreender nesta etapa a função original do objeto e sua transformação ao longo do tempo. Para isso, é fundamental investigar seu propósito inicial, o contexto histórico e social de sua criação, bem como os materiais e técnicas utilizadas em sua fabricação. A análise da função original permite entender como o objeto atendia às necessidades da sociedade em determinado período e quais eram os valores e significados a ele atribuídos.

Para além, levanta-se a seguinte questão: para que o objeto foi criado e como era utilizado? Essa reflexão envolve o acionamento do conhecimento prévio sobre seu uso prático, simbólico ou cerimonial, além de sua relação com a tecnologia e o conhecimento disponíveis na época de sua criação. A resposta a essa pergunta pode revelar informações valiosas sobre os hábitos, crenças e estruturas sociais da comunidade que produziu e utilizou o objeto.

O questionamento do uso original do objeto foi alterado ao longo da história também se determina como uma estratégia de observação. Muitos artefatos passam por transformações, seja por adaptações funcionais, mudanças culturais ou novos significados que lhes são

atribuídos. A ressignificação pode ocorrer, por exemplo, quando um objeto de uso cotidiano se torna uma peça de coleção, um símbolo religioso ou um artefato museológico. A análise dessas mudanças ajuda a compreender a dinamicidade cultural e as formas como as sociedades reinterpretam seu patrimônio material.

É também essencial relacionar o objeto a uma comunidade ou grupo específico. Certos artefatos possuem forte vínculo com determinadas etnias, classes sociais, profissões ou instituições, sendo representativos da identidade e dos valores desses grupos. A identificação da relação entre o objeto e a comunidade que o utilizava permite uma compreensão mais profunda de suas funções sociais e simbólicas. Destaca-se aqui a associação ao contexto cultural do objeto e a inserção do profissional, evidenciada no MSL e nos PVI, a qual promove representações de informações reconhecidas por um determinado grupo social, garantindo uma recuperação dinâmica.

Como apoio para a identificação do contexto, a existência de documentação ou depoimentos que conversam com o uso do objeto ao longo do tempo também é um aspecto relevante. Registros históricos, textos, fotografias, inventários, relatos orais e pesquisas etnográficas podem fornecer evidências valiosas sobre o contexto de utilização do artefato e sua trajetória. Essas fontes ajudam a construir um panorama mais completo da história do objeto e de suas transformações. Portanto, é necessário analisar as possíveis ressignificações do objeto em diferentes contextos históricos e sua permanência simbólica na cultura atual. Alguns artefatos, mesmo após perderem sua função original, continuam a carregar significados culturais, sendo apropriados por novas narrativas e reinterpretados de acordo com os valores contemporâneos. Compreender esse processo de ressignificação permite identificar as conexões entre o passado e o presente, revelando como os objetos mantêm sua relevância ao longo do tempo.

Considerando esses apontamentos, podemos sistematizar a etapa de análise contextual e funcional a partir dos seguintes questionamentos:

a) **Para que o item foi criado e como é/era utilizado?** – Observa a criação e uso do item durante a leitura do objeto. Trata-se das etapas semióticas de indução e dedução;

b) **O uso original do objeto foi alterado?** – Visualiza as alterações de valores do objeto museológico com base em suas inserções contextuais; e

c) **O objeto está associado a uma comunidade ou grupo específico?** – Observa a relação do item com as narrativas de comunidades e suas tradições.

7.3 Interpretação Simbólica e Cultural

O eixo se fundamenta nos apontamentos apresentados no MSL, especificamente nos subtópicos **“Estratégias e métodos da leitura documentária de objetos museológicos”** e **“Participação e conhecimentos comunitários na realização da leitura documentária”**. A compreensão do caráter simbólico torna-se plausível a partir da delimitação do que deve ser representado, dessa forma, Vasconcelos e Galucio (2024) compreendem que a recuperação da informação não se refere somente ao item explícito, mas também pelo significado do mesmo e sua categorização como símbolo para determinada comunidade. Para isso, Dias (2020) afirma que ao analisar a temática, recorreremos à busca de dimensões informativas, comunicativas, emocionais e reflexivas, associando-as também no contexto atual.

Quando tratamos a questão de simbolismo na etapa de leitura, a interpretação de um objeto museológico vai além de sua função utilitária ou de seu valor histórico. A análise simbólica e cultural envolve compreender como ele foi percebido ao longo do tempo, levando em conta a complexidade dos significados que pode carregar em diferentes épocas e contextos. A atribuição de valor simbólico ocorre de maneira dinâmica, influenciada por fatores como crenças, ideologias, relações de poder e transformações sociais.

Como estratégia para a leitura dos itens museológicos, é cabível levantar o seguinte questionamento durante o processo interpretativo: qual o significado do objeto em sua cultura de origem? Muitas vezes, os objetos possuem valores simbólicos que transcendem sua utilidade prática, sendo elementos centrais em rituais religiosos, expressões artísticas, sistemas de status social ou mesmo em narrativas mitológicas. Cita-se novamente a questão da proveniência para compreender o trajeto simbólico do item, recuperando noções culturais. Como exemplo, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, descrita por um dos participantes do PVI, foi detalhada de forma simbólica, a qual evidenciou características sociais que rodeavam o conhecimento prévio do indexador. Essa tese também é fortalecida pela categoria de análise voltada às interpretações comunitárias do MSL, onde é reforçada a perspectiva coletiva acerca da representação simbólica do item.

Em outras palavras, determinados artefatos, como itens cerimoniais, armas e estandartes, carregam significados profundos, representando valores culturais, espirituais ou

políticos. À vista disso, compreender a dimensão original, bem como estar inserido nela, é essencial para contextualizar o objeto dentro do universo simbólico da sociedade que o produziu e utilizou. Além disso, é preciso considerar que os significados atribuídos a um objeto podem variar mesmo dentro da cultura de origem. Grupos sociais distintos podem ter interpretações diferentes sobre um mesmo artefato, dependendo de fatores como classe social, gênero, religião ou etnia. Um exemplo disso são objetos litúrgicos que, para membros do clero, possuem um significado sagrado e institucional, enquanto para fiéis podem representar fé e devoção pessoal.

Outra questão central é: o objeto mantém ou adquiriu novas associações simbólicas na contemporaneidade? Com o passar do tempo, muitos artefatos passam por processos de ressignificação, seja por mudanças culturais e sociais, seja pelo impacto de novas interpretações acadêmicas, artísticas ou políticas. Esse processo é evidente quando objetos históricos são apropriados por movimentos sociais, campanhas publicitárias ou produções culturais. Dessa forma, a análise simbólica precisa considerar os múltiplos significados que um mesmo objeto pode adquirir ao longo do tempo e como esses significados dialogam com questões contemporâneas.

O objeto pode ter uma conexão direta com narrativas de identidade, poder ou memória coletiva. Muitos artefatos estão associados à construção de identidades individuais e coletivas, sendo utilizados para reforçar laços de pertencimento a determinado grupo, nação ou comunidade. Em algumas sociedades, certos objetos funcionam como marcas distintivas, indicando posição social e/ou afiliação religiosa.

Por fim, a análise simbólica durante a leitura profissional envolve abordagens semióticas e vivências culturais, que investigam os signos e significados transmitidos pelo objeto dentro de diferentes cenários históricos e sociais. Conforme a categoria de análise apresentada no PVI, acerca da perspectiva de significado, denota-se que o item museológico é composto por interfaces pessoais e coletivas, cruzadas entre si, e que representam narrativas perceptíveis durante a observação. À vista disso, cada objeto carrega consigo uma linguagem própria, expressa por meio de suas formas, cores, materiais e contexto de uso.

A interpretação simbólica e cultural dos objetos é um processo complexo, que envolve múltiplos fatores e abordagens. Entretanto, propor diretrizes para uma percepção e representação da informação, mesmo de forma generalista, colabora para o processo

disseminação e acesso da informação. O significado de um artefato não é fixo, mas sim construído e reconstruído ao longo do tempo, dependendo do contexto histórico, das relações de poder e das percepções do público. Ao analisar um objeto museológico sob essa perspectiva, é possível compreender não apenas sua função original, mas também os diálogos que ele estabelece com o presente e as formas como continua a influenciar narrativas culturais.

Como síntese dos apontamentos levantados, podemos direcionar o modelo de leitura documentária, considerando o significado, da seguinte forma:

a) **Qual o significado do objeto em sua cultura de origem, ou local?** – Incentiva o indexador a buscar informações acerca da temática do item aplicada as narrativas socioculturais; e

b) **Existem associações simbólicas contemporâneas?** – Propõe ao indexador refletir sobre as associações temáticas relacionadas ao artefato. Questões como: “O item encabeça propagandas/encartes?” e “O item está sendo popularizado de que forma?” podem ser aplicadas para uma melhor identificação dos conceitos.

7.4 Sistematização do modelo de leitura para itens museológicos

Quando nos referimos ao modelo, devemos compreender como o instrumento pode nos orientar na identificação e seleção dos conceitos. Conforme Fujita e Rubi (2006, p. 8), as instruções devem percorrer pela estrutura física e temática, nesse sentido, “a respeito de “onde” localizar conceitos, contudo, depende da identificação da estrutura temática”. Entretanto, como comentado anteriormente, o objeto museológico se diversifica, não possuindo uma estrutura padrão e nem “setores” únicos. Dito isso, o modelo proposto traça o percurso utilizando os questionamentos anteriores, baseados nos resultados e observações obtidas.

O Modelo de Leitura desenvolvido (Quadro 13) é resultado das discussões oriundas do MSL e dos PVI propostos, os quais sinalizaram quais conceitos são extraídos durante os questionamentos. Nesse sentido, o modelo foi sistematizado da seguinte forma:

Quadro 13 - Modelo de leitura documentária para objetos museológicos

EIXO	QUESTIONAMENTO	CONCEITO A SER OBTIDO
Exploração estrutural do objeto	Qual é o material predominante?	Material
	Qual é a forma e dimensão do objeto?	Material
	Existem inscrições, marcas ou elementos distintivos?	Material/Simbólico
Análise Contextual e Funcional	Para que o item foi criado e como é/era utilizado?	Funcional
	O uso original do objeto foi alterado?	Funcional
	O objeto está associado a uma comunidade ou grupo específico?	Funcional/Simbólico
Interpretação Simbólica e Cultural	Qual o significado do objeto em sua cultura de origem, ou local?	Simbólico
	Existem associações simbólicas contemporâneas?	Simbólico

Fonte: Elaborado pelo autor.

A coluna relacionada aos conceitos a serem obtidos evidencia os resultados da leitura por parte do museólogo, após ser direcionado pelos questionamentos propostos no modelo. Compreende-se que o instrumento visa orientar o indexador a observar e interpretar o item, identificando e selecionando temáticas oriundas de conhecimentos prévios, sendo estas relacionadas, em síntese, aos níveis formativos do objeto museológico (material, funcional e simbólico). Denota-se também que alguns questionamentos possivelmente não serão respondidos durante a análise, pois não se adequam especificamente com as interfaces do objeto analisado.

Para reforçar essa proposta, é de necessidade apresentar um exemplo prático que ilustre a aplicação do modelo em um objeto de museu. Dessa maneira, seguindo a roteirização de observação discutida nesse estudo, a leitura documentária se debruçou da seguinte forma:

Quadro 14 - Modelo de leitura documentária para objetos museológicos aplicado

Objeto a ser descrito:	Imagem de Nossa Senhora de Nazaré/SESC Ver-o-Peso		
EIXO	QUESTIONAMENTO	CONCEITO A SER OBTIDO	CONCEITO IDENTIFICADO
Exploração estrutural do objeto	Qual é o material predominante?	Material	Gesso
	Qual é a forma e dimensão do objeto?	Material	Antropomórfica
	Existem inscrições, marcas ou elementos distintivos?	Material/Simbólico	Nossa Senhora de Nazaré
Análise Contextual e Funcional	Para que o item foi criado e como é/era utilizado?	Funcional	Louvação
	O uso original do objeto foi alterado?	Funcional	Festividade
	O objeto está associado a uma comunidade ou grupo específico?	Funcional/Simbólico	Belém/Círio de Nazaré
Interpretação Simbólica e Cultural	Qual o significado do objeto em sua cultura de origem, ou local?	Simbólico	Patrimônio Cultural/Memória Coletiva
	Existem associações simbólicas contemporâneas?	Simbólico	Turismo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o apresentado no Quadro 14, os conceitos identificados na peça de Nossa Senhora de Nazaré, do SESC Ver-o-Peso, delineiam a temática cultura e simbólica do item, bem como sua composição material. O processo direciona a indexação para a investigação oriunda de conhecimentos prévios e termos ligados diretamente ao item. Conceitos como “Patrimônio Cultural” e “Memória Coletiva” representam as dinâmicas socioculturais do item de forma macro, entretanto, termos como “Belém” e “Círio de Nazaré” especificam o filtro pela busca da peça indexada em um repositório do espaço museológico.

O modelo apresenta avanços na organização e gestão de objetos museológicos, proporcionando uma estrutura sistematizada para a investigação e produção da representação informacional. No entanto, sua aplicabilidade pode enfrentar desafios práticos, como a adaptação a diferentes tipos de acervos. Por se tratar de uma abordagem generalista, alguns objetos podem não ser englobados de forma efetiva, abrindo margem para uma especificidade e adaptação do modelo. Assim, embora represente um passo importante, sua implementação possivelmente passará por ajustes e avaliações contínuas para garantir uma contribuição robusta no campo da Documentação Museológica e da Museologia.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura documentária é a etapa utilizada pelo indexador, o leitor profissional, para identificar e selecionar os conceitos de um documento. Buscando evidenciar estratégias cognitivas e metacognitivas, bem como utilizar modelos de leitura documentária em diferentes recursos informacionais, a LD foca na representação informacional consistente de procedimentos como a indexação. Nesse sentido, esta pesquisa buscou realizar um estudo teórico e metodológico sobre a Leitura Documentária e suas variáveis, com o intuito de identificar esses componentes na prática museológica e nos instrumentos de pesquisa, a fim de colaborar para recuperação da informação por parte dos usuários. Para isso, utilizou-se as abordagens metodológicas do Mapeamento Sistemático de Literatura e o Protocolo Verbal Individual, as quais delinearam a presença de estratégias dos museólogos participantes do estudo, bem como o panorama de discussão acerca da leitura profissional e os direcionamentos para a observação do item no campo museal.

Foram propostos resultados relacionados à identificação da leitura documentária no contexto museológico, por intermédio das falas dos museólogos participantes coletadas no PVI. Nesse sentido, com base nas categorias de análise, foram confirmadas estratégias utilizadas no processo de descrição de itens museológicos, que se relacionam diretamente com a etapa de leitura profissional para a indexação. Entre os aspectos mais relevantes, destaca-se a adoção de fichas catalográficas como instrumento de referência para a estruturação das descrições. Além disso, foi observada a integração entre a descrição informacional e as práticas de Conservação Preventiva, evidenciando a preocupação dos profissionais em garantir boas condições de preservação para os objetos documentados.

A experiência e a expertise dos museólogos também foram fatores determinantes na precisão dos registros, permitindo uma análise mais detalhada e contextualizada dos artefatos. Durante a pesquisa, foram realçados desafios significativos, como a necessidade de padronização do tratamento descritivo e a busca por maior acessibilidade nas descrições museológicas. A variedade de interpretações e a polissemia de alguns termos demonstraram a importância de diretrizes mais claras para a indexação dos acervos, bem como a necessidade de propostas de modelos para a identificação e seleção de conceitos objetivos.

O referencial teórico elaborado para este relatório propôs uma contextualização da temática da leitura profissional, perpassando por variáveis e modelos de leitura, e sendo aprofundado no domínio da Museologia, mediante a apresentação da estruturação do objeto

museológico e seu tratamento no domínio da Documentação Museológica. A pesquisa também recorreu aos aspectos semióticos na indexação, contribuindo para a visualização dos processos mentais de interpretação e leitura do item em sua interface museológica. Os tópicos teóricos colaboraram para a formulação das categorias de análise, as quais vão de encontro com os resultados obtidos, balizando a discussão elaborada.

Denota-se também a proposta do Mapeamento Sistemático de Literatura, o qual destacou o estado da arte acerca dos debates relacionados à descrição, leitura e interpretação dos itens. O MSL se enquadrou como resultado obtido pela aplicação metodológica da pesquisa, e evidenciou a relevância da leitura documentária dentro dos processos de documentação museológica, ressaltando sua função na organização e recuperação da informação sobre os acervos. O profissional responsável pela indexação emprega ferramentas como fichas catalográficas para conduzir uma análise detalhada dos objetos, valendo-se de seu repertório prévio para estruturar descrições consistentes. Com isso, notou-se que os métodos empregados e os obstáculos encontrados nesse procedimento demonstram a interação entre o leitor, o conteúdo e o contexto museológico.

O Mapeamento possibilitou identificar a incipiência de discussões voltadas à utilização da leitura documentária nos espaços museológicos, evidenciada pelos estudos analisados, os quais não abordavam diretamente a etapa metacognitiva, nem o termo “leitura”. Assim, foi necessário aprofundar a pesquisa para extrair diretrizes e discussões que contribuíssem para o aprimoramento das descrições de itens museológicos. A abordagem metodológica adotada buscou reunir subsídios para a formulação de um modelo de leitura documentária, considerando conceitos e estratégias identificadas ao longo do estudo.

Os resultados obtidos também indicaram que a aplicação do PVI revelou aspectos importantes sobre a indexação de objetos museológicos. Inicialmente, os indexadores abordam a leitura dos artefatos focando em suas características físicas gerais e estrutura, observando também detalhes como embalagens e encaixes para começar a interpretar a função do item. No processo, a interface de significado é essencial, com a aplicação do modelo semiótico evidenciando etapas como a abdução, onde os indexadores fazem uma primeira impressão e descrição inicial, e a dedução, que envolve interpretações baseadas em conhecimento prévio. Um exemplo disso é a identificação de um item religioso como artefato de culto, bem como o uso de termos técnicos e a tradução em termos gerais, durante a leitura, demonstrando a importância do contexto cultural e conhecimento especializado na interpretação dos objetos.

A análise dos percursos de leitura revelou que os participantes seguem um padrão cíclico, descrevendo os objetos de cima para baixo e repetindo essa sequência para identificar e selecionar informações relevantes. Esse método possivelmente colabora na organização da leitura e na busca de conceitos universais. Quando se trata da tradução dos conceitos selecionados para vocabulários controlados, observou-se que a polissemia dos objetos dificulta uma seleção rápida e precisa de termos. Os indexadores ajustam os conceitos de acordo com os interesses e o contexto da instituição, indicando a necessidade de adaptação à política de indexação específica. Por fim, dificuldades, como barreiras linguísticas, afetam a leitura dos objetos, sugerindo a necessidade de ferramentas adicionais para tradução. Nesse sentido, participantes com maior conhecimento prévio e inserção cultural realizaram a tarefa com mais eficiência, destacando a importância do conhecimento especializado e da familiaridade com o contexto do acervo para uma indexação mais eficaz.

Cabe destacar que a pesquisa enfrentou algumas limitações, especialmente relacionadas à agenda e à incompatibilidade de disponibilidade dos participantes. Em função desses entraves, foi necessário adequar o cronograma de aplicação dos instrumentos de coleta de dados e, em alguns casos, reduzir o número de profissionais previstos no início do projeto, o que pode ter restringido a profundidade de algumas análises. Ainda assim, os dados obtidos foram suficientes para alcançar os objetivos propostos e fornecer subsídios sólidos para a construção do modelo proposto.

No que se refere ao modelo de leitura documentária para itens museológicos, considera-se que a proposta apresentada buscou estabelecer um processo estruturado para a leitura profissional, combinando análise material, contextual e simbólica. Fundamentado na sistematização dos subsídios teóricos apresentados na Tese, o instrumento de pesquisa considerou a investigação morfológica e a gênese dos objetos, contribuindo para a preservação, comunicação e interpretação dos acervos, promovendo uma compreensão mais aprofundada dos artefatos e de seus significados culturais, auxiliando na padronização da indexação e na recuperação da informação.

Para sua elaboração, o modelo foi subdividido em eixos essenciais que orientaram a leitura do objeto museológico, destacando suas características físicas, sua funcionalidade e seus significados. O processo permitiu que os profissionais aplicassem estratégias coerentes de análise e descrição, baseadas tanto no conhecimento prévio quanto nas diretrizes metodológicas estabelecidas. Nesse sentido, a roteirização da observação, a formulação de

questionamentos sistemáticos e a valorização das narrativas associadas ao item destacaram a necessidade de etapas bem definidas e padronizadas no processo descritivo dos artefatos.

Adicionalmente, a estruturação do modelo de leitura documentária para objetos museológicos representa um avanço teórico-metodológico no campo da Documentação Museológica, ao articular fundamentos conceituais e práticas profissionais observadas em contextos distintos. Contudo, reconhece-se que esta proposta constitui uma etapa inicial e que as próximas fases da pesquisa deverão incluir a validação do modelo em ambientes museológicos distintos. Além disso, será elaborada uma versão sistematizada em forma de manual de uso, com orientações claras e operacionais, a fim de minimizar possíveis subjetividades na aplicação do modelo e garantir maior consistência e reprodutibilidade nos processos de leitura e descrição de acervos.

Portanto, conclui-se que a pesquisa visou contribuir para as discussões relacionadas a compreensão da leitura documentária na esfera museológica, bem como no avanço epistêmico da Ciência da Informação, da Organização do Conhecimento e da Museologia. Nesse sentido, buscou-se atingir os objetivos propostos, em que se utilizaram abordagens descritivas e bibliográficas, bem como foram desenvolvidas diretrizes para modelo de leitura de objetos de museu, fundamentadas em estratégias captadas no Protocolo Verbal Individual e no Mapeamento Sistemático de Literatura. Em conclusão, os futuros passos dessa pesquisa se direcionarão para a aplicabilidade e a adaptação do modelo de leitura em diferentes acervos, buscando detectar possíveis fenômenos distintos entre as coleções museológicas.

REFERÊNCIAS

- AGUSTÍN LACRUZ, Maria del Carmen. Leitura de imagens fotográficas orientadas para a representação documental. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], p. 55–88, 2015. DOI: 10.5007/1518-2924.2015v20nesp1p55. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p55>. Acesso em: 12 set. 2024.
- ALBUQUERQUE, A. C. Tratamento temático da informação e a documentação museológica: aspectos e reflexões referentes à classificação. In: **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. 2015.
- ALMEIDA, A. S.; RANGEL, A. M. S. A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 27, p. e03, 2019.
- ALMEIDA, C. C. **Charles Peirce e a Organização da Informação e Conhecimento**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.
- ALMEIDA, C. C. Peirce e a organização da informação: contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2009.
- ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação e do conhecimento. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/177139>. Acesso em: 05 set. 2023.
- ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. S. L.; REIS, D. M. Peircean semiotics and subject indexing: Contributions of speculative grammar and pure logic. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 4, 2013. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2013-4-225.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- AMARAL, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676: Métodos para análise de documentos: Determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação**. Rio de Janeiro, p. 2. 1992.
- BALLARDO, L. M.; MENDONÇA, E. C. Escoliose e Cifose de Scheuermann: o trajeto da documentação museológica de coleções arqueológicas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 12, n. 1, p. 145-171, 2021.
- BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, n. 2, 2006. DOI: 10.48798/cadernosbad.794. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/794>. Acesso em: 12 set. 2024.

BOTTALLO, M. Diretrizes em documentação museológica. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. **Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes**. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010, p. 48-79.

BRAYNER, A. A. Curadoria digital: novos modelos de participação pública na descrição de conteúdos em instituições culturais. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 53–65, 2018. DOI: 10.26512/rici.v12.n1.2019.10521. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/10521>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BROWN, N. Metacognitive development and reading. In: SPIRO, R. J.; BRUCE, B. C.; BREWER, W. F. (Org). **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey: L. Erlbaum, 1980. p. 453-481.

CAMARGO-MORO, F. Museu: Aquisição e Documentação. Livraria Eça Educadora. Rio de Janeiro, p. 82-83, 1986.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, 2006, p. 33-92.

CARVALHO, L. M.; SCHEINER, T. C. M. Reflexões sobre museologia: documentação em museus ou museológica?. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2014, Anais..., 2014.

CARVALHO, P. L. R. Tipologia textual de Roquette-Pinto no Museu Nacional. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 29, p. 1-50, 2021.

CARVALHO, R. A.; FONSECA, L. D. P. A.; REDIGOLO, F. M.. Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia. **Informação em Pauta**, [S. l.], v. 6, n. 00, p. 1–24, 2021. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v6i00.2021.61322.1-24. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/61322>. Acesso em: 12 set. 2024.

CARVALHO, R. A.; REDIGOLO, F. M.; FUJITA, M. S. L. Procedimentos para leitura documentária de objetos museológicos de coleções zoológicas: contribuições para análise de assunto em museus. In.: TOGNOLI, N. B.; ALBUQUERQUE, A. C.; CERVANTES, B. M. N. **Organização e representação do conhecimento em diferentes contextos: desafios e perspectivas na era da datificação**. Londrina: ISKO-Brasil: PPGCI UEL, 2023.

CARVALHO, R.; FONSECA, L. D. P. A.; REDIGOLO, F. M. Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia. **Informação em Pauta**, [S. l.], v. 6, n. 00, p. 1–24, 2021. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v6i00.2021.61322.1-24. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/61322>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CAVALCANTI, C. R. **Indexação & tesauros: metodologia & técnicas**. Ed. Preliminar. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1978.

CERAVOLO, Suely Moraes. **Proposta de sistema de informação documentária para museus (SIDIM): a organização da informação para o Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo**. 1998. 125 f. 1998. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- CHAGAS, M. S. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 2, n. 2. 1994. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/volume_1.pdf#page=147. Acesso em: 14 dez. 2023.
- CINTRA, A. M. C. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. W (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. 2.ed. Brasília: IBICT, 1987. p. 29-37.
- COELHO JÚNIOR, A.; LEMOS, D. L. da S. Tratamento da informação em acervos culturais: avaliação do uso de vocabulários controlados em coleções museológicas sob gestão do Instituto Brasileiro de Museus. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 131–145, 2023. DOI: 10.26512/rici.v16.n1.2023.47531. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/47531>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- CUNHA, I. M. R. F. "o falcão maltês": a lógica em análise documentária. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, 1989. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/44760>. Acesso em: 05 set. 2023.
- CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Anna blume, 2005.
- DIAS, C. C. Representação temática de imagens: reflexões acerca dos subsídios da indexação manual e do reconhecimento de imagens. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], p. 125–149, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22285>. Acesso em: 10 mar. 2025
- DUNN, Heather; BOURCIER, Paul. Nomenclature for museum cataloging. **KNOWLEDGE ORGANIZATION**, v. 47, n. 2, p. 183-194, 2020.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de Ensaio**, v. 2, p. 64-74, 1994.
- FUJITA, M. S. L. Abordagem cognitiva e sócio-cognitiva da leitura documentária na formação inicial do indexador: análise da perspectiva individual em contexto sócio cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7, 2006, Marília. Anais... Marília, UNESP, 2006
- FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para Indexação. **Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6266/>. Acesso em: 7 ago. 2024.
- FUJITA, M. S. L. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 4, n. 1, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23267>. Acesso em: 14 set. 2022.
- FUJITA, M. S. L. A leitura documentária e o processo de compreensão do indexador: memorial de investigação científica. In: FUJITA, M. S. L.; NEVES, D. A. de B.; DAL'EVEDOVE, P. R. (org.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação**. Marília: Oficina Universitária, 2017. p. 15-49.
- FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 4, 2004.
- FUJITA, M. S. L. A representação Documentária no Processo de Indexação com o Modelo de Leitura Documentária para Textos Científicos e Livros: uma abordagem cognitiva com

protocolo verbal. **Ponto de Acesso**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 42–66, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/8135>. Acesso em: 12 set. 2024.

FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. Introdução: O processo de leitura pelo indexador. In.: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C., eds. **Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos** [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 16-65. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/96v3r>. Acesso em 12 set. 2024.

FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; FAGUNDES, S. A. A observação da leitura documentária por meio de protocolo verbal. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org). Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 141-178. (Estudos avançados em ciência da informação, v. 2).

FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; SANTOS, S. A leitura em análise documentária. **Transinformação**, v. 10, n. 3, 1998.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Modelo de lectura profesional para la indización. Scire, Zaragoza, v. 12, n. 1, p. 47-70. 2006. Disponível em: <https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1585/1557>. Acesso em: 14 ago. 2024.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Processo de leitura para análise documental: proposição metodológica. In.: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. **Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos**. Marília: Oficina Universitária, p. 243-270, 2020.

FURTADO, Cláudia. Desafios na preservação de objetos funcionais em contexto museológico: o papel da documentação na salvaguarda de coleções de instrumentos musicais. **Conservar Patrimônio**, v. 44, p. 82-89, 2023.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, v. 23, p. 05-14, 2011.

GATTO, A. C.; ALMEIDA, C. C. Modelo semiótico de leitura documentária para Indexação de fotografias. In.: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. **Modelos de leitura documentária para Indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 425-444.

GATTO, A. C.; ALMEIDA, C. C. Semiótica e indexação de filmes no Brasil: uma revisão de literatura. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e023023, 2023. DOI: 10.20396/rdbci.v21i00.8674612. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8674612>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GIASSON, J. A compreensão na leitura. Lisboa: Asa, 1993.

GIL LEIVA, I. Aspectos conceituais da Indexação. In: GIL LEIVA, I.; FUJITA, M. S. L.(Eds.). **Política de Indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012. p. 31-106.

GOLUB, K.; ZIOLKOWSKI, P. M.; ZLODI, G. Organizing subject access to cultural heritage in Swedish online museums. **Journal of Documentation**, v. 78, n. 7, p. 211-247, 2021.

GOMES, Mariana. Lacunas informacionais na documentação museológica: uma análise sobre a coleção de Bumba Meu Boi do Maranhão sob a guarda do Museu de Folclore Edison Carneiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Brasil, n. 41, p. 197–214, 2023. DOI: [10.11606/issn.2448-1750.revmae.2023.204414](https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2023.204414). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/204414>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E. de; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos. Zaragoza, **Ibersid**, v. 1, p. 93-99. 2007.

GUIMARÃES, J. A. C. *et al.* A dimensão cultural da organização do conhecimento: uma análise no contexto internacional da Ciência da Informação. **Scire: Representación y organización del conocimiento**, Vol. 25, nº 1, 2019, p. 25-36.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, Indexação e análise documental. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 3, p. 105-117, 2009.

HERNÁNDEZ, F. H. Documentary sources of museology: reflections and perspectives. **ICOFOM Study Series**, n. 44, p. 81-93, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/iss/693>. Acesso em: 10 set. 2024.

HUTCHINS, W. J. On the problem of ‘Aboutness’ in document analysis. **Journal Of Informatics**, Norwich, v. 1, n. 1, p. 17-35, abr. 1977.

ISER, W. O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kreschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JESUS, P. M. A biografia do objeto: Aporte para o estudo de cultura material no contexto museal. **Revista del Museo de Antropología**, v. 13, n. 2, p. 145-152, 2020.

KATO, M. A. **No mundo da escrita** – uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1987.

KITCHENHAM, B.; CHARTERS, S. **Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering**. Version 2.3. Keele: Keele University/School of Computer Science and Mathematics/Software Engineering Group, 2007. 65 p. (EBSE Technical Report. EBSE-2007-01). Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu>. Acesso em 12 set. 2024.

KOCH, I.G.V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002. 168 p.

LAYNE, S. S. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American society for Information Science**, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.

LIMA, J. T. M.; FONSECA, A. O.; MELO, A. L. O.; SILVA, L. A. L.. O repositório digital do Museu do Instituto Evandro Chagas: resultados da implementação com o Tainacan. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 420–441, 2024. DOI: [10.26512/rici.v17.n3.2024.51660](https://doi.org/10.26512/rici.v17.n3.2024.51660). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/51660>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LIMA, J. T. M.; SILVA, G. S. Documentation of science and technology heritage: A collaboration case between the Federal University of Pará and the Evandro Chagas Institute Museum. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 22, p. 39-48, 2023.

MAI, J. E. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. **Information Processing & Management**, v. 41, n. 3, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S030645730300116X>. Acesso em: 05 set. 2023.

MAI, J-E. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. **Information Processing & Management**, v. 41, n. 3, p. 599- 611. 2005.

MAIMONE, G. D.; DIAS, L. C. A indexação do acervo digital de imagens da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. **Folha de Rosto**, v. 8, n. 2, p. 185-214, 2022.

MANINI, M. P. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. **Cenário Arquivístico**, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004.

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/>. Acesso em: 12 set. 2024.

MARINGELLI, I. C. A. da S.; SILVA, J. F. M. M. da. Desenvolvimento de vocabulários controlados para obras culturais: a Pinacoteca de São Paulo e o Getty Research Institute. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 15, p. 282–293, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1360>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MAROEVIĆ, I. Museology as a field of knowledge. Cahier d'études / Study Series, Courtrai, v. 8, p. 5-7, 2000.

MATTOS, T. **Componentes espaciais, sociais e culturais em fotografias de Cuibá (MT) na década de 1920: subsídios para a leitura documental de imagens**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 2008.

MEIRA, C. G. E. *et al.* Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais. **Mimesis**, 2017. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v38_n2_2017/mimesis_v38_n2_2017_art_02.pdf. Acesso em: 05 set. 2023.

MENSCH, P. Van El Objeto como Portador de Datos. In: Cuadernos de Museologia Lima, Museo de Arte Popular. 1989.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia**. Uni-Rio; UGF, p. 15, 1994.

MOREIRA, Walter. Tesauros e ontologias como modelos de sistemas de organização do conhecimento. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 13, n. 1, p. 15–20, 2019. DOI: 10.36311/1981-1640.2019.v13n1.03.p15. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/8277>. Acesso em: 25 out. 2024.

NARDI, M. I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. 1993. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, A. A. A Experiência da difusão dos acervos dos museus Ibram: a implantação do projeto Tainacan. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. Especial, p. 90–106, 2021. DOI: 10.26512/museologia.v10iEspecial.34457. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/34457>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OTLET, Paul. *Traité de Documentation: le livre sur le livre*. Bruxelas: Mundaneum, 1934.

PADILHA, Renata Cardozo. Coleção Estudos Museológicos, v.2. **Documentação Museológica e Gestão de Acervos**. Florianópolis: FCC edições, p. 13-39, 2014.

PEIRCE, C. S. *Collected papers*. v. 1-6 editado por C. Hartshorne & Paul Weiss; v 7-8 editado por A. W. Burks. Cambridge, Mass; Harvard University Press, 1933- 1978.

PEIRCE, C. S. Escritos coligidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEIRCE, C.S. *Semiótica*. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PERDIGÃO, H. R. S. Ato de leitura, atos de imaginação : personagens leitores em Madame Bovary. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2020. DOI: 10.29327/210932.8.2-12. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/3635>. Acesso em: 12 set. 2024.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: GIL, Fernando (Org.). **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RAMIRES, A. Q. Estratégias de leitura no ensino fundamental para a formação de leitores profissionais em indexação. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/97009c70-d45a-4dd3-8180-5e37721c799f/content>. Acesso em: 10 jan. 2024.

REDIGOLO, F. M. **O processo de análise de assunto na catalogação de livros em bibliotecas universitárias: aplicação do protocolo verbal**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/49af4960-802c-49e6-85b9-ed03d2569375>. Acesso em: 12 set. 2024.

REDIGOLO, F. M.; ALMEIDA, C. C. Algumas contribuições da perspectiva filosófico-semiótica de Peirce para a análise de assunto. **DataGrama Zero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7848>. Acesso em: 05 set. 2023.

REIS, D. M. A. **A leitura documentária de bibliotecários jurídicos: um estudo realizado a partir de aspectos da semiose e teoria da inferência observados na estrutura textual de doutrina**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/reis_dma_do_mar.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

REIS, E. P.; MASCARENHAS, F. A. C.; BALLARDO, L. M. Documentação museológica em coleções de Geociências: o caso do Museu Geológico da Bahia. **InCID: Revista de**

Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, Brasil, v. 14, n. 2, p. 248–271, 2023. DOI: [10.11606/issn.2178-2075.v14i2p248-271](https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v14i2p248-271). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/208969>. Acesso em: 10 mar. 2025.

REIS, E. P.; MASCARENHAS, F. A. C.; BALLARDO, L. M. Documentação museológica em coleções de Geociências: o caso do Museu Geológico da Bahia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 14, n. 2, p. 248-271, 2023.

REIS, M. S.; ALMEIDA, C. C. de; FUJITA, M. S. L. Representação e indexação em acervos museológicos como processos semióticos. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 1–19, 2024. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2082>. Acesso em: 10 mar. 2025.

REIS, M. S.; FUJITA, M. S. L.; TARTAROTTI, R. C. D. Possibilidades para a Indexação em Museus: Identificação e Análise de Orientações para Leitura Técnica de Objetos Museológicos. In.: TOGNOLI, N. B.; ALBUQUERQUE, A. C.; CERVANTES, B. M. N. **Organização e representação do conhecimento em diferentes contextos: desafios e perspectivas na era da datificação**. Londrina: ISKO-Brasil: PPGCI UEL, 2023.

REIS, M. S.; JUNIOR, R. L. S. Proposta teórico-metodológica do tratamento da informação em museus a partir da ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 87–104, 2021. DOI: 10.28998/cirev.%y887-104. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/12262>. Acesso em: 10 mar. 2025.

REIS, M. S.; MORAES, J. B. E.; BARROS, T. H. B.; JUNIOR, R. L. S. Análise documental na Museologia: um breve exercício de identificação de conceitos. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 90–102, 2019. DOI: 10.28998/cirev.%y690-102. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/7287>. Acesso em: 10 mar. 2025.

REYES, G.D. V. *et al.* El uso del estándar Object ID y del software Tainacan en la documentación museológica: experiencias desde Brasil y México. **Intervención (México DF)**, v. 12, n. 23, p. 258-303, 2021.

ROBERTS, A. Inventário e Documentação. In: PATRICK, J. **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. Paris: Franly Sa, p. 1-252, 2015.

ROCHA, Cláudia Regina Alves da. **Da Pinacoteca ao Museu: historicizando processos museológicos**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo..

ROMANINI, Vinicius. A contribuição de Peirce para a Teoria da Comunicação. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/H3YZfQ9rdvxjNWWsmzWZxWH/?lang=pt&format=pdf#:~:tex=t=Peirce%20n%20%20apresenta%20nenhuma%20contribui%20e%20fontes%20n%20qualificadas>. Acesso em: 04 set. 2023.

RUBI, M. P. Estratégias de Leitura Documentária para Indexação: um estudo de caso com o Centro de Informações Nucleares (CIN). In.: FUJITA, M. S. L., NEVES, D. A. B., and DAL'EVEDOVE, P. R., eds. *Leitura documentária: estudos avançados para a indexação* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, pp. 69-91.

ISBN: 978-85-7983-917-7. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3pk5m>. Acesso em: 10 set. 2024.

RUBI, M. P.; FUJITA, M. S. L. O ensino de procedimentos de política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional: uma proposta de programa para a educação à distância do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23721> . Acesso em: 12 set. 2024.

SANTOS, C. A. C. M. A leitura documentária: processo e leitura significativa. (Trabalho em elaboração e revisão para ser publicado). 2009. Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/361860/mod_resource/content/1/SANTOSleituraindexador.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M L. N. M. Documentação museológica das coleções de ciência e tecnologia em ambiente digital: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. Especial, p. 135–157, 2021. DOI: 10.26512/museologia.v10iEspecial.34816. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/34816>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Indexação de xilogravuras de cordel: uma abordagem sob a perspectiva cognitiva. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 73–98, 2019. DOI: 10.28998/cirev.%y673-98. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6531>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, L. F.; PADILHA, R. C. A interoperabilidade semântica das fichas de catalogação dos museus modernistas brasileiros. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, v. 18, n. 1, 2023.

SIQUEIRA, J.; MARTINS, D. L.; LEMOS, D. L. S. Brasileira museus: serviço de busca e recuperação da informação agregada dos acervos digitais do instituto brasileiro de museus. In: XXII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2022, **Anais...** Porto Alegre, Porto Alegre 2022. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/201748>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SMITH, F. Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Tradução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 444p. Tradução de: Understanding reading.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H.. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

SOUSA, B. P.; FUJITA, M. S. L. A análise de assunto no processo de Indexação: um percurso entre teoria e norma. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16281>. Acesso em: 28 nov. 2022.

STRANSKY, Z. Z. *Muséologie. Introduction aux études*, Brno, Université Masaryk, 1995.

STUBBS, E. *et al.* Descripción de contenido en el procesamiento de las cartas náuticas. **Revista interamericana de bibliotecología**, v. 42, n. 1, p. 37-44, 2019.

SUNDSTRÖM, A. S. S.; BIZELLO, M. L. O conceito de semióforo à luz do colecionismo bibliográfico: uma possibilidade de interpretação para coleções. In: Seminário em Ciência da Informação - SECIN, 7., 2017, Londrina. **Anais eletrônicos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. p. 926-937. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/schedConf/presentations>.

SYPEREK, P.. Hope in the Archive: Indexing the Natural History Museum's Ecologies of Display. **Journal of Curatorial Studies**, v. 9, n. 2, p. 206-229, 2020.

TANUS, G. F.; RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. A. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2012.

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal'Evedove; DAL'EVEDOVE, Paula Regina; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Protocolo Verbal em Grupo e a pesquisa brasileira em Organização e Representação do Conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 22, n. 48, p. 41-58, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n48p41. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n48p41>. Acesso em: 12 set. 2024.

TOGNETTI, M. A. R. **Metodologia da pesquisa científica**. . São Carlos: Serviço de Biblioteca e Informação, Instituto de Física de São Carlos – USP, 2006

TOGNOLI, Natalia; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Provenance as a knowledge organization principle. **KO KNOWLEDGE ORGANIZATION**, v. 46, n. 7, p. 558-568, 2020.

TOMOYOSE, K.; TRIQUES, M. L.; SIMIONATO, A. C. Vocabulários controlados e Linked Open Data: análise dos vocabulários Getty. **Informação@Profissões**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 77-91, 2018. DOI: 10.5433/2317-4390.2018v7n1p77. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/33354>. Acesso em: 16 fev. 2024.

TORRES, Adriana Aparecida Lemos; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Representação de fotografias de arte sacra: aspectos simbólicos . **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 11, p. e16547, 2024. DOI: 10.28998/cirev.2024v11e16547. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/16547>. Acesso em: 10 mar. 2025.

VASCONCELOS, S. A.; GALÚCIO, A. V. Metadados descritivos em acervos digitais: um estudo de caso no Acervo de Línguas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi . **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, 2024. DOI: 10.1590/1808-5245.30.137619. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/137619>. Acesso em: 10 mar. 2025.

WORLD INFORMATION SYSTEM FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY. Princípios de Indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, mar. 1981.

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

APÊNDICE A – Protocolo Verbal Individual – Participante A

Início: 0:00:00 min Término: 0:53:24 min
Duração: 53min 24seg
Recurso informacional utilizado: Imagem sacra de Nossa Senhora de Nazaré
Pesquisador: Mateus da Silva Reis
Imagem:


Pesquisador: Vamos lá então, aqui é o Participante A, a gente vai realizar a aplicação do protocolo verbal individual, que consiste na observação e interpretação do objeto museológico, quando a gente está realizando a documentação, a catalogação desse item. Eu vou pedir para a participante verbalizar o que ela está pensando durante o processo, mas antes eu vou iniciar algumas perguntas só para formar o perfil do profissional que está sendo entrevistado.

Pesquisador: Formação?

Participante A: Bacharelado em museologia, pós-graduação a nível de especialização em arquivologia e artesanato. E formações técnicas em biblioteconomia, teatro e informática.

Pesquisador: Certo. Instituição?

Participante A: Atualmente no Sesc Pará, Regional Pará, lotada na unidade Sesc Ver-o-Peso, Centro Cultural Sesc Ver-o-Peso.

Pesquisador: Certo. Dentro da instituição, as obras são catalogadas?

Participante A: Sim.

Pesquisador: Quais são os padrões que são utilizados para a realização do documento?

Participante A: São consultados tesouros para acervos museológicos, são utilizados também materiais publicados a respeito das tipologias específicas dos objetos, então nós temos acervos de objetos relacionados à fotografia, então para esse acervo de objetos relacionados à fotografia são consultados publicações históricas relacionadas ao documento. Ao início do fazer da fotografia, com relação ao acervo de esculturas, que é o nosso segundo acervo, são utilizadas também publicações a respeito de materiais de conservação e documentação de esculturas em bronze e mármore, que são as grandes, o maior constativo que a gente possui.

Pesquisador: Certo. Esse procedimento de documentação, de catalogação, ele aborda a questão de que a gente tem que abordar, abrange, na verdade, as etapas de identificação, seleção e tradução dos conceitos do objeto?

Participante A: Sim, eles são identificados primeiramente, são descritos, identificados, eles são analisados por demandas de conservação e são pesquisados a respeito dos seus contextos. A maior grande parte do nosso acervo foi adquirido através de compra, então eles são de várias partes do mundo. Não somente do Brasil, alguns foram comprados de antiquários antigos, outros foram comprados mesmo, foram encomendados, mas com relação às esculturas. Então, nós temos essa vantagem de ter a documentação relacionada à aquisição desse material. Então, a gente tem desde a proveniência, todos esses dados, e isso facilita para a consulta de uma série de demandas de identificação. De proveniência, de origem, de valores que foram atribuídos na época da compra. Então, existe essa facilidade de já termos documentado e identificado a proveniência de todos esses objetos. Isso facilita bastante. Então, acaba que na nossa atuação, ela acaba sendo mais direcionada à tabulação desses dados, a registro individual de cada um desses dados. Então, eu tenho uma ficha catalográfica em que esses registros são inseridos, individuais, com relação ao objeto. Porque eu tenho os documentos de compra dos conjuntos. E aí, eu consigo individualizar essa informação, colocar esse material mais específico, acrescentar também os dados de conservação e as alterações do estado de conservação desse objeto ao longo do tempo, e realizar as interpretações deles de acordo com o que eu consigo, de material bibliográfico que me dá esse suporte específico da tipologia do material, e também do contexto desse material dentro da própria instituição SESC. Porque tanto o acervo fotográfico que a gente lida aqui, de objetos relacionados à fotografia, ele tem relação com essa história do Pará relacionada à fotografia, Pará sendo essa capital do país, em que teve o quarto estado do país a ter um estúdio fotográfico. Então, temos um histórico enquanto estado, relacionado à produção de documentos. A produção de fotografia, aqui na Amazônia. E também o acervo de esculturas que acabou se tornando uma identificação, faz parte da identidade visual do SESC. E também pelo fato de que várias dessas esculturas, elas remetem ao que são entendidos como os patronos do comércio. Então, a gente tem figuras mitológicas que são relacionadas a esse histórico de identificação do comércio em si. Então, você vai ter várias representações romanas, gregas, mas sempre que estão relacionadas ou ao comércio ou a essa imagem de identidade visual que o SESC construiu.

Pesquisador: Certo. São produzidos resumos informacionais, descrição do objeto, no caso? Sim, eles são, além dos resumos, é feita, na própria ficha tem o campo de resumo.

Participante A: Sim, eles são, além dos resumos, é feita, na própria ficha tem o campo de resumo. Sim, eles são, além dos resumos, é feita, na própria ficha tem o campo de resumo. E

também porque isso facilita a questão da comunicação. E também porque isso facilita a questão da comunicação. E quando é produzido as placas identificativas para o espaço, para compor um pouco da hipografia, são retirados diretamente da ficha catalográfica. Então, a ideia é que essa documentação, ela não pense somente no processo de documentação museológica em si, mas que isso facilite os demais processos. Então, o meu campo de conservação, Então, o meu campo de conservação, ele já pensa na execução de um laudo técnico, quando eu precisar executar. O meu campo de informações extrínsecas, ele já pensa na produção de material de hipografia.

Então, são produzidos esses resumos justamente para facilitar esse processo comunicacional do acervo e também para a gente ter uma recuperação rápida dessas informações no sentido de, a depender da demanda da instituição, às vezes eu preciso ter um resultado mais imediato, uma recuperação facilitada dessa informação. Então, são produzidos, sim.

Pesquisador: Certo. E, na sequência, são produzidos descritores temáticos? Os termos, né? Voltados para o contexto?

Participante A: Não. Mas isso é uma coisa que eu tenho pensado em inserir, justamente porque o SESC, ele atualmente conta com ele atualmente conta com atividades de atividade, né? As atividades são como se fossem os programas. Então, a atividade de memória e patrimônio, ela foi inserida recentemente. Não é que antes não tivessem programas ou atividades ou projetos relacionados à memória e patrimônio. Já tínhamos.

Mas agora ele se constituiu como uma atividade, como uma linha de atuação dentro do SESC. Certo? E por conta disso, está sendo discutido pela diretoria nacional a possibilidade de registro e de implementação de bancos de dados. Então, está se discutindo se será utilizado o Tainacan ou se será elaborado o próprio banco de dados dentro do SESC. Então, essa diretoria nacional está se reunindo em grupos de trabalho para discutir quais são as nossas demandas e o que pode atender da melhor forma. Então, isso já vai ser uma demanda, né? Por conta da possibilidade já de deixar as demandas, né? Esta documentação. Pensando para um futuro banco de dados. E aí, é interessante a definição desses termos de escritores por conta da busca do próprio banco de dados. Ele vai ter essa necessidade, né? De a gente definir isso. Então, provavelmente, na verdade, é uma das demandas que a gente vai começar a atender agora na documentação fisiológica.

Pesquisador: Certo. Em relação a instrumentos de pesquisa. São utilizados instrumentos de pesquisa? Durante o tratamento informacional? Instrumentos de pesquisa são fichas catalográficas? Fichas de arrolamento?

Participante A: Eu lido hoje com algumas fichas que são. Eu tenho enrolamento, inventário. O arrolamento, ele é utilizado mais para a gente em questões de exposição. Movimentação de acervo. Então, eu vou receber uma exposição temporária, por exemplo. Porque a gente também lida com acervos que não são nossos. A gente também recebe exposições externas. Para acontecerem aqui no espaço. Então, nesse caso, no termo de entrada, eu já acrescento um arrolamento. Então, o arrolamento, ele é mais praticado para essas demandas mais corriqueiras. O inventário, que já é praticado internamente com o nosso acervo. Está, no momento, sendo inventariado. Esse inventário, diferente do arrolamento, ele já é acrescentado a imagem. Já tem a imagem dos objetos. Eu já tenho informações descritivas mais específicas. De peso, de altura, as dimensões do objeto. Uma descrição básica dele. E também, uma numeração corrida de itens. Os nossos itens, eles são, eles são também. Tem número de tombo. Eles têm número de registro. Porque eles são tombados. Na verdade, eles são registrados dentro do patrimônio. Do departamento de patrimônio do Sesc. Então, eles têm

número de identificação. E aí, no meu inventário, se eu estou lidando com o meu acervo. Eu também tenho esse campo de número de identificação. Então, enrolamento, inventário. Tenho as fichas catalográficas. Que são individuais dos objetos.

Participante A: E os laudos técnicos. No momento, os laudos técnicos de conservação. No momento, são essas fichas que são praticadas. Eu tenho pensado também, justamente, nessa questão dos termos de escritores. De a gente ter um outro tipo de enrolamento. Que não só isso que é inserido. Nas atividades mais coliqueiras. Enfim, entrada e saída de objetos. Mas também ter um enrolamento mais voltado para a questão comunicacional mesmo. Então, ter um enrolamento com um termo descritivo. A fotografia do objeto. Porque eu gosto de usar a fotografia em todo. Se deixar, eu coloco foto até em enrolamento. Porque, para mim, facilita a identificação do objeto. Para mim, é muito difícil. Porque, por exemplo, eu tenho quatro esculturas de mercúrio. Eu tenho seis esculturas de Hermes. Que também é mercúrio. Mas que está tombado, está registrado como Hermes.

Participante A: Então, eu tenho, sei lá, dez cabeças de um. E todas são de bronze. Todas são só cabeça. Todas são da mesma figura mitológica. Representando uma mesma figura mitológica. Então, se eu não tenho fotografia. Isso dificulta muito a minha vida na parte de identificação. Porque, às vezes, elas têm dimensões parecidas. Ou então, se não fui eu que medi. Ou eu posso ter cometido uma falha humana mesmo. Posso ter medido um centímetro a mais ou a menos. E isso vai acabar batendo com um dado de outro objeto. Então, para mim, a fotografia é fundamental. Mesmo que eu faça uma fotografia não técnica. Eu não teria a possibilidade de fazer uma foto tratada bacana com escala. Mas eu teria que tirar. Nem que seja uma foto com o celular. Para colocar no meu enrolamento. Até para eu não poder me perder no que eu estou fazendo. Então, tenho pensado nessa ficha. Nessa outra ficha de enrolamento. Que seria com a identificação do objeto. Uma fotografia básica para eu poder identificar. E ter essa descrição de uma recuperação de forma mais rápida. Para que isso também facilite. Até a possível capacitação de futuros mediadores ou educadores. Isso já ajuda a conhecer mais rápido o acervo. Porque a gente sabe que as fichas encanadográficas são documentos mais robustos. E com informações que às vezes não competem a mediação. No sentido de que quando eu recebo o público. A não ser que eu esteja recebendo um público muito técnico da área. Talvez o público geral não se interesse por alguns termos. Como categorias e subcategorias. E para uma mediação mais geral para o público. São interessantes mais outras informações. Como contexto. Como o que é aquele objeto. O que ele representa. O que ele significa. De onde veio. Para onde foi. Então, com essas informações de forma separada.

Pesquisador: As fichas que você utiliza na instituição. Elas direcionam para uma descrição temática do objeto? Contexto. Conteúdo.

Participante A: Sim. Algumas dessas informações a gente não consegue de imediato. A gente tem que dar uma pesquisada. Procurar esses documentos. Até porque a gente está falando de um acervo. Que ele foi adquirido há muitos anos. E que essa documentação ela existe. Mas nem sempre ela está de pronto atendimento aqui. Para nossa mão. Então, por exemplo. Isso foi adquirido por um. Falando do acervo de câmeras fotográficas. Ele foi adquirido por um antigo presidente da FEComércio. Que era colecionador. E que se interessou por essa história. E foi adquirindo de antiquários. De outros espaços. E foi adquirido de forma gradativa. E depois ele faz essa sessão. Para uso no SESC. E aí posteriormente a gente tem de fato uma transferência oficial. Como sendo de fato de guarda do SESC. Não só ele estar no espaço. Mas sendo gerido e administrado pela administração do

SESC. Então, assim. Esses documentos eles são de muito antes do período que esse trabalho tem sido feito. Então, quando começa a documentação ser realizada. Esse trabalho museológico a ser realizado. Esse processo todo já aconteceu há muitos anos. Então, esses documentos eles estão disponíveis. Mas estão às vezes em setores separados do SESC. Tem coisa que está no jurídico. Tem coisa que está na. Enfim. E aí a gente vai fazer esse trabalho de pesquisa. Para poder alcançar essas informações. Mas a ficha. Ela já prevê. Mesmo as informações que a gente não tem em mãos. Então, é uma ficha que ela atende. Na estrutura básica dela. Ela atende todas as possíveis informações que a gente vai precisar. E vai poder registrar ao longo do tempo. Até porque a gente entende também que a documentação museológica. Ela não acaba. Ela é um processo. Então, eu começo ali na identificação. E ao longo da vida útil desse objeto. Ela é alimentada. E quem sabe. Esse objeto ali não exista mais. Ou ele seja alienado por algum motivo. A documentação ela permanece. De que ao longo dessa vida. Desse objeto ela estava aqui. Então, é previsto sim. Informações de contexto. Informações de origem. Informações extrínsecas e intrínsecas. Se tivermos a possibilidade. E também algumas informações que elas são. Normalmente a gente coloca no termo de observações. Tudo que a gente não previu na ficha. Vai para observações. Tudo que não estava previsto. Até porque as vezes tem informações que são muito. Individuais daquele objeto. Então, por exemplo. Eu vou ter uma câmera. Por exemplo. Uma ou duas câmeras. Em que o fotógrafo que lidava com ela. Ele montou quase como que um portfólio. Na lateral da câmera. Então, ele pegou vários tipos de foto. Que ele fez com aquela câmera.

Participante A: Então, isso é uma informação muito específica. Daquele objeto. E teve. Tem uma. Eu não tenho como colocar isso. De uma forma geral. Porque não são todas as câmeras. Que vão ter esse material. Certo? Então, é aquela informação. Foi uma vantagem do fotógrafo. De deixar ali a amostra do trabalho dele. E aí ele colou. Então, aí eu tenho uma descrição de material diverso. Ele colou coisas. Ele inseriu. Essas informações que advém daquele objeto, porque é uma foto tirada com aquela câmera, revelada e colocada ali. Assim, é uma informação agregada, um material que dá uma característica específica ao objeto. Também existe, inclusive, em outras tipologias. O Sesc tem acervos de pintura e objetos diversos relacionados à cultura popular. Inclusive, o Sesc possui museus no Nordeste, fruto de um programa que musealizou casas de mestres de cultura, transformando esses espaços em locais de visita e transmissão dos trabalhos desses mestres. Há uma grande possibilidade de expansão no campo museológico e informacional, com o apoio institucional para a implementação dessas políticas. Existe interesse e condições para a manutenção desse trabalho, incluindo orçamento voltado para isso. É algo que ainda não existe, mas está em pauta e em vias de ser executado, com resultados esperados no máximo em um ano. Não possuímos um vocabulário controlado interno, mas utilizamos outros vocabulários publicados no universo museológico, como tesouros. O tesouro de objetos do patrimônio cultural nos museus brasileiros é a versão atualizada do tesouro publicado pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, com autoria de Helena Ferreira e publicado em 2016.

Pesquisador: Certo. Vamos iniciar então a aplicação do protocolo. Lembrando que não vou interromper a descrição. Vou silenciar o microfone agora.

Participante A (PVI): Esse objeto é uma escultura em gesso, uma escultura sacra. Posso chamá-la de objeto sacro, uma escultura relacionada à religião cristã católica. Dentro da religião, o termo utilizado para esse tipo de escultura é "imagem". Ela tem um desdobramento, com duas partes. Foi adquirida com desdobramento, que é um manto em tecido, uma espécie de tecido esponjoso, parece ser juta. Lidando com esse desdobramento, é um revestimento em juta e vários acabamentos com aviamentos. Esse aviamento inclui

passamanaria com fios em tecido e uma espécie de plástico metalizado, além de pedrarias em plástico com revestimento de uma película furta-cor que descasca.

Participante A (PVI): De modo geral, o material que tenho aqui inclui tecido, plástico e metal, utilizado para uma das pedrarias e para fechar o manto e manter ele nesse formato. O objeto principal é uma escultura em gesso. Na verdade, isso é uma das coisas que preciso verificar, pois acreditei que em alguns lugares eu encontraria sempre dizendo que isso é uma escultura. No entanto, por ser isso aqui, não foi esculpido; ele foi colocado. O processo do gesso é colocado dentro de um molde, com a fórmula do gesso dissolvido em água. O molde fica fechado até o gesso perder um pouco da umidade e ficar consistente. Quando está totalmente consistente, o molde é aberto e eu tenho a estrutura toda. O que me diz isso é uma linha na lateral, que é justamente a parte onde vaza um pouco do gesso entre as duas partes do molde.

Participante A (PVI): Esse tipo de escultura também é chamada de escultura popular de objeto sacro, porque é um processo seriado; não é construído individualmente, é feito em série. Neste processo de moldagem de gesso, eu coloco isso num molde. Então, enquanto profissional, preferiria chamar isso não de escultura, mas de uma moldagem de gesso. Ela é produzida a partir de um molde e feita um acabamento com tinta, possivelmente acrílica, mas pode ser tinta base d'água também.

Participante A (PVI): A estrutura do objeto em si é um corpo humano com uma cabeça. A cabeça possui uma coroa. Nessa escultura, eu tenho duas pessoas: uma representação de uma mulher e uma representação antropomórfica feminina de Jesus. Abaixo dela, há a estrutura de um rosto que é a representação de um anjo, uma figura angelical. Essa escultura ou moldagem possui uma cabeça, e o restante está dentro do molde. O acabamento é feito nas cores dourado, bronze, azul e vermelho metálico, além de bege, branco e marrom fosco. Na base, há uma descrição "Nossa Senhora de Nazaré" revestida em acrílico.

Participante A (PVI): Essas informações serão organizadas e detalhadas na minha ficha catalográfica e no texto final. É, no caso, isso seria a descrição do objeto, né? Eu prossigo nas informações intrínsecas, as extrínsecas, quer dizer? Ou em outro momento? Pode ser? Tá, com relação à informação de que dentro do contexto de uso, isso aqui seria um objeto de rito religioso. Ele é utilizado para preces, para demonstrações de religiosidade, né? Normalmente associados à festividade que é considerada patrimônio cultural imaterial no Brasil, né? É tombado pelo IPHAN, que é referente à festividade de Nossa Senhora de Nazaré, que é uma festa celebrada. Desde 1793, no estado do Pará, que atualmente é considerada a maior manifestação religiosa da América Latina, é considerada padroeira do estado do Pará, da cidade de Belém, especificamente. E existem esses objetos, tanto dentro do contexto religioso, dentro das igrejas, e também dentro das casas, porque existem várias casas que têm objetos como esses, para ritos, para suas preces, para demonstrações religiosas, como também em espaços públicos.

Participante A (PVI): Isso é uma coisa interessante, porque por mais que estejamos dentro de uma estrutura de Estado laico, por conta dela ter um apelo popular muito grande no Estado, dentro de diversas repartições públicas e privadas, dentro de empresas, ela também é utilizada como um objeto decorativo ou dentro desses espaços. No caso desta imagem aqui, ela está dentro desse contexto de objeto decorativo, né? Então, em cada uma das salas, a gente tem uma representação em tamanho maior ou menor desta imagem, que seria a representação da padroeira do município de Belém, né? Então, ela pode ser encontrada tanto nesse contexto

especificamente religioso, dentro de uma instituição religiosa, como a igreja católica, ela pode ser encontrada também nas casas das pessoas, e, normalmente, esse tipo de estrutura aqui, dela em gesso, ela é encontrada nas casas, de forma mais, porque ela é uma imagem mais popular, isso tem um processo mais barato de aquisição, então eu consigo encontrar ela em preços mais populares, e isso implica também na qualidade, não diria, não sei se na qualidade do objeto, mas nas características físicas dele porque você vai perceber que a pintura ela é feita de modo mais geral ela é feita de modo mais seriado às vezes com não tanto refino que tu encontra numa escultura de fato que é feita com esculpindo a madeira e com um acabamento em pintura mais refinado não, aqui tu é feito de forma seriada e isso vai implicar nas características do acabamento então tu tens por exemplo uma pintura que ela vaza para um outro lugar, enfim mas é esse tipo de são essas esses tipos de imagens de Nossa Senhora de Nazaré que como é popularizado no estado.

Participante A (PVI): Então comumente você encontra essas esculturas populares dentro das casas, dentro de espaços mais populares, dentro de empresas dentro de, enfim, desses espaços diversos, tanto como objeto de rito, em que as pessoas vão ter esse momento ali de fazer suas preces e de professar a manifestação do sagrado como também como objeto decorativo ela também é utilizada ao longo não é esse objeto, mas objetos como esse também são utilizados ao longo do ano dentro de uma estrutura religiosa de manifestação chamada de novena que são os percursos em que grupos religiosos, normalmente compostos por mulheres prosseguem de casa em casa com essa imagem com uma imagem dessa e ao longo do período de agosto a setembro até o início de outubro esses grupos religiosos de mulheres recebem uma imagem como essa da arquidiocese e das suas respectivas paróquias e esses grupos levam essas imagens a diversas casas para executar um tipo de esmolação de ladainha em que toda noite essa imagem vai para uma casa lá nessa residência é feito um rito existe um caderno, uma normativa das preces que são executadas ali dentro daquela residência naquela residência há a imagem pernoita, ali ela fica até que no outro dia este grupo vai até a casa desta senhora desta família que recebeu e leva para a próxima família que vai receber e aí esse percurso acontece é o que são as chamadas novenas os percursos das novenas e aí isso é seguido por este grupo prioritariamente de mulheres levando essa imagem à frente com imagens de velas e professando ladainhas até chegar nessa nova residência então são algumas dessas práticas em que você vai encontrar imagens como essa dentro desse contexto.

Pesquisador: Pronto. Certo. Tudo certo. Eu vou agora realizar algumas perguntas. Que são chamadas de entrevista retrospectiva. Só para refrescar algumas coisas. Caso tivesse alguma dúvida. Quando tu começaste a observação do objeto, qual foi a ideia inicial sobre o significado?

Participante A: Não foi tão difícil para mim identificar algumas coisas. Agora, se eu estivesse lidando, por exemplo, com um objeto que eu não conheço, mesmo que fosse relacionado a objetos sacros, normalmente, uma prática que eu tenho é procurar no Google. Com aquele buscador de imagens, a ferramenta de buscador de imagens do Google me ajuda, às vezes, a identificar o objeto que eu não conheço, porque existem dentro das religiões. Se eu estou falando de acervo sacro, eu consigo utilizar isso também para outras tipologias de material. Dentro do acervo sacro, existem várias representações de chamadas de acervos sacros e imagens que são inúmeras. Então, algumas eu desconheço, e aí eu faço essa busca para saber o título e para buscar a história. Às vezes, eu consigo encontrar isso em publicações. Existe uma publicação que eu utilizo bastante, que é do Fausto Vianna, sobre trajes e objetos da Igreja Católica. Se eu não me engano, o título é esse, mas o autor é o Fausto Vianna. Lá, ele tem uma série de descrições que ajudam muito nessa questão da

documentação e da descrição dos objetos sacros, objetos religiosos. Então, eu tenho essa prática de estudar acervos religiosos porque já passei por etapas em que tive que descrever vários tipos de acervos religiosos. Isso já não é uma dificuldade para mim. Mas a minha ideia sempre é descrever fisicamente o objeto e depois passar pelos significados. De acordo com o que eu conheço e o que eu não conheço, eu vou pesquisar sobre. Mas eu sou um pouco disléxica, já diagnosticada. Então, às vezes, eu estou pensando uma coisa, mas meu pensamento vai para outro lugar. Eu tenho também essa prática de, quando estou fazendo a documentação do objeto, descrever tudo que vem na minha mente exatamente como eu estava falando agora. E aí, depois que eu termino de descrever tudo que veio na minha mente, o que eu consegui pegar de informação, eu vou para a parte de redação mesmo. Estruturo esse texto, organizo ele. O que ficou repetitivo eu vou limpando, colocando numa estrutura lógica de descrição do objeto: descrição física do objeto e, depois, passando pelos significados.

Participante A: Quando eu estou falando da descrição física no meu texto final, eu estruturo isso começando de cima para baixo, da direita para a esquerda, conforme eu estou vendo. Aí viro as costas, mesma coisa, de cima para baixo, da direita para a esquerda, e depois o fundo. Se tiver outras coisas agregadas, ou, por exemplo, no meu texto, eu não começaria falando do manto; começaria falando do objeto e depois falaria do manto acrescido de um objeto. Mas o meu processo de pensar essa descrição é muito como eu vou falando mesmo, porque às vezes eu percebo uma coisa e tenho medo de esquecer o que eu percebi, então anoto logo. Depois eu passo para a organização desse pensamento. E aí, uma outra coisa também, que isso foi uma pesquisa que a gente começou a publicar agora, mas que não é desse tipo de material, foi relacionada a bonecos cênicos. A gente pensa em um objeto e estabelece categorias para os tipos de material constituintes. Isso também ajuda a me organizar o pensamento no sentido de eu lidar com o material. Essas categorias seriam estruturantes, agregantes e decorativos. Decorativos, acho que não é esse o nome, mas é um que está relacionado ao decorativo: acabamentos. Obrigada. É isso. Então, eu tenho os materiais estruturantes, que são o que estrutura o meu objeto, como o gesso, que estrutura esse meu objeto. O tecido faz parte da estrutura dele prioritariamente.

Pesquisador: Certo. Você encontrou essa ideia inicial do objeto em alguma parte específica dele? Tipo o que significa? Para que serve?

Participante A: Eu sei o que ele significa. Eu tenho uma descrição aqui na imagem: Nossa Senhora de Nazaré. Mas, sem essa informação de contexto, que eu já tenho por ser belenense, por ser paraense, eu teria que pesquisar sobre, procurar informações. E, pessoalmente, eu não tenho bibliografias que me deem esse suporte. Eu teria que pesquisar externamente, seja na internet, em materiais já publicados e afins, ou na própria arquidiocese, que são as instituições relacionadas ao objeto. Falando de outros tipos de objetos, eu teria que ir atrás de uma bibliografia específica. Aqui eu tenho basicamente uma informação de um título, um possível título. Mas, se eu não entendo, se eu não tenho a minha informação de contexto, eu precisaria de mais do que isso. Eu só saberia do nome dela.

Pesquisadoe: Certo. Tu teve alguma dificuldade em algum momento?

Participante A: De descrição? Eu acho que isso pega um pouco o nosso trabalho mesmo, que é de museólogo. A dificuldade maior, ao meu ver, é encontrar o termo correto para definir alguma coisa, porque várias dessas coisas são tratadas por vários nomes. Então, eu não sei se o correto ou o errado é a palavra certa, mas ter um termo unificado para dizer que isso é isso é importante. Eu tenho, por exemplo, essa informação: "Ah, isso aqui é uma passamanaria". Eu

sei também por uma informação de contexto, já que trabalhei com acervo de figurino e conheço esse material. Mas, por exemplo, isso é chamado de outras formas. Tem gente que tem costureiras que chamam isso de cianinha, tem gente que chama de só de aviamento, de acabamento, enfim. Então, são vários nomes e isso vai acontecer, eu acho, com a maioria dos objetos, principalmente se lidarmos com objetos relacionados a alguma prática popular.

Em cada local, vai ter um nome, vai ser de um jeito e, às vezes, no mesmo local, há vários nomes para uma coisa. Então, a minha maior dificuldade, na maioria das vezes, é perceber qual é o termo mais adequado para descrever esse objeto. Qual é o termo que eu posso usar? E, às vezes, eu acabo colocando mais de um termo. Às vezes, eu coloco o termo que eu acho mais adequado e, então, abro um parêntese e coloco "também conhecido como" e listo outras formas e nomes. Pensando também na recuperação dessa informação, isso facilita a vida de uma pessoa que talvez não conheça ou não pratique o termo que eu empreguei, mas conhece esse outro termo. E isso vai facilitar na identificação do objeto.

Pesquisador: Isso. Eu sei que você tinha falado antes em relação ao conhecimento prévio de conhecimento do próprio objeto o que ele significa mas reforçando a pergunta por que você pensou em tal assunto? Foi conhecimento prévio ou alguma informação no documento ou caso o objeto que te guiou?

Participante A: Foram experiências prévias com documentação de acervos sacros e também com a manifestação religiosa em si, porque atualmente não existe essa prática católica mas a minha família é inserida nesse contexto e eu participei algumas vezes e sei que essa prática é a mesma até hoje, então por exemplo dentro do quando eu digo dentro do documento do tombo, do registro essas informações elas estão registradas no contexto, com relação às práticas que são relacionadas, que são outras tem muitas outras tem muitas práticas que acontecem relacionadas à manifestação do círio de nazaré então tu tens uma prática que acontece ao longo do ano e várias frentes disso acontecendo então você vai ter práticas de cultura alimentar você vai ter práticas da própria manifestação religiosa enfim, tem várias frentes em que isso acontece tem as manifestações artísticas relacionadas. Mas, entendendo que esse objeto tem uma representatividade muito forte nesse contexto, eu compreendo que, para entender o objeto em si, o contexto mais próximo, digamos assim, mais próprio dele é a prática que acontece ao longo do ano, esta novena, esta prática religiosa que ocorre ali, em que várias dessas imagens são reproduzidas e apropriadas de formas diferentes, culminando no Círio em si. Então, eu tenho essa informação tanto de forma pessoal, por conhecer já o contexto, quanto registrada em documentos oficiais, principalmente o próprio inventário que foi realizado na época do tombamento do registro da manifestação do Círio enquanto patrimônio imaterial. Além da minha vivência pessoal, eu ainda consigo visualizar a prática acontecendo por conta de vizinhos e de coisas que acontecem na rua da minha casa. Às vezes, o som vaza para dentro da minha casa e eu percebo que ainda são os mesmos ritos, a mesma estrutura, as mesmas cantigas da época em que eu participava, quando era criança. Então, eu sei que, por mais que as pessoas se modifiquem, as estruturas ainda são as mesmas e a prática continua sendo mantida.

Pesquisador: Tu consegue relacionar todo esse processo de descrição a algum termo geral ou um termo específico em algum vocabulário que no caso é o tesauro?

Pesquisador A: Então, dentro do tesauro, existe a categoria de objetos relacionados a culto. Eu não estou lembrando exatamente agora, mas deixa eu só pesquisar aqui se é o... é, objetos de ritos, cultos e crenças. E aí, eu não sei se esse seria o tratamento que eu utilizaria dentro do

específico museu em que eu estivesse trabalhando, mas pensando de modo geral, talvez fosse interessante relacionar ao termo já definido no tesouro, "objetos de ritos, cultos e crenças". Até porque esse termo geral, "objetos de ritos, cultos e crenças", vem também para atender a uma demanda do sincretismo — acho que essa palavra também é até complicada, mas enfim, a demanda das diversas religiões e práticas religiosas que temos no Brasil. Quando falamos de acervo sacro, normalmente o nosso imaginário vai imediatamente para o acervo sacro católico, não é? Mas, quando eu falo de acervo sacro, preciso entender que as práticas religiosas não são apenas católicas. Então, eu vou ter acervos relacionados a outras religiões, a outros ritos religiosos, a outras práticas. Acho interessante, por mais que haja resistência de alguns espaços — sabemos que existem — utilizar esse termo, por ele ser geral demais, "objetos, ritos, cultos e crenças". Não o termo em si, mas a categoria. Eu acho interessante pensar a partir disso porque isso inclui os objetos sacros de outras práticas religiosas. Então, eu terei subcategorias dentro desse objeto, como objetos relacionados à prática cristã, objetos relacionados à prática judaica, objetos relacionados à prática candomblé, umbandista e todas essas outras práticas. Assim, tenho uma categoria que não exclui e que não reforça um pensamento eurocêntrico cristão católico. É bem interessante passar a praticar essa categoria geral e, na subcategoria, relacionar o objeto com a prática cristã católica apostólica romana. E, no meu termo descritivo, eu vir com algo mais específico sobre o objeto.

Pesquisador: Então, tá certo. A gente finaliza aqui o processo do protocolo verbal. Foi bastante proveitoso. Reforçando, foi bem interessante como você estruturou o processo de descrição. As formas que eu tenho de começar pelo manto não têm problema; também é uma forma de observar e interpretar o objeto. Já temos aquele costume de tirar logo o que está cobrindo o objeto principal para começar a ver o que é. Isso parece ser um padrão. Estou identificando como se fosse um padrão; uma outra entrevistada também utilizou a mesma estratégia de começar pelo que pode ser removido e depois ir para o objeto principal para começar a descrever. Em relação ao feedback, sobre a questão de pesquisa, eu vejo bastante que a descrição física vem primeiro e depois a descrição temática. Raramente vem o contrário; geralmente, a temática vem primeiro, começando com aquela primeira leitura do que é o objeto, a especificação e tudo mais. Agradeço a participação; a pesquisa vai ser bastante proveitosa. Eu vou encerrar aqui a gravação.

APÊNDICE B – Protocolo Verbal Individual – Participante B

Início: 0:00:00 min Término: 0:34:26 min	
Duração: 34min 26seg	
Recurso informacional utilizado: Objeto comemorativo alusivo ao Castelo de Shuri	
Pesquisador: Mateus da Silva Reis	
Imagem:	
	

Pesquisador: Vamos lá, então. Eu tenho cinco campos aqui para perguntas que, na verdade, são quatro campos para perguntas para formar o perfil do profissional que está sendo entrevistado. Primeiro, relacionado à identificação. Formação?

Participante B: Graduação em Museologia, Mestrado em Ciência da Informação

Pesquisador: Instituição?

Participante B: Atualmente estou fazendo doutorado na Universidade de Waseda em Tóquio

Pesquisador: As obras são catalogadas?

Participante B: Não.

Pesquisador: Os procedimentos de documentação tratam etapas de identificação, seleção e tradução de conceitos?

Participante B: Sim.

Pesquisador: São produzidos resumos informacionais no caso de descrição de objeto físico?

Participante B: Sim, provavelmente.

Pesquisador: São produzidos descritores temáticos?

Participante B: Não, que eu tenha informação no momento.

Pesquisador: Quanto aos instrumentos de pesquisa, ficha catalográfica e tudo mais, são utilizados os instrumentos de pesquisa para a realização do tratamento informacional?

Participante B: Provavelmente sim, mas não por mim.

Pesquisador: Os metadados presentes no instrumento direcionam para descrição física do objeto? Físico e temático?

Participante B: Sim, sim, sim, sim.

Pesquisador: O museu possui algum vocabulário controlado interno?

Participante B: Não que eu tenha informação.

Pesquisador: Mas ele utiliza algum vocabulário presente no universo da museologia? Thesouro para acervos museológicos?

Participante B: Sim, eu uso o tesouro.

Pesquisador>Como já havia explicado anteriormente, antes da gravação, o protocolo verbal objetiva coletar o processo de observação, interpretação e leitura do museólogo durante o procedimento de descrição do objeto museológico. É uma atividade introspectiva, no caso, é o pensar alto. Então, durante todo o processo de descrição do objeto que foi enviado também por e-mail e que você tem em mãos, você vai ter que pensar alto e verbalizar durante todo esse procedimento da produção da descrição, tá bom? Eu não vou interferir de nenhuma forma enquanto não terminar a descrição. É só pensar alto, só falar o que está pensando, o que está passando na sua cabeça. Se você tiver alguma dúvida, pode falar, mas eu só vou poder interromper quando você terminar a descrição, interromper o processo de descrição. Tá certo? Ok, então eu vou silenciar aqui o microfone e pode começar.

Participante B (PVI): Primeiras informações do objeto. Data de aquisição: Não tenho a data específica, vou conferir, mas mando possui informação. Sim, dentro da embalagem eu sei que foi 17 de abril de 2024. O objeto está na embalagem de o que parece ser plástico? Não, é uma embalagem comum. Então, provavelmente, ela pode ser substituída por algo mais adequado. O objeto tem acompanhado duas coisas dentro: uma caixa de madeira 3x4, um pedaço de papel e o objeto em si. Começando com os dados intrínsecos: O formato é um retângulo. Então, eu tenho um retângulo com as bordas arredondadas. O material inicialmente parece ser uma madeira leve, com cheiro característico, mas eu não consigo identificar qual é. Então, madeira clara com cheiro característico.

Participante B (PVI): O retângulo tem uma madeira com uma, duas, três, quatro faces longas e duas faces curtas. Numa das faces tem um escrito e um desenho. Pelo que parece, isso foi queimado na madeira. Então, não foi um objeto. Eles usaram algum tipo de ferramenta para marcar a madeira. Tem um, dois, três grupos. Essa marcação foi dividida em três grupos. Então, tem o primeiro grupo, um espaço, o segundo grupo e a imagem do castelo. A imagem do castelo parece ter sido feita também em mais de uma etapa. Não parece ter sido única, porque as dimensões da queimadura são diferentes. Então, tem um, dois, três tipos diferentes. Só a imagem do castelo tem um processo, provavelmente de queimadura, de três etapas diferentes. O escrito, os dois últimos, os dois grupos antes, são escritos em kanji. Kanji são alfabetos usados pela China ou pelo Japão. Bom, o físico: já fizemos a descrição do formato, material, e marcação. O objeto também tem um furo circular do lado esquerdo que atravessa o objeto. Tamanho: O lado mais longo tem 12 centímetros e o lado mais curto tem 2 centímetros. O furo tem um diâmetro de meio centímetro. As inscrições têm o tamanho de meio centímetro, todas. Sim. São 10 símbolos kanji e 1 hiragana, todos com meio centímetro.

A imagem do castelo tem 1 centímetro e 4. O papel: O papel está escrito em japonês. Eu não consigo ler japonês, então vou ter que usar um tradutor. No papel, são informações do objeto. O papel é branco, parece ser sulfite comum, com impressão preta. Tamanho: 10,5 por 3 centímetros. Também é um papel retangular, só com impressão de um lado. Informações físicas estão confirmadas.

Participante B: Agora, informações extrínsecas: O local do objeto é o castelo de Shuri, em Okinawa. O castelo sofreu um incêndio em 2019 e está em reconstrução até 2026, mas ainda está aberto. Sobre o objeto: Eu consigo identificar os três alfabetos japoneses: hiragana, kanji e katakana. Hinoki é a madeira mencionada. Esse pedaço é de madeira utilizada na reconstrução do castelo de Shuri. O tipo de madeira é hinoki, que é fácil de processar e tem sido usado como material de construção desde os tempos antigos. É considerado resistente ao fogo, o que é importante porque o castelo queimou. Hinoki tem um perfume único com efeitos relaxantes, repelentes de insetos, purificadores do ar e desodorizantes. O papel diz que o objeto é um fragmento da reconstrução do Shuri. Textura: A madeira foi lixada. Tem marcas provavelmente de uma lixadeira. Há uma marca no meio do objeto, possivelmente usada para sustentar o objeto durante a gravação. Informações adicionais: O papel traz informações básicas e confirma que o objeto é comemorativo. Preciso digitalizar e traduzir o papel, confirmar a tradução depois.

Participante B (PVI): O objeto é um fragmento de construção. No estado atual, é um objeto comemorativo. O uso anterior foi como fragmento de construção, mas agora é um objeto de restauração. Precisa mudar a embalagem para uma caixa mais apropriada. Nome do objeto: Bloco de madeira retangular comemorativo. Não tem título, apenas é um objeto comemorativo. Confirmando todas as informações: localização, contexto, dados físicos e do papel. Não tem uso utilitário específico além do comemorativo. Confirma. Confirma. Ok, terminado

Pesquisador: Tudo certo então, né? É isso. Eu vou elaborar agora algumas perguntas, que é a entrevista retrospectiva, só pra levantar algumas questões que ficaram durante o caminho. Ok. Primeira pergunta: Quando tu começou a observação, qual foi a tua ideia inicial sobre o significado?

Participante B: Ok. No inicial, eu não tinha ideia nenhuma, porque o objeto não deixa claro que tem um uso. É só um objeto retangular. Então, no início parecia só um bloco de madeira.

Pesquisador: Uhum. É o primeiro momento no caso, né? Isso. Aí tu encontrou essa ideia assim, como começou a ter entendimento do objeto? Foi alguma parte específica dele, o que significa, pra que serve?

Participante B: Durante a identificação dos aspectos físicos do objeto, não parecia ter nada que diria que isso era um objeto comemorativo específico. Mas, por sorte, ele veio acompanhado de um papel que tem informações extras sobre isso, e também eu tinha a localização do objeto, de onde o objeto veio, que no caso é de um castelo. Então, com isso, eu pude ver. Mas a grande mudança foi a partir da tradução do que está escrito no papel. E aí, a partir disso, eu pude ver que o contexto do objeto era um objeto especial, vamos dizer assim, né? Teve que utilizar uma pesquisa, né? Porque só o objeto em si não tem como identificar.

Pesquisador: Entendi. Teve dificuldade em algum momento? Se sim, qual parte?

Participante B: Bom, a primeira parte é a parte linguística. Uhum. Porque esse daqui está usando o vocabulário japonês. Como eu sei a localização, prevê que esse daqui é um vocabulário japonês. Então, é uma língua que eu não tenho fluência. Então, eu tive que fazer o uso de tradutor de aplicativo. Então, essa foi a primeira dificuldade. Uhum. De resto, não

especificamente. Talvez para fazer uma análise mais profunda do aspecto de conservação do objeto, sim. Talvez eu precise de mais pesquisa. Mas uma avaliação inicial, a grande dificuldade é a língua.

Pesquisador: Certo. E aí, durante esse processo de observação, reparei que puxava muito muitas coisas, muitas dúvidas, por exemplo, da ilha ou do próprio castelo ou da própria madeira também. Coisas que vão formando ali o objeto. Por que tu pensou em tal assunto? Ou foi conhecimento prévio? Tu já tinha algum conhecimento sobre ou alguma informação no documento, no objeto, te guiou?

Participante B: Eu tinha informação prévia do objeto, porque eu estava no momento de coleta, né? Então, ali a gente já teve que fazer uma pesquisa prévia da realidade do castelo. Mas sobre o tipo de madeira, foi porque no papel tem informações não só do tipo da madeira, que é cipreste ou hinoki em japonês. Então, eu quis ter mais informações sobre essa madeira, porque se eu consigo identificar se ela é originária do Japão ou não, já tenho mais informações sobre o aspecto físico do objeto. E também porque, como essa madeira, ela tem um cheiro bem característico que dá pra sentir mesmo sem aproximar muito, e é algo que está escrito aqui. É algo que eu precisei pesquisar mais fundo. E também aqui eles mencionam um prédio específico do castelo que está em reconstrução. Então, eu também tive que fazer uma pesquisa para identificar onde, qual dos prédios eram esses. Então, precisou de pesquisa extra.

Pesquisador: Certo. E aí, no finalzinho, tu relacionou ao termo de tesouro. Tu utilizou o tesouro para acervos museológicos. Quais foram os termos que tu colocou?

Participante B: Então, eu fiz uma revisão básica do que poderia ser considerado para esse objeto. Então, aqui, para o uso que eu consegui identificar desse objeto, ele é um objeto comemorativo. Então, esse é o... ele é parte dos objetos cerimoniais. Então, 0909.2 no tesouro. O geral é objeto cerimonial, né? E o termo específico é o objeto comemorativo. Isso. E como o papel dizia que esse é um pedaço de madeira utilizada na reconstrução, esse, se eu considero só a madeira, ela teve um uso prévio. Então, esse uso prévio eu também consigo identificar pelo tesouro como fragmento de uma construção. Certo. Poderiam ser três termos indexados, né?

Pesquisador: Isso. Tá certo. Então é isso. Muito obrigado. Eu acho de bastante importância essa parte, principalmente da pesquisa, utilizar instrumentos, aparelhos para realizar pesquisa para se aprofundar na construção do perfil estilístico, no caso do objeto. E a questão da utilização do tesouro também para representar a informação nessa miscelânea de informação que a gente tem do objeto. A gente precisa se encontrar em termos para indexar no sistema. Então, eu acho que deu tudo certo. Vou encerrar aqui a gravação.

APÊNDICE C – Protocolo Verbal Individual – Participante C

Início: 0:00:00 min Término: 0:22:52 min
Duração: 22min 52seg
Recurso informacional utilizado: Telefone
Pesquisador: Mateus da Silva Reis
Imagem:


Pesquisador: Certo. Formação.

Participante C: Eu sou museóloga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Eu também tenho mestrado pela Unirio e doutorado em Ciências Sociais pela UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Pesquisador: Certo. Instituição em que trabalha e o setor.

Participante C: Trabalho na Fundação Casa de Rui Barbosa, que é vinculada ao Ministério da Cultura, e eu fico lotada no Museu Casa de Rui Barbosa.

Pesquisador: Certo. Tem algum setor, professora?

Participante C: Não, o museu em si já é um setor da fundação. É uma divisão do Centro de Memória em Formação, que é um dos três centros da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Pesquisador: Certo. No que se refere à indexação e descrição de acervos, as obras, os cômodos presentes no museu, são catalogados?

Participante C: Todos são catalogados. O museu é uma instituição quase centenária, em 2030 faz 100 anos que o museu está aberto ao público, e por sermos um museu-casa, que é uma categoria muito circunscrita, a entrada de objetos aqui é muito rara, porque os objetos são associados a Rui Barbosa, pois é a casa onde ele viveu por 28 anos. Então, muito raramente, a gente tem algum objeto doado, algum objeto relacionado ao tempo do Rui.

Participante C: Mas esse projeto que você mencionou da catalogação dos cômodos, eu iniciei em 2016, junto com uma bolsista. Então, o entendimento do cômodo como o objeto do museu nos impulsionou a fazer essa catalogação. Mas é uma catalogação também com um viés um pouco diferente dos objetos.

Pesquisador: Para ser realizada essa catalogação, professora, são utilizados algum padrão conhecido, por exemplo, do CIDOC ou do próprio IBRAM, para formar os metadados?

Participante C: A gente usa o padrão proposto pelo CIDOC e uma metodologia um pouco parecida com essa que você está propondo. Ela é formada por quatro etapas, e uma das etapas é a leitura do cômodo. Então, é como se a gente ficasse olhando para esse lugar, avaliando todos os seus detalhes, a sua constituição, a sua estrutura, para depois iniciar a catalogação propriamente dita.

Pesquisador: Dentro desse procedimento, trata as etapas de identificação, seleção e tradução de alguns conceitos.

Participante C: O cômodo é, digamos, um objeto que a gente lida com ele na catalogação em diferentes momentos. A gente tem uma etapa de descrever qual era a utilização dele no seu ciclo residencial. É um pouco parecido com o objeto. O objeto, ao entrar no museu, também estava em outro ciclo de vida, no seu ciclo rotineiro de uso. Então, a gente também aborda esse momento. E depois, quando ele passa a fazer parte do ciclo museu, qual é a sua outra função? Ele passa a ter uma função mais expositiva e aí a gente também faz a catalogação, pensando no histórico desse objeto, desde quando existem banheiros nas residências.

Participante C: Como foi a construção de banheiros? Quando a gente lida, por exemplo, com uma casa do século XIX, como a que eu trabalho, não era comum ter banheiro dentro de casa, então tudo isso é abordado no histórico do objeto.

Pesquisador: Certo, professora. É utilizado a ficha catalográfica, é produzida aquele resumo?

Participante C: Ficha catalográfica para cada objeto. Aqui na Casa de Rui Barbosa, a gente usa atualmente o Sofia Biblioteca mesmo para o acervo museológico. Nesse momento, a gente está em um grupo de trabalho. A ideia é migrar todas as nossas fichas para o SIAN. Então, como a gente já tinha essa proposta, já tinha o entendimento de que o Sofia Biblioteca não atendia completamente o acervo museológico.

Participante C: As fichas dos cômodos foram feitas no Excel e no Word, para depois serem migradas para outro programa. A gente estava tentando pensar qual seria, mas não foi feita em nenhum software específico para isso.

Pesquisador: Certo. E até perguntar agora, professora, porque às vezes o repositório, no caso do Sofia, o instrumento do Sofia, direciona muito para uma descrição física, mas não direciona para uma descrição temática.

Participante C: Pode colocar os campos que nós quisermos.

Pesquisador: Certo.

Participante C: Então, a gente pode definir o que são campos de descrição temática sem problema nenhum.

Pesquisador: Ok. São utilizados metadados para indexação?

Participante C: Sim, a gente tem um caderno de metadados e o manual de preenchimento também.

Pesquisador: Certo. Em relação a vocabulário controlado, professora, o museu possui algum vocabulário interno?

Participante C: Não.

Participante C: Na verdade, não digo que a gente tem um vocabulário controlado, porque todos nós que chegamos já encontramos o acervo catalogado. E cada geração de profissionais que chega tem uma série de procedimentos mais atualizados. Então, eu cheguei em 2002, e em 2014 chegou uma outra geração de profissionais também a partir de um concurso público.

Participante C: A geração que eu encontrei era da década de 70, tinham entrado aqui no museu em 74, quando as metodologias eram outras. Então, a partir desse encontro, a gente montou uma lista de termos. Não é propriamente um vocabulário controlado, mas já é um passo para a construção de um vocabulário controlado.

Pesquisador: Já é bastante válido para a representação temática nessa lista. Mas, além disso, utiliza-se tesouro de acervo museológico?

Participante C: A primeira catalogação, na verdade, quando você for ler ali a introdução do UROS, o TE da década de 80 que eu me refiro. Houve uma participação da Casa de Rui Barbosa, porque o TEAU que a gente tinha até então foi construído para atender as necessidades do Museu Histórico Nacional, que é onde nasce o curso de museus, e naquele momento elas entraram em contato com alguns profissionais de outros museus com outras tipologias. E a Casa de Rui Barbosa participou desse momento. Então, a gente usou muito, e para a catalogação dos cômodos, que é mais recente, a gente já usou a versão atualizada que está disponível na rede, que foi feita pela Helena Ferrez.

Pesquisador: Legal, professora. A senhora trabalha nessa estratégia de quatro níveis, que foi apontada desde 2016.

Participante C: Isso. Mas para a catalogação dos cômodos, nós só utilizamos essa metodologia para a catalogação dos cômodos, porque todo o acervo museológico já estava catalogado.

Pesquisador: Ok. Certo. Então, professora, a gente pode começar com aquela estratégia já de descrição do telefone, vontade, o que está para descrever o telefone, tanto descrição temática quanto descrição física para que ele serve. Puxe tudo o que a senhora tem na cabeça relacionada a esse telefone enquanto objeto museológico no caso.

Participante C: Eu só quero ressaltar que eu estou na minha sala de trabalho, que é um local um pouquinho barulhento. Então pode ser que daqui a pouco toque o telefone ou que alguém fale comigo.

Pesquisador: Sem problema, professora.

Participante C: Eu trabalho no jardim, então toda hora alguém aparece na janela. Só para você não estranhar.

Pesquisador: Ok, sem problema nenhum. Está certo. Eu vou desligar aqui e só vou voltar a falar quando a semjpra falar que está terminado.

Participante C (PVI): Ok, então posso começar. Eu vou catalogar o telefone, que é o objeto retangular da cor preta. Ele é tridimensional. Ele é formado por um corpo inteiriço. Do lado esquerdo do leitor, a gente tem um plugin em que conecta o fone ao aparelho.

Participante C (PVI): O fone também é um objeto retangular, que tem uma protuberância na sua parte superior. Ele tem um fio emborrachado espiralado que se conecta no telefone. O telefone propriamente dito é formado por 12 teclas maiores na parte inferior. A gente tem três telas menores e mais uma do lado direito. Há inscrições nele. A marca EG está escrita em branco. Abaixo da marca, temos a sigla TCF. Acima de cada tecla, a gente tem um número que começa pelo número 1 em uma sequência e vai até o número 9. Abaixo dessa sequência, a gente tem três teclas, sendo a do lado esquerdo o asterisco, a central com o número 0 e à direita, um símbolo semelhante ao jogo da velha. Abaixo de cada tecla, temos inscrições também em letra branca.

Participante C (PVI): Abaixo da letra do número 2, temos a letra A, B, C. Abaixo do número 3, as letras D e F. Abaixo do número 4, as letras G, H, I. Abaixo do número 5, as letras J, K, L. Abaixo do número 6, as letras M, N, O. Abaixo do número 7, as letras P, Q, R, S. Abaixo do número 8, as letras T, V. Abaixo do número 9, as letras W, X, Y, Z. Abaixo do asterisco, não há nenhuma inscrição. Abaixo do número 0, também não há nenhuma inscrição na parte inferior deste objeto. Nós temos duas etiquetas.

Participante C (PVI): A primeira etiqueta está com a marca EG. À direita temos a marca Anatel e um código de barra. Isso será ilustrado pela imagem que será inserida na ficha catalográfica. Abaixo dessa marca, temos um outro código de barra, que é o número patrimonial, tendo em vista que esse objeto foi patrimonializado porque ele é um objeto da área da administração.

Participante C (PVI): Pensando um pouco na funcionalidade desse objeto, ele é do âmbito da comunicação. E aí eu precisaria acessar o TAS aulas para saber qual é o código de classe, subclasse, porque eu não sei de cabeça. Mas ele é do âmbito da comunicação. Nesse campo sobre o histórico do objeto, eu vou pesquisar quando esse objeto, o telefone, foi criado, por quem ele foi criado, desde quando ele foi introduzido aqui na instituição, porque nem todas as instituições tiveram telefone no momento em que ele foi criado e apontarei também para o desenvolvimento desse objeto. Hoje, em 2025, esse objeto é muito pouco utilizado.

Participante C (PVI): As pessoas já se comunicam muito por meio de celulares e outras formas de comunicação, como e-mail, WhatsApp, enfim. Esse objeto, vale lembrar, é identificado como um telefone fixo, por isso também, hoje, ele perdeu um pouco a sua função.

Existe a possibilidade de você se locomover com o telefone, o que facilita muito a comunicação, mesmo institucionalmente. Já é comum que as pessoas tenham um telefone institucional, então o telefone fixo hoje você encontra em poucas residências. O que era muito comum no final do século XX, raras residências não teriam um telefone fixo, e hoje isso já é um movimento contrário.

Participante C (PVI): Poucas residências, você encontra um telefone fixo. Em residência de pessoas jovens, você já não encontra esse objeto. É também interessante ressaltar no histórico desse objeto que o design dele também mudou ao longo do tempo.

Participante C (PVI): As crianças hoje já não conhecem telefones com esse movimento de discar. Até o vocabulário mudou, a gente já não fala "vou discar". O número a gente fala, mas diz "vou telefonar". Então há uma série de outros termos associados à função desse objeto telefônico. Acho que a princípio é isso. Se tivesse em uma ficha catalográfica tradicional, eu passaria agora para a etapa de medição do objeto.

Participante C (PVI): Eu iria medir todo o objeto e anotaria esses dados na ficha: altura, largura, profundidade, tanto do objeto quanto do corpo do telefone, quanto do fone propriamente dito e do fio. Esse objeto, ao dar um número, ele teria esse plugin, então eu precisaria dar um número aqui na Casa de Rui Barbosa.

Participante C (PVI): A numeração é formada pelo ano da catalogação ponto e o número sequencial desse objeto no acervo. Então, se eu fosse catalogar esse objeto hoje, eu provavelmente daria um número 2025, sei lá, 1000, 601, por exemplo. Isso significa que esse objeto foi catalogado em 2025, e ele é o objeto 1000, 601 na coleção ao qual ele foi inserido. Finalizo.

Pesquisador: Certo, professora, perfeito. A senhora foi bastante na questão temática dele, além da física, além de descrever fisicamente, puxou bem o contexto histórico também do próprio objeto telefônico.

Participante C: Ainda na ficha, se eu utilizasse alguns referenciais para buscar um pouco da história do objeto, eu também colocaria essas referências na ficha. As referências que eu utilizei para essa catalogação e as imagens, eu também colocaria os metadados da imagem, qual foi a máquina que eu utilizei e todas as outras informações para que os pesquisadores soubessem como essa imagem foi produzida.

Pesquisador: Isso. Vou falar nisso, professora. A senhora depois pode enviar o termo e a senhora pode mandar uma imagem dele, pode ser pelo celular mesmo, sem problema. Finalizando, professora, só fazer uma entrevista retrospectiva do que foi feito aqui com a sua descrição. Quando a senhora começou a observação, qual foi a ideia inicial sobre o significado e sobre a funcionalidade do objeto?

Participante C: A minha ideia inicial foi a descrição física, deixar bem registrado como esse objeto é fisicamente. Posteriormente, foi pensar na função, para que ele serve, e para que ele foi feito, e como foi a trajetória desse objeto. E depois, falar um pouco da relação deste objeto com a contemporaneidade.

Pesquisador: Certo. A senhora teve alguma dificuldade em algum momento? Se sim, em qual parte?

Participante C: Não, nenhuma dificuldade. O único problema é que eu estou fazendo uma espécie de ensaio. Então, eu não estou num laboratório propriamente de catalogação. Não estou aqui com tesouros. Estou quase intuitivamente, tentando lembrar dos campos de uma ficha.

Pesquisador: Certo, sem problemas, professora. Quando a senhora pensou naquele assunto do histórico do telefone, foi algum tipo de conhecimento prévio que a senhora tinha ou o objeto já guiava para esse assunto?

Participante C: Não, foi um conhecimento prévio.

Pesquisador: Ok. Eu percebi que a senhora tentou ali relacionar, de alguma forma, a um termo no Tesouro. Foi o termo de comunicação, não é?

Participante C: Sim.

Pesquisador: Certo. Foi um termo mais generalista. Não tinha também como acessar o Tesouro no momento para ter o termo específico?

Participante C: É, mas acho que é quase um vício de profissão.

Pesquisador: Isso.

Participante C: A gente já tenta deixar mais ou menos delineado o que acredita que esteja escrito no desalaura.

Pesquisador: Isso, que nem logo a primeira categoria, artes visuais, belas artes. Então, professora, é isso. A gente termina aqui a nossa entrevista, o nosso momento aqui do protocolo verbal. A senhora tem alguma dúvida? Tem alguma observação?

Participante C: Não. Eu já te enviei as fotos. Eu desejo sucesso na sua pesquisa e me dê notícias para que eu possa acompanhar. É interessante saber que as pessoas estão trabalhando com essa metodologia.

Pesquisador: Certo, professora, eu vou parar já.

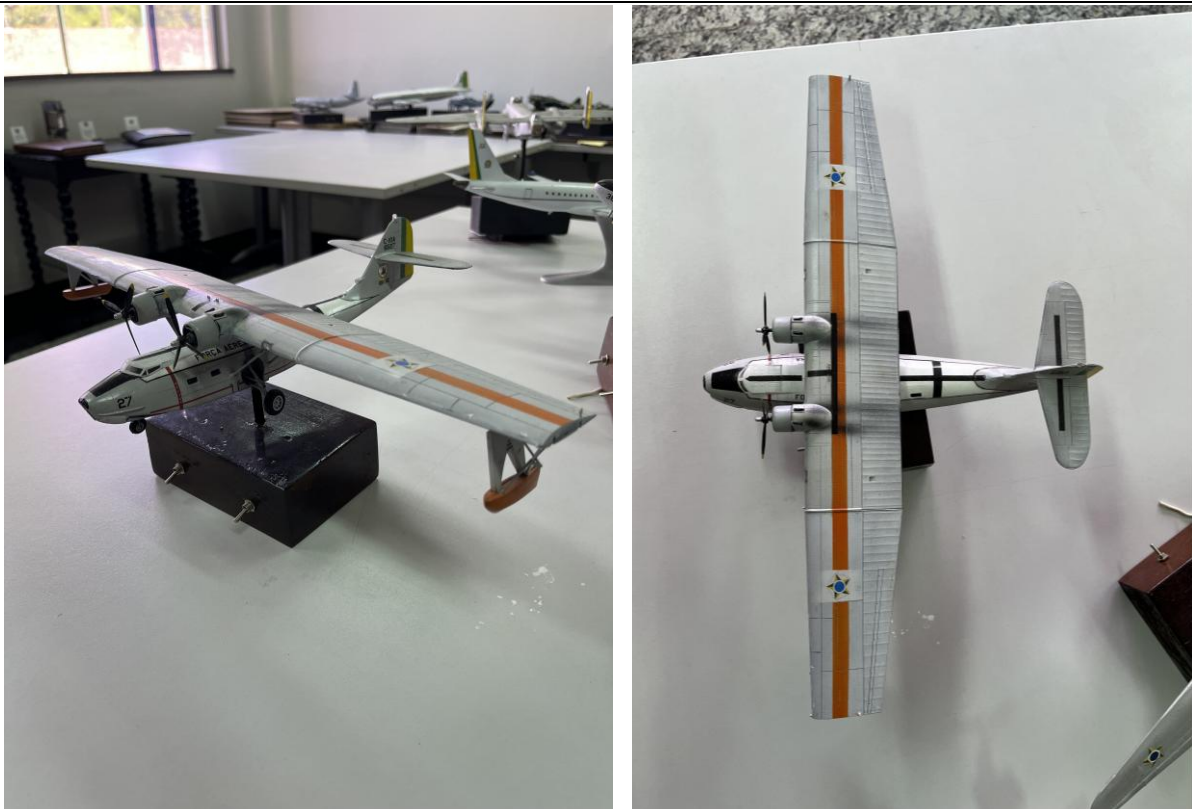
Participante C: Qualificou ou você só ainda está no início da pesquisa?

Pesquisador: Não, eu já qualifiquei, já estou para o final, já.

Participante C: Que bom!

Pesquisador: Até a próxima, vou finalizar a gravação.

APÊNDICE D – Protocolo Verbal Individual – Participante D

Início: 0:00:00 min Término: 0:19:24 min
Duração: 19min 24seg
Recurso informacional utilizado: Miniatura da Aeronave PBY – Catalina
Pesquisador: Mateus da Silva Reis
Imagem:


Pesquisador: Formação?

Participante D: Museóloga.

Pesquisador: Instituição e setor?

Participante D: Eu trabalho aqui na Base Aérea de Belém e sou da Comunicação Social, trabalho aqui no memorial.

Pesquisador: Certo. Voltando um pouco para a questão da indexação, descrição dos objetos. Os objetos são catalogados?

Participante D: A gente ainda está em processo de catalogação dos objetos.

Pesquisador: São utilizados alguns padrões? Padrão para a realização do tratamento formacional, por exemplo, ficha catalográfica de alguma obra, ou do próprio CIDOC, da Norma Espectrum, enfim. É utilizado algum padrão ou vocês mesmos criaram?

Participante D: Não, nós utilizamos o padrão da ICA que é padrão mesmo para a Força Aérea.

Pesquisador: Os procedimentos desse padrão, no caso, eles respeitam as etapas de identificação, seleção e tradução de conceitos?

Participante D: Respeitam.

Pesquisador: São produzidos resumos informacionais, aquelas descrições do objeto?

Participante D: Sim, na própria ficha também a gente coloca esse resumo e nós estamos preparando também para ficar no próprio acervo mesmo.

Pesquisador: São produzidos descritores temáticos, aqueles termos de indexação que representam o objeto? São produzidos alguns...

Participante D: Por exemplo, o termo "avião", ele é indexado no sistema, que é o SISCUT, no caso, ou não?

Participante D: Sim.

Pesquisador: Em questão de instrumento de pesquisa, a gente geralmente direciona para a ficha catalográfica, né? São utilizados instrumentos de pesquisa para a realização do tratamento informacional?

Participante D: Sim.

Pesquisador: Se sim, quais seriam?

Participante D: Os instrumentos de pesquisa que a gente utiliza é o próprio site da Força Aérea, lá onde tem, às vezes, a identificação de algum tipo de avião, ou mesmo pela própria internet. A gente pesquisa o modelo, tudo, o fato histórico, se ele participou de algum fato histórico mesmo para poder colocar.

Pesquisador: Dentro do SISCUT a gente tem os metadados, né, para registrar a informação dos objetos. Os metadados, eles direcionam para uma descrição física e uma descrição temática do objeto?

Participante D: Sim.

Pesquisador: Quais seriam os metadados mesmo?

Participante D: De qual tecido? Do SISCUT? É o de dimensão? Tem, em relação à ficha catalográfica, tudo é voltado a isso. Tem as dimensões, tem o modelo da aeronave, do objeto, na verdade.

Pesquisador: Então, assim, as características específicas.

Participante D: Certo.

Pesquisador: Sobre vocabulário controlado, último tópico. O Museu, Memorial, ou o sistema de instituições culturais do Comando da Aeronáutica, tem um vocabulário controlado interno?

Participante D: Temos.

Pesquisador: Qual é?

Participante D: É uma lista de termos, né? Nós temos uma lista de termos que é voltada justamente para especificações de aeronaves, que usa mais o termo técnico mesmo, que significa, voltado mais para essas questões, não só de aeronaves, mas relacionado à aviação.

Pesquisador: É utilizado tesouros?

Participante D: Sim, nós temos também o próprio tesouro da Força Aérea.

Pesquisador: Ah, show de bola. Beleza. Então a gente termina aqui a entrevista para formar o perfil do profissional. Aí eu vou pedir para tu iniciar a descrição do objeto. Não vou interromper, só vou voltar a falar contigo quando der o ok para mim, quando dizer que tu terminou totalmente a descrição, tá bom? Pode iniciar.

Participante D (PVI): Tá, eu vou descrever aqui uma aeronave que faz parte do nosso acervo. Em caráter geral, esse aqui é um Catalina. Porém, esse nome Catalina, ele é, quando ele era da aviação civil. Quando ele passou a ser da aviação militar, ele ganhou uma numeração e essa numeração que é o número de matrícula que se faz o nome dele dentro da Força Aérea. No caso desse Catalina aqui, quando ele virou militar, ele ganhou uma descrição de CA-10. O que significa esse CA? É que ele era uma aeronave de carga. E ganhou o número de matrícula 6527. E esse é o nome e é esse perfil dessa aeronave dentro da FAB, dentro da Força Aérea. E esse objeto que eu vou descrever aqui, ele tem dois flutuantes nas pontas das asas. Esse flutuante, ele está uma cor laranja e ele tem dois motores na asa dele, cada motor tem a sua hélice com três pás, na cor preta e amarela. Ele possui também o trem de pouso dele na parte da frente e nas laterais também nós temos o trem de pouso, é uma roda, uma roda pequena, na cor preta e cinza. Temos também duas rodas nas laterais, uma em cada lateral, na cor preta e cinza também. Nós temos na parte da asa uma listra laranja e outra preta. Na fuselagem, que é o corpo da aeronave, nós temos algumas cores. O corpo dele no total é branco e cinza, com algumas listras vermelhas. Algumas. E tá escrito, numa parte, tá escrito hélice. E na parte de cima também nós temos uma parte, tipo, duas linhas pretas. Na lateral, nós temos como se fossem duas janelas. Esse Catalina aqui que eu tô descrevendo, ele tá num suporte, numa base, onde nós temos dois interruptores. Na parte de trás do avião, nós temos o símbolo do primeiro ETA, que é o primeiro esquadrão aéreo, onde esse Catalina faz parte. Nós temos uma descrição: "Primeiro E", tá devagar, mas chego lá. Esse é o emblema desse esquadrão de transporte aéreo, que é o primeiro. E um tracajzinho com asas, sendo que o tracajá, o casco dele é laranja e a asazinha dele é amarela. E o corpo dele é cinza. Na parte de trás da aeronave, nós temos duas listras, uma lista vermelha, uma lista amarela e outra verde dos dois lados e a descrição e o número de matrícula dos dois lados também nessa parte de trás, que é o 6527 e o CA-10. Essa aeronave, o contexto histórico dela é uma aeronave que foi muito importante aqui para a Amazônia. Ela serviu para fazer a integração da nossa Amazônia e, em 2023, saiu o tombamento definitivo dela, ela virou patrimônio histórico justamente por todo esse contexto histórico de integração, de ajuda humanitária para a população aqui da Amazônia. No mais, ela tem basicamente a envergadura dela, que é a ponta de uma ponta a outra da asa. Ela tem basicamente, eu acho que aqui uns 30 centímetros e o corpo dela, com a

fuselagem, deve ter uns 20 centímetros. E essa maquete, ela foi doada aqui pro memorial. E... Acho que é só.

Participante D: Terminado.

Pesquisador: Terminado a aplicação do protocolo com a participante, museóloga. Tem alguma especialidade, especialização?

Participante D: Minha especialização é gestão da informação arquivística pela UFPA, em 2019. Só.

Pesquisador: Um comentário básico. Uma coisa que eu tenho notado muito é que a gente tem um roteiro. Então a gente geralmente começa pela frente, a gente tenta seguir, por exemplo, quando a gente descreve obra de arte, a gente começa de cima pra baixo, vai da direita pra esquerda, parece. Acho que eu já vi até um estudo que... bem antigo mesmo, de documentação museológica, que realmente a pessoa, a autora. E aí, quando eu apliquei com a galera toda, inclusive, tem um roteiro mental que a gente faz de início, para a gente poder se guiar para onde começar.

Participante D: E sabe que eu vejo assim também, quando a gente utiliza muito o termo técnico também, eu acho que limita muito o público também, porque eu sei o que é flutuante, o que é isso aqui, mas a pessoa que está fora vê isso aqui como um barquinho, o formato de um barquinho. Então, acho bom a gente colocar os conceitos também populares, não utilizar só esse vocabulário controlado, assim, Isso aqui eu sei que é uma fuselagem, mas quem vem de fora não sabe que isso aqui é uma fuselagem. Entende como o corpo, assim, do avião. Envergadura, a pessoa não sabe que é a distância de uma ponta a outra da asa. Entendeu?

Participante D: Aí, assim, a gente fala às vezes esse termo muito técnico, Mas quem tiver acesso, porque eu entendo assim, a informação, ela não é... Claro que ela tem um público-alvo, mas também ela tem que ser acessível para todos. Então quando a pessoa lê aquilo, ela... Pelo menos eu sou assim, né? Quando eu tô lendo alguma coisa, eu começo a criar esse tipo de objeto na minha cabeça, entendeu? Mas aí, quando tem essas palavras que realmente eu não entendo, aí começa a ficar falho, começa a falhar a identificação do objeto pra mim, entendeu? Então, até fazendo essa descrição agora, eu percebi isso, que a gente usa muito o termo técnico às vezes, mas quem tá de fora ler, vai ler aquela nossa ficha, vai pegar pra alguma coisa, será que ele vai entender o que é aquilo? Claro que o nosso público-alvo aqui é a aviação, enfim, são os entusiastas de aviação, mas também, não limitar só a isso, mas a todo público, né? Enfim.

Pesquisador: Isso. Vou fazer uma entrevista retrospectiva, só para levantar alguns pontos, caso tu tenha alguma dúvida. Caso tu tenha alguma dúvida ou alguma coisa assim. Quando tu começou a observação, qual foi a tua ideia inicial sobre o significado dele? Pra que ele servia enquanto objeto museológico? Pra que ele servia? Qual era o significado dele aqui, aplicado no museu e tudo mais?

Participante D: Não, quando a gente começa a fazer essa descrição, realmente é até pra gente conhecer o objeto que a gente tá identificando e pesquisar mesmo sobre ele, entendeu? Pra te poder passar pro público uma informação também, assim, certa, correta, entendeu? Então, eu acho assim, que é justamente pra isso, esse tipo de descrição.

Pesquisador: Você encontrou a ideia inicial de significado dele, alguma parte específica, o que ele significava, o que ele serviu, ou seja, já olhou para o objeto, já bateu o olho, já sabia o que ele significava, o que ele era?

Participante D: Olhei esse objeto e eu já sabia, devido ao conhecimento que eu adquiri antes, sobre ele. Então, eu sabia o que era o Catalina, o que ele servia, qual era o histórico dele, quais eram os padrões que ele pertencia.

Pesquisador: Teve dificuldade em algum momento?

Participante D: Sim, a dificuldade realmente é conhecer o termo técnico de cada peça para poder realmente fazer uma descrição técnica sobre essa aeronave.

Pesquisador: Recapitulando uma coisa que tu já falou, né? Tu pensou em tal assunto por conta de conhecimento prévio, que tu já tinha antes, ou alguma informação nele te guiou pra tua descrição?

Participante D: Assim, a informação mesmo que quando eu olho pro Catalina, eu sei que é o Catalina, são os flutuantes na ponta da asa dele, que justamente veio desse conhecimento prévio. Então, eu olhando assim, eu sei que ele é um Catalina por causa desses flutuantes e por causa do esquadrão de transporte que ele pertence, que era o primeiro ETA.

Pesquisador: Última pergunta. Consegue relacionar ele a algum termo geral ou algum termo específico lá daquela lista do Ciscute?

Participante D: O termo geral mesmo dele é aeronave.

Pesquisador: Tem termo específico? Nenhum?

Participante D: Eu não me lembro se tem, assim, um termo específico. Mas em geral já está ótimo.

Pesquisador: Caso houvesse.

Participante D: É isso. Vou até ver, assim, se tem, pesquisar realmente se tem um termo específico de cada aeronave, entendeu? Porque tem o geralzão, mas essa aqui vai se encaixar nesse tipo de aeronave, essa aqui vai se encaixar em outro.

Pesquisador: Por exemplo, pode ser específico, aeronave de transporte.

Participante D: Pois é, e de caça. De carga.

Pesquisador: Relacionar ele a alguma também, ou ter o que seja, o próprio esquadrão também. Primeiro esquadrão, depois faixa. Enfim, a gente não sabe se se aplica no vocabulário controlado.

Participante D: Eu sei que tem o termo aeronáutico, porque acho que é o primeiro termo. E, assim, isso também a gente pode colocar como descrição na ficha. Que qual é o modelo dele, se aplica pra quê, o esquadrão dele, se tem qual é o... É o modelo, né, como eu já falei. Isso mesmo.

Pesquisador: Vou te agradecer. Obrigado. A gente finaliza a entrevista aqui. Foi de bastante colaboração, principalmente de trabalhar dentro do Memorial da FAB, a gente também saber como é que está sendo a experiência de descrição dos objetos museológicos. Agradeço pela participação.

ANEXO A – Instruções aos participantes sobre a técnica do “pensar alto” ou Protocolo Verbal – adaptado de Nardi (1993) e Carvalho *et al* (2021)

O que vamos fazer agora é uma atividade de familiarização com a técnica de coleta de dados que será usada em nossa pesquisa. Tudo que você tem a fazer é analisar o objeto da mesma maneira que você costuma observar um item para documentação. É muito simples e natural.

Durante toda análise você precisa “pensar alto”. Tente imaginar você sozinho num recinto observando o item para documentá-lo. Em situações como essa, já não lhe ocorreu começar a falar espontaneamente em voz alta, exteriorizando seus raciocínios, seus mecanismos mentais para conseguir compreender? Neste processo, o indivíduo “pensa em voz alta” verbalizando espontânea e quase inconscientemente seus pensamentos, questionamentos, suas buscas para eventuais problemas de compreensão, sua maneira singular de extrair significado de uma peça.

Um exemplo bastante claro de exteriorização do pensamento durante a realização de uma tarefa (e que ocorre com a maioria das pessoas) é o “pensar alto” espontâneo durante a realização de um problema matemático. Dá pra você ter uma ideia de como funciona essa técnica? Corresponde à verbalização de sua fala interna, seu pensamento.

Para a aplicação desse processo em museus, foi realizada uma adaptação da técnica, na qual em vez de um texto, escolheu-se um objeto museológico para observar suas verbalizações na atividade da documentação museológica, uma vez que se trata de uma tipologia de acervo diferente daquela encontrada em bibliotecas.

Agora, a tarefa que você vai realizar é a leitura do objeto que vai lhe ser apresentado...e, por favor, lembre-se de que é preciso “pensar alto” durante toda a leitura. Você provavelmente encontrará características físicas muito claras e fáceis de compreender, outras poderão lhe obrigar a uma “paradinha” para pensar um pouco mais... Tudo depende do seu próprio estilo.

Lembre-se, que nesses momentos de parada para pensar um pouco mais ou resolver algum problema, você deve tentar exteriorizar tudo que passar pela sua cabeça. Se em algum momento da leitura, você achar difícil falar e pensar simultaneamente, você poderá fornecer uma explicação de como você compreendeu uma determinada característica ou de como você buscou a solução para um problema de compreensão.

Na medida do possível, tente fazer esforços para “pensar alto” durante o seu processo de leitura. É um processo único em que falar é pensar. Tente esquecer a presença do pesquisador. Ele estará presente apenas para lembrar-lhe que é preciso “pensar alto” o tempo todo. Tente agir tão naturalmente quanto possível, como se você estivesse só.

Atente apenas para a tarefa que você deve realizar.

ANEXO B – Entrevista Retrospectiva – adaptada de Reis (2019)

1. Quando você começou a observação, qual foi sua ideia inicial sobre o significado?
2. Encontrou a ideia inicial em alguma parte específica do objeto? O que significa? Pra que serve?
3. Teve dificuldade em algum momento? Se sim, em qual parte?
4. Porque pensou em tal assunto? Foi conhecimento prévio, ou alguma informação no documento que te guiou?
5. Consegue relacionar a algum Termo Geral ou Termo Específico de algum Vocabulário Controlado (caso houver)?

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Projeto de pesquisa: “Aspectos da Leitura Documentária no contexto da Museologia: proposta para um modelo teórico-metodológico”⁴.

Responsável: Mateus da Silva Reis (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp – Campus de Marília) – mateus.s.reis@unesp.br; Endereço: Conjunto Cohab, Gleba 3, Travessa Oito, 228 – Castanheira – Belém (PA) – celular (91) 98612-9595.

Estamos realizando pesquisa com Museus e Documentação Museológica na Região Metropolitana de Belém, sobre Leitura Documentária de objetos museológicos e sua participação é necessária ao desenvolvimento metodológico proposto.

Tendo em vista a necessidade de investigar como a Leitura Documentária é realizada na Museologia e de que forma suas variáveis se aplicam junto às interfaces do documento museológico, esta pesquisa propõe aperfeiçoar bancos de dados e a interoperabilidade entre espaços culturais, por meio do fortalecimento das estratégias de Leitura Documentária no contexto museológico, a fim de colaborar para recuperação da informação por partes dos usuários, com os objetivos de:

- a) realizar um estudo teórico e metodológico sobre a Leitura Documentária e suas variáveis, a fim de identificar estes componentes na prática museológica e nos instrumentos de pesquisa;
- b) discutir os conceitos e variáveis da leitura técnica e do processo de indexação na realidade do tratamento informacional de objetos museológicos e refletir de que modo os profissionais de museu realizam a leitura técnica dos objetos museológicos; e
- c) discutir um modelo teórico-metodológico de leitura documental para documentos de museu, partindo da identificação das variáveis que compõem a leitura técnica no processo de tratamento informacional destes documentos.

Participar desta pesquisa é uma opção e no caso de não aceitar participar ou desistir em qualquer fase da pesquisa fica assegurado que não serão divulgados os dados coletados. Caso aceite participar deste projeto de pesquisa gostaríamos que soubesse que serão realizadas as coletas de dados discriminadas abaixo e seus resultados serão utilizados para fins exclusivamente científicos tais como, relatórios de pesquisa, publicações científicas e trabalhos completos apresentados em eventos onde a identidade de participantes e instituição serão preservadas e mantidas em sigilo:

- Observação introspectiva e retrospectiva do processo de descrição de objetos museológicos e a tradução para linguagens documentárias para a representação e recuperação da informação. Aplicação de questionário semiestruturado para a construção de perfis profissionais relacionados às práticas e estratégias utilizadas no procedimento de catalogação.

Eu, _____ portador do RG _____ autorizo a minha participação na pesquisa intitulada “Aspectos da Leitura Documentária no contexto da Museologia: proposta para um modelo teórico-metodológico” a ser realizada no Google Meets, em 25 de julho de 2024, às 14h.

Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que haja quaisquer prejuízos físicos, mentais ou no acompanhamento deste serviço. Declaro ainda estar ciente de que a

⁴ Primeira versão do título da pesquisa.

participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Certos de poder contar com sua autorização, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, através do telefone (91) 98612-9595, falar com Mateus da Silva Reis, ou através do telefone (11) 94829-2022, falar com Mariângela Spotti Lopes Fujita.

Autorizo,

Data: ____/____/____

(Nome do participante)

(Assinatura do participante)